

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

JAIRO POSTAL

**UMA IMAGEM CALEIDOSCÓPICA DE JESUS:
O *ÉTHOS* DE CRISTO DEPREENDIDO DOS EVANGELHOS CANÔNICOS**

**São Paulo
2010**

JAIRO POSTAL

UMA IMAGEM CALEIDOSCÓPICA DE JESUS:
O *ÉTHOS* DE CRISTO DEPREENDIDO DOS EVANGELHOS CANÔNICOS

Tese apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Diana Luz Pessoa de Barros

São Paulo
2010

P857p Postal, Jairo.

Uma imagem caleidoscópica de Jesus: o éthos de Cristo
depreendido dos evangelhos canônicos / Jairo Postal.

379 f. ; 30 cm

Dissertação (Doutorado em Letras) - Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

Bibliografia: f. 370-379.

1. Semiótica. 2. Evangelho. 3. Gêneros discursivos. 4. Ethos.
I. Título.

CDD 809.93522

JAIRO POSTAL

UMA IMAGEM CALEIDOSCÓPICA DE JESUS:
O *ÉTHOS* DE CRISTO DEPREENDIDO DOS EVANGELHOS CANÔNICOS

Tese apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovada em 16 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Diana Luz Pessoa de Barros – Orientadora
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Elisa Guimarães Pinto
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Arnaldo Cortina
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. José Carlos Jadon
Universidade São Judas Tadeu

À minha esposa, Márcia, primeira leitora deste trabalho,
uma homenagem especial pelo constante apoio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda sabedoria, por ter-me capacitado para concluir esta empreitada.

A Jesus Cristo, Mestre dos mestres, em cujos discursos me inspirei para elaborar esta tese.

À Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – pela bolsa de estudo concedida.

À Prof^a Dr^a Diana Luz Pessoa de Barros, orientadora e amiga, que me ensinou a trilhar pelos caminhos da semiótica greimasiana.

Ao José Carlos Jadon, ex-professor e grande amigo, pelo constante incentivo à realização deste trabalho e pelas diversas obras com que me presenteou.

À Maria Vera Cardoso Torrecillas, ex-professora, grande amiga e colega de curso, cuja companhia tornou suave o percurso desta caminhada.

Aos meus pais, Euclides e Anete, que sempre me incentivaram a entrar no mundo das letras.

À professora Elisa Guimarães, com quem se aprendem não só teorias linguísticas, mas também lições de vida, de amor e de humildade.

Aos professores Arnaldo Cortina e João Cesário Leonel Ferreira, pelas sugestões apresentadas.

Aos professores Ana Lúcia Trevisan Pelegrino, Helena Bonito Couto Pereira, José Gaston Hilgert, Lílian Lopondo, Maria Helena de Moura Neves, Maria Lúcia Marcondes Carvalho Vasconcelos, Maria Zélia Borges, Regina Helena Pires de Brito e Rosemeire Leão da Silva Faccina, por aprimorarem meus conhecimentos.

Ao Jairo Postal Júnior, meu filho, por acompanhar de perto a execução deste trabalho.

Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos.

João 21.25

RESUMO

Esta tese – alicerçada na teoria Semiótica de linha francesa e nos estudos sobre o *éthos* discursivo – analisará alguns discursos dos evangelhos canônicos a fim de mostrar que a imagem de Cristo que perpassou os séculos foi construída em facetas pelos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João. A igreja cristã – desde o primórdio – acredita que Mateus tenha escrito para os judeus; Marcos, para os romanos; Lucas, para os gregos; e João, para a comunidade cristã em geral. Considerando que enunciador e enunciatário são os sujeitos da enunciação, pode-se afirmar que cada evangelista enfatizou um aspecto peculiar de Cristo, tendo em vista o enunciatário a que se dirigia. Desse modo, essa imagem multifacetada de Jesus será desmontada para que se possa examinar como cada um dos enunciadores dos evangelhos construiu discursivamente a imagem e o *éthos* de Cristo. Por meio da análise das estratégias discursivas empregadas pelos evangelistas para *fazer-criar* que seu discurso é verdadeiro, será possível depreender características de cada um dos enunciadores e dos respectivos enunciatários. Em seguida – da totalidade dos discursos delegados a Cristo por desembreagem interna – será possível definir os traços de caráter do Jesus instalado em cada um dos quatro evangelhos.

Palavras-chave: Semiótica. Evangelho. *Éthos*. Gêneros discursivos.

ABSTRACT

This thesis - rooted in French Semiotics theory and the studies on the discursive *ethos* - will study some of the canonical gospels speeches to demonstrate that the image of Christ throughout the centuries has been built into facets by the evangelists Matthew, Mark, Luke and John. The Christian Church – from the beginnings – believes that Matthew had written to the Jews; Mark, to the Romans; Luke, to the Greeks; and John, to the Christian community in general. Whereas enunciator and enunciatee are subjects of enunciation, it can be said that each evangelist emphasized a particular aspect of Christ, in view of the enunciatee it was directed. Thus, this multi-faceted image of Jesus will be deconstructed so that we can examine how each enunciatee of the gospels discursively built Christ's image and *ethos*. By analyzing the discursive strategies employed by the evangelists to *make believe* that their speech is true, it will be possible to figure out characteristics of each enunciator and of their respective enunciatees. Then – of all the speeches attributed to Christ by means of internal disengagement – it will be possible to define Jesus's traits placed in each of the four gospels.

Keywords: Semiotics. Gospel. *Ethos*. Speech genres.

RESUMEN

Esta tesis – arraigada en la teoría semiótica francesa y los estudios sobre el *éthos* discursivo – examinará algunos de los discursos de los evangelios canónicos para demostrar que la imagen de Cristo que nos ha llegado a través de los siglos se ha construido en facetas por los evangelistas Mateo, Marcos, Lucas y Juan. La iglesia cristiana – desde sus comienzos – cree que Mateo haya escrito para los judíos; Marcos, para los romanos; Lucas, para los griegos; y Juan, para la comunidad cristiana en general. Considerando que el enunciador y el enunciatario son los sujetos de la enunciación, se puede afirmar que cada evangelista hizo hincapié en un aspecto peculiar de Cristo, en vista del enunciatario a quien se dirigía. Así, esa imagen constituida de múltiples facetas de Jesús será desmantelada para que podamos examinar cómo cada uno de los evangelios construye discursivamente la imagen y el *éthos* de Cristo. Mediante el análisis de las estrategias discursivas empleadas por los evangelistas para *hacer creer* que su discurso es cierto, se puede inferir las características de cada uno de los enunciadores y de sus enunciatarios. Enseguida – de todos los discursos delegados a Cristo por medio de desembrague interno – se podrá establecer los rasgos de carácter de Jesús instalado en cada uno de los cuatro evangelios.

Palabras claves: Semiótica. Evangelio. *Éthos*. Géneros.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cumprimento profético da concepção de Maria.....	40
Quadro 2: Cumprimento profético do nascimento de Jesus em Belém de Judá.....	41
Quadro 3: Cumprimento profético da ida de Jesus ao Egito.....	41
Quadro 4: Cumprimento profético do infanticídio ordenado por Herodes.....	42
Quadro 5: Cumprimento profético da pregação de João Batista.....	42
Quadro 6: Cumprimento profético da chegada de Jesus às terras de Zebulom e Naftali.....	43
Quadro 7: Cumprimento profético das curas e dos exorcismos realizados por Jesus.....	43
Quadro 8: Cumprimento profético do silêncio imposto por Jesus sobre seu poder de cura.....	44
Quadro 9: Cumprimento profético da pregação de Jesus por meio de parábolas..	44
Quadro 10: Cumprimento profético da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém.....	45
Quadro 11: Cumprimento profético da morte de Jesus.....	45
Quadro 12: Cumprimento profético da compra de um campo do oleiro com as trinta moedas de Judas.....	46
Quadro 13: Analogia entre o infanticídio ordenado por Herodes e o ordenado pelo Faraó.....	48
Quadro 14: Analogia entre a fala do anjo a José e a fala de Deus a Moisés.....	48
Quadro 15: Analogia entre o último discurso de Jesus e o último discurso de Moisés.....	49
Quadro 16: Cumprimento profético da paixão de Cristo.....	51
Quadro 17: Cumprimento profético dos fenômenos sobrenaturais ocorridos após a morte de Jesus.....	52
Quadro 18: Último contato de Jesus com seus discípulos relatado pelos evangelhos sinóticos.....	71

Quadro 19: Emprego da palavra <i>lei</i> nos evangelhos canônicos.....	89
Quadro 20: Termos latinos empregados no evangelho marcano.....	93
Quadro 21: Construção da perícopre <i>Jesus é rejeitado em Nazaré</i> nos evangelhos de Mateus e de Marcos.....	96
Quadro 22: Construção da perícopre <i>Jesus acalma a tempestade</i> nos evangelhos sinóticos.....	99
Quadro 23: Fragmento de <i>A parábola do semeador</i> nos evangelhos sinóticos.....	102
Quadro 24: Fragmento da perícopre <i>Jesus anda sobre o mar</i> em Mateus, Marcos e João	102
Quadro 25: Fragmento da perícopre <i>Jesus prediz sua morte</i> nos evangelhos sinóticos.....	103
Quadro 26: Fragmento da perícopre <i>O pedido [da mãe] de Tiago e João</i> em Mateus e em Marcos.....	103
Quadro 27: Figurativização do primeiro Natal nos evangelhos mateano e lucano	115
Quadro 28: Evangelho da infância construído por Mateus e por Lucas.....	117
Quadro 29: Predição do nascimento de João Batista e predição do nascimento de Jesus	118
Quadro 30: Encontro de Maria e Isabel.....	119
Quadro 31: O nascimento de João Batista e o nascimento de Jesus Cristo no evangelho lucano	119
Quadro 32: O crescimento de João Batista e o crescimento de Jesus.....	119
Quadro 33: Emprego do título <i>Filho do Homem</i> no evangelho lucano.....	123
Quadro 34: Particularidade e universalidade das boas-novas de Jesus.....	125
Quadro 35: Dedicção ao chamado de Cristo nos evangelhos sinóticos.....	130
Quadro 36: Analogia entre a ressurreição do filho da viúva de Naim e a ressurreição do filho da viúva de Sarepta.....	132
Quadro 37: Analogia entre Elias e os irmãos Tiago e João.....	132

Quadro 38: Analogia entre a assistência dada por um anjo a Jesus e a dada por um anjo a Elias.....	133
Quadro 39: Analogia entre o início do livro de <i>Gênesis</i> e o início do evangelho de João	145
Quadro 40: O relato do batismo de Jesus nos evangelhos de Mateus, de Marcos e de Lucas	149
Quadro 41: A relação entre João Batista e Elias nos evangelhos de Mateus e de João	150
Quadro 42: Emprego das expressões <i>Rei de Israel</i> e <i>Rei dos Judeus</i> no evangelho joanino	167
Quadro 43: Palavras finais de Jesus na cruz, segundo os evangelhos canônicos	168
Quadro 44: Debates e controvérsias entre Jesus e seus adversários registrados nos evangelhos canônicos	200
Quadro 45: Antítese entre as bem-aventuranças e os ais no evangelho lucano ..	204
Quadro 46: Sermões de Jesus registrados nos evangelhos canônicos	212
Quadro 47: Parábolas de Jesus registradas nos evangelhos canônicos.....	235
Quadro 48: Profecias de Jesus registradas nos evangelhos sinóticos	251
Quadro 49: Orações de Jesus registradas nos evangelhos canônicos	254
Quadro 50: Conversas de Jesus registradas nos evangelhos canônicos.....	263
Quadro 51: Radicalização da lei mosaica.....	280
Quadro 52: Versões mateana e lucana do Pai-Nosso.....	281
Quadro 53: A questão do divórcio para o Jesus mateano e para o Jesus marcano.....	291
Quadro 54: Emprego da expressão <i>Filho do Homem</i> no evangelho marcano.....	292
Quadro 55: Enunciado do Jesus sinótico ao expulsar os vendedores do templo..	296
Quadro 56: Estratégias discursivas empregadas nos evangelhos canônicos e características dos evangelistas	363
Quadro 57: A imagem e o <i>éthos</i> de Jesus depreendidos dos evangelhos canônicos.....	364

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1: A teoria das quatro fontes para o problema sinótico.....	36
Esquema 2: Estrutura do evangelho mateano.....	60
Esquema 3: Estrutura do evangelho marcano.....	96
Esquema 4: Estrutura do evangelho lucano.....	114
Esquema 5: Estrutura do evangelho joanino.....	145
Esquema 6: Festas relatadas no evangelho joanino.....	158
Esquema 7: Emprego do lexema grego <i>anôthen</i> como conector de isotopia no discurso de Jesus com Nicodemos.....	165
Esquema 8: Elementos constitutivos do gênero.....	172
Esquema 9: Principais gêneros discursivos de Jesus.....	173
Esquema 10: Tríade compositora do debate nos evangelhos.....	181
Esquema 11: Pontos convergentes e pontos divergentes entre Jesus e os fariseus.....	184
Esquema 12: Pontos convergentes e pontos divergentes entre Jesus e os saduceus.....	185
Esquema 13: Pontos convergentes e pontos divergentes entre Jesus e os escribas.....	187
Esquema 14: Intersecção semântica de <i>Cristo</i> e <i>pastor</i>	218
Esquema 15: Delegação de voz discursiva nas parábolas.....	230
Esquema 16: Relações entre <i>realidade</i> e <i>ficção</i> nos evangelhos.....	234
Esquema 17: Particularidade judaica e universalidade multiétnica nos discursos do Jesus mateano.....	273
Esquema 18: Percurso da vida à morte em <i>A parábola do rico e Lázaro</i>	303

Esquema 19: Moralização do <i>apego intenso</i> nos discursos parabólicos de Lucas.....	315
Esquema 20: Percorso da vergonha em <i>A parábola do filho pródigo</i>	317
Esquema 21: Ponto de intersecção do Pai, do Filho e dos crentes.....	349

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: A cura da mulher hemorroíssa	85
Ilustração 2: A ressurreição da filha de Jairo.....	85
Ilustração 3: A execução de João Batista.....	87
Ilustração 4: Israel no primeiro século.....	92
Ilustração 5: Visita dos magos a Jesus.....	116
Ilustração 6: Visita dos pastores a Jesus.....	116
Ilustração 7: Jesus e Nicodemos.....	165
Ilustração 8: Inscrição em hebraico, latim e grego colocada sobre a cruz de Jesus.....	167
Ilustração 9: Relação <i>acusador-acusado</i> nos debates de Jesus com as autoridades político-religiosas.....	181
Ilustração 10: Hierarquia dos planos espiritual e temporal no gênero sermão.....	202
Ilustração 11: Estilo professoral empregado nas parábolas.....	237
Ilustração 12: Emprego do tempo futuro nos enunciados proféticos.....	241
Ilustração 13: O surramento do rei dos judeus	246
Ilustração 14: Coroação do rei dos judeus.....	246
Ilustração 15: A ridicularização do rei dos judeus – desfile macabro pelas ruas de Jerusalém	246
Ilustração 16: Despojamento das vestes e crucificação do rei dos judeus	246
Ilustração 17: Aproximação e interação do plano espiritual com o plano temporal no gênero oração	255
Ilustração 18: Revezamento nos papéis de <i>falante</i> e <i>ouvinte</i> entre os participantes do gênero conversa.....	258
Ilustração 19: Jesus amaldiçoa a figueira.....	278
Ilustração 20: Martírio dos cristãos em Roma	289
Ilustração 21: A Trindade.....	329
Ilustração 22: Maria informa a Jesus que o vinho da festa acabara.....	342
Ilustração 23: Ancoragem do evangelho mateano nas profecias do Antigo Testamento.....	353
Ilustração 24: Ancoragem do evangelho marciano na expressão <i>euangelion</i>	356
Ilustração 25: Ancoragem do evangelho lucano na história do Império Romano..	358
Ilustração 26: Ancoragem do evangelho joanino no testemunho	361
Ilustração 27: Uma imagem caleidoscópica de Jesus	369

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1 ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS EMPREGADAS NOS EVANGELHOS CANÔNICOS	
Considerações iniciais.....	29
1.1 O evangelho de Mateus.....	38
1.2 O evangelho de Marcos.....	73
1.3 O evangelho de Lucas.....	108
1.4 O evangelho de João.....	140
2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS EMPREGADOS POR JESUS E A DEPREENSÃO DO SEU ÉTHOS	
2.1 Os gêneros discursivos empregados por Jesus	
Considerações iniciais.....	171
2.1.1 O gênero debate.....	180
2.1.2 O gênero sermão.....	202
2.1.3 O gênero parábola.....	214
2.1.4 O gênero profecia.....	240
2.1.5 O gênero oração.....	254
2.1.6 O gênero conversa.....	258
2.2 A depreensão do <i>éthos</i> de Jesus	
Considerações iniciais.....	267
2.2.1 O <i>éthos</i> do Jesus mateano.....	270
2.2.2 O <i>éthos</i> do Jesus marcano.....	288
2.2.3 O <i>éthos</i> do Jesus lucano.....	297
2.2.4 O <i>éthos</i> do Jesus joanino.....	328
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	336
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	351
REFERÊNCIAS DAS ILUSTRAÇÕES.....	359

INTRODUÇÃO

Jesus é, sem dúvida alguma, uma das personagens mais enigmáticas da História. Embora a ciência tenha feito um esforço extraordinário para rastrear, por trás da lenda, a verdadeira face de Cristo, sua figura continua envolta em mistério. O pouco que dele se sabe chegou à época contemporânea graças aos registros dos evangelistas. Esse Jesus, que é ao mesmo tempo Deus e homem, caracteriza-se semioticamente como um sujeito complexo¹, capaz de conciliar contrários. Ele abençoou os párias, e amaldiçoou os líderes religiosos da sua época. Ele acolheu nos braços as crianças, e expulsou a chicotadas os comerciantes do templo. Ele tombou como vítima sofredora nas páginas dos evangelhos, e ergueu-se como líder revolucionário nos textos da teologia da libertação.

Esse retrato de Jesus é veiculado não só pela igreja, mas também pelas obras de arte, pela literatura secular e pelo cinema; dessa forma, não se pode ignorar que o público cristão dispõe de um pré-conhecimento da imagem de Jesus, mesmo sem ter lido seus discursos nos evangelhos. Esse fenômeno será aqui chamado de *imagem intertextual*, aquela resultante do processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. Assim, um texto fílmico sobre a vida de Cristo, por exemplo, pode confirmar ou alterar a imagem de Jesus depreendida do texto citado, que, no caso, são os evangelhos.

A imagem de Jesus que perpassou os séculos é basicamente extraída da totalidade dos evangelhos canônicos². Pretende-se, assim, nesta tese, analisar como cada evangelista constrói discursivamente a imagem e o *éthos* de Cristo³.

¹ Fiorin (2005: 23) ressalta que “no universo mítico cristão, a partir da oposição semântica de base /divindade/ versus /humanidade/, têm-se seres complexos, como Cristo (divindade e humanidade), ou neutros, como os anjos (nem divindade nem humanidade)”.

² O termo *canônico* (do grego *kanon*, cana ou vara usada como padrão de medições) passou a ser empregado pela Igreja para designar os livros reconhecidos como “inspirados por Deus”, tidos, assim, como padrão de fé e de prática. São quatro os evangelhos considerados canônicos pela Igreja cristã: o de *Mateus*, o de *Marcos*, o de *Lucas* e o de *João*. (Grenz: 2002, 22)

³ O *éthos* de Cristo, ou seja, os traços de seu caráter, será depreendido dos discursos a ele delegados pelos evangelistas. A imagem de Cristo será construída não só pelos discursos delegados a ele, mas também pelos discursos em que os evangelistas falam sobre ele.

O interesse por essa proposta surgiu no desenvolvimento da dissertação de mestrado *Parábolas e paixões*⁴, de autoria de Postal (2007), em que se fizeram primeiramente análises de algumas parábolas registradas no evangelho de Lucas a fim de mostrar que, por meio dos sujeitos nelas inscritos, Jesus exalta ou critica certas paixões a que o homem é suscetível. Além do discurso parabólico, examinaram-se também outros discursos delegados a Cristo para que – dessa totalidade – fosse depreendido seu *éthos*.

O Professor Arnaldo Cortina, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, um dos componentes da banca, sugeriu, na época, que, para um futuro doutorado, se ampliasse a pesquisa, analisando não só o Jesus construído por Lucas, mas também o Jesus construído pelos demais evangelistas.

Semioticamente, diferentes enunciadores constroem textos diferentes, ainda que abordem as mesmas situações. Uma leitura crítica dos quatro evangelhos, por exemplo, pode comprovar isso. Nas homilias das missas ou dos cultos, entretanto, quando um padre ou um pastor comenta uma perícopes⁵ relatada por um determinado evangelista, não se costuma, via de regra, salientar que os outros evangelistas podem tê-la relatado de uma maneira diferente ou ainda tê-la omitido. Mesmo os leitores assíduos do Novo Testamento – em razão da maneira como o leem – não percebem, muitas vezes, as diferenças entre os livros que o compõem.

Ao contrário dos estudiosos do texto bíblico, que fazem uma leitura crítica, de um ponto de vista histórico, os leitores comuns leem os evangelhos em sequência, o que faz total sentido, pois essa é a forma mais natural de ler qualquer livro, do começo ao fim. A esse tipo de leitura, dá-se o nome de *leitura vertical*⁶. Há, porém, outra forma de ler os evangelhos: comparando como cada enunciador constrói a

⁴ Dissertação apresentada, em 10 de dezembro de 2007, no programa de mestrado em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob orientação da Prof^a Dr^a Diana Luz Pessoa de Barros.

⁵ Perícopes é uma passagem ou uma seção de um livro sagrado.

⁶ Uma leitura vertical consiste em ler *de cima abaixo* um determinado evangelho, ou seja, sequencialmente.

imagem e o tempo de Jesus. Esse tipo de leitura, conhecida como *leitura horizontal*⁷, traz à tona todo tipo de semelhança ou de discrepância entre os vários autores.

Algumas vezes, as diferenças entre os relatos de uma mesma perícopé são sutis, mas, em outras, chegam a ser inconciliáveis. As divergências, as omissões ou os acréscimos existentes entre um evangelho e outro são importantes para compreender o que os diferentes evangelistas querem dizer. Assim, a visão de Marcos sobre Jesus não é a de Mateus, e a de Mateus não é a de Lucas, a de Lucas não é a de João, e assim por diante.

Embora o discurso religioso dos evangelhos seja o objeto de análise desta tese, é importante frisar que este não é um trabalho com perspectivas teológicas. Sabe-se que a Teologia já tem ciência de que cada evangelista construiu sua própria mensagem, seus próprios pontos de vista e sua própria compreensão do que é a fé cristã. Este trabalho pretende verificar, na perspectiva da Semiótica e da Análise do Discurso, quais são as diferenças discursivas entre os evangelhos canônicos e com que procedimentos elas são construídas. Essa abordagem permitirá, assim, que se apontem traços diferentes e complementares dos que já foram apontados pela abordagem teológica.

Esta tese conta, dessa maneira, com duas hipóteses gerais:

- a. cada evangelista – levando em conta o enunciatário a que se destina o evangelho – vai empregar estratégias discursivas diferenciadas para *fazer-criar* que seu discurso é verdadeiro, o que permite depreender características do enunciador evangelista e do seu enunciatário;
- b. por meio dos discursos delegados a Cristo pelos evangelistas, pode-se depreender o *éthos* do interlocutor Jesus em cada evangelho, já que este é uma

⁷ A leitura horizontal implica olhar os evangelhos por meio de uma sinopse a fim de comparar as semelhanças e as diferenças entre as passagens paralelas. Em outras palavras, lê-se uma perícopé em um dos evangelhos, depois a mesma perícopé em outro evangelho, como se tivessem sido escritas lado a lado, em colunas.

personagem que apresenta características peculiares em cada uma das obras evangélicas canônicas.

São três, portanto, os objetivos deste trabalho:

- a. especificar, em cada evangelho, as estratégias discursivas empregadas pelo enunciador para *fazer-criar*, depreendendo delas características de cada evangelista e de seus respectivos enunciatários;
- b. mostrar o *éthos* que cada evangelista constrói de Jesus a partir do exame dos discursos delegados a Cristo;
- c. apresentar a imagem de Cristo que se depreende da totalidade dos evangelhos canônicos, resultante da maneira como cada evangelista constrói Jesus discursivamente.

Tomaram-se, para isso, como *corpus* perícopes de cada um dos quatro evangelhos canônicos. Levou-se em consideração o conceito de que o *éthos*, resultado das diferentes recorrências discursivas, está definitivamente ligado à totalidade dos discursos concretizada a partir de várias partes que, juntas, levam a obter o todo. Assim, o efeito de individuação, que é a base do *éthos*, desponta do eixo *totus/unus*.

Ao falar em estilo, falamos em unidade e em totalidade; unidade, porque há um sentido único, ou um efeito de individuação; totalidade, porque há um conjunto de discursos, pressuposto à unidade. Unidade e totalidade são universais quantitativos. (Discini, 2004: 31)

Para representar os níveis de totalidade – em se tratando de *éthos* – Discini (2004:34), baseando-se na terminologia de Brøndal – afirma que

O *unus* pressupõe o *totus*, o “bloco inteiro”, a totalidade integral, a qual destaca a absorção dos indivíduos isolados numa massa indivisível (...). Estilo é, então, totalidade, enquanto unidade integral (*unus*) e enquanto totalidade integral (*totus*), sendo que um termo pressupõe o outro, numa relação de interdependência.

Segundo Discini, compete ao analista determinar qual é o *unus*. A totalidade integral, por sua vez, estará sempre e pressupostamente implícita à unidade integral.

Neste trabalho, em um primeiro momento, foram selecionadas para análise algumas perícopes de cada evangelho. Assim, cada perícopa foi considerada um *unus* pertencente à totalidade de um evangelho (*totus*). A partir das diferentes recorrências discursivas dessas variadas perícopes, foi possível depreender as características do enunciador evangelista e o *éthos* do interlocutor Jesus em um determinado evangelho. Em um segundo momento, a partir do *éthos* do Jesus depreendido de cada evangelho (*unus*), pôde-se descrever o *éthos* do Jesus depreendido da totalidade dos evangelhos canônicos (*totus*).

O desenvolvimento deste trabalho está alicerçado na teoria semiótica de linha francesa, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, cujos fundamentos serão aqui resumidamente expostos a fim de uma melhor compreensão da metodologia empregada, e no estudo sobre o *éthos* discursivo desenvolvido desde a retórica aristotélica até a pragmática contemporânea, que será explanado na segunda parte deste trabalho.

O objetivo da semiótica é explicar o(s) sentido(s) do texto. Para isso, a teoria greimasiana considera o trabalho de construção do sentido como um *percurso gerativo*, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, em que cada um dos níveis de profundidade – *fundamental*, *narrativo* e *discursivo* – é passível de descrições autônomas.

O nível fundamental abriga as oposições semânticas que estão na base da construção textual. Assim, o sentido de um texto pode ser construído a partir da oposição /dependência/ *versus* /independência/; o de outro, a partir de /riqueza/ *versus* /pobreza/ e assim por diante. Essas oposições são determinadas pela categoria tímica como eufóricas ou disfóricas. A euforia estabelece a relação de conformidade do ser vivo com os conteúdos representados; a disforia, pelo contrário, marca a relação de desconformidade. Em outras palavras, o termo classificado como

eufórico é *positivo*; o classificado como *disfórico*, *negativo*. Apenas o texto poderá dizer se os termos de uma oposição semântica pertencem a uma ou a outra categoria. A /independência/ e a /riqueza/, por exemplo – vistas pela sociedade capitalista como categorias eufóricas – assumem valor disfórico em *A parábola do filho pródigo*, uma vez que, ao sair da casa paterna e gastar toda a herança, o jovem perdulário atinge o ápice da degradação. As oposições semânticas podem também receber uma classificação quantitativa, determinada pela categoria tensiva: intensivas, quando passageiras, e extensivas, quando duradouras. À intensidade importa a percepção, o sensível; à extensão, importa o inteligível, o racional.

No nível narrativo, examinam-se:

- a) a sintaxe narrativa, que compreende tanto as transformações de estado dos actantes como o estabelecimento e a quebra de contrato entre um destinador e um destinatário. Percebem-se aqui três percursos: o da *manipulação* (realizado de quatro possíveis maneiras: tentação, intimidação, provocação e sedução); o da *ação* (uma vez manipulado, o sujeito adquire competência para uma dada ação e executa-a); o da *sanção* (o destinador interpreta as ações do destinatário, julga-o e dá-lhe a retribuição devida, sob a forma de punição ou de recompensa);
- b) a semântica narrativa, que analisa as modalidades do *fazer* e do *ser*, de onde decorrem as paixões.

No nível discursivo, examinam-se:

- a) a sintaxe discursiva, que explica as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado, concretizando-o com escolhas de pessoa (actorialização), de tempo (temporalização) e de espaço (espacialização). Nessa etapa, criam-se efeitos de proximidade ou de distanciamento graças às diferentes relações que os tipos de enunciado mantêm com a enunciação. Na enunciação-enunciada, por exemplo, o sujeito que diz *eu* denomina-se *narrador*, e o *tu* – por ele

instalado – *narratório*; projeta-se o tempo do *agora* e o espaço do *aqui*, produzindo, assim, uma ilusão de proximidade. No enunciado-enunciado, pelo contrário, o *eu* afasta-se do discurso, construindo-o na pessoa do *ele*, no tempo do *então* e no espaço do *lá*; gera-se, assim, um efeito de distanciamento da enunciação;

- b) a semântica discursiva, que analisa, sob a forma de percursos, a disseminação dos temas nos discursos e seu revestimento figurativo. Tema é o elemento semântico que designa um elemento não presente no mundo natural, mas que exerce o papel de categoria ordenadora dos fatos observáveis: *pecado, ódio, morte* etc. Figura é o elemento semântico que remete a um elemento do mundo natural: *semente, peixe, cruz* etc.

O estudo do percurso gerativo de sentido permite identificar o texto como objeto de significação. Esse exame, entretanto, não é suficiente para determinar os valores que o discurso veicula. É preciso inserir o texto no contexto de uma ou de mais formações ideológicas que lhe atribuem o sentido. Essa análise identifica o texto como objeto de comunicação, observando a relação entre destinador e destinatário envolvidos num meio social em que circulam valores que podem ser apreendidos no texto.

No decorrer deste trabalho, são feitos, assim, cruzamentos dos discursos de Jesus com outros da época a fim de estabelecer o contexto sócio-histórico em que eles foram produzidos, sendo possível, dessa forma, recuperar a ideologia desses discursos. Fiorin (1990: 55) comenta que

O discurso transmitido contém, em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. A sociedade transmite aos indivíduos – com a linguagem e graças a ela – certos estereótipos, que determinam certos comportamentos. Esses estereótipos entranham-se de tal modo na consciência que acabam por ser considerados naturais.

As fontes bibliográficas básicas de pesquisa para a execução deste trabalho abarcam não só obras da semiótica e da análise do discurso, mas também do discurso religioso.

As perícopes selecionadas para análise foram extraídas dos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, sendo utilizada como fonte a *Bíblia de estudo plenitude* (2002), tradução de João Ferreira de Almeida, da Sociedade Bíblica do Brasil. Em relação à escolha dessa bíblia, duas considerações devem ser feitas. Primeiramente, a opção pelo texto em língua portuguesa em detrimento do original grego deve-se ao fato de haver muitas discussões sobre o que vem a ser o texto-fonte do Novo Testamento. Como salienta Lopes (2008: 72-74), o que se tem hoje em língua grega é produto de cópias do que realmente fora o “original”, já que existem mais de cinco mil manuscritos gregos do Novo Testamento datados do século II e seguintes, em que fica marcada a presença de inúmeras variantes.

Em segundo lugar, embora existam várias traduções bíblicas em língua portuguesa, escolheu-se a *Plenitude*, pois – além de ser um material de estudo abundante em informações históricas, geográficas e culturais do mundo bíblico – traz a versão Almeida revista e atualizada, uma tradução clássica das mais respeitadas no meio protestante⁸ do Brasil.

Para depreender o *éthos* do Jesus que cada um dos evangelistas construiu, estudaram-se as teorias desenvolvidas em *Imagens de si no discurso: a construção do éthos*, livro organizado por Ruth Amossy (2005); examinou-se também a semiotização do estilo desenvolvida por Norma Discini (2004), no livro *O estilo nos textos*, e por José Luiz Fiorin (2008), na obra *Em busca do sentido: estudos discursivos*.

⁸ As bíblias católica e protestante só apresentam divergência no Antigo Testamento: a católica é composta de 46 livros; a protestante, de 39. Quanto ao Novo Testamento, ambas se compõem de 27 livros.

Para analisar os gêneros empregados pelo interlocutor Jesus, tomaram-se como apoio as reflexões feitas por Bakhtin (2005) sobre os gêneros do discurso na obra *Estética da criação verbal*.

Para um estudo mais acurado das paixões, tomou-se a obra *Semiótica das paixões*, de Algirdas Julien Greimas e Jacques Fontanille (1993).

Os principais conceitos da semiótica do texto utilizados nesta tese foram retomados dos livros *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*, de Diana Luz Pessoa de Barros (2001), e *Elementos de análise do discurso*, de José Luiz Fiorin (2005).

A obra *Jesus e os evangelhos: uma introdução ao estudo dos quatro evangelhos* – de autoria do professor e teólogo americano Craig L. Blomberg (2009) – traz um estudo abrangente sobre os quatro evangelhos canônicos. Esse trabalho, de viés totalmente acadêmico, faz uma abordagem do contexto histórico para uma melhor compreensão dos evangelhos.

No livro *O autêntico evangelho de Jesus*, Geza Vermes (2006) – professor emérito da Universidade de Oxford – relaciona, classifica e compara as diferenças entre os ditos atribuídos a Jesus nos evangelhos sinóticos. Assim, analisa temas essenciais do cristianismo, como a oração, a última ceia, os momentos próximos à morte e à ressurreição de Cristo, o exorcismo e as bem-aventuranças preservadas em formas distintas pelos evangelistas.

As pesquisas deixadas pelo teólogo e linguista alemão Joachim Jeremias (2004) na obra *As parábolas de Jesus* permitem entender melhor o contexto em que as parábolas foram produzidas. Jeremias faz essa análise contextual, coletando textos – como o Talmude⁹ e o evangelho apócrifo de Tomé¹⁰ – que dialogam com as parábolas de Cristo.

⁹ Coleção muito vasta de doutrinas rabínicas (JEREMIAS, 2004: 234).

¹⁰ Encontrado em uma caverna, em 1945, no Alto Egito, na região de Nag Hammadi (TRICCA, 1995: 315).

Este trabalho está organizado em duas grandes partes:

Na primeira parte – *Estratégias discursivas empregadas nos evangelhos canônicos* – apoiando-se em fundamentos teóricos dos estudos do texto e do discurso – examinam-se alguns mecanismos discursivos que os evangelistas canônicos empregaram para realizar um fazer persuasivo, ou seja, levar o enunciatário a interpretar o discurso como um *dizer-verdadeiro*. Faz-se presente aqui a manipulação do enunciatário pelo enunciador: sendo a verdade um efeito de sentido, sua produção advém de uma ação de *fazer parecer verdadeiro*, isto é, do emprego pelo enunciador de recursos que levem a verossimilhança do discurso a ser aceita pelo enunciatário como verdadeira, a partir do acordo fiduciário que se instaura entre eles no discurso. Eco (1994: 95) afirma que, “no mundo real, o princípio da confiança é tão importante quanto o princípio da verdade”. E é exatamente essa confiança que os evangelistas pretendem adquirir de seus leitores. São, para isso, analisados, além dos mecanismos de produção de sentido, alguns componentes ideológicos investidos na linguagem, uma vez que o texto só existe quando concebido na dualidade que o define: objeto de significação e objeto de comunicação, ou seja, o texto não é apenas um conteúdo, mas também um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. Dessa forma, o discurso – ao construir um enunciador – constrói também seu correlato, o enunciatário. Torna-se possível, assim, depreender, da totalidade discursiva de cada evangelista, as características do enunciador e do seu enunciatário.

Na segunda parte – *Os gêneros discursivos de Jesus e a depreensão do seu éthos* – analisam-se primeiramente os gêneros dos principais discursos de Jesus. Adota-se, para isso, a concepção de Bakhtin, para quem os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados. Desse modo, dependendo da atividade que executa, o homem vai produzir certos tipos de enunciados com traços comuns, o que permite estabelecer uma conexão da linguagem com a vida social. Assim, quando Jesus, na esfera da ação pedagógica, pretende transmitir aos discípulos lições de moral e de exemplaridade ou até mesmo explicar didática e alegoricamente a parúsia, vale-se do gênero *parábola*. Quando, na esfera política, confronta-se com

os fariseus, com os saduceus ou com os escribas, emprega o gênero *debate*. Quando, na esfera da ação religiosa, pretende ensinar doutrinas e regras de conduta ou advertir sobre acontecimentos futuros (sua morte, a destruição de Jerusalém ou o fim dos tempos), vale-se respectivamente dos gêneros *sermão* e *profecia*. Depois de examinados alguns discursos delegados ao Jesus de cada evangelho por meio de desembreagens internas, depreende-se o *éthos* do Jesus mateano, do Jesus marcano, do Jesus lucano e do Jesus joanino¹¹, sendo possível verificar as diferenças de caráter que cada Jesus apresenta em decorrência da maneira como foram construídos discursivamente pelos evangelistas.

Optou-se por primeiramente depreender as características de cada evangelista e as de seus respectivos enunciatários a fim de mostrar o contexto textual em que se construiu a imagem de Cristo.

¹¹ Nas análises, serão empregados os adjetivos *mateano*, *marcano*, *lucano* e *joanino* como equivalentes às locuções adjetivas *de Mateus*, *de Marcos*, *de Lucas* e *de João*.

PARTE 1

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS EMPREGADAS NOS EVANGELHOS CANÔNICOS

*Ego vero Evangelio non crederem, nisi me
Ecclesiae commoveret auctoritas.*

*Eu não creia no Evangelho, se a isto não
me levasse a autoridade da Igreja.*

Santo Agostinho

Considerações iniciais

O termo grego *euaggélion* significava originalmente a recompensa que um comandante recebia, quando anunciava ao rei a vitória do seu exército sobre o inimigo. Bem cedo, porém, essa palavra passou a ser empregada para designar a própria notícia de vitória. Posteriormente, a expressão foi usada para toda e qualquer boa notícia, principalmente as de grande repercussão. Assim, o anúncio do nascimento de um príncipe ou da aclamação de um rei, por exemplo, era considerado evangelho.

O gênero discursivo¹² *evangelho*, entretanto, foi uma criação dos primórdios do cristianismo. O autor de *Marcos* inicia seu livro com as seguintes palavras: *Princípio do evangelho de Jesus Cristo*¹³, *Filho de Deus*. Depois, ele relata o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus. Embora o evangelista não estivesse empregando o termo *evangelho* como título de sua obra, a igreja primitiva adotou-o para nomear não só a composição organizada por Marcos, mas também as composições escritas por outros autores que relataram as mensagens de Jesus.

De acordo com a tradição mais antiga da igreja cristã, os evangelhos foram redigidos para suprir as comunidades que demandavam um relato escrito que servisse de complemento à pregação oral da mensagem de Jesus feita pelos primeiros apóstolos. Além de motivar os fiéis a proclamarem a salvação em Jesus Cristo aos que ainda não se haviam convertido ao cristianismo, os evangelhos eram verdadeiros manuais de orientação. Ferreira (2007: 14) destaca que

Os evangelhos procuravam orientar a vida das comunidades cristãs diante de problemas internos – questões morais, conflitos de relacionamento, falta de fé etc – e externos – confrontos com opositores judeus e, em alguns momentos, com o governo romano.

¹² Os gêneros são, grosso modo, tipos de texto com traços comuns. A questão dos gêneros do discurso, segundo a concepção bakhtiniana, será desenvolvida na segunda parte deste trabalho.

¹³ A palavra grega *Christós*, cujo correspondente em aramaico é Meshiha (Messias), indica alguém ungido com óleo. Na bíblia hebraica, o rito de unção ocorre em cerimônias de nomeação de um rei israelita, de um profeta ou de sacerdotes. (Vermes: 2006a, 212)

Os quatro evangelhos do Novo Testamento são anônimos; não há neles um versículo¹⁴ sequer que traga a identificação do autor. Desde o século II, porém, tem-se atribuído a autoria desses evangelhos a Mateus e a João, os apóstolos, e a Marcos e a Lucas, os discípulos dos apóstolos¹⁵. A tradição da igreja também crê que Mateus escreveu o evangelho para os judeus; Marcos, para os romanos; Lucas, para os gregos, e João, para os cristãos em geral.

Independentemente de a tradição estar ou não correta quanto à identificação desses destinatários, o que se pode afirmar é que, indubitavelmente, cada enunciador¹⁶ direcionou seu discurso a um público-alvo, seja ele qual tenha sido. Do ponto de vista semiótico, o enunciatário é o coenunciador da enunciação¹⁷, pois o enunciador produz seu discurso de acordo com o enunciatário a que ele visa. Percebe-se, assim, que o enunciatário não é um ser passivo, que apenas recebe as informações produzidas pelo enunciador, mas é um produtor do discurso, que constrói, interpreta, avalia, compartilha ou rejeita significações.

Assim, para construir seu discurso, o enunciador precisa primeiramente conhecer seu auditório, ou, mais especificamente, o *páthos*, isto é, o estado de espírito do auditório. Fiorin (2008: 154-155) esclarece que

A imagem do enunciatário é um papel temático, que é composto de uma complexa rede de relações. Cícero diz que o orador precisa saber o que pensam (*cogitent*), sentem (*sentiant*), opinam (*opinentur*), esperam (*exspectent*) aqueles a quem se deseja persuadir. Isso quer dizer que essa imagem, consubstanciada num papel temático, tem uma dimensão cognitiva: de um lado, ideológica, da ordem do saber (*cogitent*), de outro, da ordem do crer (*opinentur*); uma dimensão patêmica (*sentiant*) e uma dimensão perceptiva (*exspectent*).

¹⁴ O primeiro a dividir os livros da Bíblia em capítulos foi o cardeal Stephen Langton, arcebispo da Cantuária, Inglaterra, em 1214. A divisão dos capítulos em versículos foi introduzida em 1527 pelo dominicano Saintes Pagnino nos livros do Antigo Testamento. Em 1551, o impressor francês Robert Etiéne estendeu-a também ao Novo Testamento. (Martins: 1993, 33)

¹⁵ Quando os nomes Mateus, Marcos, Lucas e João aparecerem em itálico estarão referindo-se aos evangelhos; quando aparecerem em tipo normal, estarão referindo-se aos evangelistas.

¹⁶ Segundo Greimas e Courtés (2008: 171), o *enunciador* é o destinador implícito da enunciação; o *enunciatário*, por sua vez, corresponde ao destinatário implícito da enunciação.

¹⁷ O primeiro sentido de *enunciação* é o de ato produtor do enunciado. (Fiorin: 1996, 31)

Pode-se, então, afirmar que cada enunciador, ao construir seu evangelho, valeu-se de estratégias discursivas específicas, objetivando levar o enunciatário a crer que o discurso por ele produzido era verdadeiro. Cada um dos evangelistas instalou também um Jesus que melhor atendesse às expectativas de um determinado grupo, delegando-lhe voz para proferir seus discursos.

Mateus, Marcos, Lucas e João não foram os únicos a escrever evangelho. Vários outros autores também registraram a vida e a mensagem de Cristo, segundo relatos que eram transmitidos oralmente. O autor de *Lucas*, em seu prefácio, mostra estar ciente disso: [...] *muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram [...]*. Segundo o *Anchor Bible Dictionary*,

Os primeiros evangelhos são depósitos parciais dessa tradição oral, que tinha um conteúdo tão rico e consagrado pelo uso que persistiu muito além dos primeiros evangelhos escritos. A tradição oral era respeitada e muitas vezes preferida aos relatos escritos até cerca de meados do século II (Freedman: 1992, 854, tradução nossa)¹⁸

Entretanto, já na metade do século II, as autoridades eclesiásticas consideravam canônicos apenas os quatro evangelhos que viriam a ser incorporados ao Novo Testamento, em 397, pelo Concílio de Cartago. Os demais receberam o rótulo de apócrifos (do grego *apókryphos*, oculto, secreto), pois não eram lidos publicamente nas igrejas, mas secretamente, ou seja, em círculos religiosos mais estritos. Com o tempo, porém, essa palavra passou a designar qualquer obra ou fato sem autenticidade ou cuja autenticidade não pode ser provada. Piñero (2002: 181) frisa que

A grande batalha pela imagem de um Jesus “canônico” se deu justamente entre diversos grupos de cristãos desde o exato momento em que começaram a se difundir esses documentos apócrifos – por volta dos meados do século II – que faziam concorrência aos canônicos. Houve, desde então, até os séculos VI e VIII, uma luta de morte para anulá-los e bani-los das Igrejas oficiais, ou a tentativa de, ao menos, expulsá-los e expurgá-los, substituindo as antigas versões por outras mais coerentes com o pensamento teológico ortodoxo.

¹⁸ The earliest gospels are partial deposits of this oral tradition, but the oral tradition was so rich in content and established by custom that it persisted well beyond the first written gospels and was respected, and often preferred to written accounts, until about the middle of the 2^d century.

Os critérios empregados pela Igreja para determinar tal canonicidade foram: *apostolicidade* (o evangelho deveria ser de autoria de um apóstolo ou de uma pessoa próxima a um apóstolo durante o século I), *ortodoxia* (não contradizer o testemunho apostólico que foi transmitido desde os primeiros tempos) e *relevância* (ter amplo uso por toda a igreja primitiva em vez de limitado a um ou a alguns grupos pequenos). Assim, um dos fatores decisivos para a eleição dos evangelhos ditos oficiais foi a avaliação dos discursos, dos milagres e dos feitos de Jesus que esses documentos registravam. Os primeiros líderes da igreja consideravam alguns milagres relatados nos apócrifos exagerados e risíveis¹⁹. Tome-se, como exemplo, o seguinte trecho do *Evangelho Pseudo-Tomé*:

Este menino Jesus, que, na época, tinha cinco anos, encontrava-se um dia brincando no leito de um riacho, depois de haver chovido. E, represando a correnteza em pequenas poças, tornava-as instantaneamente cristalinas, dominando-as somente com a sua palavra. Fez, depois, uma massa mole com o barro e com ela formou uma dúzia de passarinhos. Era, então, um *Sabbath* e havia outros meninos brincando com ele. Porém, um certo homem judeu, vendo o que Jesus acabara de fazer num dia de festa, foi correndo até o seu pai José e contou-lhe tudo: Olha, teu filho está no riacho e, juntando um pouco de barro, fez uma dúzia de passarinhos, profanando com isso o dia do *Sabbath*. José veio ter ao local e, ao vê-lo, ralhou com ele, dizendo: Por que fazes no *Sabbath* o que não é permitido fazer? Mas Jesus, batendo palmas, dirigiu-se às esculturas, ordenando-lhes: Voai! E os passarinhos foram todos embora gorjeando. Os judeus, ao verem isso, encheram-se de admiração e foram contar aos seus superiores o que haviam visto Jesus fazer. (Tricca, 1995: 130)

Além disso, alguns traços de personalidade de Jesus construídos nos apócrifos entravam em dissonância com os do Jesus dos canônicos. Observe-se a imagem que se constrói de Cristo nos seguintes excertos do *Evangelho Árabe da Infância*:

Um outro dia, o Senhor Jesus voltava à noite para casa com José, quando uma criança passou correndo na sua frente e deu-lhe um golpe tão violento que o Senhor Jesus quase caiu, e ele disse a essa criança: Assim como tu me empurraste, cai e não te levantes mais.

¹⁹ Sem dúvida alguma, o critério para classificar um milagre de *exagerado* ou de *risível* estava atrelado aos interesses dogmáticos da Igreja. Como bem observa Tricca (1992: 12), a reconstrução de um corpo putrefato, quatro dias após sua morte, é um milagre exagerado. No entanto, a ressurreição de Lázaro jamais causou polêmica, jamais foi contestada pela Igreja.

E, no mesmo instante, a criança caiu no chão e morreu. (Tricca, 1992: 173)

Conduziram-no em seguida a um professor mais sábio, e assim que o viu: Dize Aleph, pediu-lhe ele. E, quando ele disse Aleph, o professor pediu-lhe que pronunciasse Beth. E o Senhor Jesus respondeu-lhe: Dize-me o que significa a letra Aleph, e então eu pronunciarei Beth. O mestre, irritado, levantou a mão para bater nele, mas sua mão secou instantaneamente, e ele morreu. Então, José disse a Maria: Daqui por diante, não devemos mais deixar o menino sair de casa, pois qualquer um que se oponha a ele é fulminado pela morte. (Tricca, 1992: 174)

Diferentemente daquele retratado nos canônicos, percebe-se aqui um Jesus maledicente e vingativo, que não sabe perdoar aos que a ele se opõem. Fiorin (2008: 157) esclarece que a eficácia do discurso ocorre, quando o enunciário incorpora o *éthos* do enunciador. Essa incorporação pode ser harmônica, quando *éthos* e *páthos* se ajustam perfeitamente ou complementar, quando o *éthos* responde a uma carência do *páthos*. Se a igreja tivesse incorporado o *Evangelho Árabe da Infância* à totalidade do Novo Testamento, seria estabelecida uma relação polêmica com a mensagem de amor dos evangelhos oficiais.

O *Evangelho de Filipe*, por sua vez, é considerado herético pela igreja por insinuar um caso amoroso entre Jesus e Maria Madalena. Leia-se a seguinte passagem:

A Sofia – a quem chamam “a estéril” – é a mãe dos anjos: a companheira de Cristo é Maria Madalena. **O Senhor amava Maria mais do que a todos os discípulos e a beijou na boca repetidas vezes.** Os demais lhe disseram: Por que a queres mais que a todos nós? O Salvador respondeu e lhes disse: A que se deve isso, que não vos quero tanto quanto a ela? (Tricca, 2005: 188, grifo nosso)

Pode-se, assim, dizer que os traços de caráter de Cristo que chegaram aos dias de hoje passaram por duas etapas seletivas. A primeira seleção foi feita pelos próprios evangelistas. Cada um deles construiu uma faceta de Jesus que conviria ao público receptor da mensagem evangélica. O autor de *João* deixa isso bem evidente: *Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho do Homem, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome* (João 20. 30-31).

Ao encerrar sua obra, o evangelista reitera: *Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma creio que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos* (João 21. 25).

A segunda seleção foi efetuada pelos patriarcas da igreja primitiva. Dentre todos os evangelhos escritos, as autoridades eclesiásticas selecionaram apenas aqueles de cuja totalidade se depreenderia o caráter de Cristo que melhor conviesse aos dogmas da igreja primitiva. Maingueneau (2005: 115) afirma que

O método mais simples para não colocar-se em contradição com o *corpus* canônico é efetuar uma triagem, convocar os fragmentos que vão no sentido de quem escreve e deixar na sombra os que vão no sentido de seu Outro.

Dos quatro evangelhos selecionados pela igreja, o de *João* é o que apresenta mais diferenças quanto ao estilo e à triagem dos acontecimentos sobre a vida de Cristo. O de *Mateus*, o de *Marcos* e o de *Lucas*, por sua vez, são chamados de sinóticos, porque as semelhanças entre eles possibilitam colocá-los lado a lado em colunas paralelas numa literal sinopse (do grego *synopsis*, visão do conjunto). Muitas vezes, o paralelismo entre os evangelhos chega a ser idêntico em relação a frases inteiras.

Tal paralelismo, entretanto, não ocorre apenas com os ensinamentos de Jesus, o que poderia ser explicado pela memorização da igreja primitiva, mas também com os relatos do que Cristo fez. Ora, levando em conta o conceito de Saussure sobre *fala*, que é a utilização individual da língua, seria nula a possibilidade de dois evangelistas diferentes usarem as mesmas palavras para descreverem o mesmo episódio. Assim, o paralelismo idêntico encontrado entre os sinóticos sugere que um tenha copiado o outro ou que tenham copiado uma fonte comum.

Propuseram-se, assim, no século XIX, algumas teorias para explicar o que ficou conhecido como *o problema sinótico*. A primeira proposta defendia a *primazia do evangelho de Marcos* sobre o de *Mateus* e o de *Lucas*. Em favor de *Marcos* como o texto primitivo, apresentaram-se alguns argumentos:

a) *Marcos* é o mais curto dos três sinóticos. Como a Igreja sempre atribuiu um caráter sagrado ao evangelho, é mais provável Mateus e Lucas terem ampliado o texto de Marcos do que Marcos ter resumido os textos de Mateus e de Lucas;

b) Pouquíssimo material de *Marcos* não é reproduzido em *Mateus* e *Lucas* (menos de 10% de todo o seu evangelho). Se Marcos tivesse tomado como base os textos de Mateus ou de Lucas, faria quase nenhum sentido ele ter incluído tão pouco material inédito;

c) *Mateus* e *Lucas* só apresentam semelhanças na estrutura, no conteúdo e na sequência do texto nas passagens que são paralelas a *Marcos*.

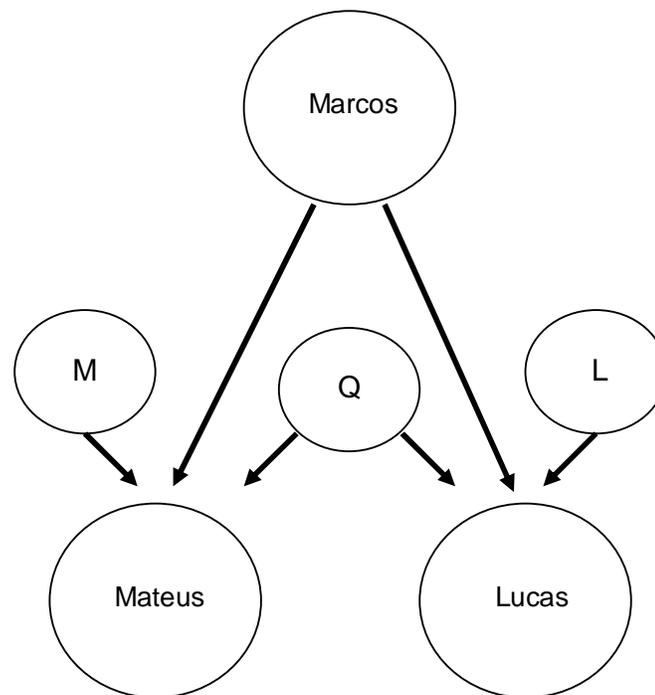
A segunda proposta, surgida também no século XIX, tentava explicar o material exclusivo de Mateus e o exclusivo de Lucas. Defendeu-se a tese de que os textos comuns a Mateus e a Lucas que não aparecem em Marcos foram baseados num texto grego comum, ao qual se deu nome de documento Q (do alemão *quelle*, fonte)²⁰.

Com isso estava formada a *teoria das duas fontes*, segundo a qual os evangelhos de Mateus e de Lucas se baseiam tanto no evangelho de Marcos como no documento Q.

Para complementar a *teoria das duas fontes*, faz-se necessário um comentário sobre o material que é encontrado somente no evangelho de Mateus ou somente no de Lucas. Acreditava-se que, além de usar *Marcos* e Q, Mateus e Lucas tiveram cada um sua própria fonte escrita da qual tiraram as informações que são exclusivas de seus respectivos evangelhos. Essas fontes adicionais foram chamadas de *M* e *L*, respectivamente. Estava formulada, assim, na segunda década do século XX, a *teoria das quatro fontes*, que pode ser esquematizada²¹ da seguinte maneira:

²⁰ O documento Q nunca foi descoberto: é puramente hipotético. Talvez uma tradição oral comum fosse tudo o que Mateus e Lucas possuíam. (Blomberg: 2009: 123)

²¹ Todos os esquemas e todos os quadros desta tese – exceto quando vêm com a menção da fonte – foram elaborados pelo autor.



Esquema 1: A teoria das quatro fontes para o problema sinótico
 Fonte: Blomberg (2009: 119)

Percebe-se, assim, que os sinóticos – embora tragam muitas semelhanças – apresentam também acentuadas diferenças entre si.

Neves (2006: 246) ressalta que nada no texto é gratuito, portanto qualquer diferença entre dois textos tem significação. Não se pode esquecer que cada evangelista escreveu para um público diferente. Para Bakhtin, a enunciação é produzida de acordo com o enunciatário a que ela se destina, levando em conta não só o grupo social a que ele pertence, mas também os laços sociais ou afetivos que com ele se mantêm e o momento histórico da produção discursiva. Dessa forma, o destinador – valendo-se de um fazer persuasivo – vai buscar a adesão do destinatário, pretendendo fazer que ele interprete como verdadeiro o discurso que lhe está sendo apresentado. Assim, examinando as pistas textuais deixadas pelo enunciatário, torna-se possível rastrear a voz do enunciatário que está implícita no modo de dizer de cada evangelista.

Serão analisadas agora, dentro dos quatro evangelhos canônicos, as estratégias discursivas que cada enunciador empregou a fim de estabelecer um contrato fiduciário com seu enunciatário. Para isso, esta primeira parte será dividida em quatro seções, cada uma dedicada ao exame de um evangelho. No final de cada uma delas, serão apontadas as características do enunciador evangelista e as do seu enunciatário.

1.1 O evangelho de Mateus

A opinião de que Mateus, o apóstolo publicano, tivesse redigido o primeiro evangelho baseia-se primordialmente numa declaração de Papias²², conforme registro de Eusébio²³. Diz Papias: “Mateus compôs o seu evangelho no dialeto hebraico²⁴, e cada um interpretava da melhor forma que lhe fosse possível”.

Orígenes²⁵, no começo do terceiro século, também registrou: “O primeiro evangelho foi escrito por Mateus, ex-coletor de impostos, que mais tarde se tornou apóstolo de Jesus Cristo”. Irineu²⁶ e Jerônimo²⁷ eram do mesmo parecer. O forte testemunho dos primitivos pais da igreja endossa, assim, a autoria de Mateus.

A data de composição, porém, é mais difícil determinar. Os estudiosos bíblicos tentam enquadrar a redação desse evangelho entre 70 e 80 d.C. Baseiam-se, para isso, no texto *A parábola das bodas*:

De novo, entrou Jesus a falar por parábolas, dizendo-lhes: O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho. Então, enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; mas estes não quiseram vir. Enviou ainda outros servos, com esta ordem: Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas. Eles, porém, não se importaram e se foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio; e os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram. O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e incendiou-lhes a cidade. (Mateus 22. 1-7)

O versículo 7 – *O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e incendiou-lhes a cidade* – é, segundo Jeremias (1986: 71), uma alusão

²² Papias, bispo de Hierápolis (Turquia) e discípulo de João, viveu de 60 a 130 d.C. (Black: 2004, 45)

²³ Eusébio (260 – 340 d.C.), bispo de Cesareia no início do quarto século, escreveu a obra *História eclesiástica*. (Ibidem, 44)

²⁴ As cópias mais antigas dos evangelhos estão redigidas em grego. Não se descobriu ainda uma cópia de *Mateus* em hebraico.

²⁵ Orígenes (185 – 254 d.C.) foi teólogo e escritor cristão. (Ibidem, 43)

²⁶ Irineu (130 – 200 d.C.), teólogo, escreveu a obra *Contra as heresias*. (Ibidem, 42)

²⁷ Jerônimo (345 – 420 d.C.), padre, foi o primeiro a traduzir a Bíblia para o latim.

à destruição de Jerusalém, ocorrida em 70 d.C, pelo exército romano sob o comando do marechal Tito, marcando historicamente o fim de Israel. Assim, pelo primeiro grupo de servos, Mateus pensou nos profetas e na recusa de sua mensagem, e, pelo segundo grupo, pensou nos apóstolos e missionários enviados a Israel e nos maus tratos e martírios que sofreram. Na versão de Lucas, o rei é substituído por um homem rico, e o extermínio dos que recusaram o convite e o incêndio da cidade são ocultados. Acredita-se, por isso, que, quando Mateus redigiu esse texto, Jerusalém já havia sido destruída; assim, o evangelista deu tal versão à parábola apenas para criar um efeito de sentido de verdade nas profecias de Jesus.

São fortes os indícios de que o evangelho mateano tenha sido escrito para os judeus. Mateus – diferentemente dos demais evangelistas – abre seu evangelho apresentando a genealogia de Jesus:

Livro da genealogia de Jesus Cristo, **filho de Davi, filho de Abraão**. Abraão gerou a Isaque; Isaque, a Jacó; Jacó, a Judá e a seus irmãos; Judá gerou de Tamar a Perez e a Zera; Perez gerou a Esrom; Esrom, a Arão; Arão gerou a Aminadabe; Aminadabe, a Naassom; Naassom, a Salmom; Salmom gerou de Raabe a Boaz; este, de Rute, gerou a Obede; e Obede, a Jessé; Jessé gerou ao **rei Davi**²⁸; e o rei Davi, a Salomão, da que fora mulher de Urias; Salomão gerou a Roboão; Roboão, a Abias; Abias, a Asa; Asa gerou a Josafá; Josafá, a Jorão; Jorão, a Uzias; Uzias gerou a Jotão; Jotão, a Acaz; Acaz, a Ezequias; Ezequias gerou a Manassés; Manassés, a Amom; Amom, a Josias; Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia. Depois no exílio na Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; e Salatiel, a Zorobabel; Zorobabel gerou a Abiúde; Abiúde, a Eliaquim; Eliaquim, a Azor; Azor gerou a Sadoque; Sadoque, a Aquim; Aquim, a Eliúde; Eliúde gerou a Eleazar; Eleazar, a Matã; Matã, a Jacó. E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo. (Mateus 1. 1-16, grifo nosso)

Segundo Mounce (1996: 15), o povo judeu dos dias de Jesus atribuía grande importância a registros genealógicos, pois eles eram guardados pelo Sinédrio, e utilizados com o objetivo de manter a pureza da descendência. Assim, ao registrar essa árvore genealógica, o evangelista, logo de início, mostra que Jesus era filho de

²⁸ Davi é a única pessoa na genealogia que recebe o título de rei. Essa é uma estratégia empregada por Mateus para mostrar que Jesus é herdeiro do trono davídico.

Davi – portanto, de linhagem real – e também filho de Abraão, fundador da raça judaica. Essa genealogia faz também de Jesus um elo entre o Antigo e o Novo Testamento, o que vai ser constantemente reiterado pelo evangelista por meio do uso extensivo de citações proféticas, objetivando deixar evidente ao enunciário que Jesus é o cumprimento das profecias do Antigo Testamento.

Para obter esse efeito de sentido, o enunciador – ora delegando a voz ao narrador, ora ao interlocutor – vai valer-se da polifonia²⁹ a fim de que as vozes do Antigo Testamento sejam percebidas no evangelho. Vem à tona, assim, a heterogeneidade³⁰ enunciativa mostrada marcada, que se caracteriza, segundo Authier-Revuz (1990), pela presença de marcas linguísticas ou gráficas³¹ que separam o discurso do enunciador citante do discurso do enunciador citado. Tomem-se, como amostra, as seguintes passagens que se referem ao nascimento e à infância de Jesus:

Mateus 1. 22-23	Isaías 7. 14
<p>...eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles. Ora, tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel, que quer dizer Deus conosco.</p>	<p>Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel.</p>

Quadro 1: Cumprimento profético da concepção de Maria

²⁹ Segundo BARROS (2005: 34), a polifonia caracteriza o texto em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes.

³⁰ Authier-Revuz (1990: 25-42) – ratificando o dialogismo bakhtiniano – sustenta que todo discurso é heterogêneo, ou seja, é constituído pela presença de outros discursos.

³¹ O discurso direto, o discurso indireto e as glosas do enunciador são exemplos de marcas linguísticas; as aspas, o itálico e o negrito são exemplos de marcas gráficas.

Mateus 2. 6	Miqueias 5.2
<p>Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo. Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém; então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer. Em Belém da Judeia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta: E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel³².</p>	<p>E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.</p>
	<p style="text-align: center;">2 Samuel 5.2</p> <p>Outrora, sendo Saul ainda rei sobre nós, eras tu que fazias entradas e saídas militares com Israel; também o Senhor te disse: Tu apascentarás o meu povo de Israel e serás chefe sobre Israel.</p>

Quadro 2: Cumprimento profético do nascimento de Jesus em Belém de Judá

Mateus 2. 15	Oseias 11. 1
<p>Dispondo-se ele [José], tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito; e lá ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta: Do Egito chamei o meu filho.</p>	<p>Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho.</p>

Quadro 3: Cumprimento profético da ida de Jesus ao Egito

³² Essa citação estabelece tanto o local de nascimento do Messias – Belém – quanto a função que ele haveria de exercer: apascentar o povo de Israel. Ferreira (2004: 44) explica que “a atividade de Jesus como rei da linhagem davídica é realçada como um ato de apascentar, ou pastorear, pois a função de pastor se aplicava a Davi (Salmo 78. 70-72) e ao futuro rei (Ezequiel 34. 23)”.

Mateus 2. 16-18	Jeremias 31. 15
<p>Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos. Então, se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias: Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto, choro e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem.</p>	<p>Assim diz o Senhor: Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto e grande lamento; era Raquel³³ chorando por seus filhos e inconsolável por causa deles, porque já não existem.</p>

Quadro 4: Cumprimento profético do infanticídio ordenado por Herodes

Mateus encerra a história da infância de Cristo, narrando que José, Maria e o menino Jesus voltam do Egito e estabelecem residência na cidade de Nazaré, na Galileia. Depois desse episódio, o evangelista dá um salto no tempo e apresenta Jesus adulto, dirigindo-se ao Jordão a fim de que João o batizasse.

Ao instalar o interlocutor João Batista, Mateus o relaciona também a mais um cumprimento de uma profecia do Antigo Testamento:

Mateus 3. 1-3	Isaías 40. 3
<p>Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus. Porque este é o referido por intermédio do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.</p>	<p>Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus.</p>

Quadro 5: Cumprimento profético da pregação de João Batista

³³ Jeremias refere-se à Raquel – esposa de Jacó, mãe de José e de Benjamim – que lamenta por seus filhos (as tribos do Norte que estão indo para o exílio em 722 a.C.). Esse texto é usado por Mateus para expressar tristeza por causa da matança dos meninos inocentes.

Alguns episódios da vida adulta de Jesus também são relacionados ao cumprimento das Escrituras. Verifiquem-se os textos do Antigo Testamento a que eles se referem:

Mateus 4. 12-16	Isaías 9. 1-2
<p>Ouvindo, porém, Jesus que João fora preso, retirou-se para a Galileia; e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali; para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Terra de Zebulom, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios! O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz.</p>	<p>Deus, nos primeiros tempos, tornou desprezível a terra de Zebulom e a terra de Naftali; mas, nos últimos, tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios. O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz.</p>

Quadro 6: Cumprimento profético da chegada de Jesus às terras de Zebulom e Naftali

Mateus 8. 16-17	Isaías 53. 4
<p>Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e ele meramente com a palavra expeliu os espíritos e curou todos os que estavam doentes; para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças.</p>	<p>Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.</p>

Quadro 7: Cumprimento profético das curas e dos exorcismos realizados por Jesus

Mateus 12. 15-21	Isaías 42. 1-6
<p>Retirando-se, porém, os fariseus, conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida. Mas Jesus, sabendo disto, afastou-se dali. Muitos o seguiram, e a todos ele curou, advertindo-lhes, porém, que o não expusessem à publicidade, para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías: Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça vencedor o juízo. E, no seu nome, esperarão os gentios.</p>	<p>Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios. Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega; em verdade, promulgará o direito. Não desanimará, nem se quebrará até que ponha na terra o direito; e as terras do mar aguardarão sua doutrina. Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus e os estendeu, formou a terra e a tudo quanto produz; que dá fôlego de vida ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela. Eu, o Senhor, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios.</p>

Quadro 8: Cumprimento profético do silêncio imposto por Jesus sobre seu poder de cura

Mateus 13. 34-35	Salmo 78. 1-2
<p>Todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia; para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação do mundo.</p>	<p>Escutai, povo meu, a minha lei; prestai ouvidos às palavras da minha boca. Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos.</p>

Quadro 9: Cumprimento profético da pregação de Jesus por meio de parábolas

Mateus 21. 1-5	Isaías 62. 11
<p>Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que aí está diante de vós e logo achareis presa uma jumenta e, com ela, um jumentinho. Desprendei-a e trazei-mos. E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles. E logo os enviará. Ora, isto aconteceu para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta: Dizei à filha de Sião: Eis aí te vem o teu Rei, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de animal de carga.</p>	<p>Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta.</p>

Quadro 10: Cumprimento profético da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém

O enunciador delega ao próprio interlocutor Jesus a voz de cumprimento de uma profecia sobre sua paixão:

Mateus 26. 31	Zacarias 13. 7
<p>Então, Jesus lhes disse: Esta noite, todos vós vos escandalizareis comigo, porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas.</p>	<p>Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro, diz o Senhor dos Exércitos; fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas; mas volverei as mãos para os pequeninos.</p>

Quadro 11: Cumprimento profético da morte de Jesus

Mateus 27. 3-10	Zacarias 11. 13
<p>Então, Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo: Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo. Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se. E os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram: Não é lícito deitá-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue. E, tendo deliberado, compraram com elas o campo do oleiro, para cemitério de forasteiros. Por isso, aquele campo tem sido chamado, até o dia de hoje, Campo do Sangue. Então, cumpriu-se o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias³⁴: Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram; e as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor.</p>	<p>Então, o Senhor me disse: Arroja isso ao oleiro, esse magnífico preço em que fui avaliado por eles. Tomei as trinta moedas de prata e as arrojé ao oleiro, na Casa do Senhor.</p>
	Jeremias 18. 1-3
	<p>Palavra do Senhor que veio a Jeremias, dizendo: Dispõe-te, e desce à casa do oleiro, e lá ouvirás as minhas palavras. Desci à casa do oleiro, e eis que ele estava entregue à sua obra sobre as rodas.</p>
	Jeremias 32. 8
	<p>Veio, pois, a mim, segundo a palavra do Senhor, Hananel, filho de meu tio, ao pátio da guarda e me disse: Compra agora o meu campo que está em Anatote, pois a ti, a quem pertence o direito de resgate, compete comprá-lo.</p>

Quadro 12: Cumprimento profético da compra de um campo do oleiro com as trinta moedas de Judas

³⁴ Entende Mateus que esse episódio é cumprimento da profecia de Jeremias, embora primordialmente ela seja tirada de Zacarias 11. 13. Segundo Mounce (1996: 264), era prática comum atribuir uma citação dupla ao profeta mais importante ou proeminente. Em Jeremias 18. 1-3, o profeta recebe a ordem de ir à casa do oleiro, e, em 32. 8, que compre um terreno em Anatote. Já em Zacarias 11. 13, o profeta – obedecendo a uma ordem de Deus – após receber trinta moedas de prata, atira-as à casa do Senhor para o oleiro.

Observa-se, nesses exemplos, que as expressões “o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta”, “assim está escrito por intermédio do profeta”, “este é o referido por intermédio do profeta” e “porque está escrito” modalizam os textos proféticos do Antigo Testamento. Assim, o enunciador – por meio de glosas³⁵ – atribui o escopo³⁶ a uma outra fonte enunciativa, o que caracteriza uma não coincidência do discurso consigo mesmo³⁷. Valendo-se da estratégia de usar as vozes dos profetas Isaías, Miqueias, Oseias, Jeremias e Zacarias, o enunciador ancora a vida de Jesus ao cumprimento das profecias do Antigo Testamento.

O evangelho de Mateus não é só impregnado de citações, mas também de alusões ao Antigo Testamento. Segundo Fiorin (2003: 31), no processo de alusão,

[...] não se citam as palavras (todas ou quase todas), mas reproduzem-se construções sintáticas em que certas figuras são substituídas por outras, sendo que todas mantêm relações hiperonímicas com o mesmo hiperônimo ou *são figurativizações do mesmo tema*. (grifo nosso)

A alusão é uma das formas de heterogeneidade mostrada não marcada³⁸, que, para ser identificada, depende da ativação da cultura pessoal do enunciatário. Assim, o enunciador do evangelho mateano supõe que o auditório esteja familiarizado com a Bíblia judaica e que capte as alusões feitas a ela.

Em algumas passagens exclusivas do evangelho mateano, são feitas alusões à vida de Moisés. Observem-se os seguintes quadros comparativos:

³⁵ A glosa – uma atividade metaenunciativa – constitui um dizer sobre o dizer. Nos exemplos examinados, as glosas são as expressões que indicam ao enunciatário que será citado um discurso de outro enunciador.

³⁶ O escopo é o dizer sobre o qual a glosa incide. O escopo pode ser uma simples palavra, uma expressão ou um segmento de fala mais longo. Nesse caso, são os textos proféticos que Mateus retoma do Antigo Testamento.

³⁷ *Não coincidência do discurso consigo mesmo* é a categoria em que Authier-Revuz (2004: 183) classifica os comentários que o enunciador faz sobre sua própria enunciação a fim de que indicar que há um outro discurso dentro do seu próprio discurso.

³⁸ A heterogeneidade mostrada não marcada enfeixa ironia, discurso indireto livre, paródia, alusão e estilização. Assim o *eu* mostra deliberadamente o *outro*, mas não o circunscreve a marcas específicas, como aspas, itálico, glosas e outros instrumentos afins. (Discini, 2005: 165-166)

a) a ordem de Herodes para matar os meninos de Belém é análoga à do Faraó para matar os meninos hebreus.

Mateus 2. 16	Êxodo 1. 22
Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos.	Então, ordenou Faraó a todo o seu povo, dizendo: A todos os filhos que nascerem aos hebreus lançareis no Nilo, mas a todas as filhas deixareis viver.

Quadro 13: Analogia entre o infanticídio ordenado por Herodes e o ordenado pelo Faraó

b) a fala do anjo a José, ordenando-lhe que volte a Israel, assemelha-se à fala do próprio Deus, ordenando a Moisés que volte ao Egito.

Mateus 2. 19-20	Êxodo 4. 19
Tendo Herodes morrido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e disse-lhe: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino.	Disse também o Senhor a Moisés, em Midiã: Vai, torna para o Egito, porque são mortos todos os que procuravam tirar-te a vida.

Quadro 14: Analogia entre a fala do anjo a José e a fala de Deus a Moisés

c) Jesus, antes de ascender aos céus, ordena aos apóstolos que difundam o que aprenderam. Moisés, antes de morrer, ordena aos israelitas que difundam a lei.

Mateus 28. 19-20	Deuteronômio 32. 47
<p>Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado.</p>	<p>Aplicai o coração a todas as palavras que, hoje, testifico entre vós, para que ordeneis a vossos filhos que cuidem de cumprir todas as palavras desta lei. Porque esta palavra não é para vós outra coisa vã; antes, é a vossa vida; e, por essa mesma palavra, prolongareis os dias na terra à qual, passando o Jordão, ides para a possuir.</p>

Quadro 15: Analogia entre o último discurso de Jesus e o último discurso de Moisés

A figura de João Batista é também uma alusão ao profeta Elias. Mateus, no capítulo 3, versículo 4, afirma que “usava João vestes de pelos de camelo e um cinto de couro; a sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre”. No segundo livro dos Reis, capítulo 1, versículo 8, verifica-se que a maneira de se trajar do Batista era idêntica à do profeta Elias:

E caiu Acazias pelas grades de um quarto alto, em Samaria, e adoeceu; enviou mensageiros e disse-lhes: Ide e consultai a Baal-Zebube, deus de Ecrom, se sararei desta doença. Mas o anjo do Senhor disse a Elias, o tesbita: Dispõe-te, e sobe para te encontrares com os mensageiros do rei de Samaria, e dize-lhes: Porventura, não há Deus em Israel, para irdes consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom? Por isso, assim diz o Senhor: Da cama a que subiste, não descerás, mas, sem falta, morrerás. Então, Elias partiu. E os mensageiros voltaram para o rei, e este lhes perguntou: Que há, porque voltastes? Eles responderam: Um homem nos subiu ao encontro e nos disse: Ide, voltai para o rei que vos mandou e dizei-lhe: Assim diz o Senhor: Porventura, não há Deus em Israel, para que mandes consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom? Portanto, da cama a que subiste, não descerás, mas, sem falta, morrerás. E lhes perguntou: Qual era a aparência do homem que vos veio ao encontro e vos falou tais palavras? Eles lhe responderam: Era homem **vestido de pelos, com os lombos cingidos de couro**. Então, disse ele: É Elias, o tesbita. (2º Reis 1. 1-8, grifo nosso)

Interessante também frisar que as últimas palavras do Antigo Testamento prometem que o profeta Elias, que fora arrebatado para o céu, voltaria:

Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor; ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição. (Malaquias 4. 5-6)

Mateus relata dois episódios em que identifica João Batista com Elias. Em ambos, Mateus, por meio de uma desembreagem interna³⁹, delega voz a Jesus, fazendo o próprio Cristo afirmar que o Elias que estava por vir já veio. No primeiro caso, Jesus afirma que João Batista era o esperado Elias:

Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele. Porque todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E, se o quereis reconhecer, **ele mesmo é Elias, que estava para vir**. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (Mateus 11. 11-15)

No segundo caso, Jesus insinua que João Batista era Elias:

Mas os discípulos o interrogaram: Por que dizem, pois os escribas ser necessário que Elias venha primeiro? Então, Jesus respondeu: De fato, Elias virá e restaurará todas as coisas. **Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram**. Assim também o Filho do Homem há de padecer nas mãos deles. Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista. (Mateus 17. 10-13)

Ao retomar a voz do discurso e comentar que os discípulos entenderam que o Batista era o Elias que estava por vir, Mateus atesta que a profecia de Malaquias foi realizada no ministério de João Batista.

Para narrar vários detalhes ligados à crucificação de Jesus, Mateus toma emprestados versículos do Antigo Testamento:

³⁹ Desembreagem é a operação pela qual a enunciação projeta os actantes e as coordenadas espaçotemporais do discurso, utilizando, para tanto, as categorias da pessoa, do espaço e do tempo (Barros, 2002: 85). As desembregens internas são responsáveis pela produção de simulacros de diálogos nos textos, pois estabelecem interlocutores, ao dar voz a atores já inscritos no discurso (Fiorin: 2005: 67).

<p>E, chegando a um lugar chamado Gólgota, que significa Lugar da Caveira, deram-lhe a beber vinho com fel; mas ele, provando-o, não o quis beber. (Mateus 27. 33-34)</p> <p>E, logo, um deles correu a buscar uma esponja e, tendo-a embebido de vinagre e colocado na ponta de um caniço, deu-lhe a beber. (Mateus 27. 48)</p>	<p>Por alimento me deram fel e na minha sede me deram a beber vinagre. (Salmo 69. 21)</p>
<p>Depois de o crucificarem, repartiram entre si as suas vestes, tirando a sorte. (Mateus 27. 35)</p>	<p>Repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitam sortes. (Salmo 22. 18)</p>
<p>Os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz! De igual modo, os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! Desça da cruz, e creremos nele. Confiou em Deus; pois venha livrá-lo, agora, se, de fato, lhe quer bem; porque disse: Sou filho de Deus. (Mateus 27. 44)</p>	<p>Todos os que me veem zombam de mim; afrouxam os lábios e meneiam a cabeça: Confiou no Senhor! Livre-o ele; salve-o, pois nele tem prazer. (Salmo 22. 7-8)</p>

Quadro 16: Cumprimento profético da paixão de Cristo

No episódio do momento em que Jesus morre, Mateus é o único a relatar que

Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; **tremeu a terra**, fenderam-se as rochas; **abriram-se os sepulcros**, e **muitos corpos** de santos, que dormiam, **ressuscitaram**; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos. (Mateus 27. 51-53, grifo nosso)

Mais uma vez o enunciador mateano faz ecoar as vozes dos profetas do Antigo Testamento. Observe-se:

terremotos	Do Senhor dos Exércitos vem o castigo com trovões , com terremotos , grande estrondo, tufão de vento, tempestade e chamas devoradoras. (Isaías 29. 6)
abertura de sepulcros	Portanto, profetiza e dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Eis que abrirei a vossa sepultura , e vos farei sair dela, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. (Ezequiel 37. 12)
ressurreição dos mortos	Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão ; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos. (Isaías 26. 20)

Quadro 17: Cumprimento profético dos fenômenos sobrenaturais ocorridos após a morte de Jesus

Percebe-se, assim, que o enunciador desse evangelho mantém um forte interesse em apresentar os fatos da vida de Cristo como uma continuidade do Antigo Testamento. Cada cumprimento das profecias significa que Deus planejou algo, divulgou-o ao povo por meio dos profetas e, na pessoa de Cristo, executou-o. Em termos semióticos, pode-se dizer que, ao ancorar os acontecimentos da vida de Jesus às profecias do Antigo Testamento, o enunciador do evangelho mateano está manipulando o enunciatário para que ele interprete como verdadeiro o que está

sendo dito. Deve-se deixar claro, porém, que a manipulação só será bem-sucedida se o sistema de valores em que ela está assentada for aceito pelo manipulado.

Há, no evangelho mateano, uma disseminação do tema *realeza-divindade* recoberto pelas figuras *Filho de Davi*, *rei*, *tesouros*, *adorar* e *reino dos céus*. A essa reiteração temática e à recorrência das figuras no discurso, a Semiótica chama de isotopia.

Um dos títulos que Mateus mais usa para Jesus – visando a evidenciar-lhe a realeza – é *Filho de Davi*. Ele ocorre oito vezes no texto mateano, e apenas três vezes no texto marcano e três no texto lucano, estando ausente em todos os outros documentos do Novo Testamento.

Livro da genealogia de Jesus Cristo, **Filho de Davi**, filho de Abraão. (Mateus 1. 1)

Partindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos, clamando: Tem compaixão de nós, **Filho de Davi!** (Mateus 9. 27)

Então, trouxeram-lhe um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, passando o mudo a falar e a ver. E toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o **Filho de Davi?** (Mateus 12. 23)

E eis que uma mulher cananeia, que viera daquelas regiões [Tiro e Sidom], clamava: Senhor, **Filho de Davi**, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada. (Mateus 15. 22)

E eis que dois cegos, assentados à beira do caminho, tendo ouvido que Jesus passava, clamaram: Senhor, **Filho de Davi**, tem compaixão de nós! (Mateus 20. 30)

Mas a multidão os repreendia para que se calassem; eles, porém, gritavam cada vez mais: Senhor, **Filho de Davi**, tem misericórdia de nós! (Mateus 20. 31)

E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao **Filho de Davi!** Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas! (Mateus 21. 9)

Mas, vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao **Filho de Davi!**, indignaram-se [...] (Mateus 21. 15)

Esse título se ajusta à perspectiva judaica de Mateus e à expectativa convencional de um Messias da casa de Davi. O enunciador quer, assim, reiterar a realeza de Jesus. Por isso, logo no início do evangelho, Herodes e seus seguidores em Jerusalém – ao ouvirem que os magos procuravam o recém-nascido *Rei dos judeus* – temeram que se tratasse de um rei literal que usurparia o seu poder: “Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém” (Mateus 2. 3).

O verbo *adorar* é usado pelo enunciador para descrever o comportamento dos mais variados grupos de pessoas diante de Jesus: os magos (gentios), um leproso (impuro), um chefe (religioso), os discípulos e as mulheres.

Entrando na casa, **[os magos]** viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, **adoraram-no**; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra. (Mateus 2. 11)

E eis que **um leproso**, tendo-se aproximado, **adorou-o**, dizendo: Se quiseres, podes purificar-me. (Mateus 8. 2)

Enquanto estas coisas lhes dizia, eis que **um chefe**, aproximando-se, **o adorou** e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a mão sobre ela, e viverá. (Mateus 9. 18)

E os **[discípulos]** que estavam no barco **o adoraram**, dizendo: Verdaderamente és Filho de Deus! (Mateus 14. 33)

E, retirando-se elas **[Maria Madalena e a outra Maria]** apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e de grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos. E eis que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e **o adoraram**. (Mateus 28. 8-9)

O verbo grego *proskyneo* (adorar) descreve, em geral, o ato de a pessoa prostrar-se diante de alguém eminente. Segundo Ferreira (2004: 40), “o ato de adoração não é apenas religioso. Ele se reveste de um sentido mais profundo e abrangente. Não se pode esquecer que o verbo está intimamente ligado à adoração de governantes”.

Os *tesouros* que os magos⁴⁰ oferecem a Jesus são revestidos de simbolismo:

⁴⁰ Embora trouxessem três presentes próprios à realeza, Mateus não declara em lugar algum que os magos eram reis ou em número de três.

Entrando na casa, [os magos] viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra. (Mateus 2. 11)

Mounce (1996: 24-25) explica que

Ouro é o metal dos reis. Incenso é resina de cheiro suave, importada da Arábia. Mirra é resina fragrante usada em medicina e na perfumaria. Visto que o ouro era um metal de realeza; o incenso, usado pelos sacerdotes no culto do templo; e a mirra, usada para embalsamar cadáveres, as dádivas predisseram que ele haveria de ser o verdadeiro Rei, o perfeito Sumo Sacerdote e, no final, o supremo Salvador.

A expressão *reino dos céus* inclusive é criação de Mateus. Ela aparece trinta e três vezes no evangelho mateano, mas em nenhuma outra parte da Bíblia:

Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o **reino dos céus**. (Mateus 3. 1-2)

Daí por diante, passou Jesus a pregar e dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o **reino dos céus**. (Mateus 4. 17)

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o **reino dos céus**. (Mateus 5. 3)

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o **reino dos céus**. (Mateus 5. 10)

Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no **reino dos céus**; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no **reino dos céus**. (Mateus 5. 19)

Porque vos digo que, se vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e a dos fariseus, jamais entrareis no **reino dos céus**. (Mateus 5. 20)

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no **reino dos céus**, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. (Mateus 7. 21)

Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no **reino dos céus**. (Mateus 8. 11)

[...] e, à medida que seguides, pregai que está próximo o **reino dos céus**. (Mateus 10. 7)

Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no **reino dos céus** é maior do que ele. (Mateus 11. 11)

Desde os dias de João Batista até agora, o **reino dos céus** é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele. (Mateus 11. 12)

Então se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas? Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do **reino dos céus**, mas àqueles não lhes é isso concedido. (Mateus 13. 11)

Outra parábola lhes propôs, dizendo: O **reino dos céus** é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo [...] (Mateus 13. 24)

Outra parábola lhes propôs, dizendo: O **reino dos céus** é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo [...] (Mateus 13. 31)

Disse-lhes outra parábola: O **reino dos céus** é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado. (Mateus 13. 33)

O **reino dos céus** é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo. (Mateus 13. 44)

O **reino dos céus** é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra. (Mateus 13. 45)

O **reino dos céus** é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. E quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cestos e os ruins deitam fora. (Mateus 13. 47)

Então, disse-lhes: Por isso, todo escriba versado no **reino dos céus** é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas. (Mateus 13. 52)

Dar-te-ei as chaves do **reino dos céus**; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus. (Mateus 16. 19)

Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no **reino dos céus**? E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em

verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no **reino dos céus**. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no **reino dos céus**. (Mateus 18. 1-4)

Por isso, o **reino dos céus** é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. (Mateus 18. 23)

Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do **reino dos céus**. Quem é apto para o admitir admita. (Mateus 19. 12)

Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o **reino dos céus**. (Mateus 19. 14)

Então, disse Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no **reino dos céus**. (Mateus 19. 23)

Porque o **reino dos céus** é semelhante a um dono de casa que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha. (Mateus 20. 1)

O **reino dos céus** é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho. (Mateus 22. 2)

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o **reino dos céus** diante dos homens; pois vós não entraís, nem deixais entrar os que estão entrando. (Mateus 23. 13)

Então, o **reino dos céus** será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. (Mateus 25. 1)

Pois o **reino dos céus** será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens. (Mateus 25. 14)

Convém ressaltar aqui outro traço judaizante do evangelista: ao empregar *reino dos céus* em detrimento de *reino de Deus*, como fazem os demais evangelistas, Mateus está evitando que se pronuncie o santo nome de Deus, o que era proibido pelos costumes judaicos.

As profecias do Antigo Testamento anunciavam que o Filho de Davi não seria apenas Rei, mas também Sacerdote. O profeta Zacarias fez o seguinte vaticínio a respeito do Messias:

Ele mesmo edificará o templo do Senhor e será revestido de glória; assentar-se-á no seu trono, e dominará, e será sacerdote no seu trono; e reinará perfeita união entre ambos os ofícios. (Zacarias: 6. 13)

Assim, Mateus demonstra também grande interesse pela igreja organizada. Apenas no evangelho mateano, ocorre a palavra *igreja* (do grego, *ekklesia*):

Também eu te digo que tu és Pedro⁴¹, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus⁴². (Mateus 16. 19)

Ao colocar essas palavras nos lábios de Cristo, o evangelista cria efeitos de sentido de realidade, mostrando um Jesus fundador de uma igreja. Mais adiante, Mateus emprega novamente a palavra igreja; dessa vez, porém, desembreia a Jesus um discurso de disciplina eclesiástica:

Se teu irmão pecar contra ti, vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus. (Mateus 18. 15-18).

Dessa forma, o destinador-manipulador Jesus propõe a seus seguidores um contrato com três possibilidades para disciplinar um membro que erra: repreensão em particular, perante testemunhas ou perante a igreja. Se o transgressor não reparar o que fez à parte lesada, ele deverá ser expulso da comunidade religiosa. Para isso, Cristo atribui à igreja a competência modal de *poder-absolver* ou *poder-excluir* membros da comunidade eclesiástica (“tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus”). O

⁴¹ A essas palavras de Jesus, Berger (1998: 75) dá o nome de *investidura por aclamação*. Por meio delas, Pedro é eleito para uma função especial.

⁴² Esse enunciado veio a tornar-se o alicerce sobre o qual a Igreja Católica Romana erigiu o papado e a igreja.

evangelista, ao atribuir a Cristo a ordem de excomunhão dada à Igreja, está, de certa forma, manipulando por intimidação⁴³ os enunciatários a que o evangelho se dirige a fim de que eles não pequem uns contra os outros. Se o enunciatário aceitar o contrato, ele tem sua competência modal transformada para um *dever-fazer*, ou seja, o enunciatário cristão *deve* reparar sempre o erro que fez contra o próximo.

Esse evangelho, pelo que tudo indica, foi estruturado com vistas às necessidades de catequese da comunidade que crescia. Luz (2001: 97-98), entretanto, esclarece que

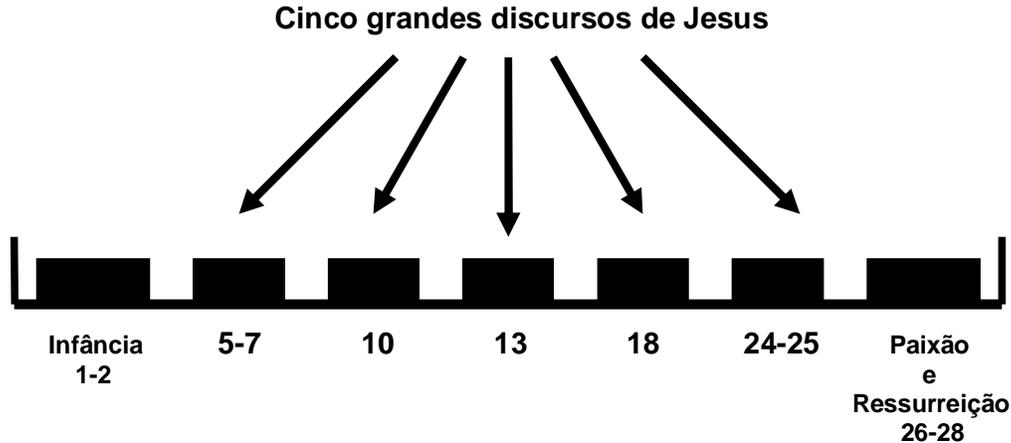
A comunidade mateana, cuja missão em Israel havia chegado ao fim, já não pertence à associação de sinagogas judaicas. A ruptura entre comunidade e sinagoga é definitiva. A tentativa de instalar a comunidade dentro da associação de sinagogas judaicas deve ser considerada fracassada. [...] Não há nenhum indício de que exista diálogo entre a comunidade e a sinagoga. Mateus não espera encontrar leitores de seu evangelho que sejam judeus não cristãos (tradução nossa).⁴⁴

Percebe-se, assim, que o acentuado interesse doutrinal de Mateus o leva a construir o evangelho como um manual de instrução sobre o estilo de vida que se deve ter para entrar no *reino dos céus*.

As instruções disciplinares de Cristo, na verdade, perfazem todo o evangelho mateano. Mateus procura, dessa forma, relacionar Jesus a um novo Moisés, ou seja, a um novo legislador. O evangelista organiza, assim, seu evangelho em cinco blocos discursivos temáticos, interpolados por narrativas da infância e da paixão e ressurreição, e entremeados por narrativas de milagres ou de histórias que ilustram os vários aspectos da pessoa de Cristo. Pode-se representar essa estrutura da seguinte maneira:

⁴³ Segundo Barros (2001: 38), na intimidação, o manipulador mostra poder e propõe ao manipulado, para que ele faça o esperado, objetos de valor negativo (ameaças).

⁴⁴ La comunidad mateana, cuya misión en Israel había tocado a su fin, no pertenece ya a la asociación de sinagogas judías. La ruptura entre comunidad y sinagoga es definitiva. El intento de instalar la comunidad dentro de la asociación de sinagogas judías debe considerarse fracasado. [...] No hay ningún indicio de que existan conversaciones entre la comunidad y la sinagoga. Mateo no espera encontrar lectores judíos no cristianos de su evangelio.



Esquema 2: Estrutura do evangelho mateano
Fonte: Blomberg (2009: 169, adaptado)

Tais discursos tratam dos seguintes temas:

a) ética do reino (de Mateus 5. 1 a 7. 27) – O evangelista registra, nessa primeira parte, as exigências feitas por Jesus para que as pessoas ingressem no reino dos céus:

Ouviste que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que (sem motivo) se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. (Mateus 5. 21- 22)

Ouviste que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. (Mateus 5. 27-28)

Ouviste que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra. (Mateus 5. 38-39)

Ouviste que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. (Mateus 5. 43-44)

Tu, porém, ao dares esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita. (Mateus 6. 3)

Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. (Mateus 6. 6)

[...] ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corroem, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração. (Mateus 6. 20-21)

Não julgueis para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. (Mateus 7. 1-2)

b) missão dos apóstolos (Mateus 10. 1-42) – Mateus propõe-se a reproduzir, na segunda parte, as instruções dadas por Jesus a seus discípulos, quando ele os enviou para a viagem missionária:

Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel. (Mateus 10. 6-7)

Ao entrardes na casa, saudai-a; se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz. (Mateus 10. 12-13)

Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas. (Mateus 10. 16)

c) mistérios do reino (Mateus 13. 1-52) – Mateus, nessa terceira parte, compila sete parábolas proferidas por Jesus para ensinar as verdades do reino dos céus:

Então, se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas? Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido. Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. (Mateus 13. 10-12)

Entendestes todas estas coisas? Responderam-lhe: Sim! Então, lhes disse: Por isso, todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas⁴⁵. (Mateus 13. 51-52)

⁴⁵ Em resposta à afirmação dos discípulos em relação à compreensão deles, Jesus os compara a um chefe de família capaz de integrar o novo com o velho. O discípulo que foi adequadamente instruído tem sob seu comando tanto o judaísmo (velho) quanto o cristianismo (novo).

d) disciplina eclesiástica (Mateus 18. 1-35) – aborda-se, na quarta parte, a conduta esperada dos crentes dentro da sociedade cristã:

Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. (Mateus 18. 3-4)

Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar. (Mateus 18. 5)

Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. (Mateus 18. 21-22)

e) escatologia (Mateus 24.1 a 25.46) – a quinta parte de Mateus contém os ensinamentos de Jesus relacionados com a destruição de Jerusalém e com o final dos tempos:

Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada. (Mateus 24. 2)

Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares. (Mateus 24. 7)

Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes do céu serão abalados. (Mateus 24. 29)

Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora. (Mateus 25. 13)

Cada uma dessas cinco seções termina com uma fórmula, que apresenta pequenas variações:

a) “Quando Jesus acabou de proferir essas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina.” (Mateus 7. 28);

b) “Ora, tendo acabado Jesus de dar essas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles.” (Mateus 11. 1);

- c) “Tendo Jesus proferido essas parábolas, retirou-se dali.” (Mateus 13. 53);
- d) “E aconteceu que, concluindo Jesus essas palavras, deixou a Galileia e foi para o território da Judeia, além do Jordão.” (Mateus 19. 1);
- e) “Tendo Jesus acabado todos esses ensinamentos, disse a seus discípulos:” (Mateus 26. 1).

Essas fórmulas, além de marcarem o final dos discursos de Jesus, estabelecem coesão entre os textos que as precedem e os que as sucedem, daí serem nomeadas por Carter (2002: 258) como fórmulas de transição. Mateus quer, com isso, produzir efeito de sentido de que cada um desses cinco grandes discursos é unificado, pronunciado em sua totalidade em dias particulares. Mounce (1996: 47), porém, observa que, “sendo verdadeiro mestre, Jesus não esperaria que seus ouvintes fossem capazes de absorver tanta instrução ética de uma só vez. Essa concentração forte de conceitos anularia seu propósito didático”.

Essa estrutura de cinco pontos é comum na literatura judaica antiga, o que pode ser comprovado com os cinco livros de Moisés, as cinco divisões do livro de Salmos, os cinco *megilloth*⁴⁶ etc. A composição do evangelho mateano em cinco blocos de ensinamentos de Jesus é mais uma estratégia do evangelista de apresentar uma divisão que fosse familiar ao povo judeu.

Além disso, há de se frisar que o Jesus mateano – como o Jesus dos demais evangelhos sinóticos – emprega com frequência a voz passiva quando se refere ao agir divino. Essa estratégia permite ocultar a palavra Deus – que acaba sendo um agente da passiva oculto no enunciado – produzindo, assim, um efeito de sentido de distanciamento, de respeito ao divino nome. Considerem-se os seguintes exemplos:

⁴⁶ *Megilloth* eram rolos com textos para serem lidos em festas judaicas: Cantares (na Páscoa), Rute (no Pentecostes), Lamentações (nono dia do mês hebraico de Av, quando se lamenta a destruição do primeiro e do segundo templo), Eclesiastes (na festa dos Tabernáculos) e Ester (na festa de Purim).

- a) Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados (Mateus 5.4);
- b) Não julgueis, para que não sejais julgados (Mateus 7. 1);
- c) E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados (Mateus 10. 30);
- d) Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra (Mateus 28. 18).

Nos quatro casos acima, subentende-se a expressão “por Deus” como agente da passiva. Jeremias (2008: 38) confere a esse tipo de construção gramatical o nome de *passivo divino*. Dessa forma, muitas palavras de Jesus só obtêm seu sentido pleno, se ficar claro que o passivo empregado indica veladamente uma ação de Deus. Esse recurso era usado pelos judeus para que se pudesse respeitar o mais escrupulosamente possível o segundo mandamento das tábuas da lei: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão” (Êxodo 20. 7).

Quando não emprega o passivo divino, Jesus vale-se de perífrases para designar *Deus*. Vejam-se algumas:

- a) Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente com o **Senhor** os teus juramentos (Mateus 5. 33);
- b) [...] eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do **Todo-Poderoso** e vindo sobre as nuvens do céu (Mateus 26. 64);
- c) **Pai nosso**, que estás nos céus, santificado seja o **teu nome** (Mateus 6. 9);
- d) Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, **aquele que** pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo (Mateus 10. 28).

Nos exemplos acima, *o Senhor, o Todo-Poderoso, Pai nosso, teu nome e aquele que* são expressões perifrásticas que substituem o tetragrama⁴⁷.

De todas as artimanhas discursivas empregadas por Mateus, a que talvez mais deixe clara a primazia judaica do evangelho mateano é a delegação de voz a Cristo, fazendo-o reiteradamente declarar que sua mensagem de salvação e sua obra eram destinadas prioritariamente ao povo de Israel:

A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, **de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel.** (Mateus 10. 5-6)

Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que **não acabareis de percorrer as cidades de Israel até que venha o Filho do Homem.** (Mateus 10. 23)

E eis que uma mulher cananea, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filhinha está horrivelmente endemoninhada. Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós. Mas Jesus respondeu: **Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.** (Mateus 15. 22-24)

Mateus, entretanto, vai construir um Jesus decepcionado com o povo judeu pelo fato de muitos deles terem rejeitado sua mensagem. A perícopa da figueira sem fruto – que é narrada também por Marcos – é uma maldição simbólica a Israel:

Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome; e, vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela; e, não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente. (Mateus 21. 18-20)

Aqui, a figueira é usada para designar a Israel da época de Jesus, cujo legalismo religioso endurecia o coração de seus líderes sacerdotais. Assim, a maldição

⁴⁷ O tetragrama (יהוה) refere-se ao nome do Deus de Israel, cuja versão em português é Javé ou Jeová.

estendia-se não só à árvore, mas também à nação de Israel, que havia rejeitado o Messias.

Mateus quer, assim, elucidar a seus enunciatários a messianidade de Jesus. Dos quatro evangelistas, ele é o único que explica o significado do nome Jesus⁴⁸: “Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mateus 1. 21). O evangelista já indica, no início da narrativa, que a missão de Jesus se revela no nome que lhe é dado. Sua missão é, portanto, redentiva e espiritual em vez de nacionalística. Os judeus, na verdade, esperavam que o Messias restaurasse o reino de Davi, libertando o povo judeu do jugo romano.

Mateus – tal qual João – retrata os líderes judeus sob uma implacável luz negativa. No texto mateano, entretanto, os fariseus e os escribas são planos⁴⁹, sendo sempre apresentados como opositores a Jesus. Mateus enfatiza também o papel dos anciãos e dos principais sacerdotes na decisão da morte de Jesus:

Então, **os principais sacerdotes e os anciãos do povo** se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás, e **deliberaram prender Jesus, à traição, e matá-lo.** (Mateus 26. 3-4)

Falava ele [Jesus] ainda, e eis que **chegou** Judas, um dos doze, e, com ele, **grande turba com espadas e porretes, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo.** (Mateus 26. 47)

E **os que prenderam Jesus o levaram à casa de Caifás, o sumo sacerdote, onde se haviam reunido os escribas e os anciãos.** (Mateus 26. 57)

Ao romper o dia, **todos os principais sacerdotes e os anciãos do povo entraram em conselho contra Jesus para o matarem.** (Mateus 27. 1)

Então, **Judas**, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, **devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos**, dizendo: Pequei, traindo

⁴⁸ Esse nome é a forma grega do hebraico *yehôsu'a*, que significa Jeová é a salvação. (MOUNCE: 1996, 19)

⁴⁹ Segundo Moisés (1970: 211), as personagens planas são estáticas, inalteráveis ao longo da narrativa, sempre iguais a si próprias e jamais reservando surpresa ao leitor por suas características específicas, mas tão somente por sua ação.

sangue inocente. Eles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo. (Mateus 27. 3-4)

E **[Jesus]**, sendo **acusado pelos principais sacerdotes e pelos anciãos**, nada respondeu. (Mateus 27. 12)

Mas **os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram o povo a que pedisse Barrabás e fizesse morrer Jesus**. (Mateus 27. 20)

De igual modo, **os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se**. (Mateus 27. 41-42)

Reunindo-se eles **[os principais sacerdotes] em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados**, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram enquanto dormíamos. (Mateus 27. 12-13)

Segundo Mounce (1996: 173), o sinédrio – concílio oficial que governava a vida religiosa e política dos judeus – era constituído de três grupos: os anciãos (respeitados líderes da comunidade), os principais sacerdotes (principalmente saduceus) e os escribas.

Quando Jesus está sendo julgado por Pilatos, Mateus – operando uma desembreagem enunciativa – faz o próprio povo judeu amaldiçoar-se:

Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo; fique o caso convosco! **E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!** (Mateus 27. 24-25)

Mateus tem sido acusado de antissemita por ter registrado em seu evangelho essa passagem. Muitos se têm valido dessa voz uníssona do povo judeu para infligir-lhe a culpa pela crucificação de Cristo. Vermes (2006a: 258) observa que

Ao atribuir essa maldição a “todo o povo”, Mateus plantou a fundação do conceito cristão da culpa universal e permanente dos judeus por deicídio, o qual, abraçado sem hesitação pela igreja, foi responsável por muito derramamento de sangue inocente através dos tempos.

À medida que Mateus intensifica a culpa dos judeus, suaviza a responsabilidade dos romanos. Apenas na versão mateana, Pilatos exime-se de ser o responsável por aplicar a Cristo a sanção pragmática da crucificação, o que fica representado pelo gesto de lavar as mãos, deixando, assim, o encargo para a liderança judaica.

Que mal fez ele? Perguntou Pilatos. Porém, cada vez clamavam mais: Seja crucificado! Vendo **Pilatos** que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, **mandando vir água, lavou as mãos perante o povo, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo; fique o caso convosco!** (Mateus 27. 24)

Entretanto, a prática de lavar as mãos como símbolo de purificação pessoal de qualquer culpa não era um costume romano, mas judeu, baseado no livro de Deuteronômio:

Quando na terra que te der o Senhor, teu Deus, para possuí-la, se **achar alguém morto**, caído no campo, **sem que se saiba quem o matou**, sairão os teus anciãos e os teus juizes e medirão a distância até às cidades que estiverem em redor do morto. Os anciãos da cidade mais próxima do morto tomarão uma novilha da manada, que não tenha trabalhado, nem puxado com o jugo, e a trarão a um vale de águas correntes, que não foi lavrado, nem semeado; e ali, naquele vale, desnucarão a novilha. Chegar-se-ão os sacerdotes, filhos de Levi, porque o Senhor, teu Deus, os escolheu para o servirem, para abençoarem em nome do Senhor e, por sua palavra, decidirem toda a demanda e todo caso de violência. **Todos os anciãos desta cidade**, mais próximas do morto, **lavarão as mãos** sobre a novilha desnucada no vale e **dirão: As nossas mãos não derramaram este sangue**, e os nossos olhos o não viram derramar-se. Sê propício ao teu povo de Israel, que tu, ó Senhor, resgataste, e **não ponhas a culpa do sangue inocente no meio do teu povo de Israel. E a culpa daquele sangue lhe será perdoada. Assim, eliminarás a culpa do sangue inocente do meio de ti**, pois farás o que é reto aos olhos do Senhor. (Deuteronômio 21. 1-9)

Mounce (1996: 266) não acredita, portanto, que um governador romano fizesse tal gesto. Tudo indica ser mais uma estratégia discursiva do enunciador para minimizar o envolvimento romano na crucificação.

Somente no evangelho mateano, relatam-se o sonho da esposa de Pilatos e a sua preocupação em evitar que o marido se envolvesse com um justo.

E, estando ele [Pilatos] no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito. (Mateus 27. 19)

Mateus é também o único a registrar o suborno feito aos guardas romanos pela liderança religiosa judaica. Essa é uma estratégia criada pelo enunciador a fim de deitar por terra suposições de que o corpo de Jesus fora roubado.

Reunindo-se eles [os principais sacerdotes] em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram enquanto dormíamos. Caso isso chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança. Eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até o dia de hoje. (Mateus 28. 12-15)

O discurso que os líderes judeus sugerem às sentinelas é incoerente, pois, se os soldados estavam dormindo, eles não poderiam saber o que tinha acontecido com o corpo de Jesus. Além disso, pedir a uma guarda que diga ter caído no sono enquanto deveria estar vigiando algo é o mesmo que mandá-la assinar sua própria sentença de morte.

Se os enunciatários desse evangelho eram realmente os judeus cristãos, talvez Mateus quisesse explicar-lhes que, antes da cruz e da ressurreição, o povo de Israel, como escolhido de Deus, merecia ouvir a mensagem de Cristo em primeiro lugar. À medida que muitos dos judeus, em particular os líderes israelitas, rejeitaram o evangelho, os seguidores de Jesus saíram a proclamar a oferta de salvação a todo o mundo.

Manifesta-se, assim, no nível das estruturas fundamentais do texto mateano, a oposição semântica /particularidade/ *versus* /universalidade/, disfórica e eufórica, respectivamente:

particularidade (disforia) → não particularidade (não disforia) → universalidade (euforia)

A particularidade judaica se mostra, logo no primeiro capítulo do evangelho, quando o anjo afirma a José que Jesus salvará o povo judeu de seus pecados (“Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque **ele salvará o seu povo** dos pecados deles” – Mateus 1. 21). Depois, o próprio Jesus instrui a seus discípulos que puguem preferencialmente aos judeus (“Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, **procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel**” – Mateus 10. 5-6). Reforça ainda que seu ministério se restringe a Israel (“**Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel**” – Mateus 15. 24). Entretanto, a incumbência final do Jesus ressurreto aos seus discípulos reflete uma perspectiva universal:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, **fazei discípulos de todas as nações**, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. (Mateus 28. 18-20)

Fiorin (2005: 23) afirma que “euforia e disforia não são valores determinados pelo sistema axiológico do leitor, mas estão inscritos no texto”. Assim, o judeu ortodoxo pode avaliar a particularidade do evangelho como eufórica, uma vez que isso reitera a ideia do Antigo Testamento de que o povo de Israel é o escolhido de Deus. No texto mateano, porém, os judeus não perdem a possibilidade da salvação, apenas deixam de ter a exclusividade nela, pois, a partir da ressurreição de Cristo, o povo de Deus é constituído por todos os que seguem Jesus no discipulado, não somente por um grupo étnico seletivo.

O texto mateano foi, durante bom tempo, o predileto da igreja primitiva. Para Luz (2001: 97),

O evangelho de Mateus – por ter conduzido a comunidade judaico-cristã à missão gentia – foi recebido pela grande Igreja, majoritariamente gentio-cristã, e logo se transformou em seu evangelho principal (tradução nossa).⁵⁰

⁵⁰ Por haber conducido a su comunidad judeocristiana hacia la misión pagana, el evangelio de Mateo fue recibido por la gran Iglesia, mayoritariamente pagano cristiana, y se convirtió muy pronto en su evangelio principal.

Um último aspecto deve ser ressaltado. O fechamento do evangelho de Mateus apresenta uma singular diferença em relação aos outros dois evangelhos sinóticos.

Observe-se o seguinte quadro comparativo:

Mateus 28. 20	Marcos 16. 19-20	Lucas 24. 50-53
E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.	De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus. E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam.	Então, [Jesus] os levou para Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou. Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu. Então, eles, adorando-o, voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo; e estavam sempre no templo, louvando a Deus.

Quadro 18: Último contato de Jesus com seus discípulos relatado pelos evangelhos sinóticos
Fonte: Ferreira (2007: 115)

Como bem destaca Ferreira (2007: 115), “o Jesus mateano simplesmente não ascende aos céus! Ele permanece com os seus”. Assim, o enunciado final de Jesus no evangelho mateano (“E eis que **estou convosco** todos os dias até a consumação do século”) reitera a fala do anjo que apareceu em sonho a José, quando ele intencionava abandonar a noiva Maria por supor que ela o tivesse traído: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: **Deus conosco**)”. Além disso, apenas o Jesus de Mateus promete aos discípulos: “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali **estou no meio deles**” (Mateus 18. 20). Mateus faz, assim, questão de frisar a presença atemporal de Jesus entre seus seguidores, confirmando o caráter Emanuel de Jesus. Dessa forma, a *isotopia da onipresença* assegura a linha sintagmática do discurso mateano e, conseqüentemente, sua coerência semântica.

Para finalizar o estudo das principais estratégias discursivas empregadas no evangelho mateano, faz-se necessário examinar as características do enunciador e do destinatário.

Depreende-se do evangelho mateano que o enunciador é um bom conhecedor das escrituras judaicas e de boa capacidade de reflexão teológica. Prova disso são as inúmeras citações e alusões que ele faz dos textos do Antigo Testamento. Pretende, com isso, exercer um fazer persuasivo sobre os enunciatários, levando-os a *crer* que Jesus é o Messias tão esperado por Israel. Pode-se dizer semioticamente que o contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário, no evangelho mateano, é firmado no cumprimento das profecias das Sagradas Escrituras judaicas na pessoa de Jesus. O enunciador demonstra também grande interesse pela igreja organizada, pois, além de ser o único evangelista a empregar a palavra *ekklesia* (igreja), organiza seu texto em cinco grandes blocos temáticos, produzindo um manual organizado sobre os ensinamentos de Jesus para instrução dos convertidos à fé cristã. Por meio dessa organização temática, detecta-se o didatismo do enunciador. O autor de *Mateus* – embora tudo indique ser um judeu – é severamente crítico em relação aos fariseus e ao ensino farisaico. Sua hostilidade em relação às autoridades judaicas chega a tal ponto que ele deixa claro que os judeus foram os responsáveis pela morte de Jesus, inocentando os romanos.

Da leitura do texto mateano, depreende-se que seus enunciatários devam ter familiaridade com os costumes judaicos e com o Antigo Testamento, pois o enunciador mateano não explica costumes nem tradições e expressões idiomáticas como fazem, por exemplo, os enunciadores dos evangelhos marcano e joanino. Percebe-se também que são enunciatários interessados por árvores genealógicas e pela lei judaica. Além disso, são destinatários que esperavam um Messias que viria da linhagem do rei Davi, fato que levou o enunciador a abrir seu evangelho, afirmando que Jesus Cristo é filho de Davi e filho de Abraão. Depreende-se disso que há uma grande probabilidade de a tradição da igreja primitiva estar certa de os enunciatários serem os judeus.

1.2 O evangelho de Marcos

A tradição da igreja primitiva delegou a João Marcos – o intérprete do apóstolo Pedro – a autoria do segundo⁵¹ evangelho do Novo Testamento. Eusébio, em sua obra *História eclesiástica*, registra dois testemunhos relevantes: o de Papias e o de Clemente de Alexandria⁵².

Segundo Papias, um presbítero chamado João, supostamente o apóstolo, ensinou-lhe que

Marcos tornou-se intérprete de Pedro e escreveu tudo o que lembrava com precisão, não realmente na ordem das coisas ditas ou feitas pelo Senhor. Por que ele não havia ouvido o Senhor, nem o seguido, mas depois, como eu disse, seguiu Pedro, que ensinava quando era necessário, mas não o fazia na forma de uma sistematização dos oráculos⁵³ do Senhor; assim, Marcos nada fez de errado ao anotar cada ponto do modo que lembrava. Pois a uma coisa ele deu atenção: não omitir nada do que ouvira, nem fazer alguma falsa declaração sobre eles. (Blomberg: 2009: 162-163)

Clemente, por sua vez, declarou que

Quando Pedro, estando em Roma, pregou publicamente a palavra e anunciou o evangelho pelo Espírito, os presentes, que eram muitos, rogaram a Marcos – visto que por muito tempo ele o seguia e recordava o que havia sido dito – que registrasse suas palavras. Marcos assim o fez, e comunicou o evangelho àqueles que lhe pediram. Quando Pedro soube disso, ele efetivamente não o impediu nem o encorajou. (Blomberg: 2009, 160)

Se os testemunhos de Papias e de Clemente forem verdadeiros, esse Marcos é, muito provavelmente, o mesmo citado na primeira epístola de Pedro:

Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos

⁵¹ O evangelho de Marcos é o segundo na ordem em que aparece no Novo Testamento. Boa parte dos estudiosos modernos, porém, defende que *Marcos* foi o primeiro evangelho a ser escrito, e que tanto Mateus quanto Lucas usaram intensamente sua obra (cf. p. 34-35).

⁵² Clemente de Alexandria (150 – 215) foi escritor e teólogo grego. (Black: 2004: 42)

⁵³ Entenda-se aqui *oráculo* como *ensino, mensagem* de Jesus. (Blomberg: 2009, 179)

estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo. Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar. A ele seja o domínio, pelos séculos dos séculos. Amém! Por meio de Silvano, que para vós outros é fiel irmão, como também o considero, vos escrevo resumidamente, exortando e testificando, de novo, que esta é a genuína graça de Deus; nela estai firme. **Aquela que se encontra em Babilônia⁵⁴, também eleita, vos saúda, como igualmente meu filho Marcos.** Saudai-vos uns aos outros com ósculo de amor. Paz a todos vós que vos achais em Cristo. (1Pedro 5. 8-14, grifo nosso)

Os fundadores da Igreja acreditam que o evangelho de Marcos tenha sido concluído entre os anos 65 e 70 d.C., tendo sido, portanto – conforme a opinião de quase todos os pesquisadores – o primeiro dos evangelhos a ser escrito.

Muitos veem o evangelho de Marcos como uma mensagem de encorajamento à comunidade cristã perseguida pelo Império Romano. No ano 64, Nero acusou os cristãos de colocarem fogo na cidade de Roma, e, por esse motivo, instigou uma cruel perseguição, exterminando milhares deles, dentre os quais os apóstolos Pedro e Paulo. A isotopia de sofrimento e de morte que permeia o evangelho marcano leva a crer que o enunciador queria que os leitores tomassem a vida e as atitudes de Cristo como modelos de coragem e de força. O pronunciamento reiterativo de Jesus sobre seu destino comprova isso:

Então, começou ele a ensinar-lhes que **era necessário que o Filho do Homem sofresse** muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse. (Marcos 8. 31)

E, tendo partido dali, passavam pela Galileia, e não queria que ninguém o soubesse; porque ensinava os seus discípulos e lhes dizia: **O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão**; mas, três dias depois da sua morte, ressuscitará. (Marcos 9. 30-31)

Estavam de caminho, subindo para Jerusalém, e Jesus ia adiante dos seus discípulos. Estes se admiraram e o seguiam tomados de apreensões. E Jesus, tornando a levar à parte os doze, passou a

⁵⁴ A maioria dos estudiosos concorda com que Babilônia seja uma referência simbólica à Roma Imperial, com a qual a antiga tradição da Igreja associa tanto Pedro quanto Marcos. (Bíblia Plenitude: 2002, 1320)

revelar-lhes as coisas que lhe deviam sobrevir, dizendo: Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas; **condená-lo-ão à morte** e o entregarão aos gentios; **hão de escarnecê-lo, cuspir nele, açoitá-lo e matá-lo**; mas, depois de três dias, ressuscitará. (Marcos 10. 32-34)

A ênfase de Marcos sobre o caminho da cruz como precursor do caminho da glória, sugere, segundo Blomberg (2009: 159), “uma preocupação em encorajar uma comunidade atormentada para uma eventual luta e para uma vitória que só se daria por meio do sofrimento”. As seguintes palavras delegadas a Jesus indicam, na verdade, uma preocupação pastoral de Marcos com seus leitores:

Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: **Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.** Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e **quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á.** Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma? Porque **qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos.** (Marcos 8. 34-38)

Essa delegação de voz a Jesus é uma estratégia de que Marcos se vale para que o enunciário creia que o que está sendo lido são as *ipsissima verba* de Jesus, ou seja, suas palavras exatas.

Dos quatro evangelistas, Marcos é o único a nomear de evangelho a narrativa que escreve. A frase-abertura de sua narrativa é *Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus*. As opiniões acadêmicas diferem quanto a que parte do texto incide a palavra *princípio*. Alguns julgam que ela se refira apenas à introdução; outros, ao livro todo. Provavelmente, os leitores de Marcos já estivessem cientes da pregação do evangelho por meio da língua oral⁵⁵; assim, a estratégia do evangelista era dizer-lhes como tudo começou. Além da introdução, o termo *evangelho* aparece ainda seis outras vezes na narrativa marcana:

⁵⁵ Segundo Ferreira (2007: 14), a pesquisa bíblica do início até meados do século XX entendeu que os evangelhos derivariam de coletâneas de tradições orais e blocos de escrito do cristianismo primitivo sem muito nexos entre si.

- a) “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o **evangelho** de Deus” (Marcos 1. 14);
- b) “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no **evangelho**” (Marcos 1. 15);
- c) “Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do **evangelho** salvá-la-á” (Marcos 8.35);
- d) “Tornou Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do **evangelho**, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna” (Marcos 10. 29-30);
- e) “Mas é necessário que primeiro o **evangelho** seja pregado a todas as nações” (Marcos 13. 10);
- f) “Em verdade vos digo: onde for pregado em todo o mundo o **evangelho**, será também contado o que ela fez, para memória sua” (Marcos 14. 9).

Hörster (1996: 9) explica que

No império romano, o imperador era venerado como salvador e até como deus. O anúncio de seu nascimento e de sua subida ao trono era considerado *euangelion*. Esse conceito fica evidenciado pela inscrição no calendário de Priene⁵⁶ do ano 9 a.C.: “O nascimento do deus⁵⁷ foi para o mundo o início das novas de alegria, que por causa dele aconteceram”. Chama a nossa atenção o fato de que não só nesse documento, mas também frequentemente no contexto extrabíblico se fala das novas de alegria (*euangelia*), enquanto o Novo Testamento só usa o termo evangelho no singular.

⁵⁶ Em 129 a.C., Priene tornou-se parte da província romana da Ásia Menor.

⁵⁷ O deus aqui mencionado é o imperador romano César Augusto.

Percebe-se, assim, que, ao fazer uso do termo *evangelho*, Marcos recorre ao pretexto da autoridade. Além disso, o evangelista anuncia, logo no início de seu texto, que a personagem de seu relato não é um homem qualquer, mas o *Filho de Deus*. Ainda no primeiro capítulo, ele afirma que esse evangelho – além de ser proclamado pelo próprio Jesus – provém “de Deus” (“... foi **Jesus** para a Galileia, **pregando o evangelho de Deus...**”). Finalmente, tal evangelho é apresentado como objeto de fé; faz-se ao enunciatário o convite para “arrepender-se e crer no evangelho”, mandando-o escutar a narrativa (“... arrependei-vos e crede no evangelho”). Sendo o enunciatário do texto marcano o povo de Roma, como acreditava a igreja primitiva, fica claro que o emprego do termo *evangelho* é mais uma estratégia discursiva empregada por Marcos para *fazer-crer*.

Marcos é o mais curto dos evangelhos canônicos e – diferentemente de *Mateus* e de *Lucas* – não registra a genealogia nem a história do nascimento de Cristo. No evangelho marcano, Jesus também não é apresentado como um grande orador. Marcos pinta Jesus como taumaturgo⁵⁸ e combatedor de demônios. Marcos ressalta, assim, a luta contínua de Jesus contra o mal. Na perícopé sobre a tentação de Cristo no deserto, Marcos – ao contrário de *Mateus* e de *Lucas* – não menciona que Jesus jejuou durante quarenta dias nem narra o diálogo entre ele e Satanás. O evangelista objetivamente se concentra, em apenas dois versículos, no conflito de Jesus com o mal:

E logo o Espírito o impeliu para o deserto, onde permaneceu quarenta dias, sendo tentado por Satanás; estava com as feras, mas os anjos o serviam. (Marcos 1. 12-13)

A versão de Marcos não registra nenhum desfecho triunfante da tentação, pois, para o evangelista, a oposição do mal não chegou ao fim. No texto marcano, empregam-se onze vezes a expressão *espíritos imundos*, ao passo que, em *Mateus*, esse termo aparece três vezes, e, em *Lucas*, cinco:

⁵⁸ Taumaturgo (do grego *thaumatourgós*) é aquele que faz milagres.

Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de **espírito imundo**, o qual bradou: Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus! (Marcos 1. 23-24)

Então, o **espírito imundo**, agitando-o violentamente e bradando em voz alta, saiu dele. (Marcos 1. 26)

Todos se admiraram a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto? Uma nova doutrina! Com autoridade ele ordena aos **espíritos imundos**, e eles lhe obedecem. (Marcos 1. 27)

Também os **espíritos imundos**, quando o viam, prostravam-se diante dele e exclamavam: Tu és o Filho de Deus! (Marcos 3. 11)

Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno. Isto, porque [os escribas] diziam: [Jesus] está possesso de um **espírito imundo**. (Marcos 3. 29-30)

Ao desembarcar, imediatamente veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de **espírito imundo** [...] (Marcos 5.2)

Porque Jesus lhe dissera: **Espírito imundo**, sai desse homem! (Marcos 5. 8)

Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os **espíritos imundos**. (Marcos 6. 7)

[...] porque uma mulher, cuja filhinha estava possessa de **espírito imundo**, tendo ouvido a respeito dele, veio e prostrou-se-lhe aos pés. (Marcos 7. 25)

Vendo Jesus que a multidão concorria, repreendeu o **espírito imundo**, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele. (Marcos 9. 25)

Marcos não quer dar destaque a Satanás, e sim transmitir que Jesus sempre triunfa: todos os espíritos imundos são expulsos por ele. Dezoito perícopes do evangelho marcano são dedicadas ao relato de milagres ou de exorcismos.

Marcos – embora tenha um grego sofrível, segundo os estudiosos do texto bíblico – emprega alguns recursos literários, que o fazem revelar-se um bom contador de histórias. Na obra marcana, as perícopes são menos extensas do que as dos outros evangelhos, e delega-se a voz do discurso mais ao narrador do que aos interlocutores, o que produz efeito de sentido de aceleração. Por isso, Marcos não

registra muitas parábolas de Cristo (apenas sete) nem muitos sermões, pois sua ênfase é sobre o que Jesus fez, não sobre o que disse⁵⁹. Assim, ao contrário de Mateus, Marcos refere-se à maior parte do ministério de ensino de Cristo de forma abrangente, sem mencionar o conteúdo das mensagens:

Então, foi por toda a Galileia, **pregando nas sinagogas** deles e expelindo demônios. (Marcos 1. 39)

De novo, saiu Jesus para junto do mar, e toda a multidão vinha ao seu encontro, e **ele os ensinava**. (Marcos 2. 13)

Assim, **ensinava-lhes muitas coisas por parábolas no decorrer do seu doutrinamento**. (Marcos 4. 2)

E **com muitas parábolas semelhantes lhes expunha a palavra, conforme o permitia a capacidade dos ouvintes**. (Marcos 4. 33)

Levantando-se Jesus, foi dali para o território da Judeia, além do Jordão. E outra vez as multidões se reuniram junto a ele, e, de novo, **ele as ensinava, segundo o seu costume**. (Marcos 10. 1)

O evangelista – para criar efeito de sentido de compasso e de movimento – emprega mais de quarenta vezes a palavra grega *eutheos*, que costuma ser traduzida por *imediatamente*. Observem-se os seguintes fragmentos:

Caminhando junto ao mar da Galileia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então, eles deixaram **imediatamente** as redes e o seguiram. Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes. E **imediatamente** os chamou. Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus. (Marcos 1. 18)

A sogra de Simão achava-se acamada, com febre; **imediatamente** lhe falaram a respeito dela. (Marcos 1. 30)

Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me. Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo! **imediatamente** lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo. (Marcos 1. 42)

⁵⁹ Segundo Aquino, Franco e Lopes (1980: 262), a religião romana era reflexo de um povo que preferia a ação à meditação e que via nos deuses menos formas e figuras do que poderes aptos a atualizarem-se. Se o público-alvo de Marcos foram os romanos, talvez essa seja a explicação de o evangelista ter valorizado as ações de Cristo em detrimento de seus discursos.

E Jesus, percebendo **imediatamente** por seu espírito que eles [escribas] assim arrazoavam, disse-lhes: Por que arrazoais sobre estas coisas em vosso coração? (Marcos 2. 8)

(Certa mulher), tendo ouvido a fama de Jesus, vindo por trás dele, por entre a multidão, tocou-lhe a veste. Porque dizia: Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada. E **imediatamente** se lhe estancou a hemorragia, e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo. Jesus, reconhecendo **imediatamente** que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou nas vestes? (Marcos 5. 27-30)

Tomando-a pela mão, disse: Talitá cumi!, que quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te! **Imediatamente**, a menina se levantou e pôs-se a andar; pois tinha doze anos. (Marcos 5. 42)

E, enviando **imediatamente** o executor, [Herodes] mandou que lhe trouxessem a cabeça de João. (Marcos 6. 27)

Eles, porém, vendo-o andar sobre o mar, pensaram tratar-se de um fantasma e gritaram. Pois todos ficaram aterrados à vista dele. Mas **imediatamente** lhes falou e disse: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais! (Marcos 6. 49-50)

Estando já no outro lado, chegaram a terra, em Genesaré, onde aportaram. Saindo eles do barco, **imediatamente** o povo reconheceu Jesus. (Marcos 6. 53-54)

Abriram-se-lhe os ouvidos, e **imediatamente** se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente. (Marcos 7. 35)

E trouxeram-lho; quando ele viu a Jesus, o espírito **imediatamente** o agitou com violência, e, caindo ele por terra, revolia-se espumado. (Marcos 9. 20)

E **imediatamente** o pai do menino exclamou com lágrimas: Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé! (Marcos 9. 24)

Além disso, o evangelista liga frequentemente os quadros cênicos por meio do conectivo **e**, provocando um efeito de sentido de progressão textual. Segundo Neves (2006: 253),

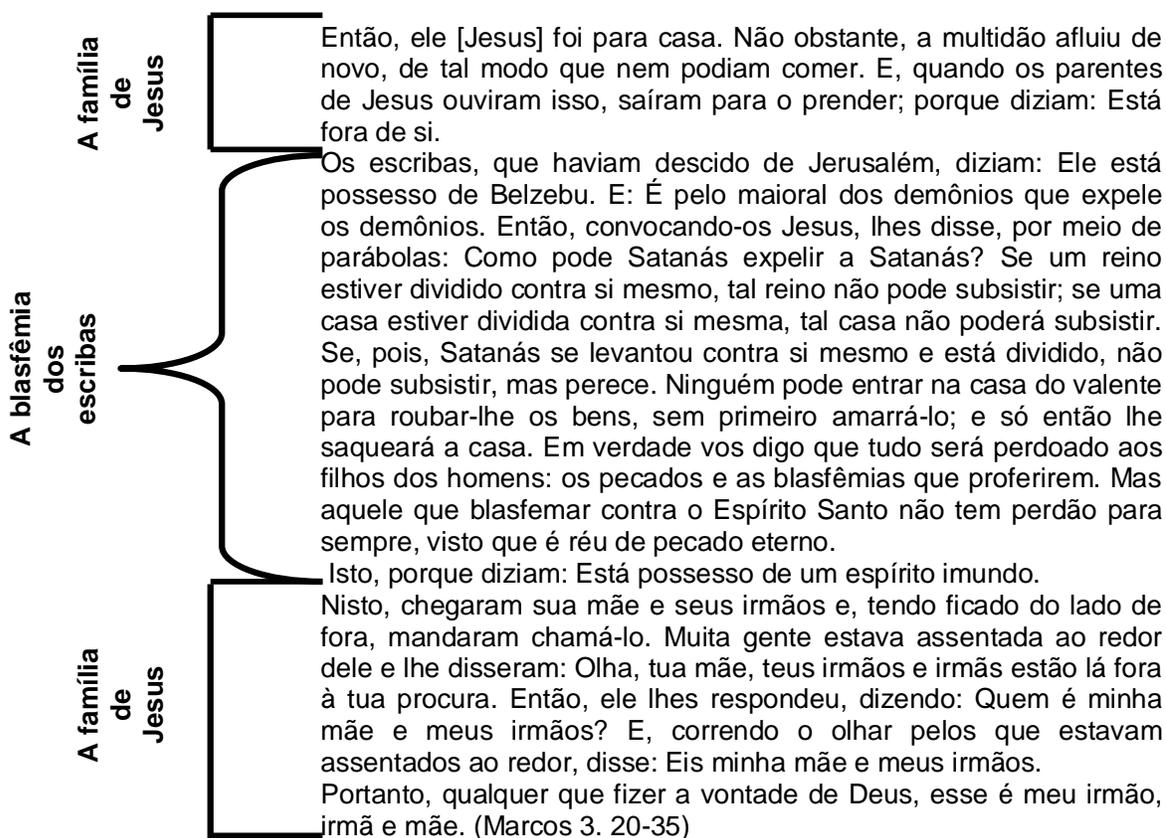
A organização não apenas em parágrafo, mas, principalmente, em capítulos, permite a verificação do grande efeito do elemento “**e**” na progressão do texto, especialmente na abertura e fechamento de grandes blocos informativos, temáticos, argumentativos.

Veja-se, a título de exemplo, como o evangelista conecta os episódios do batismo e da tentação de Jesus:

Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galileia e por João foi batizado no rio Jordão. Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele. Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.

→ E logo o Espírito o impeliu para o deserto, onde permaneceu quarenta dias, sendo tentado por Satanás; estava com as feras, mas os anjos o serviam. (Marcos 1. 9-13)

Esses efeitos de sentido de aceleração assemelham o enredo marcano a um filme da vida de Jesus, pois o relato do evangelista passa de um acontecimento a outro com extraordinária rapidez. Outra estratégia fílmica típica de Marcos é a interrupção de um *esquema narrativo*⁶⁰ para inserção de um outro, despertando, assim, curiosidade no leitor de *querer-saber* como se encerra o primeiro esquema. A essa técnica, Myers (1992: 208) dá o nome de intercalação ou “sanduíche”. Observe-se a perícopes *A blasfêmia dos escribas* intercalada na perícopes *A família de Jesus*:



⁶⁰ Segundo Barros (2002: 86), esquema narrativo é a unidade maior na hierarquia sintática da narrativa, que se define pelo encadeamento lógico dos percursos narrativos da manipulação (ou do destinador-manipulador), da ação (ou do sujeito) e da sanção (ou do destinador-julgador).

No início desse episódio do evangelho, sabe-se que os parentes de Jesus queriam prendê-lo em casa, pois julgavam-no louco. O enunciador instala, assim, um *percurso da sanção*: a parentela de Cristo – exercendo a função de destinador-julgador – sanciona negativamente o zelo excessivo de Jesus com as multidões, o que não lhe permitia comer. Assim, exercendo uma sanção cognitiva, tacham-no de desequilibrado. Tentam, então, sancioná-lo pragmaticamente, prendendo-o. Antes, porém, de apresentar o término desse esquema narrativo, o enunciador insere um outro: escribas tentam manipular Jesus por provocação, afirmando que ele expulsa demônios pelo poder de Belzebu, o maioral dos demônios. O destinatário Jesus não se deixa manipular, pois o sistema de valores dos escribas não é compartilhado por ele. Cristo intimida os escribas, apresentando-lhes uma ameaça: aquele que blasfema contra o Espírito Santo não tem perdão e é réu de pecado eterno. Encerrado esse esquema narrativo de debate, o enunciador volta ao primeiro esquema, mostrando que Jesus não se deixa mais uma vez manipular, pois os valores de Jesus eram também diferentes dos da própria família.

Essa tática marcana estabelece pontos de intersecção temáticos entre os dois esquemas narrativos. Nessas perícopes, por exemplo, retrata-se a crise de Jesus com o grupo familiar e com o grupo político-religioso; além disso, Cristo recebe consecutivamente dupla acusação: a família julga-o louco (“Ele está fora de si”), e os escribas consideram-no endemoninhado (“Ele está possesso de Belzebu”).

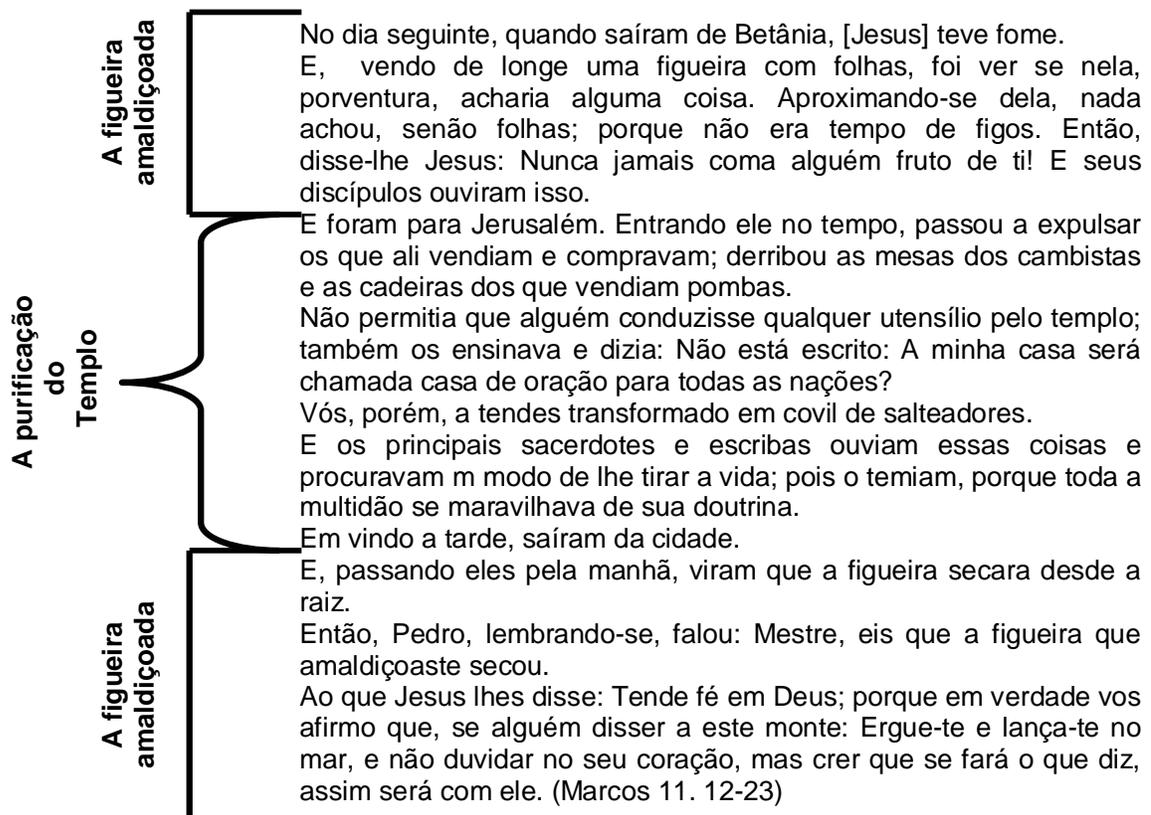
Para Myers (idem: 208, 209), a acusação dos escribas é uma estratégia de autodefesa:

[...] quando a classe dirigente sente sua hegemonia ameaçada, ela tenta neutralizar os que a desafiam, identificando-os com o arquidemônio cultural mítico. A lógica dos escribas era simples: por se julgarem representantes de Deus, a “secessão” de Jesus coloca-o necessariamente na posição de aliado de Satanás.

A acusação dos parentes, pelo contrário, é motivada pela preocupação com o bem-estar de Jesus. Prender Cristo seria uma maneira de protegê-lo. A atitude deles, entretanto, vai levar Cristo a não reconhecê-los como familiares.

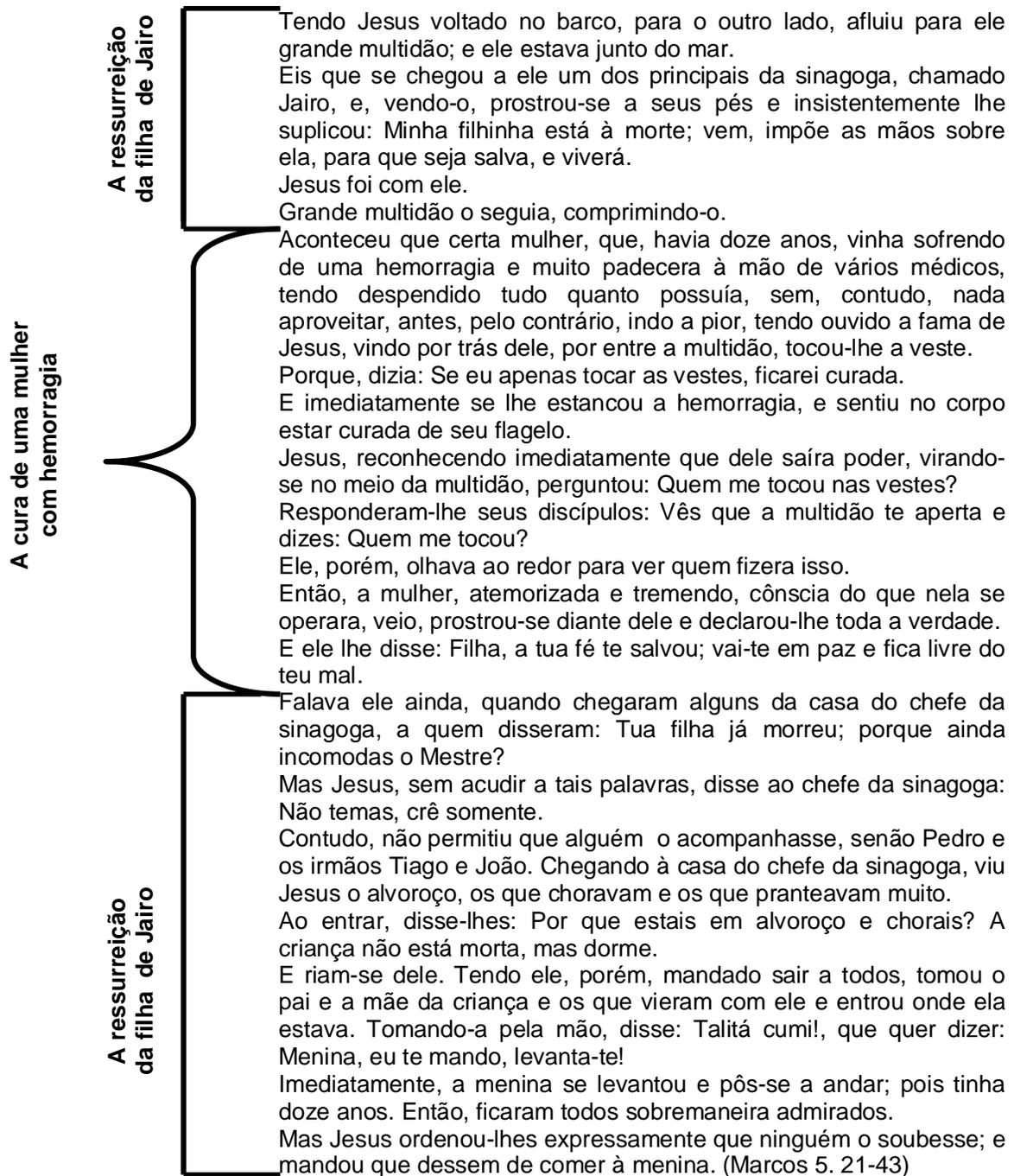
Marcos delineia, assim, um quadro que mostra a cisão iminente de Jesus com sua parentela: sua família está “do lado de fora” da casa (“Nisto, chegaram sua mãe e seus irmãos e, **tendo ficado do lado de fora**, mandaram chamá-lo” – Marcos 3. 31), ao passo que a multidão se encontra sentada em torno de Jesus “do lado de dentro” (“Muita gente estava assentada ao redor dele e lhe disseram: Olha, tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora à tua procura” – Marcos 3. 32). Assim, a polarização dos “que estão dentro” e dos “que estão fora” vai levar Jesus a introduzir um novo modelo de parentesco, baseado na obediência, não à família, mas unicamente a Deus (“Portanto, **qualquer que fizer a vontade de Deus**, esse é meu irmão, irmã e mãe” – Marcos 3. 35).

Observem-se mais três exemplos em que a técnica da ruptura do esquema narrativo é empregada:



O Antigo Testamento esclarece a intersecção entre esses dois esquemas narrativos. A figueira – como já se abordou no estudo das estratégias mateanas – simboliza

Israel, nação vinculada ao templo e ao seu culto. O florescimento da figueira e a sua produção de frutos constituem elementos descritivos em passagens que descrevem a visita de Deus a seu povo com bênção, ao passo que o murchamento da figueira, sua destruição ou ausência do seu fruto são imagens que descrevem o julgamento de Deus sobre seu povo ou sobre seus inimigos.



Mais uma vez, esses dois episódios estão vinculados retoricamente por diversos elementos: a mulher tinha fluxo de sangue havia doze anos, a idade da filha de Jairo era doze anos; tanto Jairo como a hemorroíssa prostram-se aos pés de Jesus; ambas as mulheres recebem um milagre de Cristo. Entretanto, Marcos figurativiza as duas personagens principais desse episódio como elementos opostos em termos de *status* e de honra. De um lado, Jairo, chefe da sinagoga; de outro, uma mulher anônima, considerada impura em decorrência da hemorragia contínua que apresentava. Para Myers (idem: 251), a lição objetiva dessa perícopé só pode ser a seguinte: se o judaísmo deseja ser salvo e viver (“Minha filhinha está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela, para que **seja salva, e viverá**” – Marcos 5. 23), ele precisa abraçar a fé do reino: uma nova ordem social com igual *status* para todos. Somente isso libertará os grandemente marginalizados e poupará os “nobres” da morte.

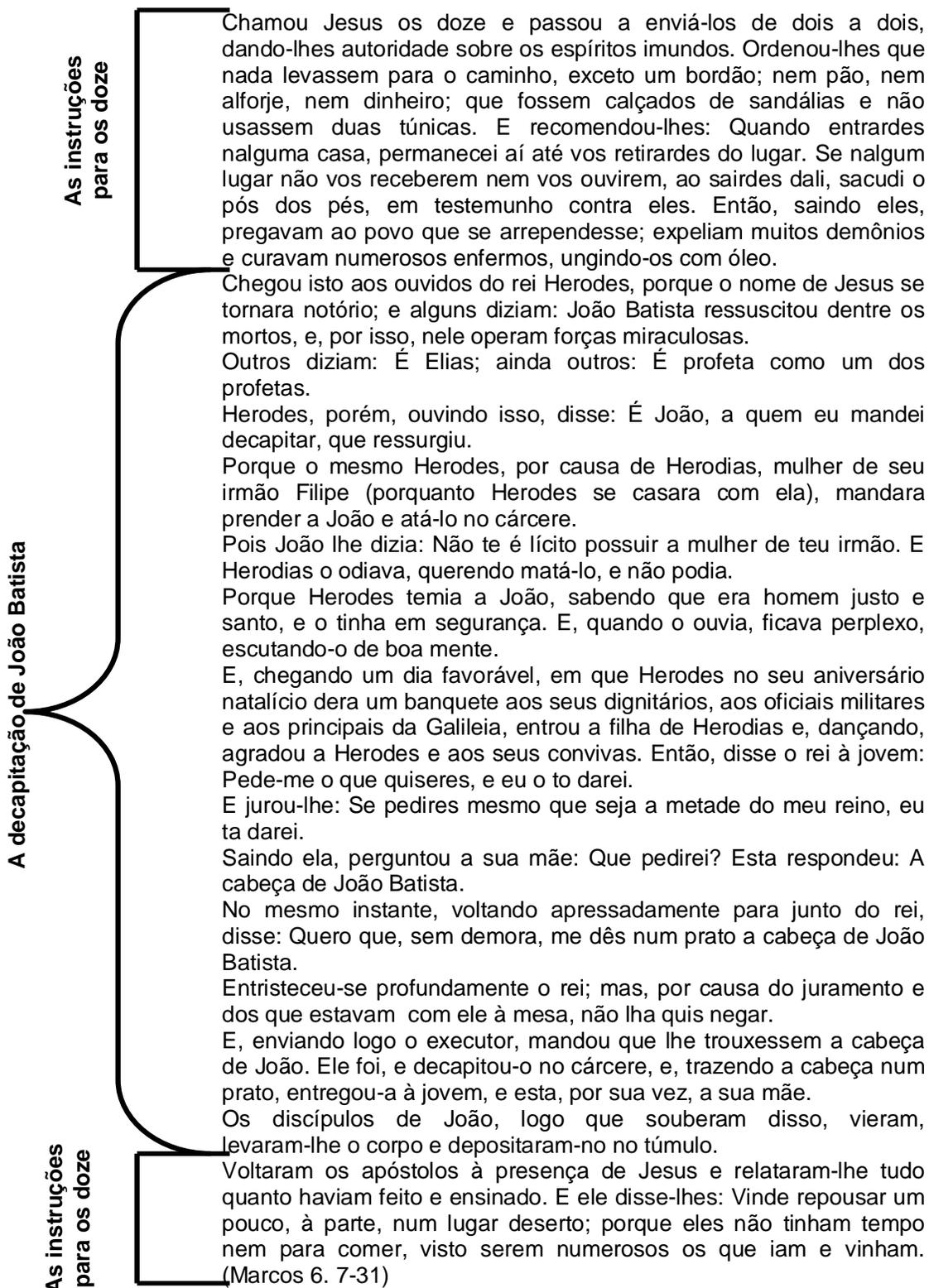


Ilustração 1: A cura da mulher hemorroíssa⁶¹



Ilustração 2: A ressurreição da filha de Jairo

⁶¹ As ilustrações deste trabalho têm função meramente decorativa. As que não tiverem citação da fonte foram extraídas da internet. Seus créditos estão relacionados nas páginas 378 e 379, nas referências das ilustrações.



A inserção do relato da morte de João Batista é abrupta. Depois de um resumo das instruções dadas por Jesus aos apóstolos, Marcos subitamente afirma que Herodes estava atento a Jesus e à sua obra (“Chegou isto aos ouvidos do rei Herodes, porque o nome de Jesus se tornara notório...” – Marcos 6. 14a). Segue a isso o resumo de como Jesus é encarado pelas pessoas (“...e alguns diziam: João Batista ressuscitou dentre os mortos, e, por isso, nele operam forças miraculosas” – Marcos 6. 14b), elemento que serve de ponte para o relato de como se deu a morte do Batista.

Essa perícopre intercalada tem a função de inter-relacionar a missão e o destino de Jesus e de seus discípulos com a missão e o destino de João. Em outras palavras, Marcos sinaliza a seus enunciatários a inevitável ruptura entre o reino de Deus e os poderes do mundo, figurativizada pelo julgamento e pela execução de Jesus pelo poder romano com a colaboração dos judeus. É possível, assim, entender por que a perícopre da morte de João Batista está inserida na da missão dos apóstolos: à medida que eles herdaram a missão do Batista e de Jesus, herdaram também o destino que eles tiveram.



Ilustração 3: A execução de João Batista
Fonte: Garofalo et al (1977: 93)

Esses efeitos de sentido produzidos por Marcos revelam um enunciador que se preocupa com os recursos estilísticos empregados no evangelho. Assim – ao contrário de Lucas, que organiza o evangelho sob a ótica de um historiador – Marcos escreve seu evangelho do ponto de vista de um escritor, não levando em conta a sequência cronológica dos fatos.

Marcos – ao contrário de Mateus – enfatiza pouco os costumes judaicos e sempre os interpreta para o leitor quando os menciona:

E, vendo que alguns dos discípulos dele comiam pão com as **mãos impuras, isto é, por lavar (pois os fariseus e todos os judeus, observando a tradição dos anciãos, não comem sem lavar cuidadosamente as mãos; quando voltam da praça, não comem sem se aspergirem; e há muitas outras coisas que receberam para observar, como a lavagem de copos, jarros e vasos de metal e camas)**, interpelaram-no os fariseus e os escribas: Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar? (Marcos 7. 2-5)

E, no primeiro dia da **Festa dos Pães Asmos, quando se fazia o sacrifício do cordeiro pascal**, disseram-lhe seus discípulos: Onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a Páscoa? (Marcos 14. 12)

Ao cair da tarde, por ser **o dia da preparação, isto é, a véspera do sábado**, vindo José de Arimateia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, dirigiu-se resolutamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. (Marcos 15. 42-43)

A *Lei* consistia dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, que formavam o Pentateuco. As observâncias rituais ou cerimoniais da religião judaica eram conhecidas também como a *Lei*. Ao longo de todo o texto marcano, não aparece uma vez sequer essa palavra, que é usada com abundância pelos outros evangelistas canônicos, conforme se verifica no seguinte quadro:

Conforme está escrito na profecia de Isaías: Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho; voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas; apareceu João Batista no deserto, pregando batismo e arrependimento para remissão dos pecados. (Marcos 1. 2-4)

[Jesus] respondeu-lhes (escribas e fariseus): Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. (Marcos 7. 6-7)

Então, disse-lhes Jesus: Todos vós vos escandalizareis, porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas. (Marcos 14. 27)

Marcos também revela um conhecimento superficial da historicidade dos fatos do Antigo Testamento. Observe-se o seguinte exemplo:

Ora, aconteceu atravessar Jesus, em dia de sábado, as searas, e os discípulos, ao passarem, colhiam espigas. Advertiram-no os fariseus: Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados? Mas ele lhes respondeu: Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros? Como entrou na Casa de Deus, **no tempo do sumo sacerdote Abiatar**, e comeu os pães da proposição, os quais não é lícito comer, senão aos sacerdotes, e deu também aos que estavam com ele? E acrescentou: O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado; de sorte que o Filho do Homem é senhor também do sábado. (Marcos 2. 23-28)

De acordo com o relato do 1º livro de Samuel, o sumo sacerdote na época em que Davi comeu os pães sagrados era Aimeleque, e não Abiatar:

Respondeu Davi ao **sacerdote Aimeleque**: O rei deu-me uma ordem e me disse: Ninguém saiba por que te envio e de que te incumbo; quanto aos meus homens, combinei que me encontrassem em tal e tal lugar. Agora, que tens à mão? Dá-me cinco pães ou que se achar. Respondendo o sacerdote a Davi, disse-lhe: Não tenho pão comum à mão; há, porém, pão sagrado⁶², se ao menos os teus homens se abstiverem das mulheres. Respondeu Davi ao sacerdote e lhe disse: Sim, como sempre, quando saio à campanha, foram-nos vedadas as mulheres, e os corpos dos homens não estão imundos. Se tal se dá em viagem comum, quanto mais serão puros hoje! Deu-lhe, pois, o sacerdote o pão sagrado, porquanto não havia ali outro, senão os

⁶² Quando o pão sagrado era substituído, podia ser comido, mas, normalmente, apenas pelos sacerdotes. Os pães sagrados eram doze pãezinhos feitos de farinha mais pura, colocados no santuário, diante de Deus, e substituídos por novos a cada sábado. (Bíblia Plenitude: 2002, 306)

pães da proposição, que se tiraram de diante do Senhor, quando trocados, no devido dia, por pão quente. (1º livro de Samuel 21. 2-6)

Percebe-se também que Marcos – ao contrário de João – mostra certa falta de familiaridade com a geografia da Palestina. Observem-se as seguintes perícopes:

A cura do endemoninhado geraseno

Entrementes, **chegaram à outra margem do mar, à terra dos gerasenos**. Ao desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de espírito imundo, o qual vivia nos sepulcros, e nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo; porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram quebradas por ele, e os grilhões, despedaçados. E ninguém podia subjugar-lo. Andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras. Quando, de longe, viu Jesus, correu e o adorou, exclamando com alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes! Porque Jesus lhe dissera: Espírito imundo, sai desse homem! E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião é o meu nome, porque somos muitos. E rogou-lhe encarecidamente que os não mandasse para fora do país. Ora, pastava ali pelo monte uma grande manada de porcos. E os espíritos imundos rogaram a Jesus, dizendo: Mandanos para os porcos, para que entremos neles. Jesus o permitiu. Então, saindo os espíritos imundos, entraram nos porcos; e **a manada, que era cerca de dois mil, precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, onde se afogaram**. Os porqueros fugiram e o anunciaram na cidade e pelos campos. (Marcos 5. 1-14)

A cura de um surdo e gago

De novo, **retirou-se das terras de Tiro e foi por Sidom até o mar da Galileia, através do território de Decápolis**. Trouxeram-lhe, então, um surdo e gago e lhe suplicaram que impusesse as mãos sobre ele. Jesus, tirando-o da multidão, à parte, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e tocou-lhe a língua com saliva; depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá, que quer dizer: Abre-te! Abriam-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente. (Marcos 7. 31-35)

Na primeira perícope, Marcos relata que a cura do endemoninhado se deu em Gerasa, localizada, segundo o evangelista, à beira do mar. A cidade dos gerasenos, como se pode observar no mapa seguinte, está localizada a 50km de distância das

costas do mar da Galileia. Seria impossível os porcos terem-se precipitado despenhadeiro abaixo e caído no mar.

Na segunda perícope, Jesus e seus discípulos saem de Tiro em direção ao mar da Galileia, passando por Sidom. Ora, de Tiro, no Mediterrâneo, ao mar da Galileia são 48km por terra. Sidom, segundo Buckland (2001: 409), fica 32km ao norte de Tiro. Se Jesus fosse ao mar da Galileia, subindo primeiramente a Sidom, teria que caminhar 112km para chegar ao seu destino.

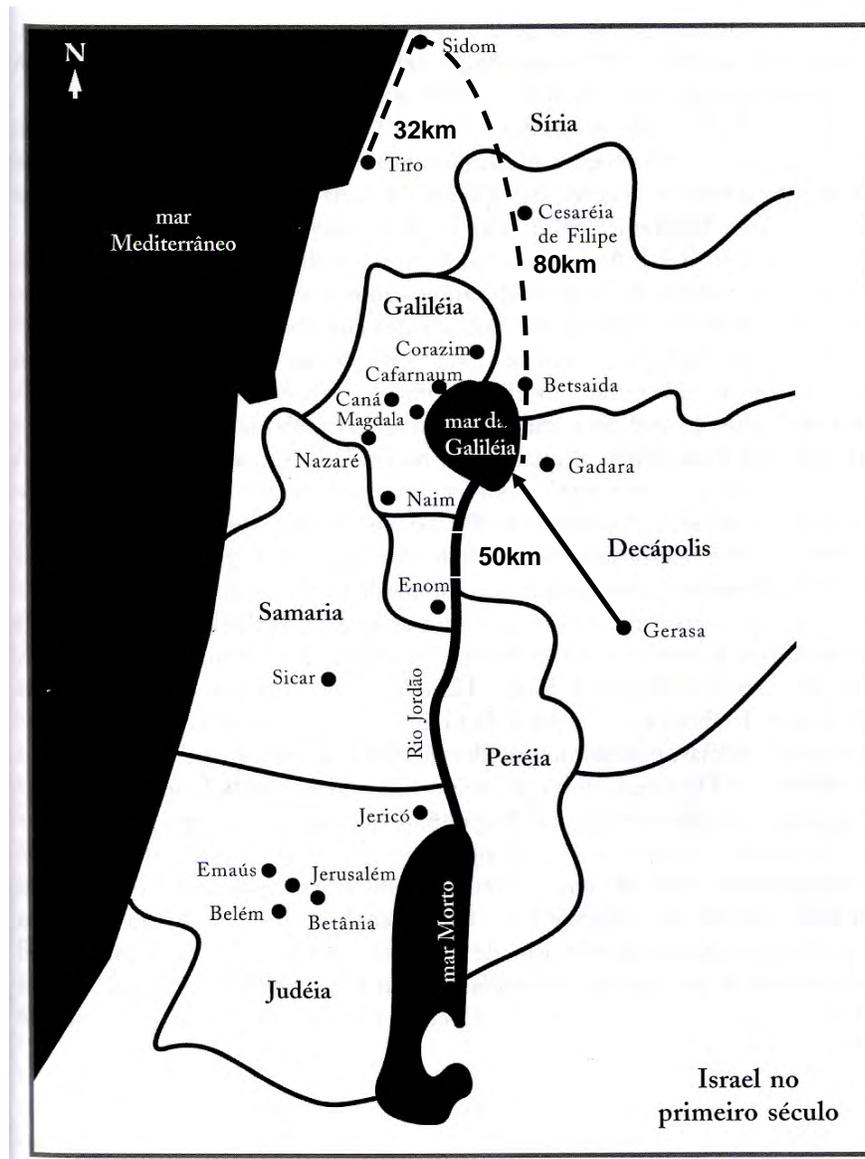


Ilustração 4: Israel no primeiro século
 Fonte: Blomberg (2009: 79, marcação de quilometragem nossa)

Além disso, Marcos emprega vários termos latinos no seu texto grego. Isso denuncia uma clara evidência de que estava escrevendo para um público da região ocidental, talvez a própria Roma. Observem-se os seguintes termos:

<p style="text-align: center;">LEGIÃO</p> <p>Do latim <i>legion</i>, era uma divisão do exército romano que contava com 6.000 homens. O nome passou a significar um grupo bem organizado que possui grande poder.</p>	<p>E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião é o meu nome, porque somos muitos. (Marcos 5. 9)</p>
<p style="text-align: center;">CENTURIÃO</p> <p>Do latim <i>centurio</i>, era o responsável por comandar uma centúria, grupo militar formado por 10 fileiras de 10 soldados romanos cada.</p>	<p>O centurião que estava em frente dele, vendo que assim expirara, disse: Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus. (Marcos 15. 39)</p>
<p style="text-align: center;">PRETÓRIO</p> <p>Do latim <i>praetorium</i>, era a residência oficial do governador.</p>	<p>Então, os soldados o levaram para dentro do palácio, que é o pretório, e reuniram todo o destacamento. (Marcos 15. 16)</p>
<p style="text-align: center;">EXECUTOR</p> <p>Do latim <i>speculator</i>, era o termo empregado para o integrante da guarda pessoal.</p>	<p>E, enviando logo o executor, mandou que lhe trouxessem a cabeça de João. (Marcos 6. 27)</p>
<p style="text-align: center;">QUADRANTE</p> <p>Do latim <i>quadrans</i>, valia 1/64 de um denário, o salário de um dia de trabalho. Para benefício dos leitores gentios, Marcos explica seu valor em cunhagem romana.</p>	<p>Vindo, porém, uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante. (Marcos 12. 42)</p>

Quadro 20: Termos latinos empregados no evangelho marcano

Diferentemente de Mateus, que inicia seu evangelho destacando a realeza de Jesus ao chamá-lo de Filho de Davi, Marcos introduz Jesus em sua narrativa como o *Filho de Deus*: “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Marcos 1. 1). Em mais outras ocasiões, a filiação divina de Jesus é citada:

a) após o batismo

Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele. Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo. (Marcos 1. 9-11)

b) na transfiguração

Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João e levou-os sós, à parte, a um alto monte. Foi transfigurado diante deles; as suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar. Apareceu-lhes Elias com Moisés, e estavam falando com Jesus. Então, Pedro, tomando a palavra, disse: Mestre, bom é estarmos aqui e que façamos três tendas: uma será tua, outra, para Moisés, e outra, para Elias. Pois não sabia o que dizer, por estarem eles aterrados. A seguir veio uma nuvem que os envolveu; e dela uma voz dizia: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi. (Marcos 9. 2-7)

c) em confronto com os espíritos imundos

Também os espíritos imundos, quando o viam, prostravam-se diante dele e exclamavam: Tu és o Filho de Deus! (Marcos 3. 11)

Quando, de longe, viu Jesus, correu e adorou, exclamando com alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes! Porque Jesus lhe dissera: Espírito imundo, sai desse homem! (Marcos 5. 6-8)

d) após a morte

Mas Jesus, dando um grande brado, expirou. E o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. O centurião que estava em frente dele, vendo que assim expirara, disse: Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus. (Marcos 15. 37-39)

O narrador delega vozes aos interlocutores *Deus*, *demônios* e *centurião*, gerando efeito de sentido de que a filiação de Jesus era reconhecida não só no plano espiritual, mas também no material. Cabe aqui destacar que o elemento humano é figurativizado por um centurião, oficial romano: estratégia de Marcos para mostrar que até os gentios reconheciam a filiação divina de Jesus.

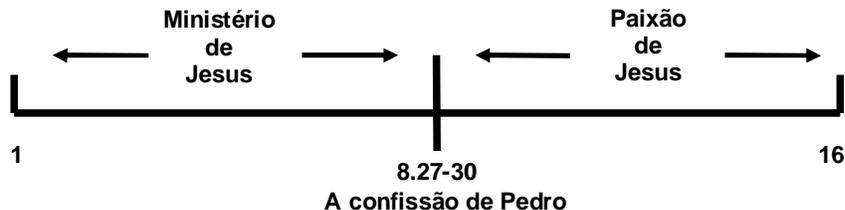
Na Palestina de Jesus, a noite era dividida em três vigílias. Em Marcos, porém, aparece a divisão romana da noite em quatro vigílias, que foi determinada pelo serviço militar de Roma. Tal astúcia visa a uma melhor compreensão por parte dos enunciatários:

E, vendo-os em dificuldade a remar, porque o vento lhes era contrário, por volta da quarta vigília da noite⁶³, veio ter com eles, andando por sobre o mar; e queira tomar-lhes a dianteira. (Marcos 6. 48)

Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo. (Marcos 13. 35-36)

Embora reitere a filiação divina de Jesus, Marcos é, dos quatro evangelistas, o que mais enfatiza a humanidade de Cristo. Metade do evangelho de Marcos se concentra no ministério de Jesus, e metade em seu sofrimento e morte. Na estrada para Cesareia de Filipe, após a sequência em que Pedro confessa que seu mestre é o Cristo, Jesus, de repente, começa a ensinar sobre o seu futuro sofrimento e morte (“Então, começou ele a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse” – Marcos 8. 31). Daí em diante, todos os eventos se orientam para a cruz. Pode-se representar essa estrutura da seguinte maneira:

⁶³ A quarta vigília correspondia ao período das 3h às 6h. (Bíblia Plenitude 2002: 1010)



Esquema 3: Estrutura do evangelho marciano
 Fonte: Blomberg: 2009, 169

Segundo Blomberg (2009: 154), alguns estudiosos apontam que o propósito de Marcos – ao justapor os “sucessos” e os “fracassos” do próprio Cristo – fosse duplo: para os cristãos, apresentar um homem que, embora filho de Deus, passou por toda sorte de sofrimento antes de atingir a glória; para os gentios, descrever Jesus como um homem divino semelhante aos heróis lendários da história greco-romana, divinizados na morte.

Para uma análise da natureza humana a que o Jesus marciano é subordinado, examine-se, como Mateus e Marcos constroem a perícopa *Jesus é rejeitado em Nazaré*:

Mateus 13. 54-58	Marcos 6. 1-6
<p>E, chegando à sua terra, ensinava-os na sinagoga, de tal sorte que se maravilhavam e diziam: Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos? Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isso? E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, disse-lhes: Não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua casa. E não fez ali muitos milagres por causa da incredulidade deles.</p>	<p>Tendo Jesus partido dali, foi para a sua terra, e os seus discípulos o acompanharam. Chegando o sábado, passou a ensinar na sinagoga; e muitos, ouvindo-o, maravilharam-se, dizendo: Donde vêm a este essas coisas? Que sabedoria é essa que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, disse-lhes: Não há profeta sem honra, senão na sua terra, entre os seus parentes e na sua casa. Não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos. Admirou-se da incredulidade deles. Contudo, percorria as aldeias circunvizinhas, a ensinar.</p>

Quadro 21: Construção da perícopa *Jesus é rejeitado em Nazaré* nos evangelhos de Mateus e de Marcos

Percebe-se, nesse quadro comparativo, que apenas Marcos atribui a Jesus a profissão de carpinteiro. Mateus atribui-a a José, pai de Jesus. Além disso, o enunciador do evangelho marcano não hesita em afirmar que Jesus *não pôde fazer ali nenhum milagre*; no texto mateano, abrandando-se esse enunciado: *não fez ali muitos milagres*. Finalmente, a surpresa de Jesus diante da incredulidade de seus contemporâneos (“Admirou-se da incredulidade deles”) coloca em xeque sua onisciência.

A relativização do conhecimento de Jesus é iterativa no evangelho marcano. Quando Cristo desce do monte, após a transfiguração, flagra os escribas discutindo com os discípulos. Então, ele interpela os escribas: “Que é que discutíeis com eles?” (Marcos 9. 16). Um homem apresentou-lhe, então, seu filho, um jovem possesso que os discípulos de Jesus não conseguiram curar. Jesus pergunta ao pai do menino: “Há quanto tempo isto lhe sucede?” (Marcos 9. 21). Jesus manifesta, assim, não saber do que se tratava a discussão com os escribas nem qual era a extensão da doença do menino. Tais perguntas – típicas do texto de Marcos, que não tinha escrúpulos em admitir falta de conhecimento por parte de Jesus – são suprimidas dos evangelhos de Mateus e de Lucas.

Em outra passagem, durante o caminho para Cafarnaum, os discípulos discutiam entre si sobre quem, dentre eles, era o maior. Estando em casa, Jesus pergunta-lhes: “De que discorriéis pelo caminho?” (Marcos 9. 33). Outra vez, modaliza-se Jesus por um *não saber*. Lucas, pelo contrário, ao registrar a mesma perícopa, enfatiza a onisciência de Jesus: “Mas Jesus, sabendo o que se lhes passava no coração...” (Lucas 9. 47).

Além disso, Marcos – para acentuar esse lado humano – frequentemente sensorializa a imagem de Jesus. Os olhares, os gestos e os sentimentos de Cristo recebem maior atenção do que nos demais evangelhos. Observem-se os seguintes fragmentos:

E, **correndo o olhar pelos que estavam assentados ao redor**, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. (Marcos 3. 34)

E, saindo os fariseus, puseram-se a discutir com ele; e, tentando-o, pediram-lhe um sinal do céu. Jesus, porém, **arrancou do íntimo do seu espírito um gemido** e disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se lhe dará sinal algum. (Marcos 8. 11-12)

Então, trouxeram-lhe algumas crianças para que as tocasse, mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, vendo isto, **indignou-se** e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus. (Marcos 10. 13-14)

E disse Jesus ao homem da mão ressequida: Vem para o meio! Então, perguntou-lhes: É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la? Mas eles ficaram em silêncio. Olhando-os ao redor, **indignado e condoído** com a dureza do seu coração, disse ao homem: Estende a mão. Estendeu-a, e a mão foi-lhe restaurada. (Marcos 3. 5)

Trazendo uma criança, colocou-a no meio deles e, **tomando-a nos braços**, disse-lhes: Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou. (Marcos 9. 36-37)

E Jesus, **fitando-o, o amou** e disse: Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me. (Marcos 10. 21)

Embora Mateus também registre essas seis perícopes, e Lucas, as três últimas, apenas Marcos afirma que Jesus *correu o olhar, suspirou, indignou-se, condoeu-se, tomou nos braços, fitou os olhos e amou*.

A humanidade de Cristo atinge seu ápice no versículo 45 de capítulo 10: *Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*.

Apenas Marcos relata uma cura feita por Jesus em duas etapas, produzindo, assim, efeito de sentido de seus poderes serem deficientes. Observe-se:

Então, chegaram a Betsaida; e lhe trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse.

1ª etapa	Jesus, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia e, aplicando-lhe saliva aos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: Vês alguma coisa?
2ª etapa	Este, recobrando a vista, respondeu: Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando. Então, novamente lhe pôs as mãos nos olhos, e ele, passando a ver claramente, ficou restabelecido; e tudo distinguiu de modo perfeito. E mandou-o Jesus embora para casa, recomendando-lhe: Não entres na aldeia. (Marcos 8. 22-26)

Merece atenção aqui a pergunta que Jesus faz ao homem (“Vês alguma coisa?”). Ao fazer tal pergunta, Jesus parece esperar que essa cura tenha sido diferente das outras normalmente instantâneas e completas.

Esse é também o segundo relato que Marcos faz de cura com saliva. Numa perícope anterior, Jesus cura um surdo-gago, pondo-lhe os dedos nos ouvidos e tocando-lhe a língua com saliva (Marcos 7. 32-33). No mundo romano pagão, conhecia-se história semelhante. Bem lembra Vermes (2006b: 36) que “Tácito⁶⁴, na obra *Histórias*, livro IV, capítulo 81, relata que o imperador Vespasiano⁶⁵ havia restaurado a visão de um cego por meio de *oris excremento*, ou seja, por meio de sua saliva”.

Os discípulos do Jesus marcano tratam-no com menos reverência dos que os discípulos do Jesus mateano ou do Jesus lucano. Examine-se um fragmento da perícope *Jesus acalma a tempestade*:

Mateus 8. 24-25	Marcos 4. 37-38	Lucas 8. 23-24
E eis que sobreveio no mar uma grande tempestade, de sorte que o barco era varrido pelas ondas. Entretanto, Jesus dormia. Mas os discípulos vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos! Perecemos!	Ora, levantou-se grande temporal de vento, e as ondas se arremessavam contra o barco, de modo que já estava a encher-se de água. E Jesus estava na popa, dormindo sobre o travesseiro; eles o despertaram e disseram-lhe: Mestre, não te importa que pereçamos?	Enquanto navegavam, ele [Jesus] adormeceu. E sobreveio uma tempestade de vento no lago, correndo eles o perigo de soçobrar. Chegando-se a ele, despertaram-no dizendo: Mestre, mestre, estamos perecendo.

Quadro 22: Construção da perícope *Jesus acalma a tempestade* nos evangelhos sinóticos

⁶⁴ Tácito foi um historiador romano que viveu entre 55 d.C. e 120 d.C.

⁶⁵ Titus Flavius Vespasianus (9 d.C. – 79 d.C.) assumiu o poder romano em 69 d.C.

Na versão de Mateus e de Lucas, o enunciado dos discípulos produz efeito de reverência e de apelo; na de Marcos, há um efeito de censura por Jesus continuar dormindo durante a tempestade.

Essas perícopes marcadas que retratam emoções e ignorância ou que indicam graus variados de imperfeição de Jesus são omitidas ou suavizadas pelos outros evangelistas sinóticos.

Diferentemente de Mateus – que, como foi visto, divide sua narrativa em cinco blocos temáticos – Marcos organiza seu texto de acordo com três pontos geográficos: os acontecimentos na Galileia, os acontecimentos no caminho para a Judeia e os acontecimentos em Jerusalém. Assim, na Galileia, região influenciada pelo paganismo, Jesus anuncia o evangelho e é ouvido; em Jerusalém, ao contrário, é rejeitado.

Em Marcos, mais do que em qualquer outro evangelho, Jesus ordena com frequência que não falem a ninguém sobre a sua identidade. No famoso episódio em que Pedro reconhece que Jesus é o Cristo, Jesus – diferentemente do que Mateus narra – adverte aos discípulos que não digam tal coisa a ninguém:

Então, Jesus e os seus discípulos partiram para as aldeias de Cesareia de Filipe; e, no caminho, perguntou-lhes: Quem dizem os homens que sou eu? E responderam: João Batista; outros: Elias; mas outros: Algum dos profetas. Então, lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo. **Advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito.** (Marcos 8. 27-30)

Jesus – para as pessoas – não parecia ser o Cristo, mas apenas um profeta. Quando Pedro confessa essa messianidade, Jesus confirma seu dizer verdadeiro, advertindo-o de que ele não deveria dizer isso a ninguém. Configura-se, assim, semioticamente, a modalidade veridictória do segredo. Esse segredo messiânico é reiterado em várias outras passagens da narrativa marcana:

E ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades; também expeliu muitos demônios, **não lhes permitindo que falassem**, porque sabiam quem ele era. (Marcos 1. 34)

Aproximou-se dele um leproso, rogando-lhe, de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me. Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo! No mesmo instante, lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo. Fazendo-lhe, então, veemente advertência, logo o despediu e lhe disse: Olha, **não digas nada a ninguém**; mas vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo. (Marcos 1. 40-44)

Também os espíritos imundos, quando o viam, prostravam-se diante dele e exclamavam: Tu és o Filho de Deus! Mas **Jesus lhes advertia severamente que não o expusessem à publicidade**. (Marcos 3. 11-12)

Imediatamente, a menina se levantou e pôs-se a andar; pois tinha doze anos. Então, ficaram todos sobremaneira admirados. Mas Jesus **ordenou-lhes expressamente que ninguém o soubesse**; e mandou que dessem de comer à menina. (Marcos 5. 42-43)

Ao descerem do monte [onde ocorrera a transfiguração], **ordenou-lhes Jesus** que não divulgassem as coisas que tinham visto até o dia em que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos. (Marcos 9.9)

Segundo Hörster (1996: 26),

Confessar precocemente que era o Messias teria causado o fim imediato de seu ministério. Os romanos tinham ojeriza por esse tipo de comportamento. Mesmo que, em geral, fossem tão tolerantes em questões religiosas, não toleravam a reivindicação do poder por alguém outro que o imperador. Um “rei dos judeus” não iria muito longe.

Na verdade, o evangelista queria que seus leitores entendessem que Jesus não era nenhum libertador político. Se o objetivo de Marcos era direcionar seu evangelho a Roma, tal estratégia visava a evitar conflitos com o poder que se queria conquistar.

O tema do segredo aparece em outras ocasiões: além do segredo messiânico, reiteram-se no evangelho marcano as retiradas de Jesus da presença do público a fim de se esconder.

[Os discípulos] tendo-o encontrado, **disseram-lhe: Todos te buscam. Jesus**, porém, **lhes disse: Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas**, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim. (Marcos 1. 37-38)

Levantando-se, partiu dali para as terras de Tiro. **Tendo entrado numa casa, queria que ninguém o soubesse**; no entanto, não pôde ocultar-se [...] (Marcos 7. 24)

E, tendo partido dali, **passavam pela Galileia, e não queria que ninguém o soubesse** [...] (Marcos 9. 30)

Marcos enfatiza também os constantes fracassos e mal-entendidos dos discípulos de Jesus. Nas versões de Mateus, de Lucas ou de João, alguns desses comentários são omitidos ou atenuados. Observe-se:

Mateus 13. 18	Marcos 4. 13-15	Lucas 8. 11-12
Atendei vós, pois, à parábola do sementeiro. A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebatou o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho.	Então, perguntou-lhes: Não entendeis esta parábola e como compreendereis todas as parábolas? O sementeiro semeia a palavra. São estes os da beira do caminho, onde a palavra é semeada; e, enquanto a ouvem, logo vem Satanás e tira a palavra semeada neles.	Este é o sentido da parábola: a semente é a palavra de Deus. A que caiu à beira do caminho são os que ouviram; vem, a seguir, o diabo e arrebatou-lhes do coração, para não suceder que, crendo, sejam salvos.

Quadro 23: Fragmento de *A parábola do sementeiro* nos evangelhos sinóticos

Mateus 14. 32-33	Marcos 6. 51-52	João 6. 16-21
Subindo ambos para o barco, cessou o vento. E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente, és Filho de Deus!	E subiu para o barco para estar com eles, e o vento cessou. Ficaram entre si atônitos , porque não haviam compreendido o milagre dos pães; antes, o seu coração estava endurecido .	Então, eles, de bom grado, o receberam, e logo o barco chegou ao seu destino.

Quadro 24: Fragmento da perícopa *Jesus anda sobre o mar* em Mateus, Marcos e João

Mateus 20. 17-18	Marcos 10. 32	Lucas 18. 31-32
<p>Estando Jesus para subir a Jerusalém, chamou à parte os doze e, em caminho, lhes disse: Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes. Eles o condenarão à morte.</p>	<p>Estavam de caminho, subindo para Jerusalém, e Jesus ia adiante dos seus discípulos. Estes se admiravam e o seguiam tomados de apreensões. E Jesus, tornando a levar à parte os doze, passou a revelar-lhes as coisas que lhe deviam sobrevir, dizendo: Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas; condená-lo-ão à morte e o entregarão aos gentios.</p>	<p>Tomando consigo os doze, disse-lhes Jesus: Eis que subimos para Jerusalém, e vai cumprir-se ali tudo quanto está escrito por intermédio dos profetas, no tocante ao Filho do Homem; pois será entregue aos gentios, escarneado, ultrajado e cuspidado; e, depois de o açoitarem, tirar-lhe-ão a vida.</p>

Quadro 25: Fragmento da perícopre *Jesus prediz sua morte* nos evangelhos sinóticos

Mateus 20. 20-23	Marcos 10. 35-45
<p>Então, chegou-se a ele [Jesus] a mulher de Zebedeu, com seus filhos, e, adorando-o, pediu-lhe um favor. Perguntou-lhe ele: Que queres? Ela respondeu: Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda. Mas Jesus respondeu: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que estou para beber? Responderam-lhe: Podemos. Então, disse-lhes: Bebereis o meu cálice; mas o assentar-se à minha direita e à minha esquerda não me compete concedê-lo; é, porém, para aqueles a quem está preparado por meu Pai.</p>	<p>Então, aproximaram-se dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos conceda o que te vamos pedir. E ele lhes perguntou: Que quereis que vos faça? Responderam-lhe: Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda. Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado? Disseram-lhe: Podemos. Tornou-lhes Jesus: Bebereis o cálice que eu bebo e recebereis o batismo com que eu sou batizado; quanto, porém, ao assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo; porque é para aqueles a quem está preparado.</p>

Quadro 26: Fragmento da perícopre *O pedido [da mãe] de Tiago e João* em Mateus e em Marcos

Os discípulos não compreendem as parábolas de Jesus, possuem o coração endurecido, têm pouca fé, apavoram-se diante de milagres e manifestam ambição. O modo depreciativo com que o enunciador retrata os discípulos é uma estratégia a fim de enfatizar o lado humano dos seguidores de Cristo, suscetíveis às falhas, ao medo e à falta de compreensão.

O enunciador – destinando o evangelho a enunciatários não judeus – preocupa-se em explicar algumas expressões aramaicas usadas por Jesus que foram preservadas na transliteração grega. Vale-se, para isso, da função metalinguística, e – por meio da glosa *que quer dizer* ou *isto é* – esclarece o sentido delas:

a) “Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de **Boanerges**, que quer dizer **filhos do trovão**” (Marcos 3. 17);

b) “Tomando-a pela mão, disse: “**Talitá cumi!**, que quer dizer: **Menina, eu te mando, levanta-te**” (Marcos 5. 41);

c) “Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é **Corbã**⁶⁶, isto é, **oferta para o Senhor**, então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe” (Marcos 7. 11);

d) “Jesus, tirando-o da multidão, à parte, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e lhe tocou a língua com saliva; depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: **Efatá**, que quer dizer: **Abre-te!**” (Marcos 7. 31-34);

e) “E levaram Jesus para o **Gólgota**, que quer dizer **Lugar da Caveira**” (Marcos 15. 22);

⁶⁶ A lei de Moisés exigia que os filhos cuidassem de seus pais idosos. Se um homem, porém, quisesse isentar-se de tal responsabilidade, ele poderia declarar sua propriedade Corbã, ou seja, ofertada a Deus. Assim, mais ninguém poderia compartilhar sua possessão, embora ele mesmo pudesse continuar a desfrutar de seus benefícios durante toda a vida. (Bíblia Plenitude: 2002: 1010)

f) “À hora nona, clamou Jesus em alta voz: **Eloí, Eloí, lamá sabactâni?**, que quer dizer: **Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?**” (Marcos 15. 34)

Outras vezes, o evangelista simplesmente coloca o termo aramaico seguido do equivalente grego. Observem-se os seguintes casos:

a) E dizia: **Aba, Pai**, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres. (Marcos 14. 36)

b) E foram para Jericó. Quando ele saía de Jericó, juntamente com os discípulos e numerosa multidão, **Bartimeu**, cego mendigo, filho de **Timeu**, estava assentado à beira do caminho. (Marcos 10. 46)

No primeiro caso, é evidente que se trata de interpretação do evangelista, pois a palavra *aba* – registrada apenas por Marcos – significa *pai* na língua aramaica. No segundo caso, procede-se da mesma maneira. A palavra *bar*, em aramaico, significa *filho*. Ao registrar *Bartimeu, filho de Timeu*, o evangelista está tão somente indicando o significado do nome do cego.

Dos quatro Jesus construídos pelos evangelistas canônicos, o Jesus marcano – embora tenha sido o mais suscetível às limitações humanas enquanto estava na terra – é o único a ser entronizado à destra de Deus:

De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, **foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus**. (Marcos 16. 19)

Manifesta-se, assim, no nível das estruturas fundamentais do texto marcano, a oposição semântica /humanidade/ *versus* /divindade/, disfórica e eufórica, respectivamente:

humanidade (disforia) → não humanidade (não disforia) → divindade (euforia)

Dessa forma, o evangelho marcano mostra claramente, no decorrer do próprio texto, que Jesus deve a elevação de *status* do plano humano para o plano divino unicamente ao mundo espiritual. Primeiramente, João Batista anuncia alguém mais forte do que ele (“Após mim, vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias” – Marcos 1. 7). A voz celeste, durante o batismo, excede a profecia do Batista: Jesus não é apenas o mais forte, mas sim o Filho de Deus (“Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu filho amado, em ti me comprazo” – Marcos 1.11). Da mesma forma, antes da transfiguração, Pedro confessa a dignidade de Jesus como Messias (“Tu és o Cristo” – Marcos 8. 29). No entanto, sua confissão é também sobrepujada pelo título Filho de Deus proferido pela voz celeste sobre a montanha (“Este é o meu Filho amado; a ele ouvi” – Marcos 9. 7). O centurião, sob a cruz, é a primeira criatura humana a confessar Jesus como Filho de Deus. Entretanto, até mesmo essa confissão é provisória, pois ele diz apenas “Verdadeiramente, este homem **era** o Filho de Deus” (Marcos 15. 39). Assim, o anúncio do anjo a algumas mulheres junto ao túmulo corrige também essa confissão (“Não vos atemorizeis; buscai a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui” – Marcos 16. 6). Assim, Jesus **não era**, mas **continua sendo** o Filho de Deus.

Encerra-se o estudo das estratégias discursivas empregadas no evangelho marcano, apresentando-se alguns traços do enunciador e do enunciatário.

Depreende-se do texto marcano que o enunciador é um bom contador de história, pois – embora seu grego seja sofrível – ele apresenta grande habilidade para imprimir no enredo efeitos de sentido de aceleração narrativa, graças a várias estratégias, como poucas delegações de voz aos interlocutores, emprego abusivo da palavra *imediatamente* – que dá ao enredo um tom de compasso e de movimento – e intercalação de esquemas narrativos, o que leva o enunciatário a *querer saber* como desfecha a história interrompida. Assim, o enunciador marcano está mais preocupado em dizer o que *Jesus fez* do que dizer o que Jesus falou. Marcos mostra pouca familiaridade com a geografia e com a história Israel, pois comete deslizos ao reportar-se ao Antigo Testamento, além de fazer menções geográficas equivocadas.

Se o enunciador de Mateus firma seu contrato fiduciário com os enunciatários no cumprimento das profecias do Antigo Testamento, o enunciador marcano firma seu contrato na palavra *evangelho*. À maneira dos romanos, que consideravam *evangelho* o nascimento de um imperador, Marcos propõe-se a anunciar o *evangelho do Filho de Deus*. Manifesta-se, assim, um forte interesse de evangelização por parte do enunciador. Para isso, emprega a estratégia de construir um Jesus com características acentuadamente humanas. Assim, ele destaca não só a vulnerabilidade a que o Jesus humano estava sujeito – falhas ao realizar milagres, irritabilidade, desejo de ficar só etc – mas também a dos seus discípulos, apontando inclusive as fraquezas e as imperfeições de todos eles.

Marcos cita muito pouco o Antigo Testamento. Faz questão de explicar as palavras aramaicas que emprega e os exíguos costumes judaicos que relata. Além disso, não menciona uma vez sequer a palavra *Lei*, tão cara ao povo judeu. Depreende-se daí que os enunciatários não eram judeus. O emprego de termos latinos que permeiam seu texto grego deixa também transparecer que os destinatários tinham conhecimento de latim. A isotopia de sofrimento que percorre o *evangelho marcano* e a reiterada delegação de voz a Jesus sobre a necessidade de seus seguidores sofrerem permitem depreender que os destinatários provavelmente fizessem parte do grupo de cristãos que estavam sofrendo as perseguições religiosas do Império Romano. Assim, os conflitos experimentados por Jesus e por seus discípulos são compartilhados pelos enunciatários. Há, dessa forma, grande probabilidade de a tradição da igreja primitiva estar certa de identificar os romanos como os enunciatários do *evangelho de Marcos*.

1.3 O evangelho de Lucas

Os pais da Igreja primitiva testemunham unanimemente que o autor do terceiro evangelho é Lucas, o discípulo gentio do apóstolo Paulo, a quem ele chama de “o médico amado” em sua carta aos Colossenses:

Saúda-vos **Lucas, o médico amado**, e também Demas. Saudai os irmãos de Laodiceia, e Ninfa, e à igreja que ela hospeda em sua casa. E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodiceia, lede-a igualmente perante vós. Também dizei a Arquipo: atenta para o ministério que recebeste no Senhor, para o cumprires. A saudação é de próprio punho: Paulo. Lembrai-vos das minhas algemas. A graça seja convosco. (Colossenses 4. 12-18)

Tanto o estilo quanto a linguagem oferecem evidências convincentes de que a mesma pessoa escreveu o terceiro evangelho e o livro dos *Atos dos Apóstolos*. Além disso, no livro de *Atos*, o autor não só faz uma dedicação à mesma pessoa – Teófilo – mas também menciona que escreveu um primeiro livro:

Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas. (Atos 1. 1-2)

Dessa forma, é no livro de *Atos* que vão ser encontradas pistas que indicam a autoria de Lucas: são as chamadas “passagens em nós”, que correspondem a quatro seções em que o autor usa a primeira pessoa do plural para descrever eventos durante o ministério de Paulo. A título de exemplo, observe-se uma delas:

À noite, sobreveio a Paulo uma visão na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos. Assim que teve a visão, imediatamente, **procuramos** partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho. Tendo, pois, navegado de Trôade, **seguimos** em direção a Samotrácia; no dia seguinte, a Neápolis e, dali, a Filipos, cidade da Macedônia, primeira do distrito e colônia. Nesta cidade, **permanecemos** alguns dias. No sábado, **saímos** da cidade para junto do rio, onde **nos** pareceu haver um lugar de oração; e,

assentando-**nos**, **falamos** às mulheres que para ali tinham concorrido. Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, **nos** escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia. Depois de ser batizada, ela e toda a sua casa, **nos** rogou, dizendo: Se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai. E **nos** constrangeu a isso. Aconteceu que, indo **nós** para o lugar de oração, **nos** saiu ao encontro uma jovem possesa de espírito adivinhador, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores. Seguindo a Paulo e a nós, clamava, dizendo: Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação. Isso se repetia por muitos dias. Então, Paulo, já indignado, voltando-se, disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, eu te mando: retira-te dela. E ele, na mesma hora, saiu. (Atos 16. 9-18)

Pelas cartas de Paulo, conhecem-se os principais colaboradores que o acompanharam em várias viagens missionárias:

Saúdam-te Epafras, prisioneiro comigo, em Cristo Jesus, Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus cooperadores. (Carta de Paulo a Filemon, 24)

Saúda-vos Lucas, o médico amado, e também Demas. (Carta de Paulo aos colossenses 4. 14)

Somente Lucas está comigo. Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério. (2ª carta de Paulo a Timóteo 4. 11)

Lucas e Demas são os únicos não mencionados em *Atos*; Demas, porém, abandonou Paulo (“Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para Tessalônica” – 2 Timóteo 4. 10). A partir disso, os analistas veem probabilidade de ser o próprio Lucas o autor das narrativas.

Estudiosos do texto bíblico creem que o evangelho lucano tenha sido escrito após a destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 d.C. Apoiam-se nisso pelo fato de o discurso escatológico proferido pelo Jesus lucano apresentar o seguinte acréscimo em relação aos proferidos pelo Jesus mateano e pelo Jesus marcano:

Quando, porém, virdes **Jerusalém sitiada de exércitos**, sabeis que está próxima a sua devastação. Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade,

retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela. Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque **haverá grande aflição na terra e ira contra este povo. Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações**; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles. (Lucas 21. 20-24)

Assim, as referências claras ao cerco, à conquista e à destruição da cidade como também ao extermínio de muitos moradores levam alguns biblicistas a considerar o texto *vaticinia ex eventu* (profecia após o evento). Dessa forma, ao serem delegadas tais palavras ao interlocutor Jesus, cria-se um efeito de sentido de profecia genuína e exata, uma vez que os enunciatórios podem comprovar seu cumprimento. Essa estratégia é reforçada exclusivamente por Lucas em dois outros momentos:

a) quando Jesus avista a cidade de Jerusalém

Quando [Jesus] ia chegando, vendo a cidade [de Jerusalém], chorou e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os **teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco**; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste a oportunidade da tua visitação. (Lucas 19. 41-44)

b) quando Jesus está rumo ao Calvário

Seguia-o numerosa multidão de povo, e também mulheres que batiam no peito e o lamentavam. Porém, Jesus, voltando-se para elas, disse: **Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos!** Porque dias virão em que se dirá: Bem-aventuradas as estéreis, que não geraram, nem amamentaram. Nesses dias, dirão aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos! (Lucas 23. 27-30)

Há grandes evidências de que os enunciatórios de Lucas sejam os gregos. Assim, sabendo que esse povo tinha um viés científico, desejoso de conhecer nomes e datas, o evangelista vai usar estratégias discursivas para *fazer-crer* que sua narrativa é real.

Dos quatro evangelistas canônicos, Lucas é o único que escreve um prefácio, assumindo nele posição de historiador. Ao contrário de Marcos, Lucas não dá ao seu livro o nome de evangelho, mas de narração⁶⁷. Procura, assim, logo no início do texto, levar o narratário a crer que seu discurso é real, e não fictício:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, *conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles **testemunhas oculares*** e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, *depois de **acurada investigação*** de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, *excelentíssimo Teófilo, uma **exposição em ordem***, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído. (Lucas 1: 1-4, grifo nosso)

Para realizar esse fazer persuasivo⁶⁸, o evangelista vale-se de algumas estratégias discursivas que produzem efeitos de sentido de historicidade. A primeira delas diz respeito ao estilo. O prefácio lucano, escrito em esmerado grego clássico, é, segundo Blomberg (2009: 266), uma estilização⁶⁹ dos prefácios de alguns historiadores e biógrafos da Antiguidade. Trata-se – no dizer de Authier-Revuz – de uma heterogeneidade enunciativa mostrada e não marcada, pois sua identificação, nesse caso específico, só é possível graças ao saber enciclopédico⁷⁰ do leitor. Observe-se como o prefácio de Lucas dialoga estruturalmente com o do historiador grego Tucídides (460 a.C. – 396 a.C.) em sua obra *História da Guerra do Peloponeso*⁷¹:

[...] Quanto aos fatos da guerra, considere meu dever relató-los, não como apurados através de algum informante casual nem como me parecida provável, mas somente ***após investigar cada detalhe com o maior rigor possível***, seja no caso de eventos dos quais eu mesmo participei, seja naqueles a respeito dos quais obtive informações de terceiros. O ***empenho em apurar os fatos*** se constitui numa tarefa laboriosa, pois as ***testemunhas oculares*** de

⁶⁷ Conforme o costume da historiografia helenística, Lucas não se satisfaz apenas em narrar a história de Jesus como fatos isolados, mas sim como história interpretada (Grüm: 2004, 12).

⁶⁸ O fazer persuasivo procura *fazer-crer* por meio do *fazer-parecer-verdadeiro*. Não se trata de produzir, de criar verdades, mas sim *efeitos de verdade* (Barros: 2001, 56).

⁶⁹ Segundo Fiorin (2003: 31), estilização – um dos processos de intertextualidade – é a reprodução do conjunto dos procedimentos do “discurso de outrem”, isto é, do estilo de outrem.

⁷⁰ Maingueneau (2001: 42), chama de *saber enciclopédico* o conjunto virtual de conhecimentos, que varia evidentemente em função da sociedade em que se vive e da experiência de cada um.

⁷¹ A Guerra do Peloponeso foi um conflito militar entre as cidades-estado de Atenas e de Esparta. Ocorreu entre os anos de 431 e 404 a.C.

vários eventos nem sempre faziam os mesmos relatos a respeito das mesmas coisas, mas variavam de acordo com suas simpatias por um lado ou pelo outro, ou de acordo com sua memória.[...] (Tucídides: 2001, 14-15, grifo nosso).

A segunda estratégia é a figurativização⁷² do narratário, já que internamente a narrativa é endereçada a um certo Teófilo⁷³. Tal prática, comum entre escritores e historiadores, foi também adotada pelo historiador judeu Flávio Josefo:

Em minha história de nossas Antiguidades, **ó excelentíssimo Epafrodito**, penso que deixei bem clara a extrema antiguidade de nossa raça judaica. Porém, desde que tenho observado que um número considerável de pessoas desacredita as declarações de minha história, considero ser de minha obrigação dedicar um breve tratado a todos esses pontos para instruir a todos os que desejam saber a verdade a respeito de nossa raça. Por testemunhas de minhas declarações, proponho que se chamem os escritores que, segundo a avaliação dos gregos, constituem as autoridades dignas da maior confiança e respeito da antiguidade como um todo⁷⁴ (apud EVANS: 1996, 32).

Esse artifício procura estabelecer um efeito de autenticidade da mensagem, uma vez que se especifica o destinatário a quem ela é encaminhada.

Finalmente, o evangelista fundamenta a fidedignidade de seu relato em três pontos:

- a) informações colhidas de testemunhas oculares (“...conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares...”);
- b) pesquisa meticulosa (“... depois de acurada investigação...”);
- c) cronologia (“...exposição em ordem⁷⁵...”).

⁷² Figurativização é o procedimento semântico pelo qual conteúdos mais “concretos” (que remetem ao mundo natural) recobrem os percursos temáticos abstratos (BARROS: 2002, 86).

⁷³ A identidade de Teófilo é desconhecida, embora a saudação indique que se tratava de uma pessoa importante. Esse nome significa “o amigo Deus”; alguns teólogos defendem que Teófilo seja a figurativização de todas as pessoas devotas e tementes a Deus (STOTT, 1996: 47).

⁷⁴ Esse trecho pertence ao prefácio da obra *Contra Ápio*, em que Josefo – dirigindo-se aos gentios – demonstra a antiguidade e a tradição bíblica para defender os valores do judaísmo.

⁷⁵ Alguns estudiosos do texto bíblico defendem que a *ordem* (tradução do termo grego *kathexses*) a que Lucas se refere é a temática, e não a cronológica.

Embora haja uma brusca mudança de estilo após o prólogo solene – do grego clássico, ele passa para o grego *koinē*⁷⁶ – não há, no evangelho lucano, uma única palavra proveniente do hebraico (nem mesmo o comuníssimo *rabi*, que aparece nos demais evangelhos). Lucas inclui, nos três primeiros capítulos, pessoas e acontecimentos seculares com o objetivo de enquadrar o discurso na história do Império Romano. Dessa forma, o evangelista registra que João Batista fora concebido nos dias de Herodes⁷⁷, rei da Judeia (Lucas 1:5). Fala o autor de um recenseamento decretado por César Augusto⁷⁸ (Lucas 2: 1), quando Quirino⁷⁹ era governador da Síria (Lucas 2: 2). Informa também, nos versículos 1 e 2 do capítulo 3, que a pregação de João Batista se iniciara no décimo quinto ano do reinado de Tibério César⁸⁰, quando Pôncio Pilatos⁸¹ era governador da Judeia, Herodes, Filipe e Lisânias eram tetrarcas de áreas circunvizinhas, e Anás e Caifás eram sumos sacerdotes.

Assim, os elementos *César Augusto, décimo quinto ano do reinado de Tibério César, Pôncio Pilatos, Judeia* etc ancoram o texto na História e criam a ilusão de referente e, a partir daí, de fato histórico.

Deve-se aqui entender o termo histórico não necessariamente como uma realidade dos fatos, mas como efeito de sentido de realidade produzido por uma ancoragem actancial, espacial e temporal, ou seja, ata-se o discurso a pessoas, a espaços e a datas que o receptor reconhece como reais ou existentes; assim, por meio de uma concretização semântica, os atores, os espaços e o tempo das narrativas

⁷⁶ O grego dos tempos do Novo Testamento ficou conhecido como *koinē* (termo grego para “comum”) e refletia o que os romanos chamavam de *língua franca* (forma latina para “língua comum”). Essa língua, mais simples do que o grego clássico e mais flexível na absorção de elementos novos, tornou-se instrumento indispensável para a comunicação dos povos tão diferenciados que constituíam as monarquias helenísticas. Lucas, porém, maneja o *koinē* com elegância. (Blomberg: 2009, 25)

⁷⁷ Herodes reinou de 37 a 4 a.C.

⁷⁸ César Augusto foi imperador de 30 a.C. a 14 d.C.

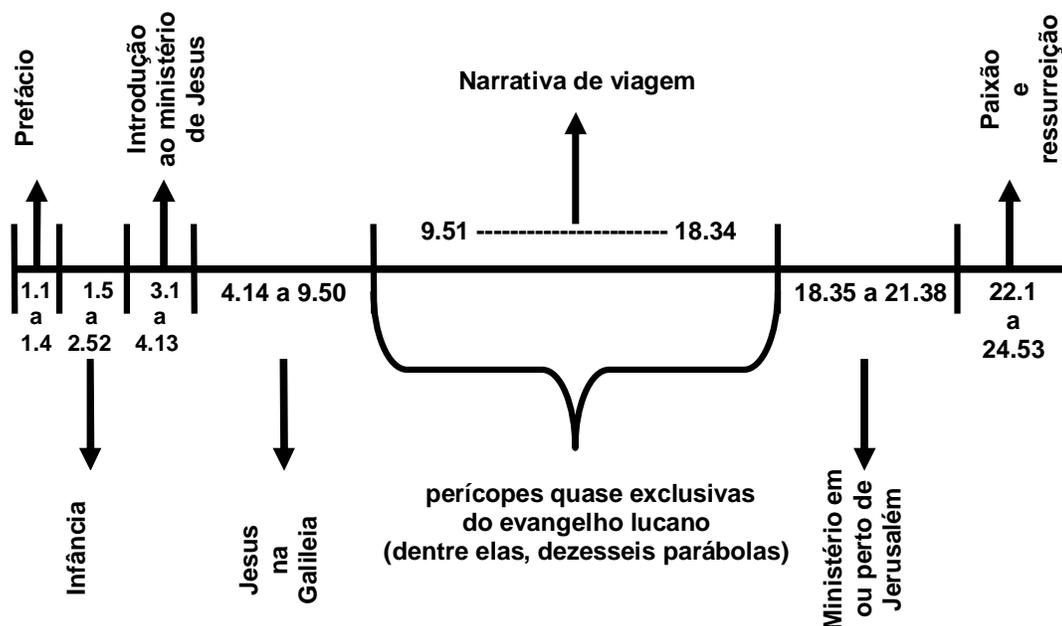
⁷⁹ Públio Sulpício Quirino foi governador da Síria de 10 a 7 a.C.; exerceu um segundo mandato de 6 a 9 d.C.

⁸⁰ Tibério César foi imperador de 14 d.C. a 37 d.C.

⁸¹ Pôncio Pilatos foi governador de 26 a 36 d.C.

evangélicas são preenchidos com traços sensoriais que os iconizam⁸², tornando-os cópias da realidade⁸³.

Ao afirmar que fará uma exposição em ordem sobre os fatos que giram em torno da figura de Cristo, Lucas está, na verdade, referindo-se à progressão de como ele constrói a vida de Jesus de seu nascimento a sua ressurreição. Tal afirmação, entretanto, produz efeito de que a história se desenrolou exatamente dessa forma. Pode-se representar a estrutura do evangelho lucano da seguinte maneira:



Esquema 4: Estrutura do evangelho lucano

⁸² Iconização é o investimento figurativo exaustivo da última fase do procedimento de figurativização, com o objetivo de produzir ilusão referencial ou de realidade (BARROS, 2002: 87).

⁸³ As raras descobertas arqueológicas que iluminaram o período histórico de Jesus na Palestina contribuíram para fortalecer a tênue linha que amarra os evangelhos à História. Em 1961, por exemplo, foi encontrada, no teatro romano de Cesareia, uma laje de 60cm por 91cm com a inscrição do nome de Pilatos: *Pôncio Pilatos, prefeito da Judeia, construiu este edifício em honra ao imperador Tibério*. Até autenticar-se esse fragmento de pedra, o nome do governador romano existia unicamente na literatura. Em novembro de 1990, arqueólogos acharam, no bairro judeu da cidade velha de Jerusalém, um osuário em que se lia a inscrição *Yahusef bar Qafa* (José, filho de Caifás). É a primeira evidência arqueológica a respeito do sumo sacerdote Caifás, que, segundo os evangelhos, presidiu o julgamento de Jesus no sinédrio judeu.

Mateus e Lucas são os únicos evangelistas canônicos que registram os eventos que cercaram o nascimento de Jesus. O famoso cenário de Natal – constituído por manjedoura, estrela-guia, anjo, magos e pastores – é, na verdade, produto desses dois evangelhos. Observem-se as informações específicas de cada um deles:

Mateus	Lucas
Jesus nasce em Belém da Judeia.	Jesus nasce em Belém da Judeia.
Uma estrela indica aos magos onde está o menino Jesus.	Um anjo indica aos pastores onde está o menino Jesus.
Magos do Oriente visitam o menino Jesus, na casa dele , presenteando-o com incenso, ouro e mirra .	Pastores do campo visitam o menino Jesus, que está deitado em uma manjedoura .

Quadro 27: Figurativização do primeiro Natal nos evangelhos mateano e lucano

Cabe aqui examinar os efeitos de sentido que eles quiseram produzir em seus textos. Como já se viu, Mateus estrutura a narrativa da infância em torno das profecias do Antigo Testamento, enfatizando que Jesus é o Messias tão esperado por Israel, o legítimo rei e governante. Assim, as figuras empregadas no evangelho mateano recobrem o percurso temático da realeza. O rei Jesus nasce em *Belém*, cidade em que nasceu o rei Davi, e é visitado por *magos*, ilustres pessoas vindas do Oriente, que lhe trazem requintados presentes, como *incenso, ouro e mirra*. Além disso, como toque de majestade, há uma *estrela* brilhando sobre o local em que ele está.

Lucas, por sua vez, emprega figuras que recobrem a temática da pobreza, já sinalizando que o Jesus lucano veio para os pobres e para os marginalizados da sociedade: nasce em uma *manjedoura*, cocho de alimentos para distribuição de animais, e é visitado por *pastores*, que, segundo Blomberg (2009: 271), era uma classe desprezada pelo estilo de vida nômade e pela reputação de ladrões.



Ilustração 5: Visita dos magos a Jesus



Ilustração 6: Visita dos pastores a Jesus

Outros registros exclusivos de cada um dos evangelistas – ao serem comparados – apresentam uma certa contradição no chamado evangelho da infância:

Mateus	Lucas
<p>Um anjo aparece em sonho a José, avisando-lhe que Maria estava grávida por obra do Espírito Santo.</p>	<p>Um anjo aparece a Maria, avisando-lhe que ficaria grávida por obra do Espírito Santo.</p>
<p>José, Maria e Jesus fogem para o Egito.</p>	<p>José, Maria e Jesus permanecem em Israel.</p>
<p>Herodes manda matar todas as crianças de Belém e dos arredores de dois anos para baixo.</p>	<p>Depois de oito dias do nascimento, Jesus é circuncidado. Ao completar quarenta dias de vida, o menino Jesus é levado a Jerusalém para ser apresentado no Templo.</p>
<p>José, Maria e Jesus voltam a Israel, instalando-se na cidade de Nazaré.</p>	<p>Cumpridas todas as ordenanças religiosas, José, Maria e Jesus voltam para a Galileia, para sua cidade de Nazaré.</p>

Quadro 28: Evangelho da infância construído por Mateus e por Lucas

O enunciador do evangelho lucano é o único a realçar as semelhanças entre João Batista e Jesus: primeiramente, o nascimento de João é predito, depois, o de Jesus; Isabel – a mãe de João – e Maria – a mãe de Jesus – encontram-se; finalmente, narram-se o nascimento e o crescimento de João, depois, o nascimento e o crescimento de Jesus. Observem-se os seguintes quadros comparativos:

Predição do nascimento de João Batista	Predição do nascimento de Jesus
<p>Ora, aconteceu que, exercendo Zacarias diante de Deus o sacerdócio na ordem do seu turno, coube-lhe, por sorte, segundo o costume sacerdotal, entrar no santuário do Senhor para queimar o incenso; e, durante esse tempo, toda a multidão do povo permanecia da parte de fora, orando. E eis que apareceu um anjo do Senhor, em pé, à direita do altar do incenso. Vendo-o, Zacarias turbou-se, e apoderou-se dele o temor. Disse-lhe, porém, o anjo: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida; e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, a quem darás o nome de João. Em ti haverá prazer e alegria, e muitos se regozijarão com o seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho nem bebida forte e será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado. Então, perguntou Zacarias ao anjo: Como saberei isto? Pois eu sou velho, e minha mulher, avançada em dias. Respondeu-lhe o anjo: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para falar-te e trazer-te estas boas-novas. Todavia, ficarás mudo e não poderás falar até o dia em que essas coisas venham a realizar; porquanto não acreditastes nas minhas palavras, as quais, a seu tempo, se cumprirão. (Lucas 1. 8-20)</p>	<p>Foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria. E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo. Ela, porém, ao ouvir essa palavra, perturbou-se muito e pôs-se a pensar no que significaria essa saudação. Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. Esse será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim. Então, disse Maria ao anjo: Como será isso, pois não tenho relação com homem algum? Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus. E Isabel, tua parenta, igualmente concebeu um filho na sua velhice, sendo este já o sexto mês para aquela que diziam ser estéril. Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas. Então, disse Maria: Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra. E o anjo se ausentou dela. (Lucas 26-35)</p>

Quadro 29: Predição do nascimento de João Batista e predição do nascimento de Jesus

Maria e Isabel encontram-se
<p>Naqueles dias, dispondo-se Maria, foi apressadamente à região montanhosa, a uma cidade de Judá, entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. Ouvindo esta a saudação de Maria, a criança estremeceu-lhe no ventre; então, Isabel ficou possuída do Espírito Santo. Exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre! E de onde me provém que venha visitar a mãe do meu Senhor? Pois, logo que me chegou aos ouvidos a voz da tua saudação, a criança estremeceu de alegria dentro de mim. Bem-aventurada a que creu, porque serão cumpridas as palavras que lhe foram ditas por parte do senhor. (Lucas 2. 39-45)</p>

Quadro 30: Encontro de Maria e Isabel

O nascimento de João Batista	O nascimento de Jesus Cristo
<p>A Isabel cumpriu-se o tempo de dar à luz, e teve um filho. Ouviram os seus vizinhos e os seus parentes que o Senhor usara de grande misericórdia para com ela e participaram de seu regozijo. Sucedeu que, no oitavo dia, foram circuncidar o menino e queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias. De modo nenhum! Respondeu sua mãe. Pelo contrário, ele deve ser chamado João. (Lucas 1. 57-60)</p>	<p>José também subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, para a Judeia, à cidade de Davi, a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhe os dias, e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria. [...] Completados oito dias para ser circuncidado o menino, deram-lhe o nome de Jesus, como lhe chamara o anjo, antes de ser concebido. (Lucas 2. 4-7; 21)</p>

Quadro 31: O nascimento de João Batista e o nascimento de Jesus Cristo no evangelho lucano

O crescimento de João Batista	O crescimento de Jesus
<p>O menino crescia e se fortalecia em espírito. E viveu nos desertos até o dia em que havia de manifestar-se a Israel (Lucas 1. 80)</p>	<p>E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens. (Lucas 2. 52)</p>

Quadro 32: O crescimento de João Batista e o crescimento de Jesus

Nos dois anúncios do nascimento relatados por Lucas, observa-se a oposição semântica /dúvida/ *versus* /fé/. Zacarias, sendo sacerdote do Templo, reage com dúvida ao anúncio do anjo. Maria, uma jovem simples de Nazaré, deixa-se convencer pelo anjo (“Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme tua palavra”). A crença de Maria é reiterada, quando Isabel, sua parente, lhe diz: “Bem-aventurada a que creu, porque serão cumpridas as palavras que lhe foram ditas por parte do senhor”.

Lucas insere em seu evangelho uma perícopie de transição entre o evangelho da infância e o evangelho da vida adulta de Jesus: *O menino Jesus no meio dos doutores*.

Ora, anualmente iam seus pais a Jerusalém, para a Festa da Páscoa. Quando ele atingiu os doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume da festa. Terminados os dias da festa, ao regressarem, permaneceu o menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o soubessem. Pensando, porém, estar ele entre os companheiros de viagem, foram caminho de um dia e, então, passaram a procurá-lo entre os parentes e os conhecidos; e, não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém à sua procura. Três dias depois, acharam-no no Templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas. Logo que seus pais o viram, ficaram maravilhados; e sua mãe lhe disse: Filho, por que fizeste assim conosco? Teu pai e eu, aflitos, estamos à tua procura. Ele lhes respondeu: Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai? Não compreenderam, porém, as palavras que lhes dissera. E desceu com eles para Nazaré; e era-lhes submisso. Sua mãe, porém, guardava todas essas coisas no coração. (Lucas 2. 41-51)

Lucas instala aqui o primeiro conflito familiar de Jesus com seus pais. À censura de Maria – “Filho, por que fizeste assim conosco? Teu pai e eu, aflitos, estamos a tua procura” - Jesus responde: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?” Esse episódio é um prenúncio para um dos enunciados mais polêmicos do Jesus lucano: “Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14. 26). A versão da *Bíblia de Jerusalém* (1980: 1364) – cuja tradução é feita a partir do texto original grego – traz o verbo odiar em vez de

aborrecer: “Se alguém vem a mim e não odeia pai e mãe, mulher, filhos, irmãos e irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo”.

Entre as perícopes do batismo e das tentações, Lucas insere a genealogia de Jesus, porém diferente da registrada por Mateus⁸⁴. Enquanto o evangelho mateano apresenta uma linha genealógica descendente – de Abraão a Jesus – o evangelho lucano apresenta uma linha genealógica ascendente, de Jesus a Adão. Observe-se:

Ora, tinha **Jesus** cerca de trinta anos ao começar o seu ministério. Era, como se cuidava, filho de José, filho de Eli; Eli, filho de Matate, Matate, filho de Levi, Levi, filho de Melqui, este, filho de Janai, filho de José; José, filho de Matatias, Matatias, filho de Amós, Amós, filho de Naum, este, filho de Esli, filho de Nagai; Nagai, filho de Maate, Maate, filho de Matatias, Matatias, filho de Semei, este, filho de José, filho de Jodá; Jodá, filho de Joanã, Joanã, filho de Resa, Resa, filho de Zorobabel, este, de Salatiel, filho de Neri; Neri, filho de Melqui, Melqui, filho de Adi, Adi, filho de Cosã, este, de Elmadã, filho de Er; Er, filho de Josué, Josué, filho de Eliézer, Eliézer, filho de Jorim, este, de Matate, filho de Levi; Levi, filho de Simeão, Simeão, filho de Judá, Judá, filho de José, este, filho de Jonã, filho de Eliaquim; Eliaquim, filho de Meleá, Meleá, filho de Mená, Mená, filho de Matatá, este, filho de Natã, filho de Davi; Davi, filho de Jessé, Jessé, filho de Obede, Obede, filho de Boaz, este, filho de Salá, filho de Naasom; Naasom, filho de Aminadabe, Aminadabe, filho de Admim, Admim, filho de Arni, Arni, filho de Esrom, este, filho de Perez, filho de Judá; Judá, filho de Jacó, Jacó, filho de Isaque, Isaque, filho de Abraão, este, filho de Tera, filho de Naor; Naor, filho de Serugue, filho de Ragaú, Ragaú, filho de Faleque, este, filho de Éber, filho de Salá; Salá, filho de Cainã, Cainã, filho de Arfaxade, Arfaxade, filho de Sem, este, filho de Noé, filho de Lameque; Lameque, filho de Metusalém, Metusalém, filho de Enoque, Enoque, filho de Jaredede, este, filho de Maalalel, filho de Cainã; Cainã, filho de Enos, Enos, filho de Sete, e este, **filho de Adão, filho de Deus.** (Lucas 3. 23-38, grifo nosso)

Ao atribuir uma idade, mesmo que aproximada, a Jesus, e registrar sua genealogia, Lucas pretende manter a iconização de seu discurso. Outro aspecto que merece destaque é que o evangelista ascende a linhagem familiar de Jesus até Adão, identificando assim Cristo universalmente com a raça humana; depois, no topo da árvore genealógica, afirma que Adão é filho de Deus. Esse fio de ancestralidade em cujas pontas estão Jesus e Deus produz efeito de sentido teogônico. Basta lembrar

⁸⁴ Os nomes dos antepassados mais próximos ao tempo de Jesus registrados por Lucas divergem consideravelmente da lista de Mateus. A igreja tentou harmonizar essa incompatibilidade, sugerindo que Lucas registra a genealogia de Maria, enquanto Mateus oferece a ascendência de José. (Blomberg: 2009, 272-273)

que o poeta grego Hesíodo, que viveu no século VII a.C., escreveu a obra *Teogonia* (do grego *theogonía*, nascimento de deus), em que descreve as origens e as genealogias dos deuses gregos.

Como foi analisado anteriormente, o título *Filho de Davi* era muito caro a Mateus, que já o atribui a Jesus desde a sua genealogia. Lucas, entretanto, emprega-o apenas três vezes, sendo duas delas na mesma perícopes:

Aconteceu que, ao aproximar-se ele de Jericó, estava um cego assentado à beira do caminho, pedindo esmolas. E, ouvindo o tropel da multidão que passava, perguntou o que era aquilo. Anunciaram-lhe que passava Jesus, o Nazareno. Então, ele clamou: Jesus, **Filho de Davi**, tem compaixão de mim! E os que iam na frente o repreendiam para que se calasse; ele, porém, cada vez gritava mais: **Filho de Davi**, tem misericórdia de mim! (Lucas 18. 35-39)

Mas Jesus lhes perguntou: Como podem dizer que o Cristo é **filho de Davi**? Visto como o próprio Davi afirma no livro de Salmos: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés. Assim, pois, Davi lhe chama Senhor, e como pode ele ser seu filho? (Lucas 20. 41-44)

O título mais empregado por Lucas é *Filho do Homem*⁸⁵. De forma muito interessante, Evans (1996: 72) comenta que

[...] a expressão “Filho do Homem”, tão popular no evangelho de Lucas (Jesus é chamado “Filho do Homem” em Lucas o dobro de vezes em que esse título é mencionado pelos outros evangelhos sinóticos), pode ter sugerido a adequação de incluir-se o nome de Adão em primeiro lugar na genealogia, porque *’adam’*, no hebraico, significa literalmente “homem”. Portanto, a genealogia de Lucas conclui de modo apropriado: filho de Adão (ou do “homem”).

Lucas inclui várias passagens em que, ao lado de Mateus, de Marcos ou de ambos, registra episódios em que Jesus aplica essa expressão a si mesmo. Observa-se também que Lucas, às vezes, usa a expressão em passagens em que os outros evangelistas não a usam:

⁸⁵ O fato de Jesus referir-se a si mesmo como *Filho do Homem* deve-se ao fato de se tratar de um termo sem associações nacionalistas. Dessa forma, tal título não o levaria a complicações políticas. (Morris: 2003, 122)

Lucas	Mateus
<p>Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. (6. 22)</p>	<p>Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. (5. 11)</p>
<p>Digo-vos ainda: todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus; mas o que me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus. (12. 8-9)</p>	<p>Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. (10. 32)</p>
<p>Falava ele ainda, quando chegou uma multidão; e um dos doze, o chamado Judas, que vinha à frente deles, aproximou-se de Jesus para o beijar. Jesus, porém, disse-lhe: Judas, com um beijo, trais o Filho do Homem? (22. 47-48)</p>	<p>E logo, aproximando-se de Jesus, [Judas] lhe disse: Salve, Mestre! E o beijou. Jesus, porém, disse-lhe: Amigo, para que vieste? (26. 49-50)</p>

Quadro 33: Emprego do título *Filho do Homem* no evangelho lucano

Há alguns casos em que a expressão *Filho do Homem* é empregada em perícopes exclusivas de Lucas:

A seguir, dirigiu-se aos discípulos: Virá o tempo em que desejareis ver um dos dias do **Filho do Homem** e não o vereis. (Lucas 17. 22)

Contudo, quando vier o **Filho do Homem**, achará, porventura, fé na terra? (Lucas 18. 8)

Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas essas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do **Filho do Homem**. (Lucas 21. 36)

Ele não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como vos preveniu, estando ainda na Galileia, quando disse: Importa que o **Filho do Homem** seja entregue nas mãos dos pecadores, e seja crucificado, e ressuscite no terceiro dia. (Lucas 24. 7)

Um aspecto digno de nota é o uso do título *Senhor* que se faz no evangelho lucano. Ele não é empregado apenas nas vozes delegadas aos interlocutores. Exclusivamente em *Lucas*, ele é usado também na voz delegada ao narrador do evangelho. Observem-se:

Vendo-a [a viúva], **o Senhor** se compadeceu dela e disse-lhe: Não chores! (Lucas 7. 13)

Depois disso, **o Senhor** designou outros setenta [discípulos]; e os enviou de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir. (Lucas 10. 1)

Respondeu-lhe **o Senhor**: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. (Lucas 10. 41)

O Senhor, porém, disse-lhe: Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade. (Lucas 11. 39)

Disse **o Senhor**: Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos para dar-lhes sustento a seu tempo? (Lucas 12. 42)

Disse-lhe, porém, **o Senhor**: Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento para levá-lo a beber? (Lucas 13. 15)

Respondeu-lhes **o Senhor**: Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar; e ela vos obedecerá. (Lucas 17. 6)

Então, disse **o Senhor**: Considerai no que diz este juiz iníquo. (Lucas 18. 6)

Então, voltando-se **o Senhor**, fixou os olhos em Pedro, e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe dissera: Hoje, três vezes me negarás, antes de cantar o galo. (Lucas 22. 61)

Mateus – como já se examinou – enfatiza que a mensagem de Cristo era prioridade dos judeus. Lucas, por sua vez, destaca a universalidade da mensagem cristã. Compare-se:

Jesus mateano	Jesus lucano
Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. (Mateus 15. 24)	É necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que eu fui enviado. (Lucas 4. 43)

Quadro 34: Particularidade e universalidade das boas-novas de Jesus

No texto mateano, a missão de Jesus está vinculada apenas a Israel. No texto lucano, a missão de Jesus adquire caráter universal, pois o hiperônimo *cidades* pode referir-se tanto às cidades de Israel quanto às cidades das nações gentias.

O enunciado de Lucas em que a expressão *reino de Deus* aparece pela primeira vez é modalizado deonticamente (*é necessário*), produzindo efeito de que Jesus veio com a missão de pregar o evangelho a todos (*para isso é que eu fui enviado*).

Assim, a fim de sustentar esse tema, omite-se, na narrativa lucana, muito material que é estritamente de caráter judaico. O evangelista exclui, por exemplo, os ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte que tratam diretamente do seu relacionamento com a lei judaica. Omite também as instruções que Jesus dá aos doze apóstolos de se absterem de ministrar aos gentios e aos samaritanos. Além disso, apenas Lucas narra o cântico de Simeão, profeta que – ao pegar o menino Jesus no colo, quando ele foi apresentado no templo – disse:

Agora, Senhor podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a **tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: luz para revelação aos gentios**, e para glória do teu povo de Israel. (Lucas 2. 29-32)

A declaração profética de Simeão – chamada pela Igreja de *Nunc Dimittis* (podes despedir em paz o teu servo), das primeiras palavras do texto latino – enfatiza que Jesus é o salvador universal. Além disso, o próprio Jesus – após a ressurreição – instrui os discípulos a “que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações” (Lucas 24. 47).

No evangelho lucano, diferentemente dos demais evangelhos canônicos, as mulheres ocupam um lugar de proeminência. Apenas Lucas registra que a mãe de João Batista é Isabel. Depois, quando Jesus é apresentado no Templo, após registrar o cântico de Simeão, Lucas introduz com exclusividade uma profetisa de nome Ana:

Havia uma profetisa, chamada **Ana**, filha de Fanuel, da tribo de Aser, avançada em dias, que vivera com seu marido sete anos desde que se casara e que era viúva de oitenta e quatro anos. Essa não deixava o templo, mas adorava noite e dia em jejuns e em orações. E, chegando naquela hora, dava graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém. (Lucas 2. 36-38)

Apenas Lucas relata a cura de uma mulher enferma há dezoito anos:

Ora, ensinava Jesus no sábado numa das sinagogas. E veio ali **uma mulher possesa de um espírito de enfermidade**, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se. Vendo-a Jesus, chamou-a e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade; e, impondo-lhe as mãos, ela imediatamente se endireitou e dava glória a Deus. (Lucas 13. 10-13)

E somente Lucas descreve o ministério itinerante de Jesus sendo patrocinado pelas várias mulheres ricas que viajavam com ele:

Aconteceu, depois disso, que andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada **Madalena**, da qual saíram sete demônios; e **Joana**, mulher de Cuza, procurador de Herodes, **Susana** e **muitas outras**, as quais **lhe prestavam assistência com os seus bens**. (Lucas 8. 1-3)

É o único a relatar também que um grupo de mulheres o seguia no caminho do Calvário:

Seguia-o numerosa multidão de povo, e também **mulheres que batiam no peito** e o lamentavam. (Lucas 23. 27)

Ao dar ênfase ao discipulado feminino de Jesus, Lucas está quebrando os paradigmas da sociedade judaica da época, que, sendo exclusivamente patriarcal, considerava as mulheres bem inferiores aos homens. Rops (1986: 88) esclarece que

A mulher [judia] devia total fidelidade ao marido, mas não podia exigir isso dele. O marido não tinha o direito de vendê-la, mas não havia dificuldade em repudiá-la; os casos em que a mulher podia pedir divórcio eram, por outro lado, extraordinariamente raros. Sua posição na sociedade era inferior sob todos os aspectos. As mulheres não comiam com os homens, mas ficavam de pé enquanto eles comiam, servindo-os à mesa. Nas ruas e nos átrios do Templo, elas ficavam a certa distância dos homens. Sua vida se passava em casa.

A perícopé lucana das irmãs Marta e Maria exemplifica bem essa posição de vanguarda em relação aos outros evangelistas:

Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, e esta quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos. Marta agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços. Então, aproximou-se de Jesus e disse: Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me. Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada. (Lucas 10. 38-42)

Morris (2003: 243) explica que os rabinos não recebiam mulheres como discípulas. Mais do que não ensinar a mulheres, eles consideravam um pecado fazê-lo.

O interesse especial de Lucas, porém, como já foi dito, são os pobres e os oprimidos socialmente. O primeiro discurso em público do Jesus lucano – que não é registrado pelos outros evangelistas – inicia-se, na sinagoga, com uma leitura do livro do profeta Isaías:

Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, deram-lhe o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para **evangelizar os pobres**; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor. Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir. (Lucas 4. 16-21)

Lucas faz aqui deliberadamente uma editoração de dois trechos do profeta Isaías:

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a **proclamar libertação aos cativos** e pôr em liberdade os algemados; **e apregoar o ano aceitável do Senhor** e o dia da vingança do nosso Deus. (Isaías 61. 1-2)

Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, **deixes livres os oprimidos** e despedaces todo jugo? (Isaías 58. 6)

Destaca-se, assim, que a primeira missão do Cristo é divulgar o evangelho aos pobres. Na perícope do *Sermão da Planície* – que corresponde ao *Sermão da Montanha*, de Mateus – a primeira bem-aventurança que Lucas coloca nos lábios de Jesus é “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus”; o Jesus mateano, por sua vez, afirma “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus”. Enquanto Lucas se refere literalmente à pobreza material, Mateus espiritualiza o enunciado, referindo-se às pessoas humildes.

Lucas não se preocupa com padrões de justiça convencionais; daí, incluir em seu evangelho pessoas consideradas de má reputação. É o evangelista que mais menciona, por exemplo, os cobradores de impostos: Mateus cita oito vezes; Marcos, duas; Lucas, onze:

Foram também **publicanos** para serem batizados e perguntaram [a João Batista]: Mestre, que havemos de fazer? (Lucas 3. 12)

Passadas essas coisas, saindo, viu um **publicano**, chamado Levi, assentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me! (Lucas 5. 27)

Então, ofereceu-lhe Levi um grande banquete em sua casa; e numerosos **publicanos** e outros estavam com eles à mesa. (Lucas 5. 29)

Os fariseus e seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus, perguntando: Por que comeis e bebeis com os **publicanos** e pecadores? (Lucas 5. 30)

Todo o povo que o ouviu e até os **publicanos** reconheceram a justiça de Deus, tendo sido batizados com o batismo de João. (Lucas 7. 29)

Pois veio João Batista, não comendo pão, nem bebendo vinho, e dizeis: Tem demônio! Veio o Filho do Homem, comendo e bebendo, e dizeis: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de **publicanos** e pecadores! (Lucas 7. 33-34)

Aproximavam-se de Jesus todos os **publicanos** e pecadores para o ouvir. (Lucas 15. 1)

Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um fariseu, e o outro, **publicano**. (Lucas 18. 10)

O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este **publicano**. (Lucas 18. 11)

O **publicano**, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! (Lucas 18. 13)

Eis que um homem, chamado Zaqueu, maioral dos **publicanos** e rico, procurava ver quem era Jesus, mas não podia, por causa da multidão, por ser ele de pequena estatura. (Lucas 19. 2-3)

Lucas exprime melhor que Mateus e que Marcos a dedicação integral que o chamado para seguir Cristo exige. Assim, o discipulado cristão exige que se mudem os objetos de valor. Observem-se os seguintes exemplos:

Mateus	Marcos	Lucas
Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu. (9. 9)	De novo, saiu Jesus para junto do mar, e toda a multidão vinha ao seu encontro, e ele os ensinava. Quando ia passando, viu a Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu. (2. 13-14)	Passadas essas coisas, saindo, viu um publicano, chamado Levi, assentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e, deixando tudo , o seguiu. (5. 27-28)
Caminhando junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram. Passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco em companhia de seu pai, consertando as redes; e chamou-os. Então, eles, no mesmo instante, deixando o barco e seu pai, o seguiram. (4. 18-22)	Caminhando junto ao mar da Galileia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede a mar, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram. Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes. E logo os chamou. Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus. (1. 16-18)	Pois, à vista da pesca que fizeram, a admiração se apoderou dele e de todos os seus companheiros, bem como de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram seus sócios. Disse Jesus a Simão: Não temas; doravante serás pescador de homens. E, arrastando eles os barcos sobre a praia, deixando tudo , o seguiram. (5. 9-11)

Quadro 35: Dedicção ao chamado de Cristo nos evangelhos sinóticos

Isso é reiterado, quando o evangelista delega a Jesus o seguinte enunciado: “Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo”. (Lucas 14. 33)

A designação predileta de Lucas para Jesus é *Salvador*. As palavras gregas para *salvação* e *salvador* ocorrem sete vezes no evangelho lucano, e nenhuma vez nos demais evangelhos sinóticos:

Então, disse Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu **Salvador**, porque contemplou na humildade da sua serva. (Lucas 1. 46-48)

Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo, e nos suscitou plena e poderosa **salvação** na casa de Davi,

seu servo, como prometera, desde a antiguidade, por boca dos seus santos profetas [...] (Lucas 1. 68-70)

Tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos, para dar ao seu povo conhecimento da **salvação** [...] (Lucas 1. 76-77)

O anjo, porém, disse-lhes: Não temais; eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o **Salvador**, que é Cristo, o Senhor. (Lucas 2. 10-11)

Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua **salvação**, a qual preparaste diante de todos os povos [...] (Lucas 2. 29-30)

[...] toda carne verá a **salvação** de Deus. (Lucas 3. 6)

Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais. Então, Jesus lhe disse: Hoje, houve **salvação** nesta casa, pois que também este é filho de Abraão. (Lucas 19. 8-10)

O fato de Lucas atribuir expressamente a Jesus o título de Salvador pode ser mais uma estratégia discursiva empregada para arrebanhar o povo gentio. Maggioni (2006: 18) comenta que

Não se pode excluir que essa escolha tenha sido influenciada pelo ambiente cultural helenístico, em que os reis, os imperadores, os homens beneméritos e algumas divindades eram saudados ou venerados sob o título de salvador e benfeitor.

O próprio Jesus lucano tinha consciência de que os homens de autoridade eram reconhecidos como benfeitores:

Mas Jesus lhes disse: Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados benfeitores. (Lucas 22. 25)

Um aspecto interessante a ser ressaltado é que – assim como Mateus, ao narrar a vida de Jesus, faz alusões à vida de Moisés – Lucas faz alusões ao profeta Elias. Tanto o Jesus lucano como Elias ressuscitam o filho de uma viúva. Examine-se uma perícopes exclusiva do evangelho lucano: *A ressurreição do filho da viúva de Naim*:

Lucas 7. 11-17	1º livro de Reis 17. 17-24
<p>Em dia subsequente, dirigia-se Jesus a uma cidade chamada Naim, e iam com ele os seus discípulos e numerosa multidão. Como se aproximasse da porta da cidade, eis que saía o enterro do filho único de uma viúva; e grande multidão da cidade ia com ela. Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: Não chores! Chegando-se, tocou o esquife e, parando os que o conduziam, disse: Jovem, eu te mando: Levanta-te! Sentou-se o que estivera morto e passou a falar; e Jesus o restituiu a sua mãe. Todos ficaram possuídos de temor e glorificavam a Deus, dizendo: Grande profeta se levantou entre nós; e Deus visitou o seu povo. Essa notícia a respeito dele divulgou-se por toda a Judeia e por toda a circunvizinhança.</p>	<p>Depois disso, adoeceu o filho da mulher, da dona da casa, e a sua doença agravou-se tanto que ele morreu. Então, disse ela a Elias: Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho? Ele lhe disse: Dá-me o teu filho; tomou-o dos braços dela, e levou-o para cima, ao quarto, onde ele mesmo se hospedava, e deitou-o em sua cama; então, clamou ao Senhor e disse: Ó Senhor, meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele. O Senhor atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu. Elias tomou o menino, e trouxe-o do quarto a casa, e deu-o a sua mãe, e disse-lhe: Vê, teu filho vive. Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade.</p>

Quadro 36: Analogia entre a ressurreição do filho da viúva de Naim e a ressurreição do filho da viúva de Sarepta

Apenas Lucas relata a proposta que Tiago e João fazem a Jesus de mandar descer fogo do céu para consumir os samaritanos. Essa períclope dialoga com outra do Antigo Testamento em que o profeta Elias manda fogo do céu para consumir os soldados que vieram prendê-lo. Observe-se:

Lucas 9. 51-56	2º livro de Reis 1. 9-10
<p>Indo [os discípulos], entraram numa aldeia de samaritanos para preparar pousada [a Jesus]. Mas não o receberam, porque o aspecto dele era de quem, decisivamente, ia para Jerusalém. Vendo isso, os discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir? Jesus, porém, voltando-se os repreendeu e disse: Vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. E seguiram para outra aldeia.</p>	<p>Então, enviou-lhe o rei um capitão de cinquenta, com seus cinquenta soldados, que subiram ao profeta, pois esse estava assentado no cimo do monte; disse-lhe o capitão: Homem de Deus, o rei diz: Desce. Elias, porém, respondeu ao capitão de cinquenta. Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu e te consuma a ti e aos teus cinquenta. Então, fogo desceu do céu e o consumiu a ele e aos cinquenta.</p>

Quadro 37: Analogia entre Elias e os irmãos Tiago e João

Jesus, em um momento de depressão diante da morte, é assistido por um anjo. Elias, deprimido por ter sido ameaçado de morte pela rainha Jezabel, também é assistido por um anjo:

Lucas 22. 39-44	1º livro de Reis 19. 1-8
<p>E, saindo, Jesus foi, como de costume, para o monte das Oliveiras; e os discípulos o acompanharam. Chegando ao lugar escolhido, Jesus lhes disse: Oraí, para que não entreis em tentação. Ele, por sua vez, afastou-se, cerca de um tiro de pedra, e, de joelhos, orava, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua. Então, apareceu-lhe um anjo do céu que o confortava. E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra.</p>	<p>Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito e como matara todos os profetas a espada. Então, Jezabel mandou um mensageiro a Elias a dizer-lhe: Façam-me os deuses como lhes aprouver se amanhã a estas horas não fizer eu à tua vida como fizeste a cada um deles. Temendo, pois, Elias, levantou-se, e, para salvar sua vida, se foi, e chegou a Berseba, que pertence a Judá; e ali deixou o seu moço. Ele mesmo, porém, se foi ao deserto, caminho de um dia, e veio, e assentou-se debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte e disse: Basta; toma agora, ó Senhor, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais. Deitou-se e dormiu debaixo do zimbro; eis que um anjo o tocou e disse-lhe: Levanta-te e come. Olhou ele e viu, junto à cabeceira, um pão cozido sobre pedras em brasa e uma botija de água. Comeu, bebeu e tornou a dormir. Voltou segunda vez o anjo do Senhor, tocou-o e disse-lhe: Levanta-te e come, porque o caminho te será sobremodo longo.</p>

Quadro 38: Analogia entre a assistência dada por um anjo a Jesus e a assistência dada por um anjo a Elias

O Jesus lucano aparece, assim, como um grande profeta:

E [Jesus] prosseguiu: De fato, vos afirmo que **nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra.** (Lucas 4. 24)

Todos [ao verem o filho da viúva ressuscitar] ficaram possuídos de temor e glorificavam a Deus, dizendo: **Grande profeta se levantou entre nós;** e: Deus visitou o seu povo. (Lucas 7. 16)

Um, porém, chamado Cleopas, respondeu, dizendo: És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias? Ele perguntou-lhes: Quais? E explicaram: O que aconteceu a **Jesus, o nazareno, que era varão profeta,** poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo [...]. (Lucas 24. 18-19)

Lucas, a partir do capítulo nono, cria um efeito de sentido de que Jesus e seus discípulos estão realizando uma grande viagem a Jerusalém. Nesse itinerário, Jesus realiza milagres e doutrina seu auditório com várias parábolas. Observem-se as seguintes passagens:

E aconteceu que, ao se completarem os dias em que devia ser assunto ao céu, **manifestou**, no semblante, **a intrépida resolução de ir para Jerusalém**. (Lucas 9. 51)

Indo eles caminho afora, alguém lhe disse: Seguir-te-ei para onde quer que fores. (Lucas 9. 57)

Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa. (Lucas 10. 38)

Saindo Jesus dali, passaram os escribas e os fariseus a argui-lo com veemência, procurando confundi-lo a respeito de muitos assuntos, com o intuito de tirar das suas próprias palavras motivos para o acusar. (Lucas 11. 53)

Passava Jesus por cidades e aldeias, ensinando e **caminhando para Jerusalém**. (Lucas 13. 22)

De caminho para Jerusalém, passava Jesus pelo meio de Samaria e da Galileia. (Lucas 17. 11)

Lucas – ao escrever para os gregos, como tudo parece indicar – não só traduziu o teor verbal aramaico das palavras de Jesus para a língua grega, mas também adaptou os discursos figurativos de Cristo para as circunstâncias agrícolas e arquitetônicas da antiga Grécia. Tome-se *A parábola do grão de mostarda*:

E dizia: A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei? É semelhante a **um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta**; e cresceu e fez-se árvore; e as aves do céu aninharam-se nos seus ramos. (Lucas 13. 18-19)

Jeremias (2004: 20) esclarece que, nessa parábola, Lucas faz o grão de mostarda ser semeado no horto, o que está de acordo com o costume helenístico de classificar a mostarda entre as plantas de horta. Na Palestina, porém, era proibido o cultivo de mostarda nos canteiros da horta.

Ainda, ao comparar os discípulos com o sal, o Jesus lucano diz:

O sal é certamente bom; caso, porém, se torne insípido, como lhe restaurar o sabor? **Nem presta para a terra**, nem mesmo para o monturo; lançam-no fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (Lucas 14. 34)

O emprego do sal como adubo também não é encontrado nos hábitos agrícolas palestinos.

Na parábola *Os dois fundamentos*, detecta-se mais uma adaptação figurativa à arquitetura helenística:

Todo aquele que vem a mim, e ouve as minhas palavras, e as pratica, eu vos mostrarei a quem é semelhante. É semelhante a um homem que, **edificando uma casa, cavou, abriu profunda vala e lançou o alicerce sobre a rocha**; e, vindo a enchente, arrojou-se o rio contra aquela casa e não a pôde abalar, por ter sido bem construída. Mas o que ouve e não pratica é semelhante a um homem que edificou uma casa sobre a terra sem alicerces, e, arrojando-se o rio contra ela, logo desabou; e aconteceu que foi grande a ruína daquela casa. (Lucas 6. 47-49)

Não era comum, na Palestina, a construção de casas com subsolo. As casas do povo simples das cidades e dos camponeses eram construídas com terra argilosa e bambu, ao estilo pau-a-pique. Em alguns casos, faziam-se tijolos com barro mal cozido no forno e esmagado com os pés, misturado com palha.

Lucas figurativiza mais uma outra parábola com as técnicas helenísticas de construção:

Ninguém, depois de acender uma candeia, a põe em lugar escondido, nem debaixo do alqueire⁸⁶, mas no velador a fim de que os que entrem vejam a luz. (Lucas 11. 33-34)

Mais uma vez, o linguista e teólogo alemão Jeremias (2004: 20) alerta que a instalação de veladores na entrada das casas para iluminar os que a elas chegavam era uma característica arquitetônica grega, e não palestina.

⁸⁶ Na Antiguidade, o alqueire era um pequeno móvel de três ou quatro pés. (BÍBLIA de Jerusalém: 1981, 1288).

Observe-se agora a seguinte passagem:

Ora, aconteceu que, num daqueles dias, estava ele ensinando, e achavam-se ali assentados fariseus e mestres da lei, vindos de todas as aldeias da Galileia, da Judeia e de Jerusalém. E o poder do Senhor estava com ele para curar. Vieram, então, uns homens trazendo em um leito um paralítico; e procuravam introduzi-lo e pô-lo diante de Jesus. E, não achando por onde introduzi-lo por causa da multidão, **subiram ao terraço e, através das telhas, desceram-no, para o meio**, diante de Jesus. Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Homem, estão perdoados os teus pecados. (Lucas 5. 17-20)

Segundo Musset (1993: 51),

O teto de uma casa israelense tinha a forma de terraço. Era construído de traves, entrecruzadas com ramagens, tudo recoberto com barro amassado. O conjunto deveria ser reforçado todo ano, antes da estação das chuvas. Era cercado por um parapeito e dotado de uma escadaria externa. Utilizava-se o terraço para tomar ar fresco, dormir, secar os legumes, pôr as frutas para amadurecer e para orar.

Buckland (2001: 85) complementa afirmando que pouca mudança tem havido no sistema de edificar casas no Oriente. Segundo o pesquisador,

O telhado das casas orientais é quase sempre plano. Compõe-se de vigas de madeira, cobertas de pedra ou argamassa, para proteger os moradores contra o sol e as chuvas, e também para lhes proporcionar um sítio muito agradável ao ar livre quando está bom o tempo. Em volta deste telhado, há um parapeito, não muito alto, para segurança das pessoas. Na Palestina, o povo dorme nos terraços da casa, durante o tempo de mais calor, em caramanchões feitos de ramos ou de junco.

Embora o evangelho lucano seja o de maior orientação gentia, Lucas é o único evangelista que mostra, em algumas ocasiões, uma visão moderadamente positiva dos líderes judeus⁸⁷. Observem-se as seguintes passagens:

⁸⁷ Ehrman (2010: 205-206) observa que alguns copistas do Novo Testamento – influenciados pelo contexto do antijudaísmo cristão dos séculos II e III – omitiram a oração do Jesus lucano crucificado: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem* (Lucas 23. 34). Tais copistas acreditavam que os judeus sabiam exatamente o que estavam fazendo e que Deus não tinha de modo algum perdoado a eles.

Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa. (Lucas 7. 36)

Naquela mesma hora, **alguns fariseus vieram para dizer-lhe: Retira-te e vai-te daqui, porque Herodes quer matar-te.** (Lucas 13.31)

Aconteceu que, ao entrar ele [Jesus] num sábado **na casa de um dos principais fariseus para comer pão**, eis que o estavam observando. (Lucas 14.1)

Lucas constrói também a imagem de um Jesus que, nos momentos alegres ou críticos da vida, orava. Produz-se, assim, um efeito de sentido de que Cristo estava em constante comunicação com o plano espiritual a fim de servilmente fazer a vontade de seu Pai. No evangelho lucano, há oito pontos aos quais Lucas acrescenta uma referência à oração nas perícopes que ele apresenta em paralelo com Mateus e com Marcos:

E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e, **estando ele a orar**, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma de pomba [...] (Lucas 3. 21-22)

Porém, o que se dizia a seu respeito cada vez mais se divulgava, e grandes multidões afluíam para o ouvirem e serem curadas de suas enfermidades. Ele, porém, **retirava-se para lugares solitários e orava.** (Lucas 5. 15-16)

Naqueles dias, **retirou-se para o monte a fim de orar**, e **passou a noite orando a Deus.** E, quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos. (Lucas 6. 12)

Estando ele orando à parte, achavam-se presentes os discípulos, a quem perguntou: Quem dizem as multidões que sou eu? (Lucas 9. 18)

Cerca de oito dias, depois de proferidas essas palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, **subiu ao monte com o propósito de orar.** E aconteceu que, **enquanto ele orava**, a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes se resplandeceram de brancura. (Lucas 9. 28-29)

De uma certa feita, **estava Jesus orando em certo lugar**; quando terminou, um dos seus discípulos lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos. (Lucas 11. 1-2)

Ele, por sua vez, afastou-se cerca de um tiro de pedra, e, de joelhos, **orava**, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua. (Lucas 22. 41-42)

E, estando em agonia, **orava mais intensamente**. (Lucas 22. 44)

No episódio do julgamento de Cristo, Lucas isenta o governo romano – figurativizado por Pilatos – da condenação de Jesus. Observem-se as palavras que o evangelista Lucas delega ao interlocutor Pilatos:

Disse Pilatos aos principais sacerdotes e às multidões: **Não vejo neste homem crime algum**. (Lucas 23. 4)

Então, reunindo Pilatos os principais sacerdotes, as autoridades e o povo, disse-lhes: Apresentastes-me este homem como agitador do povo; mas, tendo-o interrogado na vossa presença, **nada verifiquei contra ele dos crimes de que o acusais**. (Lucas 23. 14)

Então, pela terceira vez, perguntou-lhes: Que mal fez este? **De fato, nada achei contra ele para condená-lo à morte; portanto, depois de o castigar, soltá-lo-ei**. (Lucas 23. 22)

Uma vez estudadas as estratégias discursivas do evangelho lucano, serão apresentadas as características do enunciador e dos seus enunciatários.

Como já se analisou, o enunciador do evangelho lucano firma seu contrato fiduciário com os enunciatários, ancorando seu relato na história secular, o que é perceptível pelas referências a líderes e a acontecimentos históricos. O evangelista propõe-se também a expor em ordem os fatos que serão relatados, garantindo tratar-se de investigação meticulosa, produzindo, dessa forma, efeito de sentido de veracidade. Além disso, o estilo de seu prefácio – à maneira dos historiadores e dos biógrafos da Antiguidade – gera efeito de credibilidade do que está sendo relatado. Pode-se, assim, depreender dessas estratégias características de pesquisador e de historiador.

Da totalidade do texto lucano, extrai-se também a imagem de um evangelista culto – escreve o prefácio em grego clássico e, mesmo escrevendo o restante da obra em grego koinê, mantém um estilo superior aos outros evangelistas – e gentio, pois não emprega uma palavra sequer proveniente do hebraico.

Um outro traço forte da obra de Lucas são as isotopias econômicas – riqueza e pobreza, propriedade e renúncia, comunhão de bens – voltadas à obrigação social. O enunciador de Lucas é o único a registrar o apoio financeiro que algumas mulheres davam ao ministério de Jesus. A pregação de que se devem vender os bens e dar o resultado aos pobres ou de que se deve deixar tudo para ser discípulo de Jesus é iterativa na obra lucana. O enunciador insiste em que a riqueza pode ser obstáculo para a salvação; cria, assim, a imagem de um Jesus nascido pobre que tem um carinho especial com os pobres da sociedade.

Percebe-se, desse modo, da totalidade discursiva de Lucas, um evangelista com forte consciência social, que se preocupa não só com os pobres, mas também com os proscritos da sociedade: pecadores, publicanos e mulheres. Para ele, não é a propriedade e o dinheiro que condenam o homem, mas sim o mau uso das riquezas. Ele procura deixar claro também que essa filosofia de vida é um estatuto divino.

Descreve também a genealogia de Jesus, não com o objetivo de ligá-lo ao rei Davi e ao patriarca Abraão, como faz Mateus, mas com o objetivo de ligá-lo a Adão, o pai da humanidade, destacando, dessa forma, a universalidade do ministério de Cristo.

Pelo fato de o estilo de Lucas ser mais refinado do que o dos outros evangelistas, pressupõe-se que ele tenha direcionado seu evangelho a pessoas mais cultas. A crítica exacerbada ao acúmulo de dinheiro permite também depreender que os enunciatários possuísem um nível socioeconômico mais privilegiado. Os enunciatários do evangelho lucano são gentios, muito provavelmente gregos, pois o enunciador não só dá um tom helênico ao apresentar o prefácio, mas também faz algumas adaptações dos cenários ou dos costumes judaicos ao mundo grego.

1.4 O evangelho de João

O autor do quarto evangelho autodesigna-se pela perífrase “o discípulo a quem Jesus amava”:

Ora, ali estava conchegado a Jesus **um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava**; a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere. Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é? Respondeu-lhe Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. (João 13. 23-26)

E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o **discípulo amado**, disse: Mulher, eis aí teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa. (João 19. 25-27)

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra estava revolvada. Então, correu e foi ter com Simão Pedro e com **o outro discípulo, a quem Jesus amava**, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram. (João 20. 1-2)

Aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor! Simão Pedro, ouvindo que era o Senhor, cingiu-se com sua veste, porque se havia despido e lançou-se ao mar. (João 21. 7)

Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo **o discípulo a quem Jesus amava**, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o traidor? Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: E quanto a este? Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me. Então, tornou-se corrente entre os irmãos o dito de aquele discípulo não morreria. Ora, Jesus não dissera que tal discípulo não morreria, mas: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? **Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas** e que as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro. (João 21. 20-24)

Os pais da Igreja defendem que esse “discípulo a quem Jesus amava” é o apóstolo João. Apoiam-se, para isso, no fato de João não ser citado nominalmente uma vez sequer nesse evangelho. É estranho que um apóstolo que pertencia ao círculo íntimo dos seguidores de Jesus – ao lado de Tiago e Pedro – fosse arbitrariamente excluído do evangelho joanino. Os demais evangelistas canônicos informam que

Tendo chegado à casa [de Jairo], **a ninguém permitiu que entrasse com ele, senão Pedro, Tiago e João** e bem assim o pai e a mãe da menina. (Lucas 8. 51)

Seis dias depois, **Tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular** a um alto monte. E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. (Mateus 17. 1-2)

Então, foram a um lugar chamado Getsêmani; ali chegado, disse Jesus a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou orar. **E, levando consigo a Pedro, Tiago e João, começou a sentir-se tomado de pavor e angústia.** (Marcos 14. 32-33)

Eusébio, em *História eclesiástica*, informa que Clemente de Alexandria explica as características do evangelho de João com estas palavras: “Sendo o último, João, ao perceber que elementos corporais tinham sido apresentados nos outros evangelhos, a pedido de seus discípulos e pela inspiração do Espírito Santo, compôs um evangelho espiritual”.

Além disso, Irineu, em sua obra *Contra heresias*, declarou que “João, o discípulo do Senhor, que também se recostara no seu peito⁸⁸, publicou um evangelho durante sua estada em Éfeso, na Ásia”. A mesma tradição que localiza João em Éfeso – cidade-encruzilhada das diferentes influências culturais gregas e judaicas – sugere que ele tenha escrito seu evangelho no final do século I.

Pesquisadores modernos rejeitam, entretanto, a posição dos patriarcas da igreja primitiva. Alegam que a linguagem do quarto evangelho é extremamente poética e filosófica, não podendo ter saído da pena de um “homem iletrado e inculto”, expressão com que Lucas se refere a João em seu livro *Atos dos apóstolos*:

Ao verem [as autoridades judaicas] a intrepidez de **Pedro e de João**, sabendo que **eram homens iletrados e incultos**, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus. (Atos 4. 13)

⁸⁸ Esta é uma referência ao relato que se faz no evangelho joanino após Jesus revelar que um dos doze o trairia: “Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é?” (João 13. 25)

Acreditam alguns biblicistas que o quarto evangelho – por ser consideravelmente diferente dos sinóticos – reflete a visão de alguma igreja particular à qual o autor pertencia. Para doutrinar tal igreja, esse evangelista – que não o discípulo João – usou a estratégia de escrever a história de Jesus como se ele fosse uma testemunha ocular:

Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele tinham sido crucificados; chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Mas um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. **Aquele que isto viu testificou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade** para que também vós creiais. (João 19. 35)

Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas e que as escreveu. (João 21.24)

Charaudeau (2006: 224) afirma que

O testemunho [...] é forma de enunciação que revela, ou pelo menos confirma, a existência de uma realidade com a qual o enunciador teve contato. Esse é, pois, levado a dizer o que viu, ouviu ou tocou, sem análise ou julgamento. A palavra do testemunho compromete o sujeito sobre uma verdade que “provém apenas do corpo” (como se diz em Direito), o que lhe confere os traços da pureza e da autenticidade. A palavra de testemunho instaura o imaginário da “verdade verdadeira”.

Assim, como bem observa Jadon (2009: 117), “o testemunho é recurso persuasivo crucial para o destinador negociar o contrato de forma que o destinatário passe a ser o sujeito da ação”, ou seja, creia em Jesus. O próprio enunciador do evangelho joanino deixa bem claro que seu objetivo era levar o enunciatário a crer na messianidade de Jesus:

Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Esses, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome. (João 20. 30-31)

Além do mais, ao valer-se de uma embreagem⁸⁹ actancial – usando a terceira pessoa em vez da primeira (*aquele discípulo a quem Jesus amava, aquele que isto viu testificou, este é o discípulo que dá testemunho*) – o enunciador do evangelho joanino apresenta-se apenas como papel social (discípulo), produzindo um efeito de sentido de imparcialidade. Ao testemunhar, o enunciador do evangelho joanino dirige-se ao enunciatário, empregando a segunda pessoa do plural (*creiais, tendes vida*), criando efeito de interação com o enunciatário, a que se procura convencer ou persuadir.

O testemunho é tema recorrente no evangelho joanino. Além de o evangelho joanino, como um todo, ser o testemunho de quem o escreveu, outros testemunhos internos são desembreados a alguns interlocutores para reforçar os *efeitos de realidade*. Observe-se:

E João [Batista] testemunhou, dizendo: **Vi o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre ele** [Jesus]. Eu não o conhecia; aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo. Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus. (João 1. 32-34)

Muitos samaritanos daquela cidade creram em Jesus, em virtude do **testemunho da mulher**, que anunciara: **Ele me disse tudo quanto tenho feito**. (João 4. 39)

Levaram, pois, aos fariseus **o que dantes fora cego**. [...] Então, os fariseus, por sua vez, perguntaram-lhe como chegara a ver; ao que lhes **respondeu: Aplicou lodo aos meus olhos, lavei-me e estou vendo**. [...] De novo, perguntaram ao cego: Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos? Que **é profeta**, respondeu ele. [...] Então, chamaram, pela segunda vez, o homem que fora cego e disseram-lhe: Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador. Ele retrucou: Se é pecador, não sei; uma coisa sei: **eu era cego e agora vejo**. [...] Sabemos que Deus falou a Moisés; mas este nem sabemos donde é. Respondeu-lhes o homem: Nisto é de estranhar que vós não saibais donde ele é, e, contudo, **abriu-me os olhos**. [...] **Se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito**. (João 9. 13; 15; 17; 24-25; 29-30; 33)

Dava, pois, **testemunho** disto **a multidão** que estivera com ele, **quando chamara Lázaro do túmulo e o levantara dentre os mortos**. (João 12. 17)

⁸⁹ No processo de embreagem, ocorre uma suspensão das oposições de pessoa, de tempo ou de espaço. (Fiorin: 2005, 74)

O público-alvo de João eram os leitores não judeus. Prova indelével disso é o fato de algumas palavras hebraicas comuns serem explicadas no original grego:

E Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam, disse-lhes: Que buscais? Disseram-lhe: **Rabi (que quer dizer Mestre)**, onde assistes? (João 1. 38)

Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o **Messias (que quer dizer Cristo)**, e o levou a Jesus. Olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado **Cefas (que quer dizer Pedro)**. (João 1. 41-42)

Dito isto, cuspiu na terra e, tendo feito lodo com a saliva, aplicou-o aos olhos do cego, dizendo-lhe: Vai, lava-te no tanque de **Siloé (que quer dizer enviado)**. Ele foi, lavou-se e voltou vendo. (João 9. 6-7)

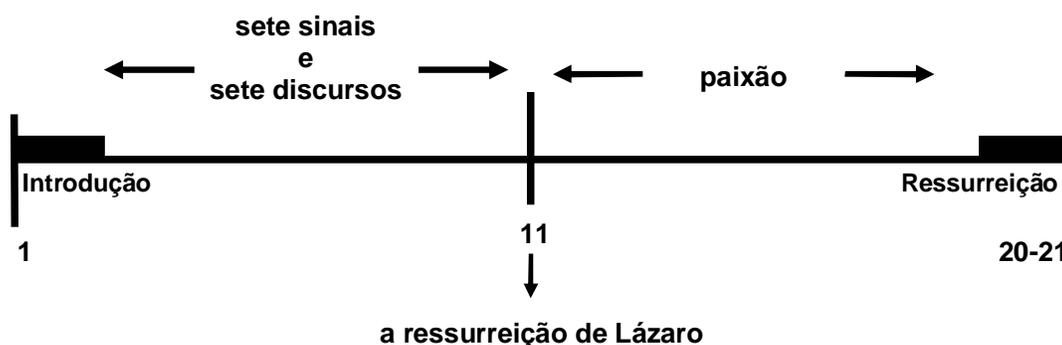
Ouvindo Pilatos estas palavras, trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado **Pavimento, no hebraico Gabatá**. (João 19. 13)

Tomaram eles, pois, a Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado **Calvário, Gólgota em hebraico**, onde o crucificaram e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio. (João 19. 17-18)

Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse, **em hebraico: Rabôni (que quer dizer Mestre)**! Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus. (João 20. 16-17)

Além disso, João insere notas explicativas que seriam totalmente dispensáveis se se tratasse de um evangelho direcionado a enunciatários judeus. No diálogo que Jesus mantém com uma mulher samaritana, por exemplo, João explica ao leitor que "... os judeus não se dão com os samaritanos" (João 4. 9). Depois, esclarece que o mar da Galileia é a mesma coisa que o mar de Tiberíades: "Depois destas coisas, atravessou Jesus o mar da Galileia, que é o de Tiberíades" (João 6. 1).

Da mesma maneira que o de *Marcos*, o evangelho de João divide-se em duas partes: uma enfatizando as ações poderosas de Jesus e a outra refletindo sobre os eventos que conduziram a sua morte e a sua ressurreição. Pode-se esquematizar a estrutura do evangelho joanino da seguinte maneira:



Esquema 5: Estrutura do evangelho joanino
(Fonte: Blomberg: 2009, 169, adaptado)

João é o único dos evangelistas que chama Jesus de *o Verbo* (do grego *logos*). Inicia-se, assim, o evangelho joanino, proclamando *o logos* como preexistente com Deus, desde antes da criação:

No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. (João 1. 1-5)

Percebe-se, no prólogo joanino, uma alusão a Gênesis 1.1, com o intuito de associar Jesus, o Verbo, com o Deus da criação. Observe-se:

Gênesis 1.1	João 1.1
No princípio, criou Deus os céus e a terra.	No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Quadro 39: Analogia entre o início do livro de *Gênesis* e o início do evangelho de João

João declara que Jesus era o agente divino responsável por toda a criação: *Todas as coisas foram feitas por intermédio dele (o Verbo), e, sem ele, nada do que foi feito se fez.*

Em Gênesis 1.26, ao criar o homem, Deus diz: *Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança*. A primeira pessoa do plural desse versículo – associada ao prólogo do evangelho joanino – vai servir também de base suprema para a defesa da doutrina cristã da trindade.

João reitera essa imagem do Cristo divino em outras passagens do seu evangelho. No versículo 30 do capítulo 10, Jesus afirma: *Eu e o Pai somos um*.

Quando Tomé, o mais cético dos doze apóstolos, vê Jesus ressuscitado, brada: *Senhor meu e Deus meu!* (João 20. 28).

João relata também que Jesus, certa vez no templo, declarou ser anterior a Abraão:

Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se. Perguntaram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão? Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU. Então, pegaram em pedras para atirarem nele; mas Jesus se ocultou e saiu do templo. (João 8. 56-58)

O fato de os judeus quererem apedrejá-lo deixa claro que Jesus – ao reivindicar que era eterno – reivindicava também sua divindade, o que o tornava culpado de blasfêmia segundo a lei judaica.

O fato de João dar ênfase na divindade de Cristo levou alguns membros da igreja primitiva a divulgar o docetismo⁹⁰, ensinamento segundo o qual Jesus não teve corpo físico humano, mas só aparência dele. Em termos semióticos, os docéticos consideravam a humanidade de Cristo um dizer mentiroso.

Tal ensinamento, porém, pode ser contestado no evangelho joanino, pois o próprio Jesus, por meio da voz que lhe é delegada, manifesta, muitas vezes, sua humanidade:

⁹⁰ O termo docetismo é derivado do grego *dokeo*, parecer ou aparentar. (GRENZ: 2002, 42)

- a) “Estava ali a fonte de Jacó. **Cansado** da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta. Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: **Dá-me de beber**” (João 4. 7);
- b) “Procurais matar-me, a mim, **homem** que vos tem dito a verdade” (João 8. 40);
- c) “Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a Escritura, disse: **Tenho sede!**” (João 19. 28).

Além disso, o próprio João – apesar de ressaltar o lado divino de Jesus – não deixa de descrever também seu lado humano. No versículo 14 do capítulo 1 – *E o verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos sua glória, glória como do unigênito do Pai* – João – além de dar ênfase à divindade de Cristo – não deixa de lado a plena humanidade de Jesus ao destacar que o *logos* (palavra) se tornou *sarx* (carne). Em sua carta aos filipenses, Paulo de Tarso corrobora essa ideia:

[...] pois ele (Jesus), subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. (Filipenses 2. 6-8)

Assim diferentemente do Deus retratado pelo Antigo Testamento – que fica em um plano superior, o céu propriamente dito – João retrata um Deus que encarnou e habitou entre o povo (“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade” – João 1. 14). Os gentios pagãos, como os gregos, por exemplo, não conseguiam entender a existência de um Deus todo poderoso que ficasse fora do mundo, impossível de ser alcançado. Rodrigues (1988: 24-25) esclarece que

A tendência de uma divindade, em qualquer parte do mundo, é metamorfosear-se em figura humana e isso aparece na consagração de Cristo como o Filho de Deus, ele próprio Deus. Ora, não é difícil explicar por que a humanidade procede assim. Se Deus se converte numa entidade absolutamente incognoscível, como poderão os seres humanos imaginá-Lo?

Dessa maneira, a tela teológica pintada por João em seu evangelho o faz diferenciar-se dos evangelhos sinóticos. O evangelho joanino é marcado por uma isotopia divina, o que confere a Jesus um *status* superior a de um mero porta-voz de Deus, uma vez que, no quarto evangelho, é o próprio Deus que está encarnado na figura de Jesus.

Os pares de oposição semântica, que são típicos do evangelho de João, reiteram a divindade de Cristo: /terreno/ *versus* /celestial/; /luz/ *versus* /trevas/; /espírito/ *versus* /carne/; /de cima/ *versus* /de baixo/; /verdade/ *versus* /mentira/. Observem-se os seguintes enunciados de Jesus:

Se, tratando de coisas **terrenas**, não me credes, como creereis, se vos falar das **celestiais**? (João 3. 12)

O julgamento é este: que a **luz** veio ao mundo, e os homens amaram mais as **trevas** do que a luz; porque as suas obras eram más. (João 3. 19)

O **espírito** é o que vivifica; a **carne** para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida. (João 6. 63)

Vós sois cá **de baixo**, eu sou lá **de cima**; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou. (João 8. 23)

Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na **verdade**, porque nele não há verdade. Quando ele profere **mentira**, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. Mas, porque eu digo a verdade, não me credes. (João 8. 44-45)

João procura enfatizar que Jesus realmente era *lá de cima*. O reforço de que Jesus foi enviado pelo Pai é uma estratégia joanina para *fazer-creer* que seu discurso é verdadeiro.

Assim, o próprio Cristo tem origem divina; ele ensinou a partir de sua própria experiência divina. Como tal, o Jesus joanino não se rebaixa a homens nem, muito menos, a demônios. Tome-se, a título de exemplo, o batismo de Jesus. Mateus, Marcos e Lucas dizem com clareza que Jesus buscou ser batizado por João:

Mateus 3. 13-17	Marcos 1. 9-11	Lucas 3. 21-22
<p>Por esse tempo, dirigiu-se Jesus da Galileia para o Jordão a fim de que João o batizasse. Ele, porém, o dissuadia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim? Mas Jesus lhe respondeu: Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o admitiu. Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.</p>	<p>Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré a Galileia e por João foi batizado no rio Jordão. Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele. Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.</p>	<p>E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e, estando ele a orar, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.</p>

Quadro 40: O relato do batismo de Jesus nos evangelhos de Mateus, de Marcos e de Lucas

O quarto evangelista, por sua vez, prefere silenciar sobre o batismo de Cristo, evitando assim qualquer celeuma de que João Batista⁹¹ pudesse ser superior a Jesus. João narra apenas que Jesus veio ao encontro do Batista e que o Espírito Santo desceu do céu em forma de pomba, mas não há identificação alguma de que Jesus fora por ele batizado:

No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!
 É este a favor de quem eu disse: após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim.
 Eu mesmo não o conhecia, mas, a fim de que ele fosse manifestado a Israel, vim, por isso, batizando com água.
 E João testemunhou, dizendo: Vi o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre ele.
 Eu não o conhecia; aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com Espírito Santo.
 Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus.
 (João 1. 29-34)

⁹¹ No evangelho joanino, João Batista é chamado apenas de João; o epíteto é omitido.

Interessante registrar que, no evangelho joanino, João Batista é subestimado para Jesus ser superestimado. Em primeiro lugar, no evangelho mateano, Jesus refere-se ao Batista como o Elias que havia de vir; no quarto evangelho, entretanto, delega-se a voz a João Batista a fim de ele negar tal afirmação. Observe-se:

Mateus 11. 12-14	João 1. 19-21
Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele. Porque todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias , que estava para vir.	Este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: Quem és tu? Ele confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo. Então, perguntaram-lhe: Quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou. És tu o profeta? Respondeu: Não.

Quadro 41: A relação entre João Batista e Elias nos evangelhos de Mateus e de João

Em segundo, o João Batista joanino reconhece que ele deveria diminuir de importância enquanto Jesus cresceria: “Convém que ele cresça e que eu diminua” (João 3. 30). Blomberg (2009: 221) explica que

Levando-se em conta a presença de um grupo de seguidores de João Batista em Éfeso, na metade do século I, que haviam desenvolvido uma compreensão muito truncada do evangelho, o autor de *João* estaria tentando calar certo entusiasmo impróprio que alguns, em sua igreja, poderiam estar demonstrando por João Batista.

João – delegando voz ao Batista – é o único dos evangelistas a chamar Jesus de *Cordeiro de Deus*:

No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o **Cordeiro de Deus, que tira o pecado mundo!** (João 1. 29)

No dia seguinte, estava João outra vez na companhia de dois dos seus discípulos e, vendo Jesus passar, disse: **Eis o Cordeiro de Deus!** (João 1. 36)

Vermes (2006a: 49) afirma que

Ao aplicar a Jesus o título de “Cordeiro de Deus”, João condensou de forma inteligente num único símbolo a futura teologia cristã da expiação dos pecados por meio da morte sacrificial de Jesus.

O simbolismo religioso é associado às vítimas animais regularmente sacrificadas para a expiação dos pecados no Templo de Jerusalém. Enquanto perdurou o culto mosaico no santuário, até 70 d.C., o adorador contava obter perdão divino para suas transgressões mediante derramar o sangue e queimar o corpo de um cordeiro por um sacerdote oficiante. Da mesma forma, acreditava-se que o sangue do cordeiro da Páscoa possuía o poder de salvação que tinha protegido o povo judeu no Egito na época de Moisés.

Tal sacrifício era realizado, à tarde, no dia de preparação para o *Pessach*, ou seja, na véspera da Páscoa judaica. Cumpre frisar que, no judaísmo tradicional, o novo dia começa ao cair da tarde. O dia do *Pessach*, portanto, começa com a refeição da noite e dura aproximadamente vinte e quatro horas, cobrindo a manhã e a tarde do dia seguinte.

Segundo o evangelho de Marcos, os discípulos perguntam a Jesus onde deverão preparar a refeição do *Pessach* para aquela noite: “Onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a Páscoa?” (Marcos 14. 12). Jesus orienta-os. Eles fazem os preparativos e, quando chega a noite – o início do dia do *Pessach* –, fazem a refeição, conhecida pela igreja cristã como a última ceia. Jesus pega os pratos simbólicos do *Pessach* e atribui-lhes novos significados. Ele toma o pão ázimo, parte-o e diz: “Tomai, isto é o meu corpo” (Marcos 14. 22). A seguir, Jesus toma um cálice de vinho e diz: “Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos” (Marcos 14. 24).

Depois que Jesus e os discípulos fazem a refeição do *Pessach*, vão ao Jardim do Getsêmani para orar. Judas Iscariotes – concretizando seu ato de traição – leva até lá os sacerdotes, os escribas e uma turba de soldados. Jesus é levado a julgamento perante as autoridades judaicas. Passa a noite na cadeia e, na manhã seguinte, é

julgado por Pôncio Pilatos, que, para contentar a multidão, condena-o à cruz. Marcos relata que Jesus é crucificado às nove horas da manhã. Jesus, então, segundo o evangelho marcano, morre no dia do *Pessach*.

No evangelho de João, entretanto, a data e a hora da morte de Jesus são outras. No relato de João, em contraste com o de Marcos, os discípulos não perguntam a Jesus onde preparar o *Pessach*. Fazem uma última refeição juntos, mas, no evangelho joanino, Jesus nada fala sobre o pão ser seu corpo ou o cálice representar seu sangue. Em outras palavras, não institui a eucaristia. Em vez disso, lava os pés dos discípulos, o que não é relatado por nenhum dos outros evangelistas.

Jesus e os discípulos vão ao Getsêmani, Judas manifesta sua traição, Jesus é preso, apresentado às autoridades judaicas, passa a noite na cadeia e é julgado por Pilatos, que o condena à crucificação. João especifica quando Pilatos pronuncia a sentença de morte de Jesus: “E era a parasceve pascal⁹², cerca da hora sexta; e [Pilatos] disse aos judeus: Eis aqui vosso rei” (João 19. 14). Assim, o Jesus joanino é crucificado por volta do meio-dia (hora sexta) no dia da preparação para o *Pessach*.

Ehrman (2010: 41-42) tenta explicar a estratégia de João ter mudado a data e a hora da morte de Cristo:

Talvez porque, em seu Evangelho, Jesus seja o cordeiro da Páscoa, cujo sacrifício traz a salvação para os pecados. Exatamente como o cordeiro do *Pessach*, Jesus tem de morrer no dia (o dia da preparação) e na hora (em algum momento depois do meio-dia) em que os cordeiros do *Pessach* estavam sendo sacrificados no Templo. Em outras palavras, João alterou um dado histórico para estabelecer um marco teológico: Jesus é o cordeiro a ser sacrificado. E, para estabelecer esse marco teológico, João teve de criar uma discrepância entre o seu relato e os dos outros evangelistas canônicos.

⁹² Segundo a Bíblia Plenitude (2002: 1102), a parasceve pascal era o dia imediatamente anterior à Páscoa.

Assim, João alavanca, por meio dessa simbologia, a futura teologia cristã da expiação dos pecados por meio da morte de Jesus na cruz.

É interessante também ressaltar que o Batista – ao indicar que Jesus é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo – dá ênfase à universalidade da missão de Jesus. O Jesus mateano afirma ter sido enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel; o Jesus joanino, pelo contrário, tira o pecado do mundo, e não de Israel apenas.

O Jesus mateano ordena também aos discípulos que não entrem em cidade de samaritanos; o Jesus joanino entra em uma cidade de Samaria e dirige-se a uma mulher samaritana:

Chegou, pois, [Jesus] a uma cidade samaritana, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José. Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta. Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. (João 4. 5-6)

João mostra, assim, que muitos samaritanos passaram a crer em Jesus, reconhecendo-o como salvador do mundo:

Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher, que anunciara: Ele me disse tudo quanto tenho feito. Vindo, pois, os samaritanos ter com Jesus, pediam-lhe que permanecesse com eles; e ficou ali dois dias. Muitos outros creram nele, por causa da sua palavra, e diziam à mulher: Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o **Salvador do mundo**. (João 4. 41-42)

O enunciado joanino que possui o tom mais acentuado de universalidade da salvação é, sem dúvida, “Porque Deus **amou ao mundo** de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. (João 3. 16)

Também proeminente em João é a imagem de Jesus como o enviado de Deus, seu Pai divino:

Porquanto **Deus enviou o seu Filho ao mundo**, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. (João 3 .17)

Pois **o enviado de Deus fala as palavras dele**, porque Deus não dá o Espírito por medida. (João 3. 34)

Disse-lhes Jesus: **A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou** a realizar a sua obra. (João 4 .34)

Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou. Em verdade, em verdade vos digo: **quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna**, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida. (João 5. 24)

O meu juízo é justo, porque **não procuro a minha vontade, e sim daquele que me enviou**. (João 5. 30)

O evangelho joanino vai ser, assim, o contraponto do evangelho marcano. Como se examinou anteriormente, o evangelho de Marcos – além de enfatizar a humanidade de Jesus – apresenta uma quantidade menor de discursos. O evangelho de João, pelo contrário, enfatiza a divindade de Jesus e apresenta discursos bem longos, que contrastam com os aforismos⁹³ e as parábolas distintivos dos sinóticos. Thomas e Gundry (2004: 263) enfatizam que o livro de João

retrata Jesus de forma preponderante no papel do rabino. A forma de ensinar de Jesus nos sinóticos seria mais característica do povo comum da Galileia, mas em João volta-se sobretudo para o povo mais instruído em e em volta de Jerusalém.

O enunciador de João exhibe – diferentemente de Marcos – um bom conhecimento da geografia e da história de Israel:

Estas coisas se passaram em **Betânia, do outro lado do Jordão**, onde João estava batizando. (João 1. 28)

⁹³ Máxima ou sentença que em poucas palavras contém uma regra ou um princípio de grande alcance.

Replicaram os judeus: **Em quarenta e seis anos foi edificado esse santuário**, e, em três dias, o reconstruirei. (João 2. 20)

Chegou, pois, a uma **cidade samaritana, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José**. (João 4. 5)

Passadas essas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém. Ora, **existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda**, o qual tem cinco pavilhões. (João 5. 2)

Jesus **passeava no templo, no Pórtico de Salomão**. (João 10. 23)

Ora, **Betânia estava cerca de quinze estádios perto de Jerusalém**. (João 11. 18)

Nos exemplos acima, o enunciador produz ilusão referencial, iconizando, assim, o discurso. Vejam-se outros casos em que se obtém esse efeito de sentido de realidade:

[Dois discípulos de João Batista] foram, pois, e viram onde Jesus estava morando; e ficaram com ele aquele dia, **sendo mais ou menos a hora décima**. (João 1. 39)

Três dias depois, houve um casamento em **Caná da Galileia** [...] (João 2. 1)

Ora, João estava também batizando em **Enom, perto de Salim**, porque havia ali muitas águas [...] (João 3. 23)

Estava ali a **fonte de Jacó**. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da **hora sexta**. (João 4. 6)

...[Jesus] retirou-se para uma região **vizinha ao deserto**, para uma **cidade chamada Efraim**; e ali permaneceu com os discípulos. (João 11. 54)

Simão Pedro entrou no barco e **arrastou a rede** para a terra, **cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes**; e, não obstante serem tantos, a rede não se rompeu. (João 21. 11)

É interessante destacar ainda mais um contraste entre os evangelhos marcano e joanino. O Jesus construído por Marcos – como já se estudou – é mais reservado, procurando, muitas vezes, o isolamento do público. O Jesus construído por João é

altamente sociável, participando não só das festas judaicas, mas também de uma festa de casamento.

O evangelho joanino relata inclusive que o primeiro dos sete sinais de Jesus – a transformação da água em vinho – ocorreu nessa festa de casamento na cidade de Caná:

Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galileia, achando-se ali a mãe de Jesus. Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento. (João 2. 1)

Depois, João relata as peregrinações de Jesus a Jerusalém a fim de cumprir as exigências da lei mosaica. A primeira delas é a Páscoa:

Estando próxima a Páscoa dos judeus, subiu Jesus para Jerusalém. E encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas e também os cambistas assentados; tendo feito um azorrague de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou as mesas e disse aos que vendiam pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio. (João 2 .13-16)

A Páscoa é, para os judeus, uma festa em comemoração à saída e à libertação dos israelitas do Egito. No evangelho joanino, Jesus expulsa os cambistas do Templo de Jerusalém, na semana da Páscoa, no início do seu ministério; nos evangelhos sinóticos, tal fato ocorre também na época da Páscoa, só que na última semana de vida de Jesus.

A segunda delas não é identificada por João:

Passadas essas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém. (João 5. 1)

A terceira é a Festa dos Tabernáculos:

Ora, a festa dos judeus, chamada de Festa dos Tabernáculos, estava próxima. [...] depois que seus irmãos subiram para a festa, então, subiu ele [Jesus] também, não publicamente, mas em oculto. (João 7. 1; 7. 10)

A Festa dos Tabernáculos, que ocorre no final de setembro e no início de outubro, celebra a liderança divina concedida a Israel durante a peregrinação do povo pelo deserto. É, na verdade, uma festa de ação de graças, durante a qual as pessoas constroem abrigos temporários feitos de palmeira e de outros galhos de árvore.

A quarta festa do evangelho joanino é a da Dedicção:

Celebrava-se em Jerusalém a Festa da Dedicção. Era inverno. Jesus passeava no templo, no Pórtico de Salomão. (João 10. 22-23)

A Festa da Dedicção⁹⁴ – conhecida como *Hanukka* – celebra a purificação do templo ocorrida três anos após ter sido profanado por Antíoco Epífanes⁹⁵. Costuma ser realizada no final de dezembro.

As menções que apenas João faz das festas contribuem para traçar uma linha cronológica e estimar o período do ministério de Jesus. O evangelho joanino cita três páscoas:

Estando próxima a Páscoa dos judeus, subiu Jesus para Jerusalém. (João 2. 13)

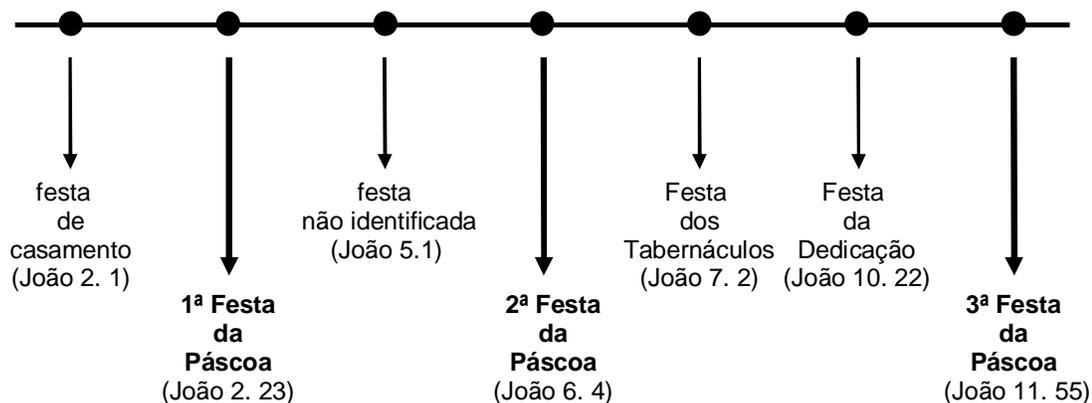
Então, subiu Jesus ao monte e assentou-se ali com seus discípulos. Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima. (João 6. 4)

Estava próxima a Páscoa dos judeus; e muitos daquela região subiram para Jerusalém antes da Páscoa para se purificarem. Lá, procuravam Jesus e, estando eles no templo, diziam uns aos outros: Que vos parece? Não virá ele à festa? (João 11. 55-56)

Observe-se o seguinte esquema:

⁹⁴ Em toda a Bíblia, essa festa é mencionada apenas no evangelho de João. (Buckland 2001: 112)

⁹⁵ Antíoco Epífanes, rei da Síria, em 168 a.C., ocupou Jerusalém. O templo foi profanado: fez-se um sacrifício no Lugar Santo ao deus Júpiter Olimpo. (ibidem: 31)



Esquema 6: Festas relatadas no evangelho joanino

Dessa forma, o ministério do Jesus joanino deve ter durado em torno de dois anos e meio a três anos. Quando se examinou o evangelho lucano, verificou-se que Lucas é o único evangelista que informa que Jesus tinha aproximadamente trinta anos ao começar seu ministério. A tradição canônica permite assim, por meio desses dois evangelistas, estimar que Jesus morreu por volta dos trinta e três anos.

João, apesar da ênfase dada aos costumes judaicos, tem sido considerado um evangelista antissemita, pois, segundo ele, foram os judeus os responsáveis pela morte de Jesus. De acordo com Vermes (2006a: 29),

De fato, praticamente desde o começo da sua carreira, o Jesus de João foi alvo de repetidas tramas judaicas de assassinato. Apresenta-se uma dupla razão para essa profunda animosidade. Nos termos da primeira, Jesus incitava a fúria dos seus correligionários por realizar curas no Sabá, profanando desse modo o feriado religioso judeu. A segunda razão para a afronta dos judeus, segundo João, foi a afirmação supostamente blasfema de que Deus era o seu Pai.

Os três primeiros evangelistas, por sua vez, não acusam os judeus de conspiração homicida, mas antes os seus líderes: os fariseus, os escribas e os sumo sacerdotes. João, ao valer-se do recurso metonímico – empregando o todo pela parte – deixa manifestar um viés antijudaico:

E **os judeus perseguiram Jesus**, porque fazia estas coisas no sábado. (João 5. 16)

Por isso, pois, **os judeus ainda mais procuravam matá-lo**, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus. (João 5. 18)

Passadas estas coisas, Jesus andava pela Galileia, porque não desejava percorrer a Judeia, visto que **os judeus procuravam matá-lo**. (João 7. 1)

Novamente, **pegaram os judeus em pedras para lhe atirar**. Disse-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas por parte do Pai; por qual delas me apedrejais. Responderam-lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedrejamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo. (João 10. 31-33)

Disseram-lhe os discípulos: Mestre, **ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te**, e voltas para lá? (João 11. 8)

Respondeu Jesus [a Pilatos]: O meu reino não é deste mundo. **Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus**; mas agora o meu reino não é daqui. (João 18. 36)

Responderam-lhe os judeus: Temos uma lei, e, **de conformidade com a lei, ele deve morrer**, porque a si mesmo se fez Filho de Deus. (João 19. 7)

A partir deste momento, Pilatos procurava soltá-lo, mas **os judeus clamavam: Se soltas a este, não és amigo de César!** Todo aquele que se faz rei é contra César! (João 19. 12)

O Jesus joanino profere as seguintes palavras aos judeus:

Se Deus fosse, de fato, vosso pai, certamente, me havíeis de amar; porque eu vim de Deus e aqui estou; pois não vim de mim mesmo, mas ele me enviou. Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem? É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra. Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. (João 8. 42-44)

Observa-se também que o narrador do evangelho joanino ao desembrear o discurso ao interlocutor Jesus mantém o mesmo estilo de linguagem, o que torna o Cristo joanino muito mais erudito do que o Cristo construído pelos outros evangelistas.

Esse tom filosófico que permeia os discursos está bem a gosto dos antigos gregos. Segundo Packer (2001: 86),

Os filósofos gregos desejavam respostas lógicas às indagações da vida. Atreviam-se a pensar em conceitos abstratos em vez de lidar somente com objetos físicos. Os eruditos judeus abraçaram esses métodos, deixando-se persuadir de que a lógica grega os ajudaria a desemaranhar as complexas tradições rabínicas.

João – ao pôr nos lábios de Jesus o novo mandamento (“Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” – João 13. 34) – está, na verdade, manipulando a comunidade não judia à qual é dirigido o quarto evangelho. No livro de Levítico, capítulo 19, versículo 18, lê-se a seguinte ordem do Senhor: “Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor”. O Jesus dos evangelhos sinóticos tem consciência de que o preceito divino do amor fraternal não é novidade alguma, pois foi transmitido aos antepassados no Antigo Testamento. No evangelho de Marcos, um escriba, quando pergunta a Jesus qual é o principal de todos os mandamento, obtém como resposta:

Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, nosso Deus, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. (Marcos 12. 29-31)

Como os cristãos gentios de João não tinham conhecimento das leis do Antigo Testamento, colocar tal doutrina como sendo de autoria de Jesus seria, sem dúvida alguma, mais persuasivo.

O Jesus joanino promete que, depois dele, viria o Consolador, ou seja, o Espírito Santo, para explicar as doutrinas que não puderam ser esclarecidas em virtude da brevidade de seu ministério na terra:

Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. (João 14. 25-26)

A ideia de o Espírito Santo ser enviado aos cristãos para recordá-los de todas as instruções que haviam recebido de Jesus legitimava e dotava de autoridade divina todas as inovações doutrinárias desconhecidas do Jesus dos evangelhos sinóticos.

João – diferentemente dos outros evangelistas – não descreve um Jesus exorcista nem um Jesus passível de ser tentado por Satanás. O Jesus que João constrói é sábio e divino. Colocá-lo em combate direto com demônios poderia diminuir-lhe a divindade. Mesmo as curas – que constituem o aspecto dominante do retrato de Jesus nos evangelhos anteriores – perdem a centralidade no evangelho joanino.

João emprega um termo próprio, quando se refere aos milagres de Jesus: sinal, do grego *sēmeion*. Assim, no sentido literal do termo, esses milagres tinham um significado: a manifestação de Deus. Semioticamente, pode-se dizer que o destinador Deus atribui ao destinatário Jesus o valor modal do *poder-fazer*, o que o torna competente para realizar o fazer transformador. No evangelho joanino, relatam-se sete sinais, que enfatizam a origem divina e a natureza sobrenatural de Jesus:

a) a transformação da água em vinho:

Tendo o mestre-sala provado a água transformada em vinho (não sabendo donde viera, se bem que o sabiam os serventes que haviam tirado a água), chamou o noivo e lhe disse: Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora. (João 2. 9-10)

b) a cura do filho de um oficial do rei:

Rogou-lhe o oficial: Senhor, desce, antes que meu filho morra. Vai, disse-lhe Jesus; teu filho vive. O homem creu na palavra de Jesus e ele partiu. Já ele descia, quando os seus servos lhe vieram ao encontro, anunciando-lhe que o seu filho vivia. (João 4. 49-51)

c) a cura de um paralítico:

Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos.
 Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado?
 [...]
 Então, disse-lhe Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda.
 (João 5. 5, 6 e 8)

d) a multiplicação dos pães:

Então, Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles; e também igualmente os peixes, quanto queriam.
 E, quando já estavam fartos, disse Jesus aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca.
 Assim, pois, o fizeram e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobraram aos que haviam comido.
 (João 6. 11-13)

e) a andança sobre o mar:

Ao descambar o dia, os seus discípulos desceram para o mar.
 E, tomando um barco, passaram para o outro lado, rumo a Cafarnaum. Já se fazia escuro, e Jesus ainda não viera ter com ele.
 E o mar começava a empolar-se, agitado por vento rijo que soprava.
 Tendo navegado uns vinte e cinco a trinta estádios, eis que viram Jesus andando por sobre o mar, aproximando-se do barco; e ficaram possuídos de temor. (João 6. 16-19)

f) a cura do cego de nascença:

Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença.
 E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?
 Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais, mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus.
 É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.
 Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.
 Dito isso, cuspiu na terra e, tendo feito lodo com a saliva, aplicou-o aos olhos do cego, dizendo-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que quer dizer Enviado). Ele foi, lavou-se e voltou vendo. (João 9. 1-7)

g) a ressurreição de Lázaro:

Então, ordenou Jesus: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do morto: Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias. Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus? Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste. E, tendo dito isto, clamou em voz alta: Lázaro, vem para fora! Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço. Então, lhes ordenou Jesus: Desatai-o e deixai-o ir. (João 11. 39-44).

Embora João frise que esses sinais “foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”, o Jesus dos sinóticos sanciona negativamente todos os sinais cujo intuito seja demonstrar o poder sobrenatural de quem os executa. Observe-se:

Então, alguns escribas e fariseus replicaram: Mestre, queremos ver de tua parte algum sinal. Ele, porém, respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas **nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas**. Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra. (Mateus 12. 38-40)

Aproximando-se os fariseus e os saduceus, tentando-o, pediram-lhe que lhes mostrasse um sinal vindo do céu. Ele, porém, respondeu-lhes: Chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado; e, pela manhã: Hoje, haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos? Uma geração má e adúltera pede um sinal; e **nenhum sinal lhe será dado, senão o de Jonas**. E, deixando-os, retirou-se. (Mateus 16. 1-4)

E, saindo os fariseus, puseram-se a discutir com ele; e, tentando-o, pediram-lhe um sinal do céu. Jesus, porém, arrancou do íntimo do seu espírito um gemido e disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que **a esta geração não se lhe dará sinal algum**. E, deixando-os, tornou a embarcar e foi para o outro lado. (Marcos 8. 11-13)

No texto joanino, os sinais são sancionados positivamente, pois eles visam a *fazer-criar*.

Com este sinal [transformação de água em vinho], deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galileia; manifestou a sua glória, e **os seus discípulos creram nele**. (João 2. 11)

[Nicodemos], de noite, foi ter com Jesus e disse-lhe: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque **ninguém pode fazer esses sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele**. (João 3 .2)

Com isto [**sinal de cura**], reconheceu **o pai** ser aquela precisamente a hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive; e **creu ele e toda a sua casa**. (João 4. 53)

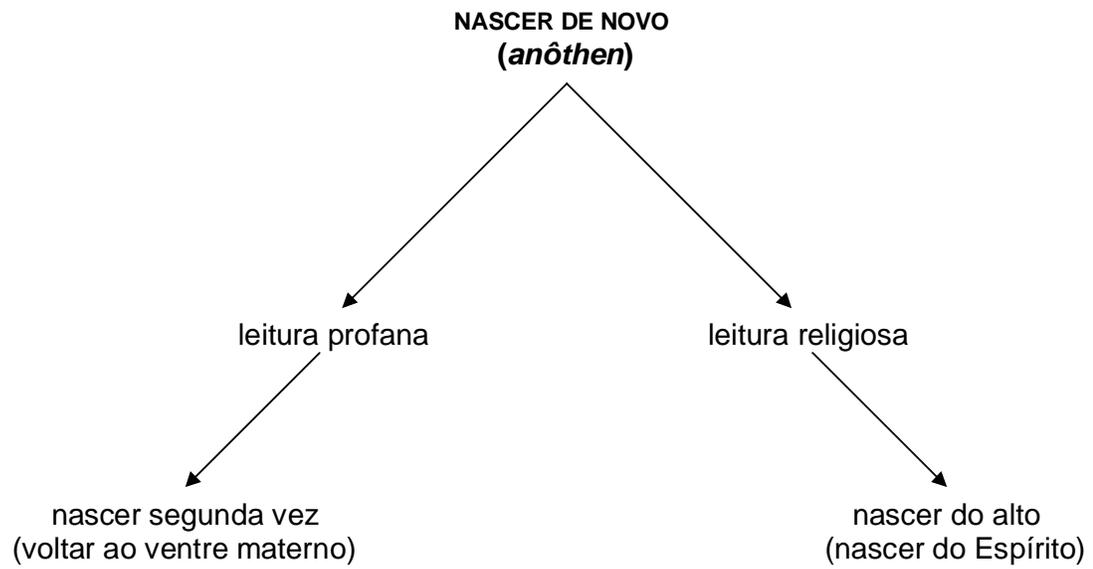
Seguia-o numerosa multidão, porque tinham visto os sinais que ele fazia na cura dos enfermos. (João 6. 2)

Vendo, pois, os homens **o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo**. (João 6. 14)

Por isso, alguns dos fariseus diziam: Esse homem não é de Deus, porque não guarda o sábado. Diziam outros: **Como pode um homem pecador fazer tamanhos sinais?** E houve dissensão entre eles. (João 9. 16)

Dava, pois, testemunho disto a multidão que estivera com ele, quando chamara a Lázaro do túmulo e o levantara dentre os mortos. Por causa disso, também, **a multidão lhe saiu ao encontro, pois ouviu que ele fizera esse sinal**. (João 12. 17-18)

Outro aspecto linguístico de João que merece comentário é a habilidade que ele tem com jogos de palavras. É comum o evangelista – ao escolher termos para traduzir as palavras de Jesus expressas em aramaico – empregar *conectores de isotopia*, que são lexemas polissêmicos que permitem uma leitura em mais de um plano. Assim, na conversa com Nicodemos, Jesus explica ao fariseu que uma pessoa, para entrar no reino de Deus, deve nascer *anôthen*. Essa palavra grega traduzida por *de novo* também pode ser traduzida por *do alto*. Nicodemos a entende no primeiro sentido, mas João sugere ambos os conceitos, pois, para entrar no reino de Deus, a pessoa tem de nascer metaforicamente de novo, não por meio de um segundo nascimento biológico, mas sim por um nascimento espiritual do alto. Observe-se o seguinte esquema:



Esquema 7: Emprego do lexema grego *anôthen* como conector de isotopia no discurso de Jesus com Nicodemos



Ilustração 7: Jesus e Nicodemos

Outro clássico exemplo é o momento em que Maria avisa a Jesus que o vinho da festa de casamento acabara. Ao responder-lhe *Ainda não é chegada a minha hora* (João 2. 4), pode ter Jesus querido dizer que ainda não chegara a hora de ele agir, de operar sinais. Tal expressão, porém, no *totus* do evangelho joanino, parece indicar que Jesus vivia de acordo com um “cronograma celestial” determinado pelo Pai. Observe-se:

Então, procuravam prendê-lo; mas ninguém lhe pôs a mão, porque **ainda não era chegada a sua hora**. (João 7. 30)

Proferiu Jesus essas palavras no lugar do gazofilácio, quando ensinava no templo; e ninguém o prendeu, porque **não era ainda chegada a sua hora**. (João 8. 20)

Respondeu-lhes Jesus: **É chegada a hora** de ser glorificado o Filho do Homem. (João 12. 23)

Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que **era chegada a sua hora** de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. (João 13. 1)

Eis que vem **a hora e já é chegada**, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só; contudo, não estou só, porque o Pai está comigo. (João 16. 32)

Tendo Jesus falado essas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: **Pai, é chegada a hora**; glorifica o teu Filho para que o Filho te glorifique a ti [...] (João 17. 1)

Fica claro, assim, que a “hora” se refere ao tempo de sua morte e de sua ressurreição em que ele seria glorificado.

No evangelho joanino, Jesus é chamado de *Rei de Israel* e *Rei dos Judeus*. Interessante que o primeiro título aparece quando João delega a voz aos adjuvantes de Jesus; o segundo, quando delega a voz aos oponentes. *Rei de Israel* tem conotação religiosa; já *Rei dos Judeus* tem nuances nacionalistas e até revolucionárias, por isso tal título não usufrui a simpatia do Jesus joanino⁹⁶.

Compare-se:

⁹⁶ Convém frisar que João é o único evangelista que registra as seguintes palavras de Jesus: “O meu reino não é deste mundo” (João 18. 36). Explica a Bíblia Plenitude (2002: 1101) que, perto do final do primeiro século, quando João estava escrevendo seu evangelho, os cristãos eram frequentemente atacados com a acusação de que suas metas não eram espirituais, mas revolucionárias. A delegação desse enunciado a Cristo pode ser uma estratégia joanina para deixar claro que Jesus e seus seguidores eram destituídos de quaisquer ambições políticas.

REI DE ISRAEL (ADJUVANTES)	REI DOS JUDEUS (OPONENTES)
<p>Então, exclamou Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel! (João 1. 49)</p>	<p>Tornou Pilatos a entrar no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus? (João 18. 33)</p> <p>Pilatos escreveu também um título e o colocou no cimo da cruz; o que estava escrito era Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus. (João 19. 19)</p>
<p>No dia seguinte, a numerosa multidão que viera à festa, tendo ouvido que Jesus estava de caminho para Jerusalém, tomou ramos de palmeiras e saiu ao seu encontro, clamando: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel! (João 12. 12-13)</p>	<p>Os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e vestiram-no com um manto de púrpura. Chegavam-se a ele e diziam: Salve, rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas. (João 19. 3)</p>

Quadro 42: Emprego das expressões *Rei de Israel* e *Rei dos Judeus* no evangelho joanino



Ilustração 8: Inscrição em hebraico, latim e grego colocada sobre a cruz de Jesus

Para finalizar as estratégias joaninas, merece destaque a maneira como João descreve a morte de Jesus. O Jesus joanino morre serenamente, inclinando a cabeça e rendendo o espírito. Em momento algum, ele questiona o desamparo por

parte de Deus, pois, segundo ele próprio afirmara, não estava só, porque o Pai estava com ele (João 16. 32). Os outros evangelistas, pelo contrário, mostram um Jesus agonizante, que chega a gritar na cruz. Observe-se o seguinte quadro comparativo:

Mateus	Marcos	Lucas	João
Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz: Eli, Eli, lamá sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? [...] E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. (27. 46; 50)	À hora nona, clamou Jesus em alta voz: Eloí, Eloí, lamá sabactâni? Que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? [...] Jesus, dando um grande brado, expirou. (15. 34; 37)	Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isso, expirou. (23. 46)	Estava ali um vaso cheio de vinagre. Embeberam de vinagre uma esponja e, fixando-a num caniço de hissopo, lha chegaram à boca. Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito. (19. 29-30)

Quadro 43: Palavras finais de Jesus na cruz, segundo os evangelhos canônicos

Estudadas as principais estratégias discursivas de João, é importante depreender as características do enunciador e do enunciatário do quarto evangelho. Como já se examinou, o enunciador de Mateus firma seu contrato fiduciário nas profecias do Antigo Testamento; o de Marcos, na proclamação do evangelho; o de Lucas, na pesquisa e na História; o enunciador de João, entretanto, vai firmar seu contrato com os enunciatários no *testemunho* que ele dá, mostrando ter presenciado tudo o que aconteceu com Cristo. O enunciador joanino produz, assim, efeito de sentido de um homem comprometido com a verdade (*Aquele que isto viu testemunhou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade* – João 19. 35).

Semelhantemente ao enunciador de *Mateus*, o enunciador de *João* manifesta traços antissemitas, pois, para designar e condenar todos os oponentes de Jesus, ele emprega a expressão *os judeus*. Em contrapartida, a salvação que João prega em seu evangelho é, desde o início, marcada pela universalidade.

Além disso, a linguagem do enunciador joanino – completamente diferente da dos enunciadores sinóticos – permite desvelar um teólogo que escreve um tratado para que todos que o leiam venham a crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Diametralmente oposto aos de Marcos, os relatos joaninos são longos, enfatizando os discursos de reflexão e de meditação, o que exige fôlego por parte do leitor. É um profundo conhecedor da geografia da Palestina, de Jerusalém e do templo antes da sua destruição. Cria a imagem de um Jesus cumprindo todas as grandes instituições do judaísmo: o templo, a lei e as festas.

Leitores cultos são os mais prováveis enunciatários do texto joanino. Tudo indica não tratar-se de judeus, uma vez que o enunciador, ao empregar expressões aramaicas no texto grego, faz questão de traduzi-las.

Uma vez mostradas as estratégias discursivas dos evangelistas, serão apresentadas, na segunda parte, as estratégias discursivas de que se valia o interlocutor Jesus, conforme a situação interativa em que ele se encontrava. Em outras palavras, cada evangelista, ao inserir seu Jesus em uma dada esfera de ação comunicativa, vai atribuir-lhe um determinado gênero discursivo que julga ser o mais apropriado para persuadir seu interlocutário.

PARTE 2

OS GÊNEROS DISCURSIVOS EMPREGADOS POR JESUS E A DEPREENSÃO DO SEU *ÉTHOS*

Ninguém pode negar o fato de que Jesus existiu, nem que seus ensinamentos sejam belos. Ainda que alguns deles tenham sido proferidos antes, ninguém os expressou tão divinamente.

Albert Einstein

2.1 Os gêneros discursivos empregados por Jesus

Considerações iniciais

No dia a dia, os seres humanos realizam inúmeros atos dentro das mais variadas esferas de atividade. Para isso, eles fazem uso da língua, que se concretiza em forma de enunciados orais ou escritos. Segundo Bakhtin (2003: 262), “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados⁹⁷”, ou seja, os gêneros do discurso. Desse modo, dependendo da atividade que executa, o homem vai produzir certos tipos de enunciados que apresentam semelhanças temáticas, organizacionais e estilísticas, o que permite estabelecer uma conexão da linguagem com a vida social.

Sintetizando, pode-se afirmar que o tripé *conteúdo temático*, *organização composicional* e *estilo* constrói o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação. Para exemplificar esses três aspectos, será tomado, da esfera religiosa, o gênero *oração*.

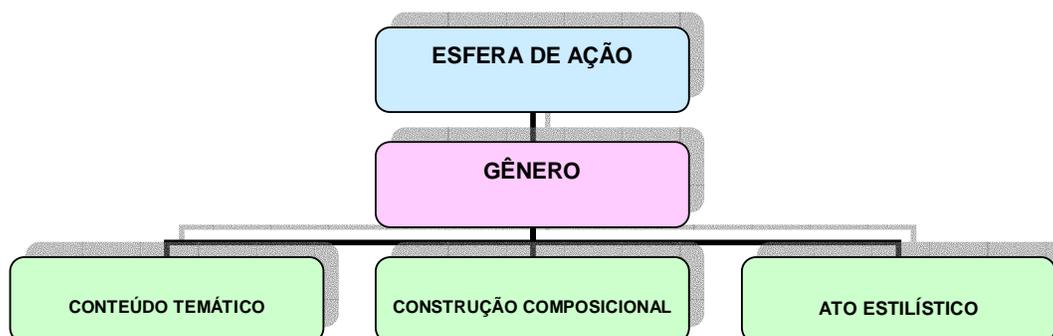
O *conteúdo temático* de um enunciado não deve ser entendido como o assunto específico de um texto, mas como um domínio de sentido de que se ocupa o gênero. Assim, as *orações* apresentam o conteúdo temático das invocações dirigidas a Deus ou aos santos. Cada oração, porém, trata de um assunto específico: um pedido, um agradecimento, uma súplica etc.

A *construção composicional* é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo. A *oração* é estruturada em três partes: vocativo, pedido de que algo se realize ou agradecimento por algo que já se realizou, encerramento (geralmente, pela palavra *amém*).

⁹⁷ Assim como a língua varia, também os gêneros variam, pois eles são suscetíveis aos avanços sociais, tecnológicos, midiáticos etc; daí, Bakhtin falar de estabilidade relativa dos gêneros.

O *ato estilístico* é uma seleção de meios linguísticos. O estilo é, pois, uma escolha de certos meios lexicais, gramaticais e discursivos em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado. Nas *orações*, uma vez que o receptor pertence ao plano espiritual, emprega-se, geralmente, um estilo cerimonioso, que se vale de formas respeitadas (como o pronome *vós*⁹⁸ e a forma de tratamento *Senhor* ou *Senhora*) e de expressões cristalizadas (*Ó meu Deus!*, *Ó meu Pai!*, *fazei com que, não permitais* etc).

Pode-se representar a teoria bakhtiniana sobre a constituição do gênero discursivo por meio do seguinte esquema:



Esquema 8: Elementos constitutivos do gênero

Assim, quando Jesus⁹⁹, na esfera da ação pedagógica, pretende transmitir aos discípulos lições de moral e de exemplaridade ou até mesmo explicar didática e alegoricamente a parúsia¹⁰⁰, vale-se do gênero *parábola*. Quando, na esfera política, confronta-se com os fariseus, com os saduceus ou com os escribas, emprega o gênero *debate*. Quando, na esfera da ação religiosa, pretende ensinar doutrinas e regras de conduta ou advertir sobre acontecimentos futuros (sua morte, a destruição

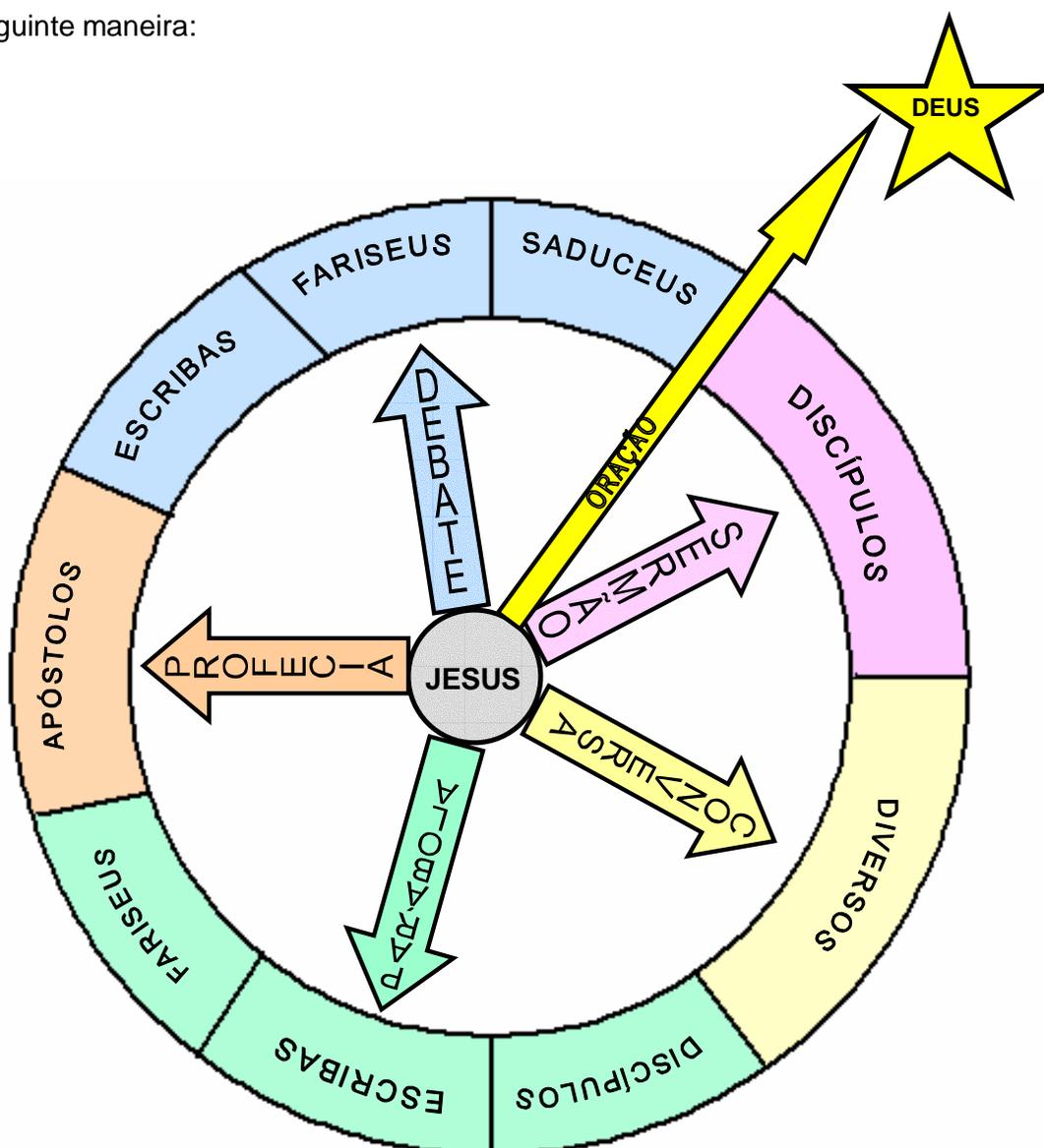
⁹⁸ Fiorin (1996: 94) explica que “há dois princípios a guiar o uso de *tu* e *vós* (ou *você* e *senhor*). Pelo primeiro princípio, são tratados por *tu* os que pertencem aos lugares sociais tidos como inferiores pelos pertencentes aos lugares sociais considerados superiores; e por *vós* os dos lugares sociais superiores pelos dos inferiores. No segundo, trata-se por *tu* os que pertencem à mesma esfera de reciprocidade e por *vós* os que não pertencem a ela”.

⁹⁹ Cumpre insistir que não se trata do Jesus histórico, de carne e osso, mas do Jesus construído discursivamente pelos evangelistas.

¹⁰⁰ Transliteração do grego *parousia*, que literalmente significa “presença”, é expressão utilizada em referência ao segundo advento de Jesus no final dos tempos. (GRENZ: 2002, 100).

de Jerusalém ou o fim dos tempos), vale-se respectivamente dos gêneros *sermão* e *profecia*.

É importante não esquecer que, sendo toda enunciação socialmente direcionada a alguém, o enunciador – para expressar-se dessa ou daquela maneira – leva em conta não só o quadro interativo, mas também o momento da produção discursiva. Dessa forma, o interlocutor Jesus – de acordo com o auditório e com o teor da mensagem – vai valer-se de um determinado gênero, o que pode ser esquematizado da seguinte maneira:



Esquema 9: Principais gêneros discursivos de Jesus

Antes, porém, de proceder ao exame dos principais gêneros discursivos empregados pelo interlocutor Jesus, é interessante fazer um breve comentário sobre o gênero *evangelho*. Para isso, será tomado o ponto de vista de Ferreira (2010), que vincula a narrativa evangélica – especificamente a de Mateus – à biografia greco-romana.

Não há como negar que os evangelhos são relatos que têm Jesus como figura central. Além disso, todos os elementos – cenários, indicações cronológicas e personagens – gravitam em torno de Cristo. Isso levou alguns estudiosos do século XIX e início do século XX a considerar os evangelhos biografias de Jesus. Entretanto, a ausência de elementos básicos que compõem uma narrativa contemporânea, como data e local do nascimento de Jesus, a duração exata de seu ministério, o local de sua sepultura etc, põs por terra o conceito de os evangelhos serem relatos biográficos.

É necessário ter em mente, porém, que os gêneros são meios de apreender a realidade. Segundo Fiorin (2006: 69), “novos modos de ver e de conceptualizar a realidade implicam o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes”. Dessa forma, o que vai avaliar se o evangelho é ou não biografia é o contexto do primeiro século da era cristã, uma vez que uma obra só é compreendida se se levar em conta o ambiente sociocultural em que ela surgiu.

Embora o mundo da época estivesse sob o domínio político romano, a cultura grega se estendia por todo o império, do qual fazia parte a Palestina. Assim, os autores dos evangelhos comunicaram-se com seus enunciatários por meio de uma forma conhecida na época: a biografia greco-romana.

A biografia propriamente dita surgiu por volta de 350 a.C. com Aristoxeno, discípulo de Aristóteles, que escreveu, entre outras, as biografias de Pitágoras, Sócrates e Platão. Esse novo gênero literário tornou-se um meio pelo qual o helenismo deu vazão e nutriu o significado da personalidade individual. O papel precípua das biografias era construir modelos a serem seguidos.

A biografia romana surgiu por volta do século I a. C. com Cornélio Nepo, historiador romano. Sob o império romano, a biografia focou a relação entre a vida e a morte, sendo seu protagonista o sábio, o mártir, o santo, o rei, o escritor e o filósofo. Tais homens eram exemplos não apenas do modo como se deveria viver, mas também de como encarar a morte.

Convém, primeiramente, apontar duas características básicas da biografia greco-romana. A primeira delas é que o biografado deve ser uma figura distinta ou notória (rei, general, filósofo, literato, legislador, santo) e que o objetivo da exposição deve ser a essência da pessoa ou, no dizer de Plutarco¹⁰¹, seus “sinais de alma”. Esse elemento vai diferenciar a biografia da história, que situava os feitos de uma pessoa dentro de um amplo quadro político e social. A segunda característica é a seletividade, realçando o caráter do biografado por meio de uma descrição ética.

Agora serão enumeradas algumas características secundárias:

- a) a antiga biografia não é necessariamente um relato da vida de um homem do nascimento até sua morte. Algumas delas iniciam com a vida adulta do herói; outras começam com o nascimento e terminam antes da morte do protagonista;
- b) o herói é descrito por meio de suas ações e de gestos ou de palavras sem importância;
- c) não há praticamente nenhum interesse em traçar o desenvolvimento do biografado, ou seja, entre os biógrafos, não havia preocupações psicologizantes nem subjetivas, bem como não registravam etapas cronológicas para emoldurar os períodos da vida de uma pessoa;
- d) algumas biografias tinham como objetivo afetar o comportamento ou a opinião de seus leitores positiva (estabelecendo o biografado como modelo) ou negativamente (expondo-o ao ridículo);

¹⁰¹ Filósofo e biógrafo grego, viveu cerca de 47 d.C. a 120 d.C.

e) a vida do biografado poderia ser descrita em termos mitológicos, o que permitia descrever a ação de heróis na fundação de cidades, de impérios, de religiões e de escolas filosóficas;

f) a forma literária dominante empregada para desenvolver a biografia é a narrativa em prosa similar à história, com a exceção de que ela usa anedotas e não tem preocupações com causa e efeito;

g) antigas biografias exerciam uma multiplicidade de funções sociais: apresentavam o biografado como figura ideal, levando seus leitores a aceitarem sua autoridade ou a imitarem seu modo de vida; defendiam o biografado do entendimento equivocado da parte de seus seguidores ou de estranhos, de modo que sua verdadeira personalidade fosse revelada e sua influência exercida; desacreditavam o biografado mediante o ridículo; indicavam onde a verdadeira tradição se encontrava no presente; serviam como ferramenta hermenêutica não só para legitimar o ensino do biografado – mostrando que sua vida correspondia ao seu ensino – mas também para fornecer uma chave interpretativa para a leitura de suas obras.

Embora Ferreira (2010) se proponha a analisar as características da biografia greco-romana apenas no evangelho de Mateus, tentar-se-á aqui estendê-las aos evangelhos em geral.

O acréscimo da narrativa da infância aos evangelhos de Mateus e de Lucas os faz mais próximos da biografia, uma vez que ela apresenta as origens de Jesus, de conformidade com os elementos descritivos do biografado: indicações de ascendência nobre, cidade e pátria. Dessa forma, tanto em *Mateus* como em *Lucas*, os ancestrais de Jesus são alistados em uma genealogia¹⁰², dentre os quais se destaca o rei Davi. Em ambos, é mencionado que Jesus nasce em Belém da Judeia e que cresce em Nazaré. Mateus adiciona uma fuga para o Egito motivada pela ameaça do rei Herodes.

¹⁰² Cf. p. 39 e p. 141

Corroborando o aspecto seletivo do evangelho, menciona-se outra característica da biografia: a presença de elementos mitológicos, com a interferência de deuses ou semideuses junto à criança. Esse tratamento também está presente nos evangelhos mateano e lucano. Em *Lucas*, um anjo anuncia a Maria que ela ficaria grávida pelo poder do Espírito Santo; em *Mateus*, um anjo, em sonho, impede José de abandonar Maria diante da notícia de sua gravidez. Em *Mateus*, uma estrela-guia dirige os magos; em *Lucas*, anjos orientam os pastores onde se encontra o menino Jesus.

Como se viu, não havia interesse, entre os escritores greco-romanos, em traçar o desenvolvimento do biografado dentro de um quadro cronológico. Tal aspecto formal é perceptível nos quatro evangelhos. As indicações de tempo são vagas. Mateus registra: “Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto...”, “Por esse tempo, dirigiu-se Jesus da Galileia para o Jordão...”; Marcos, além do seu *imediatamente* – que produz efeito de sentido de aceleração narrativa – emprega também *naqueles dias* (“Naqueles dias, quando outra vez se reuniu grande multidão...”); mesmo o historiador Lucas registra “Aconteceu que, num daqueles dias, entrou ele num barco...”; João não age diferente: “No dia seguinte, viu João a Jesus...”, “No dia imediato, resolveu Jesus partir para a Galileia...”Três dias depois, houve um casamento em Caná...” etc.

Para Burridge (apud FERREIRA: 2010), a biografia tinha origem entre participantes de um grupo após a morte de seu líder, com o objetivo de manter e de seguir seu exemplo. Ora, o Jesus dos quatro evangelhos é apresentado continuamente acompanhado por discípulos. Eles são ensinados durante todo o ministério de Cristo e a eles é delegada a missão de transmitirem os ensinamentos a outros. Tais descrições aproximam os evangelhos às biografias de filósofos, escritas para propagar os seus ensinamentos e os de sua escola.

Partindo para a análise do conteúdo do evangelho, o ponto principal na biografia é a apresentação do caráter do biografado, a revelação de sua essência. A personagem principal surge e, no transcorrer do texto, permanece inalterada. Nos escritos biográficos antigos, há uma convenção profundamente enraizada de que as ações e

as palavras de uma pessoa definem o caráter de um indivíduo mais adequadamente do que os comentários de um observador. Os evangelistas narram como a sabedoria de Jesus se deixou perceber em suas palavras e como a bondade se deixou perceber em suas ações: “E, chegando à sua terra, [Jesus] ensinava-os na sinagoga, de tal sorte que se maravilhavam e diziam: Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos?” (Mateus 13. 54). Nos evangelhos, o próprio Deus dá testemunho de Jesus: após o batismo e após a transfiguração.

A consciência da filiação divina de Jesus é compartilhada também com certas biografias antigas. As ações e as palavras de Jesus reiteram sua divindade: “Este [Nicodemos], de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele” (João 3. 2).

Descrever Jesus como representante da verdadeira tradição pressupõe que exista uma tradição falsa ou, pelo menos, conflitante. Esse aspecto pode ser constatado nas disputas entre Jesus e a liderança político-religiosa.

O evangelho tem, como biografia, o propósito de apontar Jesus como o representante da correta compreensão do texto sagrado.

A última correlação entre a função da biografia e a do evangelho diz respeito à elucidação de interpretações equivocadas a respeito de Jesus, tanto da parte de seus seguidores quanto de seus oponentes. Os evangelhos identificam o caráter de Jesus por meio de palavras e de ações. Ao apresentar suas palavras: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas [...]” (Mateus 5. 17), certamente o autor tem em vista uma interpretação equivocada, segundo a qual Jesus viria libertar os fiéis da guarda da lei. Para estes, Jesus afirma: “Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra” (Mateus 5. 18). Outro exemplo se encontra nos requisitos do discipulado: Jesus corrige as expectativas dos discípulos: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre

a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra” (Mateus 10. 34-35). Tais palavras teriam como destino os cristãos que estariam se escandalizando com os problemas familiares em decorrência da fé assumida.

Assim, no gênero evangelho, quando se dá voz a Jesus, instauram-se outros gêneros. E é exatamente isso que vai ser examinado nas próximas seções: os principais gêneros discursivos de que se valeu o Jesus canônico, bem como o auditório a que eles eram direcionados.

2.1.1 O gênero debate

Segundo Houaiss (2001: 914), o *debate* (do francês *débat*, controvérsia) caracteriza-se por uma altercação¹⁰³ ou por uma exposição de razões em defesa de uma opinião ou contra um argumento, uma ordem, uma decisão etc.

Assim, a força motriz do gênero *debate* é a polêmica. Segundo Maingueneau (2005: 114),

[...] polemizar é, sobretudo, apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em situação de infração em relação a uma Lei que se impõe como incontestável.

Nos evangelhos, o elemento desencadeador da polêmica é, geralmente, alguma atitude ou palavra de Cristo que as autoridades político-religiosas de Israel consideram violação à lei de Moisés.

Uma das características da construção composicional do debate é a simetria entre os papéis interacionais dos debatedores, pois os participantes estão inseridos em um modelo tipicamente circular de comunicação, o que permite ao receptor tornar-se emissor, realimentando, assim, a comunicação. Dessa forma, Jesus – quando é acusado por seus adversários de infringir a lei mosaica – não apenas se defende, mas também contra-ataca. Para Maingueneau (2005: 113),

Num certo nível, a distinção entre ataque e defesa não é de forma alguma pertinente: se o fato estrutural que explica a polêmica é constitutivo, é inútil procurar saber quem ataca e quem se defende. A ameaça é recíproca e generalizada desde que se institui o discurso novo.

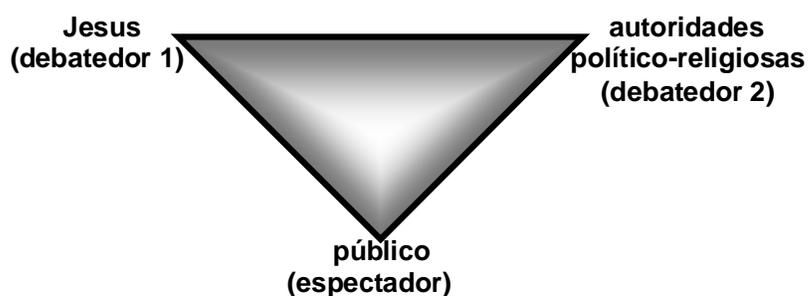
Assim, a interação de Jesus com seus antagonistas coloca em evidência uma comunicação cíclica entre o *eu-acusador* e o *vós-acusado*, tornando tais discursos uma arena de conflitos.

¹⁰³ Discussão calorosa, contenda. (Houaiss, 2001: 168)



Ilustração 9: Relação *acusador-acusado* nos debates de Jesus com as autoridades político-religiosas

Deve-se também considerar que, via de regra, assistindo ao debate, há um público em função do qual os debatedores constroem seus argumentos com vista à persuasão. Nos evangelhos, as controvérsias que envolvem Cristo e seus oponentes podem ser representadas pelo seguinte esquema triangular:



Esquema 10: Tríade compositora do debate nos evangelhos

A crítica de Jesus aos seus adversários não se circunscreve apenas aos debates. Não é raro Cristo denegrir a imagem deles junto ao público. Fiorin (1990: 74) deixa bem claro que

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber.

Antes, porém, de analisar melhor como esse tipo de gênero é construído nos evangelhos, faz-se necessário entender quem eram os adversários de Jesus e qual era a importância da *Lei* no contexto sociocultural judaico da época.

Três grupos exerciam forte influência sobre a vida político-religiosa de Israel: os fariseus, os saduceus e os escribas.

a) *fariseus: especialistas da Lei*¹⁰⁴ – A palavra *fariseu* deriva do hebraico *perushim*, que significa *separado*. Seu domínio básico era a sinagoga. Para eles, como para todos os judeus, a Lei era de suma importância; contudo, à diferença de outras seitas mais rígidas, eles não apenas aderiam à letra da Torá¹⁰⁵, mas também a atualizavam com comentários orais, que, nos evangelhos, são chamados de *tradições dos anciãos*. Acrescentavam, assim, à Lei novas leis, baseadas nas necessidades de novas situações. Jesus, citando Isaías 29. 13, acusou os fariseus de sobrepor as tradições à palavra de Deus.

Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. **E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.** (Mateus 15. 7-9)

Quase todos os fariseus provinham de famílias de artífices e de mercadores da classe média. Amavam, portanto, o dinheiro.

[Jesus disse:] Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e

¹⁰⁴ No judaísmo daquela época, tudo girava em torno da legislação de Moisés, que era o centro da vida religiosa e moral, o código de direitos público e privado (Fillion, 2004: 215).

¹⁰⁵ *Torá* é o livro que contém a lei mosaica, conhecido como Pentateuco (Houaiss, 2001: 2735).

desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. **Os fariseus, que eram avarentos, ouviam tudo isso e ridicularizavam Jesus.** (Lucas 16. 13)

Exerciam também poderosa influência sobre as massas de camponeses. Embora fossem antirromanos, eram contrários à violência como meio de libertar Israel do opressor estrangeiro. Flávio Josefo (apud PACKER; TENNEY; WHITE JR, 2001: 88-89), historiador judeu, observou que, “quando os judeus enfrentavam uma decisão importante, eles preferiam a opinião dos fariseus à do rei ou à do sumo sacerdote” (*Antiguidades*, livro XII, cap. 10, séc. V). No dizer de Goffman (1981: 76-77), os fariseus tinham – no decorrer da história – construído uma *face*, que é “o valor social positivo que dado indivíduo efetivamente reivindica por meio da linha de ação que os outros supõem que ele adotou durante um contato particular”. Em outras palavras, é uma imagem do *eu* delineada segundo certos atributos sociais aprovados e, apesar disso, partilháveis, uma vez que se pode, por exemplo, causar uma boa imagem da profissão ou da fé, quando se causa uma boa imagem de si mesmo.

Visto que o povo confiava neles, os fariseus eram escolhidos para os altos postos do governo, incluindo o Sinédrio. Josefo calcula que apenas seis mil fariseus viviam na Palestina na época de Jesus; precisavam, portanto, do apoio popular, temendo, por isso, a capacidade de Jesus de atrair grandes multidões. Cristo inclusive criticou o fato de os fariseus desfilarem sua piedade em público para ganhar elogios.

[Os fariseus] praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam seus filactérios e alongam suas franjas¹⁰⁶. Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens. (Mateus 23. 5-7)

Embora os fariseus sejam mais conhecidos como o grupo de líderes judeus que Jesus frequentemente denunciava por hipocrisia e por excesso legalista, esse não é todo o quadro pintado nos evangelhos. Como já se estudou na primeira parte deste trabalho, Lucas apresenta os fariseus de um modo mais favorável em pelo menos

¹⁰⁶ Os filactérios eram caixinhas de couro que continham alguns textos das Escrituras e que os judeus usavam ao redor dos braços e na testa. As franjas referem-se às bordas que os judeus usavam nas barras de seus trajes externos. (BÍBLIA Plenitude, 2002: 987)

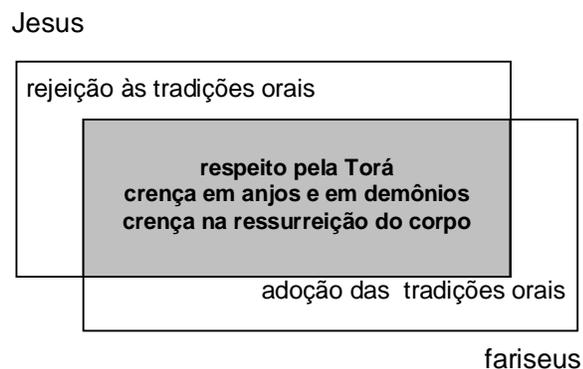
algumas ocasiões, e, no evangelho joanino, diz-se que Nicodemos é um fariseu. Jesus reconhece que muitos dos ensinamentos farisaicos eram íntegros, o que o leva a aconselhar aos seus discípulos:

Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles [os fariseus] vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras, porque dizem e não fazem. (Mateus 23. 3)

Para Maingueneau (2005: 115),

na polêmica, ao contrário do que se pensa, é a convergência que prevalece sobre a divergência, já que o desacordo supõe um acordo sobre um conjunto ideológico comum, sobre as leis do campo discursivo partilhado.

Assim, entre Jesus e os fariseus, há pontos comuns: o respeito pela Torá e a crença em anjos, em demônios e na ressurreição do corpo. A imagem de Jesus construída pelos evangelistas canônicos é de um judeu devoto, que reconhece a Lei como doada por Deus, cultua o Templo e observa as festas e as tradições do povo. O conflito entre Jesus e a seita farisaica, na verdade, girava em torno das leis orais que os fariseus haviam criado em torno da Torá.



Esquema 11: Pontos convergentes e pontos divergentes entre Jesus e os fariseus

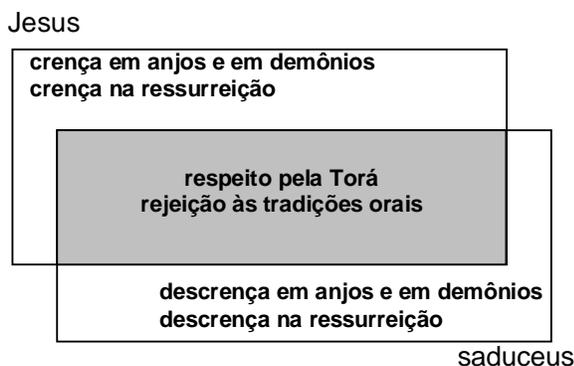
Dessa forma, Jesus não se exime de fazer críticas ao fato de os fariseus se dedicarem a práticas minuciosas, mas esquecerem-se do espírito da Lei:

[Os fariseus] atam fardos pesados e difíceis de carregar e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los. (Mateus 23. 4)

- b) *saduceus: guardiões da Torá* – Os saduceus rejeitavam a tradição oral dos fariseus. Aceitavam somente a Lei escrita de Moisés, e condenavam qualquer ensino que não se baseasse nessa palavra. Rejeitavam a crença em anjos, em demônios e em ressurreição; daí, a oposição deles a Jesus, que pregava essa teologia.

Naquele dia, **aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição**, e lhe perguntaram: Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido. Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro, tendo casado, morreu e, não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo; depois de todos eles, morreu também a mulher. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? Por que todos a desposaram. Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as escrituras nem o poder de Deus. Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu. E, quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos. (Mateus 22. 23-32)

Os saduceus adotaram as crenças do filósofo grego Epicuro, segundo o qual a alma morre com o corpo. Ensinavam, assim, que cada indivíduo é senhor do seu próprio destino. Possuíam, dessa forma, pontos de vista bem diferentes dos de Jesus. Observe-se:



Esquema 12: Pontos convergentes e pontos divergentes entre Jesus e os saduceus

Pertenciam às classes abastadas e aristocráticas, e não era raro o Sumo Sacerdote sair de suas fileiras. Eles não protestavam contra a ocupação romana de Israel e, em grande parte, beneficiavam-se dessa posição por poderem administrar e lucrar com o ritual do templo. Eles são mencionados, muitas vezes, nos evangelhos, sob a denominação de príncipes dos sacerdotes.

Então, os **príncipes dos sacerdotes** e os fariseus convocaram o Sinédrio; e disseram: Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais? Se o deixarmos assim, todos crerão nele; depois, virão os romanos e tomarão não só o nosso lugar, mas a própria nação. Caifás, porém, um dentre eles, sumo sacerdote naquele ano, advertiu-os, dizendo: Vós nada sabeis, nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação. (João 11. 47-49)

Soube numerosa multidão dos judeus que Jesus estava ali, e lá foram não só por causa dele, mas também para verem Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos. Mas os **príncipes dos sacerdotes** resolveram matar também Lázaro; porque muitos dos judeus, por causa dele, voltavam crendo em Jesus. (João 12. 9-11)

Gostavam de debater questões de teologia e de filosofia; dessa maneira, suas ideias sofisticadas não atraíam as massas, por isso, em política, tinham de se unir aos fariseus.

- c) *escribas: doutores da Lei* – Como a denominação indica, os escribas, no princípio, eram encarregados de transcrever os livros sagrados que continham o texto autêntico da Torá, mas a familiaridade com seu conteúdo tornou-os doutos na Lei.

[...] Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados. Mas alguns dos escribas estavam assentados ali e arrazoavam em seu coração: Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus? (Marcos 2. 5-7)

Os escribas e os fariseus observavam Jesus, procurando ver se ele faria uma cura no sábado a fim de acharem de que o acusar. (Lucas 6. 7)

A essa função primeira associou-se muito rapidamente outra: explicar o texto em seus pormenores, de modo que cada um pudesse conhecer toda a extensão dos seus poderes. Além de *doutores da lei*, os escribas são também mencionados nos evangelhos como *intérpretes da lei*. Assim, por seus estudos legais, eram em parte teólogos e em parte juristas.

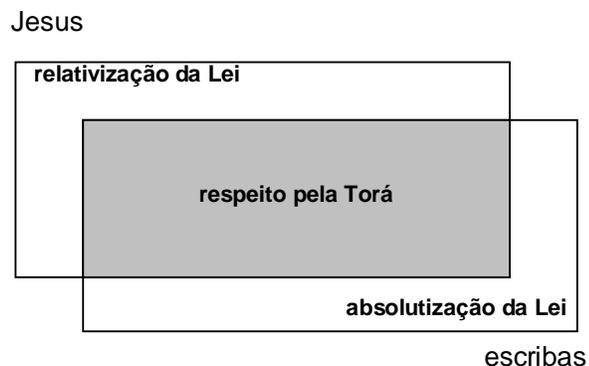
Os escribas não aceitavam o fato de Jesus relativizar a Lei em alguns aspectos. Tome-se, como exemplo, a guarda do sábado. Bessièrre (1993: 88) comenta que

No tempo de Jesus, o repouso do sábado era observado com detalhes: não era permitido escrever, fazer transportes nem viajar. Os deslocamentos não deviam ultrapassar dois mil côvados, aproximadamente um quilômetro. Não era permitido socorrer um homem a não ser em caso de perigo de morte.

Jesus, em contraposição, pregava que era necessário fazer o bem no sábado, ou seja, todas as necessidades individuais deveriam superar as barreiras legais:

Aconteceu que, ao entrar ele num sábado na casa de um dos principais fariseus para comer pão, eis que o estavam observando. Ora, diante dele se achava um homem hidrópico. Então, Jesus, dirigindo-se aos intérpretes da Lei e aos fariseus, perguntou-lhes: É ou não lícito curar no sábado? Eles, porém, nada disseram. E, tomando-o, curou-o e despediu-o. A seguir, perguntou-lhes: Qual de vós, se o filho ou o boi cair num poço, não o tirará logo, mesmo em dia de sábado? A isso nada puderam responder. (Lucas 14. 1-6)

Pode-se representar por meio do seguinte esquema os pontos convergentes e divergentes entre Jesus e os escribas:



Esquema 13: Pontos convergentes e pontos divergentes entre Jesus e os escribas

Como se observa, as polêmicas entre Jesus e as autoridades político-religiosas de Israel giravam geralmente em torno de doutrinas, de crenças e de costumes. O pivô dos debates era a infração à Lei, que consistia, em sua base, nos Dez Mandamentos. Os 613 preceitos adicionais eram entendidos como meios e regras de culto e de conduta. Todos eles estavam contidos nos cinco primeiros livros da Bíblia (o Pentateuco) e eram conhecidos como a *Lei Escrita* ou a *Torá*.

No judaísmo daquela época, tudo girava em torno da legislação mosaica, que, além de prescrever a vida religiosa e moral, era o código de direitos público e privado. O direito matrimonial, o direito dos pais em relação aos filhos, as relações jurídicas entre senhores e criados, o direito dos credores, a proteção da vida, os direitos da autoridade, a regulamentação dos gastos, os procedimentos judiciais, a natureza e o grau dos castigos, tudo isso estava minuciosamente regulamentado pela legislação do Pentateuco.

Os preceitos da lei mosaica, entretanto, não bastavam para as novas complicações da vida; em um esforço para manter a Lei atualizada em consequência das vicissitudes econômicas, políticas e sociais, desenvolveram-se os comentários orais à Lei Escrita. Nasceu aos poucos um conjunto de regras – conhecidas como *hermenêutica*¹⁰⁷ – por meio das quais a Lei podia ser estudada e desenvolvida sem violação dos preceitos escriturais.

A Lei, assim, não aparece como algo imóvel no tempo, mas como a tradição dada por Deus, que deve ser constantemente reafirmada para adequar-se às exigências da vida. Com o passar do tempo, as aplicações da lei foram-se estendendo, de modo que a coleção de normas de conduta resultou em algo confuso e complicado ao extremo até perder-se em intrincado labirinto de ramificações sem fim. Essa miscelânea de direções rituais, morais e econômicas reduziu a religião a um sistema de observância ritual opressivo e confuso que mantinha as pessoas em servidão perpétua.

¹⁰⁷ A hermenêutica é a disciplina que estuda os princípios e as teorias de como os textos devem ser interpretados, sobretudo os textos sacros. (Grenz: 2003, 66)

Na qualidade de juristas que conheciam a fundo a jurisprudência israelita, os escribas desempenhavam naturalmente o ofício de juízes nos numerosos tribunais do país. Prevalciam, assim, dessa autoridade para legislar, muitas vezes, em causa própria.

Outro ofício que esses doutores da Lei cumpriam com muito zelo consistia em agrupar em torno deles uma multidão de discípulos a quem comunicavam – por meio do ensinamento oral – seus conhecimentos da lei e das tradições que se haviam multiplicado em torno dela.

Em suma, pode-se dizer que a Lei representava os valores das classes dominantes da época.

Jesus denunciou continuamente os vícios e os falsos princípios dos legisladores em várias ocasiões:

O Senhor [Jesus], porém, disse-lhe: Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e de perversidade. Insensatos! Quem fez o exterior não é o mesmo que fez o interior? Antes, dai esmola do que tiverdes, e tudo vos será limpo. Mas ai de vós, fariseus! Porque dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortalças e desprezais a justiça e o amor de Deus; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas. (Lucas 11. 39-42)

Então, respondendo um dos intérpretes da Lei, disse a Jesus: Mestre, dizendo essas coisas, também nos ofende a nós outros! Mas ele respondeu: Ai de vós também, intérpretes da Lei! Porque sobrecarregais os homens com fardos superiores às suas forças, mas vós mesmos nem com um dedo os tocais. (Lucas 11. 45-46)

Ao censurar o comportamento extremamente legalista de determinados religiosos e defender os considerados pecadores e impuros pelos escribas e fariseus, Cristo manifesta seu caráter passional e, conseqüentemente, provoca em seus adversários as paixões malevolentes da inveja e do ódio, levando-os a procurar uma oportunidade de prendê-lo e de matá-lo.

Logo, os escribas e os fariseus compreenderam os riscos que aquele homem chamado Jesus representava na influência que eles exerciam sobre o povo, pois, ao mesmo tempo em que Cristo assumia uma postura ácida para combater o discurso dos legalistas, valia-se estrategicamente da doçura para arrebanhar os excluídos da sociedade.

Aliados aos fariseus, começaram, então, os escribas a acusar Jesus de não seguir a lei em vários aspectos, como, por exemplo:

a) a observância do sábado

Apoiando-se no livro de *Deuteronômio*¹⁰⁸, os judeus guardam rigorosamente o sábado:

Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o estrangeiro das tuas portas para dentro, para que o teu servo e a tua serva descansem como tu [...] (Deuteronômio 4. 13-14).

Certa vez, Jesus atravessou as searas em dia de sábado, e os discípulos colheram espigas. Os fariseus advertiram, então, Jesus: “Por que fazeis o que não é lícito aos sábados?” (Lucas 6. 2). Jesus respondeu: “O Filho do Homem é senhor do sábado”.

Num outro sábado, Jesus, na sinagoga, curou um homem que tinha ressequida uma das mãos. “Mas eles [os escribas e os fariseus] se encheram de furor e discutiam entre si quanto ao que fariam a Jesus” (Lucas 6. 6).

¹⁰⁸ Quinto livro do Antigo Testamento, e último do Pentateuco.

Nesses dois incidentes, a atitude de Jesus contrasta diretamente com a das autoridades religiosas, muitas das quais ensinavam que o único motivo de Deus ter criado o homem foi para que Ele tivesse alguém para observar o sábado.

Os judeus eram tão legalistas que nem a cura era permitida aos sábados, exceto quando havia perigo de vida. Mesmo assim, só poderiam ser tomadas medidas para que a doença não piorasse; não poderia ser feito nada para melhorá-la. Jesus se opôs a essa ideia, dizendo que, na verdade, é lícito, nos sábados, fazer o bem.

Além disso, quando Jesus – usando uma embreagem – disse que o Filho do Homem (terceira pessoa em lugar da primeira) – é senhor do sábado, estava, na verdade, declarando igualdade com Deus, pois, para os judeus, o sábado é o dia do Senhor.

b) o ritual de purificação

A tradição dos anciãos determinava que, por purificação cerimonial, era necessário lavar-se antes de comer. Do ponto de vista judeu, as pessoas tornavam-se imundas mediante contato com qualquer objeto ou pessoa cerimonialmente imunda. A fim de garantir purificação, as pessoas submetiam-se a um ritual bastante elaborado de lavagem antes de comer. Era preciso derramar água nas mãos estando os dedos voltados para cima, de modo que a impureza escorresse pelos pulsos. Em seguida, mais água era derramada estando os dedos voltados para baixo. Finalmente, as mãos esfregavam-se uma à outra.

Jesus, ao ser convidado para comer na casa de um fariseu, não realiza essa prática prescrita pela Lei:

O fariseu, porém, admirou-se ao ver que Jesus não se lavava primeiro, antes de comer. O Senhor, porém, lhe disse: Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e de perversidade. (Lucas 11. 38-39)

c) a comunhão com pessoas impuras

Ao relacionar-se com pessoas rotuladas como pecadoras, Jesus havia cruzado as linhas de fronteira dos judeus. Os publicanos e os pecadores não deveriam nem mesmo receber ensinamentos sobre as leis de Deus, pois sua vocação e estilo de vida os tornavam ritualmente impuros. “Os fariseus consideravam esses pecadores pessoas destituídas de esperança quanto à participação do reino de Deus ou da ressurreição dos justos” (EVANS: 1996: 114). Tendo convívio com essas pessoas, Jesus desafiava o sistema social aceito, demonstrando, assim, sua autoridade sobre as observâncias religiosas.

Então, ofereceu-lhe Levi um grande banquete em sua casa; e numerosos publicanos e outros estavam com ele à mesa. Os fariseus e seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus, perguntando: Por que comeis e bebeis com os publicanos e pecadores? Respondeu-lhes Jesus: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento. (Lucas 5. 29-32)

d) jejum

Os judeus deveriam, segundo a lei, jejuar apenas uma vez por ano, no dia da expiação¹⁰⁹. Os fariseus, entretanto, jejuavam duas vezes por semana. Causava a eles estranheza o fato de Jesus não orientar a seus discípulos tal prática.

Disseram-lhe eles: Os discípulos de João e bem assim os dos fariseus frequentemente jejuam e fazem orações; os teus, entretanto, comem e bebem. Jesus, porém, lhes disse: Podeis fazer jejuar os convidados para o casamento, enquanto está com eles o noivo? (Lucas 5. 33-34)

Dessa maneira, ao curar doentes aos sábados, perdoar os pecados e comer com os publicanos, Jesus mostrava sempre que sua mensagem era o vinho novo, que não

¹⁰⁹ O Dia da Expição – *Yom Kippur* – é uma festa de Israel comemorada no décimo dia do sétimo mês do calendário judaico (Tisri), o que corresponde aos meses de setembro-outubro do calendário cristão. É o dia em que o material se submete ao espiritual; um dia de reflexão, de orações, de jejum e de abstinência (BÍBLIA Plenitude, 2002: 132).

podia ser colocado nas velhas barricadas do sistema legalista. Seu projeto não era remendar a roupa velha da religião dos fariseus, mas oferecer um tecido novo para confeccionar uma roupa nova. Dessa forma, Jesus nega o discurso das autoridades para construir seu próprio discurso como verdade.

Assim, a Lei de Cristo – ao contrário da dos fariseus, que era ritualística – é baseada em fazer o bem ao próximo. Observem-se alguns discursos de Jesus sobre:

a) a vingança

Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra; e, ao que tirar a tua capa, deixa-o levar também a túnica; Dá a todo o que te pede; e, se alguém levar o que é teu, não entres em demanda. Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles. (Lucas 6. 29-31)

b) o ódio aos inimigos

Amai, porém, os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem esperar nenhuma paga; será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo, pois Ele é benigno até para com os ingratos e maus. Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai. (Lucas 6. 35-36)

c) o julgamento do próximo

Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados; dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também. (Lucas 6. 37-38)

Jesus queria desmascarar, com profundidade e lucidez, o sistema político-religioso dos fariseus e dos escribas, que oprimia o povo. Os chefes religiosos de Israel elaboraram uma complicada legislação para manter a pureza do povo israelita, considerado, segundo as escrituras, eleito por Deus. Tal pureza se opunha, assim, à

contaminação e à mesclagem não só com outros povos, mas também com os próprios judeus que não seguiam a Lei.

Richard (1992: 35) esclarece que

O sistema legal e religioso do puro e do impuro consistia numa verdadeira ideologia do *apartheid* da época. Era criação das classes dominantes e contradizia a melhor tradição profética e libertadora de Israel. Ninguém se atrevia a criticar o conjunto da legislação. Jesus seria o primeiro a enfrentar esse sistema, aberta e diretamente. Ele não poderia realizar seu projeto sem desmascarar essa ideologia local.

O fazer interpretativo de Jesus em relação aos fariseus e aos escribas geralmente é negativo. Em termos goffmanianos, os debates de Cristo colocavam em risco a face de seus oponentes, pois ele usava estratégias discursivas para atingir a imagem pública que esses religiosos haviam construído entre os judeus.

Em diversas circunstâncias, esses adversários tentam manipular Jesus a fim de sancioná-lo negativamente. Certa vez, alguns fariseus, procurando enredar Jesus em alguma palavra a fim de entregá-lo às autoridades romanas, enviaram alguns emissários, juntamente com os herodianos, para perguntar-lhe:

Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens. Dize-nos, pois: que te parece? É lícito pagar tributo a César ou não? Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Por que me experimentais, hipócritas? Mostrai-me a moeda do tributo. Trouxeram-lhe um denário. E ele lhes perguntou: De quem é esta efígie e inscrição? Responderam: De César. Então, lhes disse: Daí, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. Ouvindo isso, admiraram-se e, deixando-o, foram-se. (Mateus 22. 15-17)

Os emissários dos fariseus, assumindo o papel de destinadores-manipuladores, tentam manipular o destinatário Jesus por sedução, apresentando-lhe uma imagem positiva do seu caráter (“...sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus...”). Jesus, porém, não se deixa manipular, pois, ao exercer o fazer interpretativo que lhe cabe, não crê ser verdadeiro o discurso dos manipuladores

(“Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia...”). Assim, Jesus – o destinador-julgador – sanciona negativamente os emissários dos fariseus, julgando-os falsos, pois eles não parecem sinceros e realmente não são.

Na verdade, os fariseus e os escribas – respeitados pelo povo por serem conhecedores da Lei – temiam ser ultrapassados ou eclipsados por Jesus, configurando-se, assim, a *sombra*¹¹⁰, que se constrói na perspectiva daquele que é suscetível de ser ultrapassado por outro: “[...] os principais sacerdotes, os escribas e os maiores do povo procuravam eliminá-lo; contudo, não atinavam em como fazê-lo, porque todo o povo, ao ouvi-lo, ficava dominado por ele” (Lucas 19. 47-48).

Jesus usa sempre estratégias competentes para escapar à sanção. Valendo-se da *phrónesis* aristotélica – que significa o bom senso, a prudência – Cristo se esquivava várias vezes das armadilhas em que seus adversários tentam fazê-lo cair.

O famoso episódio da mulher adúltera, registrado no evangelho de João, capítulo 8, versículos 1 a 11, exemplifica bem como Jesus não se enredava nas palavras:

Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras. De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava. Os escribas e os fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos, disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? Isso diziam eles tentando-o, para terem de o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, Jesus levantou-se e disse-lhes: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. Mas, ouvindo eles essa resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava. Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, disse-lhe Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.

¹¹⁰ A *sombra* é o sentimento de desconfiança, temor de ser eclipsado por alguém (GREIMAS; FONTANILLE: 1993, 177).

É evidente que os líderes judeus, exercendo o papel de destinador coletivo, intencionavam colocar Jesus em uma situação sem saída. Se ele dissesse que a mulher deveria ser apedrejada, perderia sua reputação de “amigo dos publicanos e dos pecadores”. Conseqüentemente, o povo o abandonaria e não aceitaria sua mensagem bondosa de perdão; se dissesse, porém, que a mulher não deveria ser apedrejada, estaria transgredindo a Lei abertamente e poderia ser preso. Os oponentes, ao reverenciar Jesus, chamando-o de mestre e pedindo-lhe que julgasse uma situação já prescrita na lei mosaica, tentam mais uma vez manipulá-lo por sedução. Jesus, porém, condenando o ato de acusar, usa a figura *pedra* para recobrir o tema acusação; dessa maneira, ao dizer “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”, está, na verdade, advertindo que não se deve proceder a acusação alguma uma vez que ninguém está isento de pecado.

Assim, usando a sensatez, Jesus, em vez de julgar a mulher, julgou os juízes (“Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”).

Esse julgamento produz efeito de sentido de equidade, que corresponde ao grego *epieíkeia*, termo definido juridicamente por Aristóteles da seguinte forma:

Os atos nos quais é preciso mostrar indulgência se relacionam à equidade (*epieíkeia*); somos equânimes se não avaliamos os erros, os crimes e também os males da mesma maneira [...]. Ser indulgente com as fraquezas humanas é ser também equânime; e, em seguida, considerar não a lei, mas o legislador; não a letra da lei, mas o espírito do legislador; não a ação, mas a intenção (*prohaíresis*); não a parte, mas o todo; não o que o outro é hoje, mas o que foi sempre ou foi na maior parte do tempo. Ser equânime é também se lembrar mais do bem do que do mal sofrido, e mais dos benefícios recebidos que dos serviços prestados. É saber suportar a injustiça. É consentir que as divergências sejam resolvidas mais pelo discurso que pela ação. (Retórica I, 13- 174b 4- 19)

Jesus coloca também seus adversários em ciladas discursivas. Observe-se o seguinte trecho:

Tendo Jesus chegado ao templo, estando já ensinando, acercaram-se dele os principais sacerdotes e os anciãos do povo, perguntando: Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu essa autoridade? E Jesus lhes respondeu: Eu também vos farei uma pergunta; se me responderdes, também eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. Onde era o batismo de João, do céu ou dos homens? E discorriam entre si: Se dissermos: do céu, ele nos dirá: Então, por que não acreditastes nele? E se dissermos: dos homens, é para temer o povo, porque todos consideram João como profeta. Então, responderam a Jesus: Não sabemos. E ele, por sua vez: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas. (Mateus 21. 23-27)

As autoridades valeram-se do *face-work* goffmaniano, ou seja, o que uma pessoa executa para que suas ações não a façam perder a face para ninguém. Amossy (2005: 13) explica que Goffman elabora uma psicossociologia que consiste em restabelecer o equilíbrio em uma interação conversacional por táticas evasivas ou de reparação, por exemplo.

Um outro exemplo do confronto de Jesus com o sistema político-religioso judeu foi o episódio da expulsão dos vendilhões do templo¹¹¹ de Jerusalém.

Depois, entrando no templo, expulsou os que ali vendiam, dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa será casa de oração. Mas vós a transformastes em covil de salteadores. (Lucas 19. 45-46)

O evangelista Marcos acrescenta que Jesus “derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas” (Marcos 11. 15). João, entretanto, é o que mais intensifica a ira de Cristo: “tendo feito um azorrague de cordas, expulsou todos do templo – bem como as ovelhas e os bois – derramando pelo chão o dinheiro dos cambistas [...]” (João 2. 15).

¹¹¹ O templo de Jerusalém era o centro máximo de toda a vida nacional judia. Jerusalém era uma cidade-Estado e o templo era o coração da cidade. Nele estava guardado o Tesouro, uma espécie de *banco central* da época. Ali eram depositados os impostos, e estavam sob custódia as fortunas das viúvas e dos órfãos ricos. (RICHARD, 1992: 44)

Como estava próxima a festa da Páscoa, Jerusalém encontrava-se lotada de peregrinos. Era necessidade de todos comprar animais para oferendas e trocar dinheiro estrangeiro pela moeda local. Pagliarin (2005: 281) alerta que

A Torá mandava o pecador trazer o melhor animal do seu rebanho para expiar a sua transgressão: “Quando alguma pessoa cometer uma transgressão e pecar por ignorância nas coisas sagradas do Senhor, então, trará ao Senhor, por expiação, um carneiro sem mancha do rebanho, conforme a tua estimação em siclos de prata, segundo o siclo do santuário, para expiação da culpa” (Levítico 5. 15). Mas, por melhor que fosse o animal trazido pelo pecador, os sacerdotes colocavam defeitos e o recusavam. Ao pecador não restava alternativa a não ser dirigir-se aos comerciantes e comprar “animais previamente aprovados pelos sacerdotes”, pagando um preço escorchante. Muitas vezes, o pecador dava o seu animalzinho como parte de pagamento, para depois vê-lo à venda, como “animal aprovado”, igualmente oferecido por um preço exorbitante. Também naquelas barracas se faziam as trocas de moedas gregas e romanas pelo único dinheiro aceito no templo: “o siclo do Santuário”, de emissão judaica. Porém, os filhos de Anás – também sacerdotes – e os comerciantes que eles licenciavam supervalorizavam o câmbio e obtinham grandes lucros nas trocas das moedas, em prejuízo dos peregrinos e adoradores. Como milhares e milhares de peregrinos e adoradores vinham ao templo, o negócio era simplesmente gigantesco e altamente vantajoso para aquela casta.

As atividades mercantis daquelas pessoas no recinto do templo representavam, assim, violação dos propósitos religiosos: em vez de ser lugar em que Deus é adorado, o templo se tornara mercado em que se obtinham lucros. Em Lucas 16. 13, o próprio Jesus adverte: “Não podeis servir a Deus e às riquezas”. Cristo cita, então, Isaías 56. 7: “[...] a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos”, acrescentando Jeremias 7. 9: “Será esta casa que se chama pelo meu nome um covil de salteadores aos vossos olhos?”

A autoridade máxima religiosa, civil e política do templo era o sumo sacerdote. O ato de expulsar os vendilhões e os cambistas do templo foi considerado pelos líderes religiosos desprezo pela autoridade de que estavam investidos, pois, segundo a Bíblia Plenitude (2002: 1018), “as autoridades do templo haviam estabelecido um tipo de máfia religiosa, que desviava lucros gigantescos de transações fraudulentas”. Mounce (1996: 206-207) acrescenta que

Cobrava-se determinada comissão no câmbio de moedas, e os animais eram vendidos a preços elevados. Por exemplo, os pombos – que podiam ser sacrificados pelos que eram bem pobres por não terem condições de comprar um cordeiro – eram vendidos no templo por um preço várias vezes maior que o preço praticado no mercado.

Assim, a parte do enunciado de Jesus que mantém dialogismo com o do profeta Jeremias (“Mas vós a transformastes em covil de salteadores”) não se refere apenas aos vendilhões e aos cambistas, mas principalmente aos que permitiam que se realizasse tal tipo de transação financeira. Jesus, que pregava uma religião de amor e de partilha, revolta-se contra aquela religião que visava a fins lucrativos.

Logo após a narração desse episódio, Lucas (19. 47) escreve que “diariamente, Jesus ensinava no templo; mas os principais sacerdotes, os escribas e os maioriais do povo procuravam eliminá-lo”.

Lucas deixa claro em seu evangelho que, de tempos em tempos, se formava um complô contra Jesus: “Mas eles [os escribas e os fariseus] se encheram de furor e discutiam entre si quanto ao que faziam a Jesus” (Lucas 6. 11); “Saindo Jesus dali, passaram os escribas e os fariseus a argui-lo com veemência, procurando confundi-lo a respeito de muitos assuntos, com o intuito de tirar das suas palavras motivos para o acusar” (Lucas 11. 53-54). Entretanto, a partir do momento em que Jesus ataca e diz ser ilegítima a organização doutrinária e política do templo, deliberou-se que era preciso tomar providências para eliminá-lo. Assim, nos evangelhos sinóticos, a expulsão dos vendilhões do templo – em que Cristo manifestamente aparece como perturbador da ordem pública – constitui a passagem entre o ministério de Jesus e a sua prisão, a partir da qual será julgado e condenado à morte de cruz.

Os assuntos dos principais debates e controvérsias registrados nos evangelhos canônicos podem ser apresentados por meio do seguinte quadro:

Debates e controvérsias	Mateus	Marcos	Lucas	João
O perdão dos pecados	9. 2-8	2. 1-12	5. 17-26	-
O jejum	9. 14-15	2. 18-20	5. 33-35	-
A colheita de espigas no sábado	12. 1-8	2. 23-28	6. 1-5	-
A blasfêmia contra o Espírito Santo	12. 22-37	3. 22-30	11. 14-23	-
A autoridade de Jesus	21. 23-27	11. 27-33	20. 1-8	-
O pagamento de imposto ao imperador	22. 15-22	12. 13-17	20.20-26	-
A ressurreição dos mortos	22. 23-33	12. 18-27	20. 27-40	-
A relação de Cristo com Davi	22. 41-46	12. 35-37	20. 41-44	-
A hipocrisia dos escribas e dos fariseus	23. 1-36	12. 38-40	11. 37-52 20. 45-47	-
A refeição com pecadores	9. 11-13	2. 15-17	5. 29-32	-
A impureza	15. 1-20	7. 1-23	-	-
O pedido de um sinal do céu	16. 1-4	8. 11-12	-	-
O divórcio	19. 1-12	10. 1-12	-	-
O maior mandamento da Lei	22. 34-40	12. 28-34	-	-
A cura de uma mulher no sábado	-	-	13. 10-17	-
O apedrejamento de uma adúltera	-	-	-	8. 3-9
O testemunho de si próprio	-	-	-	8. 13-19
A missão e autoridade de Jesus	-	-	-	8. 21-59
A cegueira espiritual dos fariseus	-	-	-	9. 39-41
A filiação divina de Jesus	-	-	-	10. 24-38

Quadro 44: Debates e controvérsias entre Jesus e seus adversários registrados nos evangelhos canônicos

Os quatro evangelistas enfatizam, na esfera de ação político-religiosa, o constante confronto entre Jesus e a liderança judaica. Tais confrontos se manifestam discursivamente em forma de *debate*, cujo conteúdo temático é a defesa de opinião. Segundo Vermes (2006b: 61), alguns estudiosos do texto bíblico acreditam que

as histórias de controvérsia dos evangelhos são imaginárias e servem apenas como estrutura literária para a ação ou dito em torno do qual se desenvolve a polémica doutrinal que envolvia a igreja primitiva.

Acreditam esses biblistas que os debates criados discursivamente pelos evangelistas nada mais eram do que uma estratégia para que o próprio Jesus – por meio de desembreagem interna – dirimisse algumas dúvidas e algumas polêmicas da comunidade cristã primitiva.

Independentemente de esses estudiosos estarem ou não certos, muitas das respostas dadas por Jesus a seus opositores se transformaram em orientações básicas da maioria das igrejas cristãs. Tomem-se, como exemplo, a proibição do divórcio, o amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo, o dar a César o que é de César e a Deus o que é Deus, o fazer o bem no sábado, a autorreflexão antes de atirar a primeira pedra etc.

Os debates impressos nos evangelhos, entretanto, não veicularam apenas os ensinamentos de Cristo; veicularam também uma imagem negativa da liderança judaica do século I e, por extensão, do povo judeu.

O estilo ácido e caloroso que Jesus imprime nos discursos dirigidos a seus oponentes é, na verdade, construído principalmente pelos evangelistas Mateus e João. Tanto o Jesus mateano como o Jesus joanino condenam virulentamente as autoridades religiosas ao inferno: “Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?” (Mateus 23. 33); “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos” (João 8. 44). As maldições dirigidas contra esses líderes religiosos acabaram tendo grande influência no desenvolvimento do antissemitismo cristão.

2.1.2 O gênero sermão

O sermão (do latim *sermo*, conversa), discurso de natureza religiosa, é também conhecido como homilia (do grego *homilos*, multidão; *homiléō*, conversar). Assim, na acepção grega, significa conversar com uma multidão em tom familiar.

O sermão é um gênero que tem caráter acentuadamente persuasivo, pois nele fala-se a voz de Deus. Orlandi (2006: 243) afirma que

[...] no discurso religioso, há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens). Isto é, locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal. O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo mortais, efêmeros, falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens.



Ilustração 10: Hierarquia dos planos espiritual e temporal no gênero sermão

Sendo porta-voz de Deus, o orador tem por objetivo mudar a opinião, a intenção ou o comportamento do auditório, valendo-se, para isso, de manipulações.

No famoso Sermão da Montanha – discurso inaugural em que o Messias anuncia a chegada do reino – Mateus relata as prescrições feitas por Cristo, que serviram de base para as doutrinas basilares do que viria a ser a religião cristã. Cristo orienta seus discípulos a terem um estilo de vida radicalmente transformado; para isso, ele usa duas formas de manipulação: a tentação – prometendo o reino divino aos que seguirem suas prescrições – e a intimidação, ameaçando os rebeldes de serem excluídos de tal reino:

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade. (Mateus 7. 21-23)

Jesus prescreve um estilo de vida que vai contra a corrente social geralmente aceita.

É importante frisar que o que se conhece como *Sermão da Montanha* é, na verdade, uma edição feita por Mateus de vários outros sermões de Jesus. Várias observações podem indicar isso. Primeiramente, o auditório de Jesus – predominantemente formado por pessoas pouco letradas – não seria capaz de absorver tantas instruções éticas de uma só vez. O Jesus dos evangelhos sinóticos era tão consciente disso que preferia adotar o gênero parábola em seus ensinamentos. Além disso, 34 dos 107 versículos do *Sermão* registrado por Mateus não se encontram na versão do *Sermão* registrado por Lucas, mas encontram-se espalhados em outros contextos do evangelho lucano. Por fim, 47 dos versículos de Mateus não têm paralelo algum em Lucas.

A versão lucana, bem mais resumida, é conhecida como *Sermão da Planície*, pois, diferentemente de Mateus, Lucas afirma que Jesus “parou numa planura onde se encontravam muitos discípulos seus e grande multidão do povo, de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidom” (Lucas 6. 17). Assim, o *Sermão da Planície* equipara-se ao *Sermão da Montanha* em estrutura geral, sequência e pensamento. De acordo com o objetivo de seu evangelho, destinado aos gentios,

Lucas omite uma boa porção de material de interesse particular dos discípulos judeus.

Lucas reduz as nove bem-aventuranças de Mateus para quatro. Em contrapartida, inclui, na sequência, quatro lamentos omitidos por Mateus. Assim, valendo-se de um jogo antitético, cada uma das quatro bênçãos corresponde a um ai. Observe-se o seguinte quadro comparativo:

Bem-aventuranças (Lucas 6. 20-22)	Ais (Lucas 6. 24-26)
Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus.	Mas ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação.
Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis fartos.	Ai de vós, os que estais agora fartos! Porque vireis a ter fome.
Bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir.	Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar.
Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem.	Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas.

Quadro 45: Antítese entre as bem-aventuranças e os ais no evangelho lucano

Jesus adverte, assim, os que preferem questões exclusivamente mundanas em detrimento do reino de Deus.

Mateus – como escreve para a comunidade judaica – faz questão de destacar que Jesus ficou sentado enquanto ensinava. Conforme Mounce (1996: 48), seguindo os costumes dos rabis, Jesus – ao sentar-se – assumiu posição de autoridade, pois, nas sinagogas judaicas, era essa a posição em que os mestres ficavam. Mateus – após o registro final do Sermão da Montanha – afirma que

Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas. (Mateus 5. 28-29)

Os sermões de Cristo são, na verdade, instruções de comportamentos éticos que devem ser adotados para entrar no Reino de Deus. Arrepende-se não é, para ele, fazer penitência, mas praticar concretamente a justiça. A lei de Cristo – diferentemente da dos escribas e dos fariseus – dá ao homem o livre arbítrio de segui-la ou não. O homem, porém, para ser reconhecido pelo próprio Deus – e assim fazer parte de seu reino – deve submeter-se à vontade divina. Segundo Althusser (1985: 104),

[...] o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do sujeito, para aceitar, portanto (livremente) sua submissão.

As prescrições deontológicas de Jesus podem ser sistematizadas da seguinte maneira:

a) ética comunitária – Os sermões de Jesus são voltados a uma vida em comunidade. Os ensinamentos sobre os bens materiais e o dinheiro pressupõem práticas econômicas fraternais:

[...] ao que demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. (Mateus 5. 40)

Dá a quem te pede e não volte as costas ao que deseja que lhe emprestes. (Mateus 5. 42)

Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corroem, e onde ladrões não escavam, nem roubam. (Mateus 6. 19-21)

b) ética de testemunho – Jesus diz que os seguidores dos seus mandamentos são sal e luz. Em outras palavras, o que essa comunidade messiânica é e o que faz comunica o amor de Deus.

Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para mais nada presta, senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. (Mateus 5. 13)

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus. (Mateus 5. 14-16)

c) ética de amor – Jesus proclama uma ética de amor perfeito. Jesus insiste em que seus seguidores não se limitem a amar apenas os amigos, mas os inimigos também.

Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. (Mateus 5. 44-45)

d) ética de excesso – Jesus exorta seus discípulos a ultrapassarem as expectativas normais do comportamento humano.

E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste. (Mateus 5. 47-48)

e) ética de reconciliação – Jesus proclama reiterada vezes o perdão.

Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando faze a tua oferta. (Mateus 5. 23-24)

Os valores pregados por Jesus em seus sermões opõem-se a todos os valores convencionais do mundo judaico e do helenístico-romano do primeiro século.

A maioria dos sermões era dirigida aos discípulos de Jesus. Segundo Mounce (1996: 48), deve-se considerar a expressão discípulos como referência a todos

quantos seguiam Jesus a fim de ouvir o que ele tinha a ensinar. Assim, os discípulos incluíam uma audiência maior do que os doze apóstolos.

Diferentemente dos oponentes de Jesus, que possuíam prestígio social, a maioria dos seguidores de Jesus era marginalizada socialmente. Dessa forma, pode-se dizer que os seguidores de Cristo configuravam-se, em termos semióticos, como *não-poder-ser* merecedores da glória de Deus. Entre eles, estavam os publicanos e os pecadores.

Sendo coletores de impostos, os publicanos eram judeus comuns que colaboravam com os romanos, ajudando-os na arrecadação das taxas indiretas e enriquecendo-se facilmente com esse trabalho. Estabelecendo seus postos de coleta em lugares importantes, como as portas das cidades, os mercados e as estradas, eles recolhiam grandes somas de dinheiro, do qual apenas uma quantidade fixa deveria ser passada ao Estado. O restante ia para seus bolsos. Em uma região onde os impostos eram vistos como um dos símbolos mais vexatórios da ocupação e onde a colaboração era equiparada à apostasia, o coletor de impostos era sabidamente objeto de profunda aversão.

De novo, saiu Jesus para junto do mar, e toda a multidão vinha ao seu encontro, e ele os ensinava. Quando ia passando, viu a Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu. Achando-se Jesus à mesa na casa de Levi, estavam juntamente com ele e com seus discípulos muitos publicanos e pecadores; porque estes eram em grande número e também o seguiam. Os escribas dos fariseus, vendo-o comer em companhia dos pecadores e publicanos, perguntavam aos discípulos dele: Por que come e bebe ele com publicanos e pecadores? Tendo Jesus ouvido isto, respondeu-lhes: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores. (Marcos 2. 13-17)

Os publicanos eram, assim, modalizados por um *dever-não-fazer* e um *querer-fazer*, ou seja, deveriam não trabalhar para os romanos, mas desejavam fazê-lo pelo dinheiro que ganhariam. Àquele que sofre essa incompatibilidade modal, Bertrand (2003: 315) chama de *figura dilacerante*, pois “submetido à proibição, deve não fazer, porém, submetido ao desejo, quer fazer e, dotado de meios pelo Destinador,

pode fazê-lo”. Em outras palavras: os publicanos eram proibidos pela Lei mosaica de trabalhar para os romanos, povo pagão; desejosos, porém, de ganhar dinheiro – e dotados de poder pelo Império Romano – infringiam essa proibição. Esse conflito modal propiciava algumas vezes aos publicanos mudança. Talvez por isso Cristo invistisse na salvação deles. Quando João Batista batizava no rio Jordão,

Foram também publicanos para serem batizados e perguntaram-lhe: Mestre, que havemos de fazer? Respondeu-lhes: Não cobreis mais do que o estipulado. (Lucas 3. 12-13)

O termo “pecadores”, por sua vez, referia-se não apenas àqueles que transgrediam a lei moral, como as prostitutas, mas também aos que não observavam a Lei mosaica – os *am-ha-aretz* (o povo da terra). Esse termo era aplicado a todos aqueles – particularmente aos operários e aos trabalhadores braçais – que não tinham tempo nem inclinação para estudar a Lei, e, por essa razão, negligenciavam muitos de seus numerosos mandamentos. O fato de Jesus – embora carpinteiro – ter grande conhecimento das Escrituras deixava as autoridades religiosas perplexas.

Então, os judeus se maravilhavam e diziam: Como sabe este letras¹¹², sem ter estudado? Respondeu-lhes Jesus: O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou. (João 7. 15-16)

Configurava-se, assim, um cenário em que principalmente os fariseus e os escribas desprezavam, de maneira contundente, os publicanos e os pecadores, embora todos pertencessem ao microcosmo judaico e compartilhassem da mesma religião. O ponto de divergência entre eles estava no acatamento da Lei. Pode-se, assim, representar:

<u>fariseus e escribas</u>	\leftrightarrow	<u>aqueles que seguem a Lei</u>
publicanos e pecadores		aqueles que transgridem a Lei

¹¹² Letras aqui não se refere à capacidade básica de leitura e de escrita, mas ao conhecimento e compreensão de Jesus das Escrituras. (BÍBLIA Plenitude, 2002: 1085)

Dentre os discípulos de Jesus, havia um grupo seleta – formado por doze homens – que o seguia constantemente. A eles, Jesus deu o nome de apóstolos (do grego *apostello*, enviado em uma missão). Os evangelhos sinóticos dão a lista completa de seus nomes: Simão Pedro e André; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus; um outro Tiago e Judas Tadeu; Simão, o zelote¹¹³, e Judas Iscariotes¹¹⁴, o traidor. Nenhum deles se destacava pela cultura ou pelo prestígio pessoal. Eram, na verdade, doze seguidores imperfeitos no aspecto moral:

a) invejosos uns dos outros

Tendo eles partido para Cafarnaum, estando Jesus em casa, interrogou os discípulos: De que é que discorriais pelo caminho? Mas eles guardaram silêncio; porque pelo caminho, haviam discutido entre si sobre quem era o maior. (Marcos 9.33-34)

b) ambiciosos

Então, Tiago e João, filhos de Zebedeu, aproximaram-se de Jesus, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir. E Ele lhes perguntou: Que quereis que vos faça? Responderam-lhe: Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda. (Marcos 10. 35-37)

c) impulsivos

Então, Simão Pedro puxou da espada que trazia e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita; e o nome do servo era Malco. (João 18.10)

d) exclusivistas

Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que, em teu nome, expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco. Mas Jesus respondeu: Não lho proibais; porque

¹¹³ Os zelotes eram revolucionários que tentavam resistir pela força à invasão romana em Israel.

¹¹⁴ Judas é sancionado negativamente pelos evangelistas: "...[Judas] era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava" (João 12. 6); "Ora, Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, que era um dos doze" (Lucas 22. 3); "E Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os príncipes dos sacerdotes, para lhes entregar Jesus" (Marcos 14. 10).

ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim. (Marcos 9. 38-39)

e) incrédulos

Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimos, não estava com eles quando veio Jesus.

Disseram-lhe, então, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o sinal de cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei. (João 20. 24-25)

f) irônicos

Então, Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu;

E por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer; mas vamos ter com ele.

Então, Tomé, chamado Dídimos, disse aos condiscípulos: Vamos também nós para morrermos com ele¹¹⁵. (João 11. 14-16)

Homens rudes, os apóstolos eram desprezados pela sociedade judaica refinada, pois a maioria deles era da região de Cafarnaum, conhecida como Galileia dos gentios. Segundo Fillion (2004: 86),

Uma característica dos habitantes da província do norte da Galileia era sua defeituosa pronúncia do idioma falado naquele tempo na Palestina, o que contribuía, e muito, para colocá-los em condição de inferioridade aos olhos dos bons falantes da Judeia e de Jerusalém, e isso provocava muitas injúrias e sarcasmos. Expressões estranhas, descuidos gramaticais, sotaque especial, pronúncias indistintas de alguns fonemas, especialmente os guturais, tudo isso os denunciava no momento em que falavam, dando lugar, às vezes, a zombarias, das quais o Talmude tem conservado maliciosamente diversos exemplos. Um dia, conta o Talmude, certo galileu dirigiu esta pergunta a alguns judeus do sul: _Quem tem um amar para me emprestar? Responderam a ele: _O que queres dizer, néscio galileu? O que queres dizer por amar? Será que queres um hamar (asno)

¹¹⁵ O enunciado de Tomé – *Vamos também nós para morrermos com ele* – merece um comentário à parte. Quando Jesus insinua aos discípulos que iria a Betânia ressuscitar Lázaro, Tomé convoca os condiscípulos para acompanharem Jesus a fim de que morressem com ele. Seria essa atitude um repente de coragem ou apenas uma colocação irônica? Os comentaristas bíblicos dividem-se quanto à opinião. Da totalidade dos discursos de Tomé, é possível depreender um *éthos* de ceticismo, o que pode levar tal enunciado a produzir efeito de sentido de ironia, que, segundo Fiorin (2005: 79), é o que se afirma no enunciado e se nega na enunciação.

para montar, ou hamar (vinho) para beber, ou amar (lã) para vestir, ou um imar (cordeiro) para imolar?

Os judeus desprezavam o universo socioletal da Galileia de tal forma a ponto de o evangelho mateano registrar um preconceito linguístico em relação a Pedro no momento em que ele nega Jesus.

Logo depois, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente, és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia. (Mateus 26. 73)

Essa maneira particular de falar dos apóstolos mostra como eles pertenciam a um segmento social subalterno. Para Fiorin (1990: 7), “as variedades linguísticas usadas pelos segmentos sociais subalternos são considerados erros, transgressões e seus usuários são, por isso, ridicularizados”.

A mensagem do Sermão da Montanha foi direcionada especificamente aos discípulos de Jesus. Embora estabelecesse leis rigorosas para serem acatadas pela imperfeição humana – como amar os inimigos, não fazer juízo de pessoa alguma, voltar a face esquerda àquele que ferir a direita – Cristo imprimiu um tom de doçura e de pacificidade em seu discurso, pois apiedava-se dos que eram proscritos da sociedade:

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós. (Mateus 5. 10-12)

Embora o *da Montanha* seja o sermão mais conhecido, os evangelhos registram outras coletâneas de ensinamentos de Cristo que, da maneira como foram editadas pelos evangelistas, produzem efeito de sentido de sermão. No seguinte quadro, relacionam-se os sermões de Jesus:

Sermões	Mateus	Marcos	Lucas	João
Sermão da montanha	5.1 – 7.27	-	-	-
Sermão da planície	-	-	6. 20-49	-
Instruções para os doze apóstolos	10. 5-42 18. 1-35	6. 7-13 9. 35-50	9. 1-6	-
Instruções para setenta discípulos	-	-	10. 1-12	-
Algumas admoestações à multidão	-	-	12. 1-12	-
Jesus traz fogo e dissensão a terra	-	-	12. 49-53	-
A missão de Jesus	-	-	-	5. 19-47
Jesus, o pão da vida	-	-	-	6. 27-40
Sermão de despedida	-	-	-	14.1–16.33

Quadro 46: Sermões de Jesus registrados nos evangelhos canônicos

Observa-se, por meio do quadro, que o sermão não é o gênero preferido do Jesus marcano. Como Marcos constrói um Cristo que mais *faz* do que *diz*, são poucos os discursos públicos de Jesus relatados por esse evangelista. As instruções evangelísticas registradas por Marcos geralmente se circunscrevem ao grupo dos doze apóstolos.

O Jesus mateano, ao contrário, mostra-se um habilidoso sermoneiro. Conforme já foi dito, o que se convencionou chamar *Sermão da montanha* é, na verdade, uma editoração feita por Mateus dos ensinamentos de Jesus. Ao reuni-los em forma de sermão, o evangelista formou seu catecismo e instruiu as primeiras comunidades cristãs. Do ponto de vista semiótico, entretanto, o que importa é que Mateus conseguiu produzir efeito de sentido de esse suposto longo discurso ter sido proferido de uma vez só.

Sendo inaugurador do reino dos céus, legislador e fundador de igreja, o Jesus mateano, na esfera de ação religiosa, vale-se, algumas vezes, do sermão, gênero que apresenta o conteúdo temático do ensino de doutrinas e de regras de conduta.

Com um estilo familiar, Jesus delinea os atributos primordiais para entrar no reino celestial: humildade, mansidão, justiça, misericórdia, pureza, disposição para sofrer perseguição, atenção sincera aos mandamentos de Deus, prioridade aos valores

espirituais sobre os materiais e, acima de tudo, reconhecimento da autoridade do Senhor ao obedecer à vontade revelada de Deus. Além disso, instrui seus discípulos sobre as obras que eles deveriam realizar, a maneira de disciplinar quem erra, as graves consequências de quem peca ou de quem leva alguém a pecar.

O sermão da planície do Jesus lucano corresponde a um terço do sermão da montanha do Jesus mateano. O evangelho lucano – por ser destinado aos gentios – não relata a radicalização que Jesus faz da Lei. O interesse maior do Jesus criado por Lucas são os párias da sociedade, e, para exaltá-los, o Cristo lucano vai valer-se mais das parábolas, como se verá mais adiante.

Os sermões do Jesus joanino, por sua vez, são longos e não têm equivalência aos encontrados nos sinóticos. Apenas João registra, por exemplo, os comentários mais extensos feitos por Jesus após a última refeição com seus discípulos. É o que se convencionou chamar *Sermão de despedida*. Blomberg (2009: 436-437) vê nesse sermão uma grande semelhança com o gênero *discurso de despedida*, estabelecido na literatura judaica: um herói ilustre, prestes a morrer, instrui seus seguidores como se preparar para a vida após sua partida. Esse sermão, impregnado de uma linguagem filosófica, é bem característico do Jesus joanino e do evangelista que o criou. Os interlocutores mostram não entender algumas declarações enigmáticas:

Um pouco, e não me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis. Então, alguns dos seus discípulos disseram uns aos outros: Que vem a ser isto que nos diz: Um pouco, e não me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis; e: Vou para o Pai? (João 16. 16-17)

A partida e o retorno de Jesus podem ser interpretados como se referindo à sua morte e ressurreição, mas também à sua ascensão e segunda vinda.

2.1.3 O gênero parábola

Nos evangelhos canônicos, rotulam-se de parábola cerca de quarenta e cinco discursos de Jesus. Antes de caracterizar o discurso parabólico, é importante entender os vários sentidos atribuídos ao lexema *parábola*. Observem-se algumas definições.

Segundo Houaiss (2001: 2126), parábola é uma “narrativa alegórica que transmite uma mensagem indireta, por meio de comparação ou analogia”; é uma “narrativa alegórica que encerra um preceito religioso ou moral”.

Para Moisés (1997: 385), trata-se de uma “narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a fábula, em razão da moral, explícita ou implícita, que encerra, e da sua estrutura dramática. Todavia, distingue-se das outras duas formas literárias pelo fato de ser protagonizada por seres humanos. Vizinha da alegoria, a parábola comunica uma lição ética por vias indiretas ou simbólicas: numa prosa altamente metafórica e hermética, veicula-se um saber apenas acessível aos iniciados”.

Buckland (2001: 324) define-a como uma “narrativa, imaginada ou verdadeira, que se apresenta com o fim de ensinar uma verdade. Difere do provérbio neste ponto: não é a sua apresentação tão concentrada como a dele, contém mais pormenores, exigindo menor esforço mental para ser compreendida. E difere da alegoria, porque esta personifica os atributos e as próprias qualidades, ao passo que a parábola nos faz ver as pessoas na sua maneira de proceder e de viver. E também difere da fábula, visto que a parábola se limita ao que é humano e possível”.

Os três conceitos, extraídos de dicionários – respectivamente lexicográfico, literário e bíblico – relacionam a parábola a uma história com narrativa desenvolvida. Nos evangelhos, entretanto, a palavra *parábola*, do grego *parabolé*¹¹⁶, corresponde, na língua materna de Jesus, ao termo aramaico *mathla*, designativo de todo tipo de

¹¹⁶ A palavra grega *parabolé* significa justaposição de duas coisas, ou seja, um mundo real projetado num mundo imaginário.

linguagem figurada: parábola, comparação, símile, alegoria, fábula, provérbio, revelação apocalíptica, dito enigmático, pseudônimo, símbolo, figura de ficção, exemplo, motivo, argumentação, apologia, objeção. Assim, Cristo – ao construir as parábolas – usa estratégias diversas, enfatizando um dos seguintes mecanismos de linguagem:

a) símile

A parábola do grão de mostarda

E dizia: A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei? É semelhante a um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta; e cresceu e fez-se árvore; e as aves do céu aninharam-se nos seus ramos. (Lucas 13. 18-19)

Moisés (1997: 477) ensina que o símile (do latim *similis*, coisa semelhante) se caracteriza pelo confronto de dois seres ou de duas coisas de natureza diferente, a fim de ressaltar um deles. No exemplo em destaque, *reino de Deus* e *grão de mostarda* são elementos de natureza distinta, cujo cotejo objetiva mostrar que o reino de Deus – à semelhança do grão de mostarda – apesar de ter início pequeno e insignificante, desenvolver-se-á, crescerá e atingirá grandes proporções.

b) figura simbólica

A parábola da figueira estéril

Então, Jesus proferiu a seguinte parábola: Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha e, vindo procurar fruto nela, não achou. Pelo que disse ao viticultor: Há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho; podes cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra? Ele, porém, respondeu: Senhor, deixa-a ainda este ano, até que eu escave ao redor dela e lhe ponha estrume. Se vier a dar fruto, bem está; se não, mandarás cortá-la. (Lucas 13. 6-9)

Segundo Wiersbe (2006: 340), “na Bíblia, a figueira é usada com frequência para retratar Israel”¹¹⁷. Quando se fixa uma relação entre tema e figura, ocorre um processo de simbolização. Segundo Fiorin (2005: 96), o símbolo pode ser definido como uma figura cuja interpretação temática é fixa. Assim, a figueira (figura) simboliza o povo de Israel (tema). Entende-se, dessa forma, que os três anos em que o senhor vinha procurar frutos na figueira e não os achava simbolizam os três anos em que Deus esperou Israel produzir frutos durante o ministério de Jesus.

c) provérbio

A parábola do cego que guia outro cego

Propôs-lhe também uma parábola: Pode, porventura, um cego guiar outro cego? Não cairão ambos no barranco? O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Como poderás dizer a teu irmão: Deixa, irmão, que eu tire o argueiro do teu olho, não vendo tu mesmo a trave que está no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro que está no olho de teu irmão. (Lucas 6. 39-42)

O enunciado *Se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco* possui, na verdade, características proverbiais. A enunciação proverbial, segundo Maingueneau (2001: 169), é fundamentalmente polifônica; o enunciador apresenta sua enunciação como uma retomada de inumeráveis enunciações anteriores, as de todos os locutores que já proferiram aquele provérbio. Moisés (1997: 423) define-o como “o saber do povo expresso de forma lapidar, concisa e breve”; a parábola, por sua vez – na acepção de história contada – tende a ser mais longa, mais envolvente, e o significado não tão categórico quanto o do provérbio.

¹¹⁷ Achei a Israel como uvas no deserto, vi a vossos pais como as primícias da figueira nova; mas eles foram para Baal-Peor, e se consagraram à vergonhosa idolatria, e se tornaram abomináveis como aquilo que amaram. (Oséias 9. 10)

d) enigma

A parábola do que contamina o homem

Ouvi-me, todos, e entendei. Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina. Se alguém tiver ouvidos para ouvir, ouça. (Marcos 7. 14-16)

Houaiss (2001: 1152) conceitua enigma como “texto ou parte dele, frase ou discurso cujo sentido seja incompreensível ou ambíguo”. Por diversas vezes, os discípulos pediram ao próprio Cristo que lhes esclarecesse a verdade oculta da parábola:

Quando entrou em casa, deixando a multidão, os seus discípulos o interrogaram acerca da parábola. Então, lhes disse: Assim vós também não entendeis? Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso? E, assim, considerou ele puros os alimentos. E dizia: O que sai do homem, isso é o que o contamina. Porque de dentro – do coração dos homens – é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos esses males vêm de dentro e contaminam o homem. (Marcos 7. 17-23)

É importante frisar que os discípulos haviam sido educados de acordo com regras alimentares extremamente rígidas, as quais categorizavam todo alimento como “limpo” ou “imundo”¹¹⁸. Causou-lhes, portanto, estranheza o enunciado *Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar, mas o que sai do homem é o que o contamina*. Jesus, entretanto, ensina que a verdadeira fonte de profanação não é a negligência de rituais externos ou de leis sobre alimentos, mas sim um coração poluído, que se inclina para o mal.

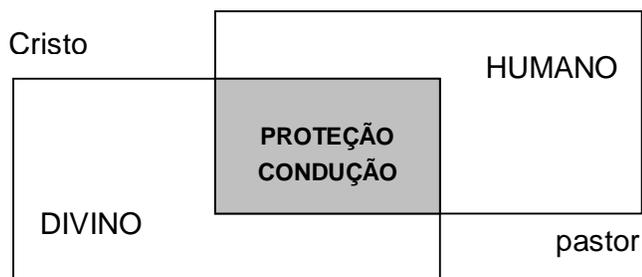
¹¹⁸ O capítulo 11 de *Levítico* – terceiro livro do Antigo Testamento – faz uma prescrição deontológica do que se deve ou não comer.

e) metáfora

A parábola do bom pastor

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebatou e dispersa. O mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas. Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor. (João 10. 11-16)

Fiorin e Savioli (2007: 122) definem a metáfora como “a alteração de sentido de uma palavra ou expressão quando entre o sentido que o termo tem e o que ele adquire existe uma intersecção”. Exemplificando: Jesus, quando diz *Eu sou o bom pastor*, faz uma metaforização, pois, entre ele e o bom pastor, identificam-se os semas comuns de /proteção/ e /condução/, sendo isolados respectivamente os semas /divino/ e /humano/:



Esquema 14: Intersecção semântica de *Cristo* e *pastor*

Sem dúvida, ao empregar tal metáfora, Jesus mostra o contraste entre ele e os falsos pastores na liderança da religião judaica da época, a quem descreve como mercenários. Dos quatro evangelistas canônicos, João emprega apenas parábolas metafóricas.

f) narrativas complexas ou parábolas propriamente ditas

A parábola do juiz iníquo

Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer: Havia em uma cidade um certo juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum. Havia também, naquela mesma cidade, uma viúva que vinha ter com ele, dizendo: Julga a minha causa contra o meu adversário. Ele, por algum tempo, não a quis atender; mas, depois, disse consigo: Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum; todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me. Então, disse o Senhor: Considerai no que diz este juiz iníquo. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra? (Lucas 18. 1-8)

As parábolas complexas, ou seja, aquelas que apresentam uma estrutura narrativa bem desenvolvida, permitem representar não só o fazer humano que transforma o mundo, mas também os valores, as aspirações e as paixões do homem. Instalam-se, assim, nesse tipo de parábola, simulacros da ação do homem em busca de determinados valores, que, de acordo com a moralização cristã, irão aproximá-lo ou distanciá-lo do reino de Deus.

Jesus, por meio dessas narrativas orais, descreve comportamentos a serem imitados ou evitados. Assim, as parábolas – tais quais as narrativas folclóricas (fábulas, mitos, lendas, contos de fada etc) – apresentam um forte elemento pragmático: a exemplaridade¹¹⁹. E o mais surpreendente é que o interesse pelo caráter exemplar desse tipo de literatura se perpetuou pelo tempo, apesar do abismo de diferenças que separa o homem contemporâneo do mundo antigo em que esses textos foram produzidos. Coelho (1981: 23) explica que os valores (humanos, sociais, éticos, políticos etc) veiculados nessa literatura

¹¹⁹ As narrativas da pequena literatura encerram, segundo Coelho (1981: 89), uma moralidade, que se institui como exemplo de conduta.

Continuam falando aos homens, porque, devido à *verdade geral* que expressam e ao “meio” metafórico com que foram concretizados, podem ser continuamente *atualizados*. Isto é, aludir a mil outras e diferentes *circunstâncias particulares* com a mesma *verdade* com que foram expressos originalmente (grifo da autora).

Essa “verdade geral”, para a semiótica, é um efeito de verdade obtido por meio de estratégias discursivas, o que permite aos pregadores fazer diversas releituras das parábolas, dependendo da mensagem que desejam enviar aos ouvintes.

Sendo a parábola um tipo de discurso predominantemente figurativo¹²⁰, pode-se dizer que, semioticamente, os mecanismos de linguagem que foram aqui examinados são os responsáveis pela cobertura figurativa do tema que subjaz à parábola, chamado pelos evangelistas de “verdade oculta”.

Assim, o componente básico do discurso parabólico é a figura – elemento semântico que remete a um elemento do mundo natural: *semente, ovelha, moeda, hospedaria* etc – o que torna a mensagem mais vívida, mais sensorial, criando o que Greimas denominou simulacro. Jeremias (2004: 7) reconhece que, de modo geral, “as imagens se imprimem mais fortemente na memória do que as ideias abstratas”. É possível, então, por meio da leitura desse gênero discursivo, presenciar nitidamente um “espetáculo” em que se identifica uma pequena encenação com personagens e coisas que passam por constantes transformações.

Fiorin (1990: 24) alerta, porém, que, “para entender um discurso figurativo é preciso, antes de mais nada, apreender o discurso temático que subjaz a ele”. Cristo, com frequência, reveste um mesmo tema com figuras diferentes. Exemplifique-se aqui o tema da *prudência*. Jesus deixa claro que, se alguém quiser segui-lo, deve ser prudente e calcular o alto custo do discipulado, que exige, antes de tudo, abnegação. Narra, assim, duas breves parábolas:

¹²⁰ Quando se fala em textos figurativos ou não-figurativos, está-se falando em predominância e não em exclusividade. Não existem textos exclusivamente figurativos ou temáticos. (FIORIN, 1990: 24)

Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar. (Lucas 14. 28-30)

Ou qual é o rei que, indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? Caso contrário, estando o outro ainda longe, envia-lhe uma embaixada, pedindo condições de paz. Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo. (Lucas 14. 31-33)

Na parábola *do construtor da torre*, o tema da prudência é revestido pelas figuras *calcular as despesas e verificar se tem os meios para a concluir*; na parábola *do rei combatente*, o mesmo tema é revestido pelas figuras *calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil*.

Em outra ocasião, o judaísmo é figurativizado em veste velha e em odre velho; o cristianismo, em pano novo e em vinho novo:

Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha, porque o remendo novo tira parte da veste velha, e fica maior a rotura. Ninguém põe vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho romperá os odres; e tanto se perde o vinho como os odres. Mas põe-se vinho novo em odres novos. (Marcos 2. 21-22)

Sem dúvida alguma, as parábolas da *ovelha perdida*, da *dracma perdida* e do *filho pródigo*¹²¹, registradas no capítulo 15 de Lucas, são as que mais permitem ao leitor perceber a unicidade temática: a inclusão dos humildes e dos desprezados no reino de Deus.

Indubitavelmente, as parábolas constituem um dos aspectos mais característicos do ensinamento de Jesus, principalmente nos evangelhos sinóticos. Certa vez, seus discípulos lhe perguntaram o motivo de usar parábolas: “Então, aproximaram-se os discípulos e perguntaram-lhe: Por que falas por parábolas?” (Mateus 13.10). A que Jesus respondeu:

¹²¹ Cf. p. 311-312.

Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido. Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso, lhes falo por parábolas: porque, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem. De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías: Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entenderéis; vereis com os olhos e de nenhum modo perceberéis. Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos. (Mateus 13. 11-15a)

O propósito das parábolas, segundo Cristo, era revelar as verdades ocultas do reino de Deus, porém não a todos. Ao coração honesto, essas histórias ilustrativas trariam mais luz, mas, aos orgulhosos e rebeldes, elas criariam mais confusão. Jesus refere-se à degradação espiritual, ao orgulho e à teimosia de coração dos israelitas que lhes impossibilitaram continuar a ouvir e a entender as palavras de Deus.

Das três definições de parábolas registradas no início desta seção, apenas a de Buckland (2001) diferencia a *parábola* da *alegoria*, pois, segundo ele, esta personifica os atributos e as qualidades, ao passo que aquela permite que se representem as pessoas na sua maneira de proceder e de viver.

Antes de discutir a alegorização das parábolas, é necessário observar como alguns dicionários definem *alegoria*.

Segundo o *Houaiss* (2001: 146), alegoria é o “modo de expressão ou interpretação usado no âmbito artístico e intelectual, que consiste em representar pensamentos, ideias, qualidades sob forma figurada e em que *cada elemento funciona como disfarce dos elementos da ideia representada*” (grifo nosso).

Já no *Dicionário de termos literários*, Massaud Moisés (1997: 15) afirma que “a alegoria (do grego *allegoría* = outro discurso) consiste, etimologicamente, num discurso que faz entender outro, numa linguagem que oculta outra. Pondo de parte as divergências doutrinárias acerca do conceito preciso que o vocábulo encerra, pode-se considerar a alegoria toda concretização – por meio de imagens, figuras e pessoas – de ideias, qualidades ou entidades abstratas. O aspecto material funciona como disfarce, dissimulação, ou revestimento, do aspecto moral, ideal ou ficcional.

Visto que a narração constitui o expediente mais adequado à concretização do mundo abstrato, tem-se como certo que a alegoria implica sistematicamente um enredo, teatral ou novelesco. E daí a impressão de equivaler a uma sequência logicamente ordenada de metáforas: *o acordo entre o plano concreto e o plano abstrato processa-se minúcia a minúcia, elemento a elemento, e não em sua totalidade*” (grifo nosso).

No *Dicionário de literatura*, organizado por Jacinto do Prado Coelho (1976: 30), diz-se que “é típico da alegoria o fato de a realidade ser traduzida termo a termo para o plano metafórico e não em conjunto, globalmente, como o símbolo. Assim, os *pormenores da configuração da alegoria têm, cada um, uma função representativa da realidade a que se alude*. Temos, neste caso, uma série de metáforas” (grifo nosso).

Os estudiosos que defendem a alegorização das parábolas apoiam-se no fato de o próprio Jesus ter interpretado alegoricamente aos discípulos duas de suas parábolas. Observe-se:

A parábola do semeador

3 E de muitas coisas Ihes falou por parábolas e dizia: Eis que o semeador saiu a semear.

4 E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram.

5 Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra.

6 Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se.

7 Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram.

8 Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um.

9 Quem tem ouvidos para ouvir ouça. (Mateus 13. 3-9)

A interpretação da parábola do semeador

19 A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebatou o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho.

- 20 O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria;
- 21 Mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza.
- 22 O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera.
- 23 Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e compreende; este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um. (Mateus 13. 19-23)

Se Jesus não interpretasse essa parábola, ela poderia reduzir-se a um discurso com isotopia figurativa¹²² de agricultura. Após a interpretação, porém, constata-se que *A parábola do semeador* tem função metalinguística, pois Jesus emprega uma parábola para falar sobre os efeitos que as parábolas podem causar aos ouvintes: aqueles que – como os adversários – não as entendem perdem a oportunidade de conhecer a verdade e conquistar a glória de Deus; os que ouvem com alegria, mas não deixam a palavra criar raízes profundas no coração, abandonam-na ao levantar-se a perseguição; quem ouve a palavra, mas é apanhado pelas preocupações da vida diária ou pelo apelo sedutor do bem-estar financeiro, não tem sucesso espiritual; os ouvintes, porém, que entendem as parábolas e praticam a mensagem nelas presente produzem frutos éticos e teológicos.

A parábola do joio

- 24 Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo;
- 25 mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se.
- 26 E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio.
- 27 Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Onde vem, pois, o joio?
- 28 Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso. Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio?
- 29 Não! Replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo.
- 30 Deixai-os crescer juntos até a colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro. (Mateus 13. 24-30)

¹²² A isotopia figurativa caracteriza-se pela redundância de traços figurativos, pela associação de figuras aparentadas e correlacionadas a um tema. (BARROS, 2002: 87)

A interpretação da parábola do joio

36 Então, despedindo as multidões, foi Jesus para casa. E, chegando-se a ele os seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo.

37 E ele respondeu: O que semeia a boa semente é o Filho do Homem;

38 o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno;

39 o inimigo que semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos.

40 Pois, assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século.

41 Mandará o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade

42 e os lançarão na fôrnalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes.

43 Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir ouça. (Mateus 13. 36-43)

Jesus, ao explicar a parábola do joio, cria um pequeno léxico de interpretações alegóricas (versículos 37 a 39); nos versículos 40 a 43, interpreta-se o destino contrário do joio e do trigo, com referência ao destino dos pecadores e dos justos no juízo final. À semelhança da parábola do sementeiro, em que o trigo semeado ao longo do caminho é comido pelas aves, Satanás é quem obstrui o crescimento do reino. Ele é o inimigo que prejudica ferozmente o homem que semeia boa semente no seu campo. O joio que o inimigo espalhou secretamente no campo de Deus são todos os que se parecem de alguma forma com os seguidores de Jesus, cuja fidelidade, entretanto, será tornada conhecida no dia da colheita. Em termos semióticos, pode-se dizer que, no joio (filhos do maligno), configura-se a modalidade veridictória da *mentira* [parece trigo (filhos do reino), mas não é], o que converge teologicamente para o evangelho de João 8. 44c: “Quando ele [o diabo] profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”.

Os estudiosos, porém, que contestam o estatuto alegórico das parábolas partem do princípio de que a alegoria só cumpre sua função se o leitor ou o ouvinte identificar a história contada com a mensagem pretendida.

Jeremias (2004: 68-91) faz uma crítica contundente à necessidade que os leitores veem de alegorizar todas as parábolas. Segundo ele, a Igreja primitiva viu-se na

obrigação de proceder desta maneira a fim de evangelizar os cristãos, mas nem tudo deve ser entendido no sentido alegórico. Leia-se *A parábola dos maus viticultores*, registrada em Lucas, capítulo 20, versículos 9 a 18:

A seguir passou Jesus a proferir ao povo esta parábola: Certo homem plantou uma vinha, arrendou-a a lavradores e ausentou-se do país por prazo considerável. No devido tempo, mandou um servo aos lavradores para que lhe dessem do fruto da vinha; os lavradores, porém, depois de o espancarem, o despacharam vazio. Em vista disso, enviou-lhes outro servo; mas eles também a este espancaram e, depois de o ultrajarem, o despacharam vazio. Mandou ainda um terceiro; também a este, depois de o ferirem, expulsaram. Então, disse o dono da vinha: Que farei? Enviarei ao meu filho amado; talvez o respeitem. Vendo-o, porém, os lavradores, arrazoavam entre si, dizendo: Este é o herdeiro; matemo-lo, para que a herança venha a ser nossa. E, lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará, pois, o dono da vinha? Virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros. Ao ouvirem isso, disseram: Tal não aconteça ! Mas Jesus, fitando-os, disse: Que quer dizer, pois o que está escrito: A pedra que os construtores rejeitaram, esta veio a ser a principal pedra, angular? Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.

Jeremias (2004: 76) acredita que dificilmente os ouvintes teriam relacionado a morte do filho do proprietário à morte do próprio Jesus. Aponta dois motivos: primeiramente, “a expressão ‘filho de Deus’ não se encontra no judaísmo palestinese pré-cristão como predicado messiânico”; em segundo lugar, jamais o auditório relacionaria uma história com uma outra que ainda estaria por acontecer. Para entender uma alegoria, o ouvinte tem que ter em mente as duas histórias: a alegórica e a real a que ela se refere. Assim, *A parábola dos maus viticultores* não teve efeito alegorizante para o primeiro auditório. O leitor cristão de hoje, entretanto, sendo conhecedor de todo o desfecho da vida de Cristo, é capaz de fazer uma interpretação alegórica dessa parábola.

É importante ainda frisar que as parábolas eram, originalmente, textos orais, destinados a um auditório que possivelmente via nessas histórias nada mais do que discursos que encerravam exemplaridade.

O próprio Cristo, porém, deixa claro haver um “mistério” em seus discursos parabólicos:

Então, se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas? Ao que respondeu: Por que a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido. (Mateus 13. 10-11)

Deve-se, então, entender que, por trás da história narrada por Cristo, há uma outra verdade que se quer passar. Não se pode, entretanto, querer alegorizar todos os detalhes da parábola para não incorrer em erro como fez Santo Agostinho, que, segundo Forward (2001: 91), interpretou *A parábola do bom samaritano*¹²³ da seguinte maneira: o homem derrubado por salteadores (Satanás e seus anjos) é Adão, que, expulso, tinha saído de Jerusalém (o paraíso do Éden) e partido para Jericó (mortalidade). Satanás tinha-o despido (de sua imortalidade) e deixado semimorto (morto espiritualmente, mas não fisicamente). O sacerdote e o levita (a Lei e os profetas do Antigo Testamento) são incapazes de salvar o homem e ele é deixado para o samaritano (Jesus) atar suas feridas (coibir o pecado), derramar óleo (esperança) e vinho (fervor). A hospedaria é a igreja, o hospedeiro é o apóstolo Paulo, e os dois denários são ou os dois maiores mandamentos (amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo), ou os dois sacramentos (o batismo e a santa ceia).

Esse é um exemplo da distorção de sentido que o excesso alegórico pode provocar. A atitude do samaritano da parábola, pelo que tudo indica, parece apenas um exemplo a ser seguido. Jeremias (2004: 9) afirma que

No começo pode ter havido um desejo inconsciente de achar nas palavras simples de Jesus um sentido mais profundo. No meio helenístico, estava amplamente espalhada a interpretação alegórica dos mitos como portadora de conhecimentos esotéricos, e, no judaísmo helenístico, a exegese alegórica fez escola; coisa semelhante era de se esperar neste assunto também dos mestres cristãos.

¹²³ Cf. texto integral nas p. 305-306.

Embora se oponha à alegoria excêntrica de detalhes, Jeremias reconhece que a parábola possibilita pluralidade de leitura.

As parábolas, via de regra, caracterizam-se pela pluri-isotopia, ou seja, apresentam mais de uma leitura temático-figurativa, o que permite ao enunciatório fazer diferentes interpretações desse tipo de texto. As mensagens dessas narrativas, embora tenham sido produzidas há quase dois mil anos, são perfeitamente aplicáveis à sociedade contemporânea. Fillion (2004: 258) explica a pluri-isotopia das parábolas da seguinte maneira:

[...] a parábola vem a ser como um composto de corpo e alma. O corpo é a própria narração, no sentido óbvio e natural... A alma é **uma série de ideias** paralelas às primeiras, que se desenvolvem seguindo a própria ordem, mas em plano superior, de sorte que é necessário advertência e atenção para compreendê-las. (grifo nosso)

A maioria das parábolas, porém, conforme afirma Evans (1996: 115), “ilustra um conceito abstrato (fidelidade, frutificação, perdão, oração, julgamento) com experiências e observações do viver diário”.

O fato de as imagens empregadas por Cristo em suas parábolas terem sido tiradas da vida cotidiana da Palestina deve ter contribuído para os primeiros ouvintes entendê-las literalmente, tirando delas apenas uma lição moral ou um exemplo de comportamento a ser imitado ou evitado. Segundo Jeremias (2004: 9),

[As parábolas] levam os ouvintes a um mundo que lhes é familiar, tudo é tão simples e claro, a ponto de o ouvinte não poder dar outra resposta senão: Sim, de fato é assim!

A narrativa da parábola do semeador, por exemplo, que pode equivocadamente passar ao leitor do Ocidente uma ideia de *não-saber-fazer* do semeador, ou seja, inabilidade ao semear,

[...] trata-se de algo que acontece na realidade. Compreende-se o caso, quando se sabe como se semeia na Palestina, ou seja, precisamente antes de arar a terra. Portanto, o semeador da parábola vai passando pelo campo não arado e ainda cheio de

restolho. Vê-se, então, porque ele semeia no caminho: é de propósito que ele lança a semente no caminho, isto é, no trilho que os camponeses, de tanto passar, formaram no meio da antiga roça, pois também o trilho deve ser arado. É também de propósito que ele semeia entre os espinhos secos espalhados pelo chão não lavrado, pois eles também serão revirados quando o arado passar. Também não é mais de se estranhar que os grãos caiam em chão rochoso, pois as rochas calcáreas, recobertas por uma fina camada de terra, dificilmente se distinguem do campo cheio de restolho, antes de os discos do arado rangerem de encontro a elas. Portanto, o que ao ocidental parece inabilidade é o comum no meio palestinese. (JEREMIAS, 2004: 7-8)

Percebe-se, assim, que tanto os fatos narrados quanto as personagens que se movimentam na narrativa são exemplos encontrados no cotidiano da época. Esse recurso encobre, de certa forma, o fio metafórico que tece as parábolas.

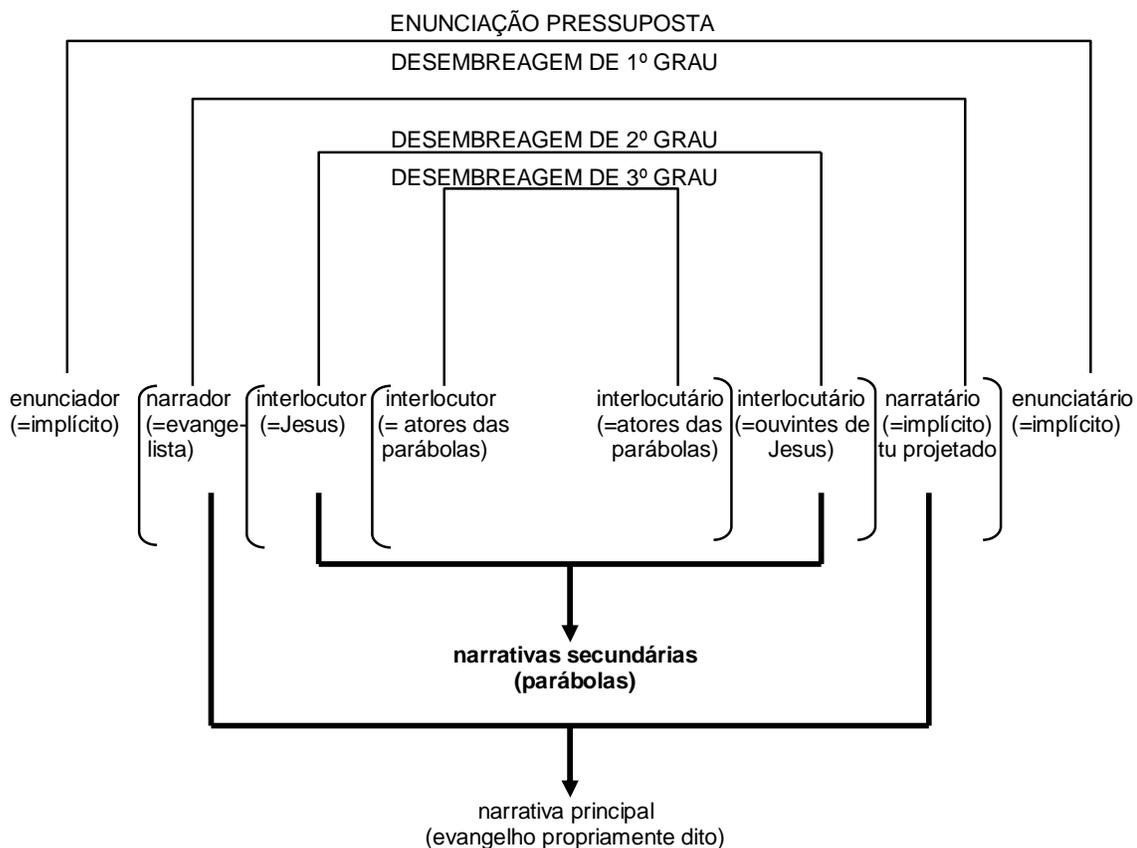
É importante, então, ter consciência de que as parábolas se referem a um contexto situacional ou, no caso específico dos discursos parabólicos de Jesus, ao contexto do próprio evangelho. Bailey (1995: 15) sugere que se deve encarar a parábola como uma peça dentro da peça.

Para que a sugestão de Bailey fique semioticamente esclarecida, convém frisar que a parábola é uma narrativa menor inserida em uma narrativa maior (o evangelho em si), ou seja, um texto dentro de um outro texto. Assim, a inserção das parábolas – por meio de desembreagem – produz mudança de sujeitos na narrativa evangélica, pois os sujeitos nelas introduzidos não são os mesmos da narrativa principal. Em outras palavras, quem conta a narrativa principal é o sujeito *evangelista*, que instala em seu discurso os sujeitos *Jesus*, *apóstolos*, *fariseus*, *escribas*, *saduceus* etc. Em contrapartida, as histórias secundárias – as parábolas – são narradas pelo sujeito *Jesus*, que vai, por sua vez, nelas instalar os sujeitos *rico*, *viúva*, *juiz*, *pai* etc. Bem observam Calloud et al (1978: 226) que

Enquanto a narrativa principal camufla seu narrador, a parábola é uma narrativa contada, produzida por um ator particular, Jesus, e

dirigida a outros atores que são encontrados dentro do texto. Assim, ela é uma narrativa dentro de uma narrativa (tradução nossa)¹²⁴.

Adaptando um esquema proposto por Barros (2001: 75), pode-se verificar claramente em que plano se encontram as parábolas:



Esquema 15: Delegação de voz discursiva nas parábolas

Pode-se dizer que, nos evangelhos, as parábolas introduzem uma estrutura hermenêutica por meio de uma relação *texto-contexto*, ou seja, a mensagem “secreta”¹²⁵ dessas narrativas secundárias deveria ser interpretada e colocada em prática pelo público original inserido na narrativa principal. A interpretação aqui,

¹²⁴ Whereas the primary narrative conceals its narrator, the parable is stated as a told narrative produced by a particular actor, Jesus, and intended for other actors all of whom are found within the text. Thus, it is a narrative within a narrative.

¹²⁵ As parábolas, à primeira vista, não parecem ser prescrições deontológicas comportamentais para entrar no reino de Deus, mas são. Configura-se, assim, a modalidade veridictória do segredo, uma vez que o *dever-fazer* e o *dever-não-fazer* ficam velados pela historiazinha em si.

caracterizada por um *saber-fazer*, não deve ser confundida com a simples compreensão. Calloud et al (1978: 239-240) estabelecem uma diferença entre o *interpretar* e o *compreender*. Segundo eles, este consiste em entender o sentido interno da parábola, ou seja, a parábola pela parábola, a historiazinha em si; aquele, por sua vez, consiste em ligar o texto ao contexto do evangelho, isto é, relacionar a mensagem implícita na parábola aos sujeitos que pertencem à narrativa principal, estabelecendo-se, assim, um processo intratextual.

Em Calloud et al (1978: 303), Greimas posfacia:

Uma leitura independente de *A parábola do filho pródigo*, por exemplo, é em parte enfraquecida e superada por sua inserção em um contexto maior. O reconhecimento desse contexto maior implica uma total releitura (tradução nossa)¹²⁶.

O semioticista destaca que – embora a parábola seja uma narrativa paralela que tem a narrativa principal como referência – ela tem autonomia suficiente para expressar um *todo de sentido*. Dessa maneira, a parábola sustenta-se por si mesma, ou seja, é uma narrativa que – tal qual um conto ou uma fábula – pode ser lida fora da narrativa evangélica a que ela está atrelada, mas isso implicará uma total releitura do texto.

Dessa forma, as parábolas são narrativas secundárias que geram efeito de sentido de ficção ligadas ao resto das narrativas evangélicas, que são principais e que produzem efeito de sentido de realidade.

[...] as parábolas parecem ser narrativas fictícias, enquanto o resto das narrativas evangélicas, incluindo as histórias de milagre, parece ser narrativa histórica (CALLOUD et al, 1978: 226, tradução nossa)¹²⁷.

¹²⁶ An independent reading of the parable of the Prodigal Son, for example, is in part weakened and superseded by its insertion into a much larger context. The recognition of this larger context implies a total rereading.

¹²⁷ [...] the parables appear to be *fictive* narratives, whereas the rest of the Gospel narratives, including the miracles stories, appear to be *historical* narratives (CALLOUD et al, 1978: 226).

Deve-se aqui entender o termo histórico não necessariamente como uma realidade dos fatos, mas como efeito de sentido de realidade produzido por uma ancoragem actancial, espacial e temporal, ou seja, ata-se o discurso a pessoas, a espaços e a datas que o receptor reconhece como “reais” ou “existentes”; assim, por meio de uma concretização semântica, os atores, os espaços e o tempo das narrativas evangélicas são preenchidos com traços sensoriais que os iconizam, fazendo-os “cópias da realidade”.

Semioticamente, pode-se dizer que, quando se produz um enunciado, estabelece-se um “acordo fiduciário” entre enunciador e enunciatário, o qual determina o estatuto veridictório do texto. Segundo Barros (2001: 77), além de efeitos de realidade,

[...] pode-se pretender obter efeitos de mentira ou de falsidade, de irrealidade ou de ficção, de distanciamento da enunciação. Os exemplos são muitos: as histórias contadas com a indicação de “histórias de pescador”, as fábulas que se dizem sempre fábulas, as histórias infantis que começam com “Era uma vez...”. Todas elas produzem efeitos de mentira, de irrealidade ou de ficção.

Na construção composicional das parábolas complexas, por exemplo, Jesus emprega três estratégias discursivas básicas que produzem efeito de sentido de ficção:

- a) a introdução da narrativa com o pronome indefinido *certo*. Ex.: “Um certo homem tinha dois filhos...” (*A parábola do filho pródigo*); “Havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo...” (*A parábola do rico e Lázaro*); “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e veio a cair em mãos de salteadores...” (*A parábola do bom samaritano*); “Havia em uma cidade um certo juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum.” (*A parábola do juiz iníquo*);
- b) a instalação de atores anônimos¹²⁸ – identificados apenas por seu papel temático (fariseu, publicano, samaritano, sacerdote, filho mais velho, filho mais novo, viúva etc) – e o emprego de tempo e de lugar indefinidos;

¹²⁸ De todas as parábolas de Jesus, a *do rico e Lázaro* é a única em que um ator é identificado por um nome próprio.

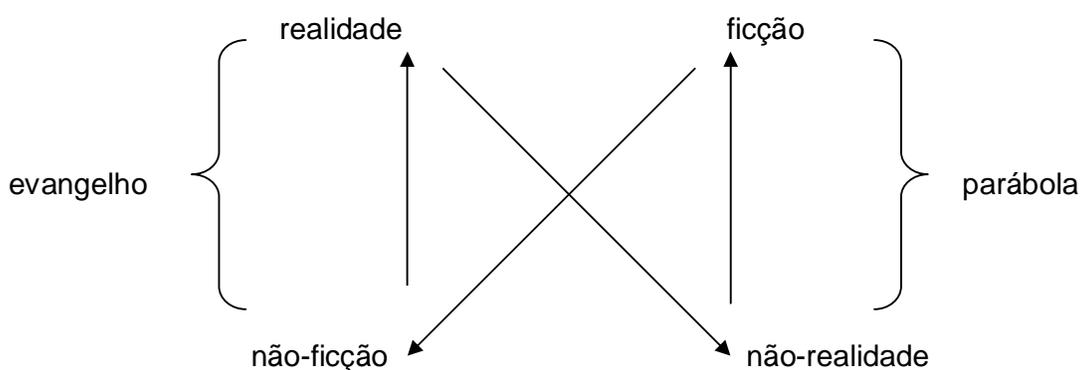
- c) o encerramento da narrativa com uma sentença doutrinal. Ex.: “... haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (*A parábola da ovelha perdida*); “... há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (*A parábola da dracma perdida*); “Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus” (*A parábola do rico insensato*); “...qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado” (*A parábola do fariseu e o publicano*).

Além disso, na maioria das vezes, o narrador – antes de desembrear o discurso ao interlocutor Jesus – indica ao narratário que será contada uma parábola. Observem-se os seguintes exemplos:

- a) “Afluindo uma grande multidão e vindo ter com ele gente de todas as cidades, disse Jesus por parábola:” (*A parábola do semeador* – Lucas 8. 4);
- b) “Atentai noutra parábola. Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha.” (*A parábola dos lavradores maus* – Mateus 21. 33);
- c) “E lhes proferiu ainda uma parábola dizendo:” (*A parábola do rico insensato* – Lucas 12. 16);
- d) “Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer:” (*A parábola do juiz iníquo* – Lucas 18. 1);
- e) “Propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros:” (*A parábola do fariseu e o publicano* – Lucas 18. 9);
- f) “Outra parábola lhes propôs, dizendo:” (*A parábola do joio* – Mateus 13. 24);
- g) “A seguir, passou Jesus a proferir ao povo esta parábola:” (*A parábola dos maus viticultores* – Lucas 20. 9);

h) “Ainda lhes propôs uma parábola, dizendo:” (*A parábola da figueira* – Lucas 21. 29).

Dessa forma, a verdade geral que Jesus quer passar em suas parábolas – que independe do tempo e da época – está ligada ao efeito de ficção, de exemplaridade. Estabelece-se, assim, dentro do contexto dos evangelhos, a oposição “realidade *versus* ficção”, que pode ser representada pelo seguinte quadrado semiótico¹²⁹:



Esquema 16: Relações entre *realidade* e *ficção* nos evangelhos

A narrativa evangélica transmite um efeito de sentido de realidade; porém, ao inserir-se uma parábola, Jesus, por meio de uma desembreagem, assume o papel de “contador de histórias”, estabelecendo-se, assim, a negação do elemento real. A parábola é a asserção da ficção; pelo fato, entretanto, de ela estar, dentro de um contexto, ancorada na realidade, tem-se a negação da ficção e o restabelecimento da realidade.

Assim, a preocupação que os evangelistas têm com a organização da mensagem no discurso de Cristo faz das parábolas um exemplo da função poética¹³⁰ da linguagem. Essa poeticidade, entretanto, se dá no plano de conteúdo, assegurada pela figurativização discursiva, que confere beleza à mensagem. Jesus, muitas vezes,

¹²⁹ No quadrado semiótico, representa-se a relação de contrariedade ou de oposição entre os termos e, a partir dela, as relações de contradição e de contrariedade. (Barros, 2002: 89)

¹³⁰ A *função poética*, segundo Jakobson (1995: 150), é aquela que se centra sobre a mensagem.

vale-se dessa organização estética a fim de passar uma mensagem indireta aos seus adversários, tornando-a ambígua, de modo que seus oponentes não pudessem acusá-lo de coisa alguma (“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” – Lucas 14. 35).

As parábolas registradas nos evangelhos canônicos podem ser representadas por meio do seguinte quadro:

Parábolas	tipo	Mateus	Marcos	Lucas	João
O semeador	complexa	13. 3-8	4. 3-8	8. 5-8	-
O grão de mostarda	símile	13. 31-32	4. 30-32	13. 18-19	-
Os maus viticultores	complexa	21. 33-41	12. 1-9	20. 9-16	-
A figueira	figura simbólica	24. 32-33	13. 28-29	21. 29-31	-
Os dois fundamentos	símile	7. 24-27		6. 47-49	-
O cego que guia outro cego	provérbio	15. 14		6. 39-42	-
O fermento	símile	13. 33	-	13. 20-21	-
A ovelha perdida	complexa	18. 12-14	-	15. 4-7	-
O que contamina o homem	enigma	15. 10-11	7. 14-16	-	-
O casamento do filho do rei	complexa	22. 1-10	-	-	-
O bom e o mau servos	figura simbólica	24. 45-51	-	12. 42-46	
O joio	complexa	13. 24-30	-	-	-
O tesouro oculto	símile	13. 44	-	-	-
A pérola de grande valor	símile	13. 45-46	-	-	-
A rede	símile	13. 47-50	-	-	-
O credor incompassivo	complexa	18. 23-35	-	-	-
Os trabalhadores da vinha	complexa	20. 1-16	-	-	-
Os dois filhos	complexa	21. 28-32	-	-	-
A veste nupcial	enigma	22.11-13	-	-	-
As dez virgens	complexa	25. 1-13	-	-	-
Os talentos	complexa	25. 14-30	-	-	-
O camponês paciente	símile	-	4. 26-29	-	-
O senhor e os servos	símile	-	13. 34-37	-	-

O servo vigilante	símile	-	-	12. 35-40	-
Os dois devedores	símile	-	-	7. 41-43	-
O bom samaritano	complexa	-	-	10. 30-37	-
O amigo à meia-noite	complexa	-	-	11. 5-8	-
O rico insensato	complexa	-	-	12. 16-21	-
A figueira estéril	figura simbólica	-	-	13. 6-9	-
A grande ceia	complexa	-	-	14. 16-24	-
O construtor da torre	símile	-	-	14. 28-30	
O rei combatente	símile	-	-	14. 31-32	
A dracma perdida	complexa	-	-	15. 8-10	-
O filho pródigo	complexa	-	-	15. 11-32	-
O mordomo infiel	complexa	-	-	16. 1-8	-
O rico e Lázaro	complexa	-	-	16. 19-31	-
O servo inútil	símile	-	-	17. 7-10	-
O juiz iníquo	complexa	-	-	18. 1-8	-
O fariseu e o publicano	complexa	-	-	18. 9-14	-
As minas	complexa	-	-	19. 12-27	-
O pão da vida	metáfora	-	-	-	6. 35
A luz do mundo	metáfora	-	-	-	8. 12
A porta das ovelhas	metáfora	-	-	-	10. 7-9
O bom pastor	metáfora	-	-	-	10. 11-15
O caminho, a verdade e a vida	metáfora	-	-	-	14.6
A videira	metáfora	-	-	-	15. 1-8

Quadro 47: Parábolas de Jesus registradas nos evangelhos canônicos

Pode-se complementar o que se discutiu sobre a caracterização da parábola, recorrendo ao conceito de gênero proposto por Bakhtin. Assim, quando Jesus se dirige ao público para ensinar as *verdades ocultas*, ele já aciona uma esfera de atividade pedagógica, uma vez que objetiva ensinar aos ouvintes comportamentos a serem adotados ou evitados para entrar no reino de Deus. O gênero discursivo escolhido para desenvolver esse conteúdo temático é a parábola. E, finalmente, o

estilo empregado é o professoral, caracterizado, muitas vezes, por dois recursos inter-relacionados: fala sem alteração de turnos¹³¹ e emprego de perguntas retóricas.

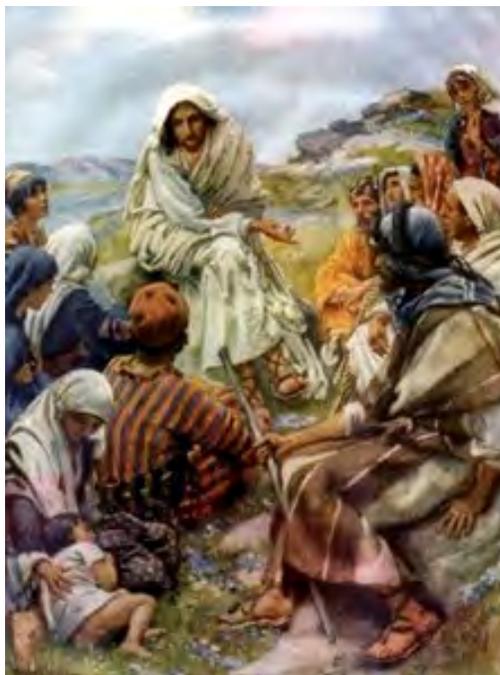


Ilustração 11: Estilo professoral empregado nas parábolas

Assim, Jesus mostra-se como portador de uma verdade a ser ensinada, levando o auditório à autoanálise ou à reflexão, muitas vezes por meio de perguntas retóricas, que – além de reforçar a expectativa do destinatário – têm caráter metalinguístico, ou seja, explicam ou retomam o próprio discurso, produzindo, assim, a ilusão de conhecimento, de verdade geral. Observem-se os seguintes exemplos:

- a) “Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou?” (*A parábola da ovelha perdida* – Mateus 18. 12);
- b) “Que fará, pois, o dono da vinha?” (*A parábola dos maus viticultores* – Marcos 12. 9);

¹³¹ Para Galembeck (2001: 54), turno é, na análise de conversação, qualquer intervenção dos interlocutores, de qualquer extensão.

- c) “Qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la?” (*A parábola da dracma perdida* – Lucas 15. 8);
- d) Quem é, pois, o servo fiel e prudente, a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo? (*A parábola do bom e do mau servos* – Mateus 24. 45)
- e) “Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?” (*A parábola do juiz iníquo* – Lucas 18. 7).

Com essa estratégia retórica, Jesus busca interagir com os ouvintes. Tal interação, entretanto, não objetiva saber a resposta deles, visto que ela é dada implícita ou explicitamente na própria parábola, mas sim criar um efeito de sentido de proximidade¹³² entre enunciador e enunciatário.

O Jesus marcano, que não é muito inclinado a discursos, emprega poucas parábolas. O Jesus joanino, por sua vez, não se vale de uma parábola complexa sequer para transmitir suas verdades. Utiliza apenas as parábolas metafóricas, construídas com o sintagma *eu sou* adicionado de um *predicativo* (o bom pastor, a videira, o pão da vida etc). Já o Jesus de Mateus e o de Lucas fazem constantemente uso do recurso parabólico, mas com ênfases específicas. O Jesus mateano, que é o grande rei e legislador, vai empregar com mais frequência que o Jesus lucano as parábolas que abordam a temática do reino dos céus (*O fermento*, *O tesouro oculto*, *A rede*, *A pérola de grande valor*, *O credor incompassivo*, *Os trabalhadores da vinha*, *As dez virgens*). O Jesus lucano, que é solidário com os proscritos da sociedade, vai dar preferência às parábolas que abordam o tema da inclusão, no reino de Deus, dos humildes e dos desprezados (*O bom samaritano*, *O filho pródigo*, *O rico e Lázaro*, *O fariseu e o publicano*).

¹³² Para Discini (2005: 340), a pergunta retórica é “o meio para a construção da imagem positiva do enunciatário: aquele que é e sabe que é legítimo participante da cena enunciativa”.

Vinte e seis das quarenta e seis perícopes classificadas como parábolas encontram-se em Lucas, sendo dezessete delas exclusivas de seu evangelho. Com exceção de uma – *A parábola das minas* – todas as demais aparecem na parte central do evangelho lucano (9. 51 – 18. 34)¹³³. Em sua maioria, as parábolas do Jesus lucano não se enquadram nos ditos enigmáticos do Jesus mateano, elaborados para separar os de fora dos de dentro do reino de Deus. O que faz o Jesus de Lucas ser considerado o mestre das parábolas é exatamente o fato de contar histórias simples, realistas e ilustrativas para camponeses judeus.

¹³³ Cf. esquema da p. 114

2.1.4 O gênero profecia

Segundo Buckland (2001: 360), a palavra *profecia* é tradução do hebraico *nebu'a*; e *profeta*, a tradução de *nabi*. É provável que *nabi* esteja em conexão com uma raiz assíria ou árabe, que significa proferir, anunciar uma mensagem. Nesse caso, o *nabi* é considerado o orador, a quem foi confiada uma missão. Por isso, o termo *profeta*, como é empregado na Bíblia, significa aquele que fala como acreditado mensageiro de Deus. Desse modo, a palavra grega *prophetes*, que se encontra no Novo Testamento, significa aquele que expõe, fala sobre certo assunto. Os substantivos abstratos *nebu'a* e *propheteie* (profecia) têm uma significação correspondente.

Em seus ensinamentos particulares aos apóstolos, Jesus proferiu discursos relacionados à sua própria morte, à destruição do templo, à sua segunda vinda e ao fim dos tempos. Valeu-se, para isso, da chamada narrativa profética, em que os acontecimentos narrados são vistos como posteriores à narração. Segundo Fiorin (2005: 63),

Nesse caso, usa-se o subsistema do futuro (concomitância, anterioridade e posterioridade ao futuro). Cabe lembrar que, mesmo nesses textos chamados proféticos, muitas vezes usa-se o sistema do presente com valor de futuro ou, então, imagina-se o acontecimento futuro como algo já passado e faz-se uso do subsistema do passado.

Examinem-se os seguintes exemplos:

*Então, [Jesus] lhes disse: **Levantar-se-á** nação contra nação, e reino, contra reino; **haverá** grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais do céu.* (Lucas 21. 10-11)

Há, nesses versículos, dois futuros do presente coordenados entre si. O segundo (haver) expressa uma concomitância em relação ao primeiro (levantar-se).

Então, **verão** o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória. E ele **enviará** os anjos e **reunirá** os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu. (Marcos 13. 26-27)

O momento de referência futuro é a visão do Filho do Homem nas nuvens. O envio dos anjos se dará num momento posterior à visão do Filho do Homem. Por seu turno, o envio dos anjos é o momento de referência futuro em relação ao qual o ato de reunir os escolhidos é ulterior.

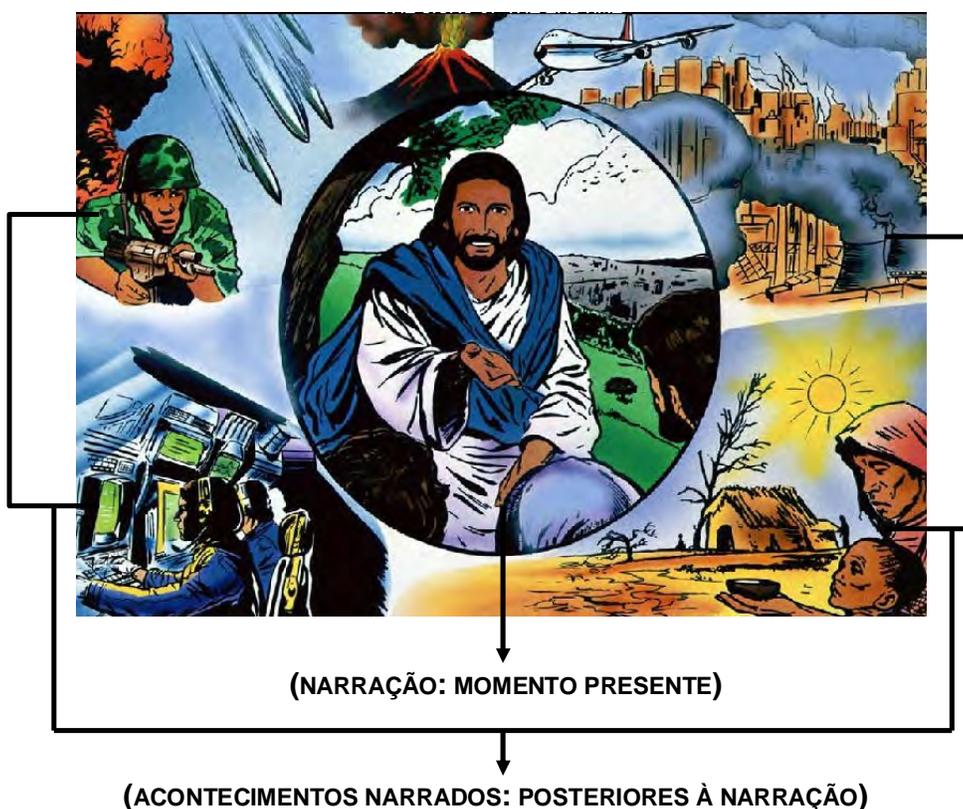


Ilustração 12: Emprego do tempo futuro nos enunciados proféticos

Ao predizer sua paixão e morte, Cristo vale-se sempre da embreagem actancial, trocando, assim, a primeira pessoa do singular pela terceira, investida pela figura *Filho do Homem*. Observem-se, a título de exemplo, os seguintes excertos de Mateus:

Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também **o Filho do Homem há de padecer nas mãos deles.** (Mateus 17. 12)

Reunidos eles na Galileia, disse-lhes Jesus: **O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens;** e estes o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará. Então, os discípulos entristeceram grandemente. (Mateus 17. 22-23)

Eis que subimos para Jerusalém, e **o Filho do Homem será entregue** aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte. E o entregarão aos gentios para ser **escarnecido, açoitado e crucificado;** mas, ao terceiro dia, ressurgirá. (Mateus 20. 18-19)

Assim, “o rei dos judeus” – tal qual foi chamado pelos magos que o vieram adorar quando ele nascera – será vilmente humilhado. Prediz-se também que o mesmo Jesus que entrará triunfalmente em Jerusalém, venerado pelo povo como um monarca, será vilipendiado pelas autoridades judaicas e pelos guardas romanos.

As profecias de Cristo sobre sua própria morte são marcadas por uma isotopia de rebaixamento (*padecer, ser entregue nas mãos dos homens, ser escarnecido, açoitado e crucificado*), que sinaliza a carnavalização do Messias. Deve-se entender aqui a carnavalização na acepção bakhtiniana, que é a transposição do carnaval para a literatura. Durante o carnaval, a vida se põe ao contrário, o mundo inverte-se. Derrubam-se as hierarquias e todas as formas de medo que ela acarreta, a veneração, a piedade, a etiqueta. Bakhtin afirma que a literatura cristã antiga – inclusive aquela que foi canonizada – é impregnada de elementos de carnavalização, dentre os quais aponta a *coroação-destronamento* como típico dos evangelhos canônicos:

A literatura narrativa cristã também foi alvo da carnavalização direta. Basta lembrar a cena de coroação-destronamento do “rei dos judeus” dos evangelhos canônicos. (Bakhtin: 2005, 135)

Segundo o linguista russo, há uma ambivalência a perpassar a festa de carnaval. Entroniza-se como rei o bufão ou o escravo. Os símbolos do poder que esse rei porta – ao contrário da vida real em que são vistos apenas no plano sério e absoluto – são também ambivalentes: são a negação da seriedade e a afirmação da relatividade. Nos evangelhos canônicos, os soldados romanos, que têm Tibério César como rei, fazem de Jesus um “bobo da corte”, colocando-lhe na cabeça uma coroa de espinhos, dando-lhe como cetro um caniço e, como vestes reais, um manto escarlate. Cumpre ainda destacar que o ritual de coroação de Jesus é acompanhado de uma linguagem de insulto e de zombaria, procedimento também tipicamente carnavalesco.

Bakhtin (2005: 125) insiste em que, na coroação, já está contida a ideia do futuro destronamento. No cerimonial do rito de destronamento, o destronado é despojado de suas vestes reais, da coroa e de outros símbolos do poder. Esses símbolos carnavalescos já incorporam, de acordo com o linguista, a perspectiva de negação (morte). No evangelho marcano, por exemplo, relata-se o seguinte: “Depois de o terem escarnecido, **despiram-lhe a púrpura** e o vestiram com suas próprias vestes. **Então, conduziram Jesus** para fora, **com o fim de o crucificarem**” (Marcos 15. 20).

Lucas relata que, durante a *Via Crucis*, Jesus é seguido por numerosa multidão. Blomberg (2009: 452) faz uma curiosa observação:

Em algum momento entre o meio da manhã e o meio-dia na véspera do sábado da semana da Páscoa, Pilatos entregou Jesus aos soldados para ser crucificado. Eles o levam pelas estreitas e abarrotadas ruas de Jerusalém, lembradas hoje como via dolorosa. O “desfile” se torna uma paródia macabra das marchas triunfais dos imperadores visitantes.

Esse desfile macabro a que Jesus é submetido – do qual são também partícipes os oponentes e os adjuvantes – configura um verdadeiro espetáculo carnavalesco. Bakhtin (1996: 6) frisa que o carnaval ignora toda distinção entre atores e espectadores. Ignora também o palco, mesmo na sua forma embrionária.

Os evangelistas canônicos constroem, assim, no relato da paixão, uma imagem grotesca de Cristo. Afirma Bakhtin (1996: 17) que

O traço marcante do realismo grotesco é o *rebaixamento*, isto é, a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo, na sua indissolúvel unidade, de tudo o que é elevado, espiritual, ideal e abstrato.

A profanação do sacro culmina com a crucificação de Jesus, que é totalmente despido de suas vestes, com a exposição pública de seu baixo corporal. Weber (1975 apud MYERS, 1992: 457) faz uma descrição da prática da crucificação extraída de fontes antigas:

Às vezes, o condenado tinha uma tabuinha, onde se declarava a *causa poena*, a razão de sua condenação, pendurada no pescoço. Depois, ele próprio devia carregar a barra transversal da cruz (o *patibulum*) até o local da execução. Aí era totalmente despido e flagelado, se isso ainda não houvesse sido feito. De acordo com o costume antigo, os carrascos tinham permissão de distribuir entre si as roupas do condenado. No lugar da execução, geralmente já estava fincado um pau (*stipes* ou *palu*). [...] O condenado, então, era deitado no chão, tanto os antebraços quanto os pulsos eram amarrados ou pregados à barra transversal e, em seguida, era erguido para ser posto no *patibulum*. [...] Se pretendessem que o condenado ficasse visível de longe, escolhiam uma cruz elevada. Geralmente, contudo, o pau vertical não media mais do que cerca de dois metros e meio. Isso significava que os animais selvagens podiam dilacerar o crucificado, arrancando-o da cruz. Os pés das vítimas não ficavam apoiados em suporte como a arte cristã o tem pintado desde o século VII, mas eram amarrados ou pregados à haste vertical. Geralmente, o condenado “sentava” sobre uma cavilha (*sedile* ou *cornu*) fixada no meio da haste. Em geral, o crucificado morria de asfixia gradual.¹³⁴

Observem-se as passagens dos evangelhos canônicos em que, a partir do ritual biunívoco da coroação-destronamento, Cristo é carnavalizado:

¹³⁴ WEBER, Hans Ruedi. *The cross: tradition and interpretation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1975.

Então, uns [sacerdotes] **cuspiam no rosto de Jesus e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam**, dizendo: Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu! (Mateus 26. 67-68)

Logo a seguir, os soldados do governador [Pilatos], levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele com toda a coorte. **Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate; tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, na mão direita, um caniço;** e, ajoelhando-se diante dele, escarneciam-no, dizendo: Salve, rei dos judeus! E, **cuspido nele, tomaram o caniço e davam-lhe com ele na cabeça.** Depois de o terem escarnecido, **despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes.** Em seguida, **levaram-no para ser crucificado.** (Mateus 27. 27-31)

Puseram-se **alguns [membros do Sinédrio] a cuspir nele, a cobrir-lhe o rosto, a dar-lhe murros e a dizer-lhe:** Profetiza! E os guardas o tomaram a bofetadas. (Marcos 14. 65)

Então, os soldados o levaram para dentro do palácio, que é o pretório, e reuniram todo o destacamento. **Vestiram-no de púrpura e, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça.** E o saudavam, dizendo: Salve, rei dos judeus! **Davam-lhe na cabeça com um caniço, cuspiam nele e, pondo-se de joelhos, adoravam-no.** Depois de o terem escarnecido, **despiram-lhe a púrpura e o vestiram com suas próprias vestes.** Então, **conduziram Jesus para fora, com o fim de o crucificarem.** (Marcos 15. 16-20)

Os [guardas] que detinham Jesus **zombavam dele, davam-lhe pancadas e, vendando-lhe os olhos,** diziam: Profetiza-nos: quem é que te bateu? E muitas outras coisas diziam contra ele, blasfemando. (Lucas 22. 63-65)

Dizendo ele isto, **um dos guardas que ali estavam deu uma bofetada,** dizendo: É assim que falas ao sumo sacerdote? (João 18. 22)

Os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, **puseram-lhe na cabeça e vestiram-no com um manto de púrpura.** Chegavam-se a ele e diziam: Salve, rei dos judeus! E **davam-lhe bofetadas.** (João 19. 2-3)

Os soldados, pois, quando crucificaram Jesus, **tomaram-lhe as vestes e fizeram quatro partes,** para cada soldado uma parte; e pegaram também a túnica. A túnica, porém, era sem costura, toda tecida de alto a baixo. Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela para ver a quem caberá. (João 19. 23-24)

Observem-se também as seguintes imagens que recobrem a carnavalização do rei dos judeus¹³⁵:



Ilustração 13: O surramento do rei dos judeus



Ilustração 14: Coroação do rei dos judeus



Ilustração 15: A ridicularização do rei dos judeus – desfile macabro pelas ruas de Jerusalém



Ilustração 16: Despojamento das vestes e crucificação do rei dos judeus

¹³⁵ As imagens que ilustram a carnavalização de Cristo são fotos do filme *A paixão de Cristo*, de Mel Gibson (2004).

Além de empregar a expressão *Filho do Homem* para prenunciar sua paixão, Jesus a utiliza também para referir-se à sua messianidade. Tal expressão já aparece com valor messiânico no livro do profeta Daniel, capítulo 7, versículo 13:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído. (Daniel 7. 13-14)

O sonho de Daniel anuncia que a vinda do Messias inaugurará uma nova fase do governo de Deus na terra. Cristo realizou isso, segundo os estudiosos, ao introduzir o Reino de Deus na experiência humana. Nos sinóticos, há dois exemplos que fazem alusão a essa profecia de Daniel. O primeiro é introdutório da cena do julgamento escatológico:

Então, verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória. (Marcos 13. 26)

O segundo é a resposta que Jesus dá ao sumo sacerdote, quando ele pergunta se ele era o Messias:

Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu. (Marcos 14. 62)

Jesus predisse também a destruição do templo, a sua segunda vinda e o fim dos tempos. Embora Marcos relate menos ensinamentos de Jesus do que os outros evangelistas, ele registra um longo discurso escatológico de Cristo. Se, como se viu na primeira parte deste trabalho, o objetivo de Marcos era levar conforto à igreja perseguida, tal discurso era uma promessa de esperança a todos os que perseverassem no sofrimento. Marcos emprega a estratégia de ziguezaguear no texto, ou seja, trata de uma crise iminente – a queda de Jerusalém – depois fala sobre o final dos tempos, e volta, enfim, à queda de Jerusalém. Assim, o evangelista mostra que a destruição próxima de Jerusalém é um esboço do horror do final dos tempos.

- destruição de Jerusalém** { Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um dos seus discípulos: Mestre! Que pedras, que construções! Mas Jesus lhe disse: Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada.
- No monte das Oliveiras, defronte do templo, achava-se Jesus assentado, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular: Dize-nos quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se.
- Então, Jesus passou a dizer-lhes: Vede que ninguém vos engane.
- fim dos tempos** { Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu; e enganarão a muitos. Quando, porém, ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não vos assusteis; é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino. Haverá terremotos em vários lugares e também fomes. Essas coisas são o princípio das dores.
- Estai vós de sobreaviso, porque vos entregarão aos tribunais e às sinagogas; sereis açoitados, e vos farão comparecer à presença de governadores e de reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho. Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações. Quando, pois, vos levarem e vos entregarem, não vos preocupeis com o que haveis de dizer, mas o que vos for concedido naquela hora, isso falai; porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo. Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão. Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.
- destruição de Jerusalém** { Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; quem estiver em cima, no eirado, não desça nem entre para tirar da sua casa alguma coisa; e o que estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que isso não suceda no inverno.
- fim dos tempos** { Porque aqueles dias serão de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo, que Deus criou, até agora e nunca jamais haverá. Não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém se salvaria; mas, por causa dos eleitos que ele escolheu, abreviou tais dias. Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos. Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito. Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade; as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória. E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu. Aprendei, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim, também vós: quando virdes acontecer essas coisas, sabeis que está próximo, às portas.

Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isso aconteça. Passará o céu e a terra, porém minhas palavras não passarão. Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai. Estai de sobreaviso, vigiai e orai; porque não sabeis quando será o tempo. É como um homem que, ausentando-se do país, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação, e ao porteiro ordena que vigie. Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo. O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai! (Marcos 13. 1-37)

O capítulo 13 de Marcos, como se pode observar, é uma longa profecia de desgraça, descrevendo o tempo da maldição em três etapas:

- a) o início das dores: falsos messias, guerras, terremotos, fomes, perseguições;
- b) o aparecimento do abominável da desolação no templo, fuga escatológica, falsos messias e falsos profetas;
- c) última revolta e colapso do cosmo, introduzindo a parúsia do Filho do Homem.

O abominável da desolação foi uma profecia feita pelo profeta Daniel referente à violação do templo de Jerusalém. Em 168 a.C., Antíoco IV Epifânio, governador do império sírio, erigiu, no pátio do templo de Jerusalém, um altar ao Zeus do Olimpo. Além disso, para difamar o judaísmo, ordenou que se sacrificassem porcos e animais imundos no templo. Jesus conduz, entretanto, a profecia a uma segunda profanação: a chegada do exército romano a Jerusalém em 70 d.C. O general Tito ordenou a destruição da cidade inteira. Do Templo propriamente dito, de seus edifícios secundários e de suas galerias e colunatas, não ficou realmente pedra sobre pedra.

Jesus predisse também a grande aflição pela qual os judeus passariam com a chegada dos romanos a Jerusalém. Segundo o historiador Flávio Josefo, só em Jerusalém, morreram 1.100.000 judeus, e outros 97.000 foram feitos prisioneiros e condenados a cruéis sofrimentos ou à escravidão. Foram tantos os crucificados que

chegou a faltar espaço para as cruzes. A fome atacou famílias inteiras a ponto de as mães comerem os próprios filhos.

Após profetizar a queda do lugar santo, Jesus, usando simplesmente o advérbio *então*, faz uma ruptura temporal e transporta seus ouvintes para o momento da parúsia:

Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos. Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito. Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade; as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória. (Marcos 13. 21-26)

Jeremias (2008: 196) defende que

Para compreender as afirmações de Jesus sobre a iminência dos acontecimentos do tempo final é de fundamental importância reconhecer que possuímos dois apocalipses sinóticos, e não apenas um como o afirma a terminologia corrente.

O segundo apocalipse apontado por Jeremias encontra-se no evangelho de Lucas, capítulo 17, versículos 20 a 37:

Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós. A seguir, dirigiu-se aos discípulos: Virá o tempo em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis. E vos dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Não vades nem os sigais; porque **assim como o relâmpago, fuzilando, brilhando de uma à outra extremidade do céu, assim será, no seu dia, o Filho do Homem.** Mas importa que primeiro ele padeça muitas coisas e seja rejeitado por esta geração. **Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do Homem:** comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e **veio o dilúvio e destruiu a todos.** O mesmo aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam: mas, **no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre e destruiu a todos. Assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar.** Naquele dia, quem estiver no eirado e tiver os seus bens em casa não desça para tirá-los; e de igual modo quem

estiver no campo não volte para trás. Lembrai-vos da mulher de Ló¹³⁶. Quem quiser preservar a sua vida perdê-la-á; e quem a perder de fato a salvará. Digo-vos que, naquela noite, dois estarão numa cama; um será tomado, e deixado o outro; duas mulheres estarão juntas moendo; uma será tomada, e deixada a outra. Dois estarão no campo; um será tomado, e o outro, deixado. Então, lhe perguntaram: Onde será isso, Senhor? Respondeu-lhes: Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão também os abutres.

Os dois apocalipses sinóticos têm temáticas diversas. Marcos enfatiza os sinais prévios; Lucas, o caráter repentino do fim. Essa ideia lucana se torna precisa pelo encadeamento de figuras: o fim virá de repente como o raio, como o dilúvio, como a chuva de fogo sobre Sodoma e Gomorra.

Os ditos proféticos de Cristo podem ser relacionados por meio do seguinte quadro:

Profecias	Mateus	Marcos	Lucas
Volta de Cristo na glória com os anjos	16. 27	8. 38	9. 26 21. 27-28
Sufrimento, morte e ressurreição de Cristo	17. 22-23 20. 18-19	9. 31 10. 33-34	9. 22 18. 31-33
Ressurreição de Cristo	17. 9	-	-
Sufrimento de Cristo nas mãos dos homens	17. 12	-	9. 44
Três dias de sepultamento	12. 40	-	-
Crucificação de Cristo	26. 2	-	-
Cristo reunirá os eleitos na sua 2ª vinda	24. 30-31	13. 26-27	-
Cristo e os apóstolos entronizados	19. 28	-	22. 28-30
Cristo sentado à direita de Deus	26. 64	14. 62	22. 69
A segunda vinda repentina de Cristo	24. 27 24. 37-44	-	17. 24 17. 26-36
Surgimento de falsos cristos e de falsos profetas	24. 5 24. 11 24. 23-24	13. 6 13. 21-22	21. 8
Cristo e o dia do juízo final	25. 31-46	-	-
Jerusalém sitiada e invadida	24. 15-18	13. 14-16	21. 20-24
Destruição do templo de Jerusalém	24. 2	13. 2	21. 6
Sinais dos tempos	24. 6-7 24. 29	13. 7-8 13. 24-25	21. 9-11 21. 25-26
Perseguição aos discípulos de Cristo	10. 17-23 24. 9	13. 9-13	21. 12-17

Quadro 48: Profecias de Jesus registradas nos evangelhos sinóticos

¹³⁶ A mulher de Ló, ao olhar para trás para ver a destruição de Sodoma, tornou-se uma estátua de sal.

Como se pôde observar, as profecias – por apresentarem o conteúdo temático das narrações dos acontecimentos futuros – eram empregadas por Jesus, quando – na esfera da ação religiosa – ele pretendia alertar seus discípulos sobre os sofrimentos e a morte que iria padecer, sobre a iminente destruição de Jerusalém, sobre o final dos tempos ou sobre a sua segunda vinda.

Embora o Jesus instalado nos três evangelhos sinóticos faça profecias, o Jesus marcano merece destaque. Primeiramente, a fala inaugural delegada a ele no evangelho é profética. Empregando um estilo apocalíptico (do grego *apocalypsis*, revelação), o Cristo de Marcos diz: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Marcos 1. 15). Em segundo lugar, o evangelho marcano, como se viu na primeira parte deste trabalho, orienta-se para o sacrifício da cruz. Jesus vai, assim, constantemente predizer sua paixão a fim de reforçar à perseguida comunidade cristã que para entrar no reino de Deus é necessário negar a si mesmo, tomar sua cruz e seguir Cristo. Emprega aqui um estilo pungente.

O Jesus marcano prevê que o fim dos tempos acontecerá imediatamente, em sua própria geração, enquanto seus discípulos ainda viverem (“Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus” – Marcos 9. 1; “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” – Marcos 13. 30). O Jesus joanino, por sua vez, não faz profecias sobre sua paixão nem fala sobre o iminente surgimento do Filho do Homem para julgar a Terra. Ehrman (2010: 97) explica da seguinte maneira o fato de o Jesus de João não ter inclinações proféticas:

Quando *João* foi escrito, provavelmente entre 90 e 95 d.C., aquela geração anterior tinha morrido, e a maioria dos discípulos, se não todos, já estava morta. Ou seja, eles morreram antes da vinda do reino. O que fazer com um ensinamento sobre um reino aqui na Terra se ele nunca é estabelecido? Reinterpretar o ensinamento. O modo como João o reinterpreta é pela alteração do conceito básico. Uma visão de mundo apocalíptica como a encontrada em Marcos implica um dualismo histórico no qual há uma era do mal atual e o

futuro reino de Deus. Esta era e a era por vir: elas podem ser traçadas quase como uma linha do tempo, horizontalmente na página. O evangelho de João desloca o dualismo horizontal do raciocínio apocalíptico para transformá-lo em dualismo vertical. Já não se trata mais de um dualismo desta era na Terra e da que virá, também na Terra; em vez disso, é um dualismo da vida aqui embaixo e da vida acima. Nós estamos embaixo, Deus está acima. Jesus, como Verbo de Deus, desce de cima precisamente para que possamos experimentar um nascimento “de cima”. Quando experimentamos esse novo nascimento ao acreditarmos em Cristo, aquele que veio de cima, também nós teremos vida eterna. E quando morreremos ascenderemos ao reino celestial para viver com Deus. O reino não vem mais à Terra. O reino está no céu. E podemos chegar lá acreditando naquele que desceu para nos ensinar o caminho. É um ensinamento muito diferente do encontrado em Marcos.

2.1.5 O gênero oração

Na literatura bíblica, oração (do latim *oratio*¹³⁷, *orationis*, linguagem cuidada, discurso) é uma súplica ou um pedido dirigido a Deus. De acordo com Vermes (2006b: 251), a religião judaica na época de Jesus conhecia duas categorias de oração: a estatutária e a privada.

O texto da oração estatutária era determinado e frequentemente revisado pelas autoridades religiosas, refletindo as preocupações básicas da comunidade. O fraseado estabelecido devia ser seguido estritamente durante a recitação dessas orações, em ocasiões prescritas. Como bem observa Jadon (2009: 205), tais orações, repetidas como mantras, valorizam o significante em detrimento do significado.

A oração privada, pelo contrário, permitia liberdade ao indivíduo de escolher as palavras que melhor expressassem seus sentimentos e desejos. As poucas orações de Jesus relatadas nos evangelhos pertencem à classe privada. Observe-se:

Oração	Mateus	Marcos	Lucas	João
Pai-Nosso	6. 9-13	-	11. 2-4	-
Agradecimento pelos humildes	11. 25-27	-	10. 21-22	-
Pedido para Deus poupar-lhe o sofrimento	26. 39	14. 36	22. 42	-
Pedido para ressuscitar Lázaro	-	-	-	11. 41-42
Pedido para que o nome de Deus fosse glorificado	-	-	-	12. 28
Pedido para que ele (Jesus) fosse glorificado, para que os apóstolos fossem santificados e para que a igreja fosse unificada	-	-	-	17. 1-26
Questionamento do seu abandono por Deus	27. 46	15. 34	-	-
Pedido de perdão para os que o crucificaram	-	-	23. 34	-
Entrega do espírito a Deus	-	-	23. 46	-

Quadro 49: Orações de Jesus registradas nos evangelhos canônicos

¹³⁷ TORRINHA (1993: 591), em seu *Dicionário latino português*, alerta que o termo latino *oratio* opõe-se a *sermo*. O primeiro designa uma linguagem cuidada, com arte; o segundo, uma linguagem familiar. Daí, a oração ser um discurso mais reverente, e o sermão, um discurso mais familiar.

Cristo inclusive condenava as orações públicas e mecanizadas, constituídas de repetições:

[Disse Jesus:] Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais. (Mateus 6. 6-8)

É interessante, entretanto, notar que o *Pai-Nosso*, embora tenha sido uma oração privada de Jesus, acabou tornando-se estatutária, uma vez que é constantemente recitada de forma individual ou coletiva pelos membros da igreja cristã, principalmente da Igreja Católica.

Para Lévi-Strauss (apud Fontanille e Zilberberg: 2001, 272), “a prece está destinada a superar o abismo que separa o homem de seu deus”. Semioticamente, a *oração* produz um efeito de sentido de aproximação e de interação do plano temporal com o plano espiritual, uma vez que é o único gênero discursivo de que o homem se vale para comunicar-se com Deus.



aproximação do plano espiritual com o plano temporal

Ilustração 17: Aproximação e interação do plano espiritual com o plano temporal no gênero oração

Segundo Buckland (2001: 312), “a oração cristã baseia-se na convicção de que o Pai Celeste ouvirá e responderá às petições dos seus filhos da maneira e no tempo que Ele julgue melhor”. Então, Jesus incita seus discípulos a uma adesão fiduciária, que envolve sobretudo *crer* que o que for pedido será atendido ([...] e *tudo quanto pedirdes em oração, crendo, receberéis* – Mateus 21. 22). Examine-se o seguinte texto:

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem? (Mateus 7. 7-12)

Os imperativos *pedi*, *buscai* e *batei* organizam a isotopia da *persistência*. Assim, Cristo ensina que a fé deve ser aliada à perseverança da oração, pois, da mesma maneira que um pai atende às súplicas de uma criança, Deus, da mesma forma, atende às súplicas do homem. Tem-se, aqui, uma inversão do dispositivo actancial que parte do destinador para chegar ao destinatário manipulado. Na oração, encontra-se um destinatário empenhado em manipular o destinador, pois, como bem defende Tatit (2001: 37),

Deus é um grande destinador transcendente – sempre o maior de todos, nos sistemas de valores conhecidos – que independe de atributos modais ou de bens materiais para exercer sua influência, já que é um produto da fé dos seus destinatários (grifo nosso).

Cristo, sem dúvida alguma, inova a maneira de orar. A imagem de Deus construída semioticamente por Jesus¹³⁸ é de um Pai. Dessa forma, Jesus – de forma única e singular – invoca Deus como *Abba*, forma aramaica de *Pai*.

Aba, Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres. (Marcos 14. 36)

¹³⁸ Jesus constrói uma imagem mais próxima de Deus porque lhe é concedida uma voz por meio de uma desembregem. Em primeira instância, são os próprios evangelistas que constroem essa imagem paterna de Deus.

Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. (Mateus 6. 9)

Graças te dou, **ó Pai**, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelastes aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. (Lucas 10. 21)

Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. (Lucas 23. 34)

Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. (Lucas 23. 46)

Pai, graças te dou porque me ouviste. (João 11. 41)

Pai, glorifica o teu nome. (João 12. 28)

Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti [...] (João 17. 1)

[...] e, agora, glorifica-me, **ó Pai**, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo. (João 17. 5)

Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como vós. (João 17. 11)

Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também contigo os que me deste [...] (João 17. 24)

Jeremias (2008: 114-115) esclarece que o judaísmo antigo dispunha de uma grande riqueza de modos de se dirigir a Deus. A *Tefillah*, por exemplo, oração composta de dezoito preces, que já na época do Novo Testamento se rezava três vezes ao dia, termina cada bênção com uma nova interpelação de Deus. A primeira bênção encerra assim: “Louvado sejas, Javé, Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacó, Deus Altíssimo, Senhor do céu e da Terra, nosso escudo e escudo de nossos pais. Louvado sejas, Javé, escudo de Abraão”.

Uma forma de invocar a Deus segue outra. A interpelação de Deus como *Pai*, entretanto, não é encontrada em nenhuma oração judaica nem em passagem alguma do Antigo Testamento. As orações de Jesus, ao trazerem o vocativo paterno, produzem efeito de sentido de proximidade *Deus-homem*, além de intensificar o contrato fiduciário.

2. 1.6 O gênero conversa

A construção composicional do gênero conversa (do latim *conversatio*, trato, intimidade) resulta da alternância de papéis entre falante e ouvinte durante o tempo em que eles voltam sua atenção para uma tarefa comum, que é a troca de ideias sobre determinado assunto. Sendo assim, o texto é resultado de um trabalho cooperativo dos dois interlocutores, que o vão compondo à medida que a conversa se realiza. Difere do debate por ser um processo de comunicação espontâneo, sem alterações.



Ilustração 18: Revezamento nos papéis de *falante* e *ouvinte* entre os participantes do gênero conversa

Os evangelhos relatam – em discurso direto – algumas conversas de Jesus com seus discípulos, com algumas mulheres, com alguns doentes e até mesmo com alguns fariseus próximos. Essas conversas, entretanto, são instaladas pelos evangelistas por desembreagens internas, que criam a ilusão de situação “real” do diálogo. Verifique-se o seguinte trecho da conversa entre Jesus e a samaritana:

Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta. Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus:

– Dá-me de beber.

Pois seus discípulos tinham ido à cidade para comprar alimentos. Então, disse-lhe a mulher samaritana:

– Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou samaritana?

Replicou-lhe Jesus:

– Se conheceras o dom de Deus e quem te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.

Respondeu-lhe ela:

– Senhor, tu não tens com que atirar, e o poço é fundo; onde, pois, tem a água viva? És tu, porventura, maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, e, bem assim, seus filhos, e seu gado?

Afirmou-lhe Jesus:

– Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede, pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.

Disse-lhe a mulher:

– Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la. (João 4. 1-15)

A atribuição de voz a Jesus e à mulher samaritana confere, por exemplo, “realidade” e, portanto, “verdade” às manifestações de estranheza da samaritana pelo fato de Jesus, sendo judeu, dirigir-lhe a palavra e pelo fato de ele oferecer-lhe água sem ter, para isso, um cântaro com que tirá-la do poço.

De acordo com Berger (1998: 228), os dois grupos de diálogo mais importantes do Novo Testamento são os de *instrução* e os de *revelação*.

Nos diálogos de instrução, os parceiros da conversa instalados pelo enunciador têm apenas a função de transmitir um ensinamento ao leitor. No centro, está uma personagem superior em ciência e sabedoria (no caso dos evangelhos, Jesus). Berger (1998: 229) observa que todos os diálogos de instrução, nos textos evangélicos, limitam-se rigorosamente aos discípulos de Jesus. Vejam-se alguns exemplos:

Ao descerem do monte, ordenou Jesus aos discípulos que não divulgassem as coisas que tinham visto [a transfiguração] até o dia em que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos. Eles guardaram a recomendação, perguntando uns aos outros que seria o ressuscitar dentre os mortos. **E interrogaram-no, dizendo: Por que dizem os escribas ser necessário que Elias venha primeiro? Então, ele lhes disse: Elias, vindo primeiro, restaurará todas as coisas;** como, pois, está escrito sobre o Filho do Homem que sofrerá muito e será aviltado? Eu, porém, vos digo que **Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram**, como a seu respeito está escrito. (Marcos 9. 9-13)

Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o traidor? Vendo-o, pois, **Pedro perguntou a Jesus: E quanto a este? Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me.** Então, tornou-se corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria. Ora, Jesus não dissera que tal discípulo não morreria, mas: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? (João 21. 20-23)

[após Jesus dizer aos fariseus que o homem que repudia sua mulher e se casa com outra comete adultério]

Disseram-lhe os discípulos: **Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar. Jesus, porém, respondeu-lhes: Nem todos são aptos para receber esse conceito, mas apenas aqueles a quem é dado.** Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para o admitir admita. (Mateus 19. 10-12)

[após os discípulos não conseguirem exorcizar um jovem possesso]
Quando entrou em casa, **os seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não pudemos nós expulsá-lo? Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair senão por meio de oração e jejum.** (Marcos 9. 28-29)

Nos diálogos de revelação, introduz-se uma revelação enigmática; constata-se, em seguida, que o discípulo não a entendeu. A não compreensão sinaliza a necessidade de um ensinamento revelador. Esse tipo de diálogo apresenta, assim, uma estrutura tripartida:

- A → a primeira revelação, enigmática, precisa de esclarecimento.
- B → a não compreensão humana se manifesta (pergunta, censura ou pedido).
- C → segue-se, então, a segunda revelação, esclarecedora.

Observem-se os seguintes exemplos:

- A → Convocando Jesus, de novo, a multidão, disse-lhes: Ouvi-me, todos, e entendei! **Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.** Quando entrou em casa, deixando a multidão, os seus discípulos o interrogaram acerca da parábola. Então, disse-lhes: **Assim vós também não entendeis?** Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso? E, assim, considerou ele puros todos os alimentos. E dizia: O que sai do homem, isso é o que o contamina.

C → Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos esses males vêm de dentro e contaminam o homem. (Marcos 7. 17-23)

Nesse, ínterim, os discípulos rogavam-lhe, dizendo: Mestre, come!
A → Mas ele lhes disse: **Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis.** Diziam, então, os discípulos uns aos outros: **Ter-lhe-ia, porventura, alguém trazido o que comer?** Disse-lhes Jesus: **A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra.** (João 4. 31-34)

A → [Jesus] levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. Aproximou-se, pois, de **Simão Pedro**, e este lhe disse: **Senhor, tu me lavas os pés a mim?** Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois. **Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés.** Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo. Então, Pedro pediu-lhe: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça. [...] Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. **Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.** Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. (João 13. 4-16)

A → [Jesus disse:] **Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis.** Então, alguns dos seus discípulos disseram uns aos outros: **Que vem a ser isso que nos diz: Um pouco, e não mais me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis;** e: Vou para o Pai? **Diziam, pois: Que vem a ser esse – um pouco? Não compreendemos o que quer dizer.** Percebendo Jesus que desejavam interrogá-lo, perguntou-lhes: Indagais entre vós a respeito disso que vos disse: Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis? **C →** **Em verdade, em verdade eu vos digo que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará; vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria.** A mulher, quando está para dar à luz, tem tristeza, porque a sua hora é chegada; mas, depois de nascido o menino, já não se lembra da aflição, pelo prazer que tem de ter nascido ao mundo um homem. **Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar.** (João 16. 16-22)

Merecem ainda destaque mais dois grupos de diálogo apontados por Berger (1998: 233-234):

a) diálogo de reconhecimento da identidade do revelador

Algum interlocutor reconhece o revelador com base em suas palavras ou em suas obras. O reconhecimento cristológico é o auge do diálogo.

Jesus viu Natanael aproximar-se e disse a seu respeito: Eis um verdadeiro israelita, em que não há dolo! Perguntou-lhe Natanael: Donde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira. Então, **exclamou Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!** (João 1. 47-49)

Disse Jesus [à samaritana]: Vai, chama teu marido e vem cá; ao que lhe respondeu a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade. **Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que tu és profeta.** (João 4. 16-19)

Ouvindo Jesus que tinham expulsado [o cego que ele curara], encontrando-o, perguntou-lhe: Crês tu no Filho do Homem? Ele respondeu e disse: Quem é, Senhor, para que eu nele creia? E Jesus lhe disse: Já o tens visto, e é o que fala contigo. **Então, afirmou ele: Creio, Senhor; e o adorou.** (João 9. 35-38)

Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se estiveras aqui, não teria morrido meu irmão. Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá. Declarou-lhe Jesus: Teu irmão há de ressurgir. Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia. Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês nisto? **Sim, Senhor, respondeu ela, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo.** (João 11. 21-27)

b) diálogo com função de distanciamento

Esse tipo de diálogo, comum no evangelho joanino, apresenta a seguinte estrutura: parentes ou amigos de Jesus fazem-lhe um pedido ou uma proposta; ele se recusa; depois, ele faz o que lhe foi pedido, mas tomando ele mesmo a iniciativa. Produz-se,

assim, um efeito de sentido de que Jesus não se submete aos caprichos das pessoas, mas executa o que acha necessário na hora que bem quer.

PEDIDO { Ora, **a festa dos judeus, chamada Festa dos Tabernáculos, estava próxima.** Dirigiram-se, pois, a ele os **seus irmãos e disseram-lhe: Deixa este lugar e vai para a Judeia**, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. Porque ninguém há que procure ser conhecido em público e, contudo, realize os seus feitos em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo. Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele. Disse-lhe, pois, Jesus: O meu tempo ainda não chegou, mas o vosso sempre está presente. Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más.

RECUSA { **Subi vós outros à festa; eu, por enquanto, não subo**, porque o meu tempo ainda não está cumprido. Disse-lhes Jesus estas coisas e continuou na Galileia. **Mas, depois que seus irmãos subiram para a festa, então, subiu ele também, não publicamente, mas em oculto.** (João 7. 2-10)

ATENDIMENTO {

PEDIDO { **Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: Senhor, está enfermo aquele a quem amas.** Ao receber a notícia, disse Jesus: Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado. Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. **Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava. Depois, disse aos seus discípulos: Vamos outra vez para a Judeia.** Disseram-lhe os discípulos: Mestre, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá? Respondeu Jesus: Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz. Isso dizia e depois lhe acrescentou: **Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo.** (João 11. 3-11)

RECUSA {

ATENDIMENTO {

As principais conversas relatadas nos evangelhos podem ser relacionadas no seguinte quadro:

Conversas de Jesus com	Mateus	Marcos	Lucas	João
a mãe de Tiago e João	20. 21	-	-	-
a mulher cananeia	15. 22-28	7. 27-29	-	-
a mulher samaritana	-	-	-	4. 7-26
a multidão	-	-	-	6. 25-40
alguns fariseus	-	-	13. 31-33	-

André	-	-	-	6. 9-10
André e outro discípulo	-	-	-	1. 38-39
Caifás	26. 63-64	14. 61-62	-	-
dez leprosos	-	-	17. 13-14	-
dois cegos	9. 27-30	-	-	-
dois cegos de Jericó	20. 30-33	-	-	-
dois discípulos de João Batista	11. 3-6	-	7. 19-23	-
dois discípulos no caminho de Emaús	-	-	24. 17-29	-
Filipe	-	-	-	6. 5-7 14. 8-10
Judas Iscariotes	26. 25 26. 49-50	-	-	12. 4-8
Judas Tadeu	-	-	-	14. 22-24
Maria Madalena	-	-	-	20. 15-17
Maria, sua mãe	-	-	2. 48-49	2. 3-4
Marta, irmã de Maria	-	-	10. 40-42	11. 21-27 11. 39-40
Natanael	-	-	-	1. 47-51
Nicodemos	-	-	-	3. 2-15
o apóstolo João	-	9. 38-40	9. 49-50	-
o cego Bartimeu	-	10. 51-52	18. 38-42	-
o cego curado no tanque de Siloé	-	-	-	9. 35-39
o discípulo amado	-	-	-	13. 25-26
o malfeitor da cruz	-	-	23. 42-43	-
o pai de um jovem possesso	-	9. 21-24	9. 38-41	-
os apóstolos Tiago e João	20. 22-23	10. 35-40	9. 54-56	-
os discípulos	8. 25-26 13. 10-13 14. 15-18 15. 12-20 15. 32-34 17. 9-12 17. 19-21 19. 23-30 26. 17-18 26. 21-32	1. 37-38 4. 38-40 5. 30-31 6. 35-38 8. 2-5 8. 27-29 9. 11-13 9. 28-29 14. 12-15 14. 18-21	8. 9-15 8. 24-25 9. 12-14 9. 18-19 17. 5-6 22. 8-12 22. 35-38 22. 49-51	4. 31-38 9. 2-5 11. 7-15

os discípulos dissidentes	-	-	-	6. 60-65
os guardas que vão prendê-lo	-	-	-	18. 4-8
os membros do Sinédrio	-	-	22. 67-70	-
Pedro	14. 28-31 16. 16-19 17. 25-27 26. 33-35	10. 28-31 11. 21-26 14. 29-31	5. 4-5 9. 20 22. 31-34	6. 68-70 13. 6-10 13. 36-38 21. 15-22
Pilatos	-	15. 2	23. 3	18. 33-37 19. 10-11
seus irmãos	-	-	-	7. 3-8
Simão, o fariseu	-	-	7.40-47	-
Tomé	-	-	-	14. 5-7 20. 27-29
um centurião	8. 6-13	-	-	-
um dos discípulos	8. 21-22	-	9. 59-60 9. 61-62	-
um escriba	8. 19-20	-	9. 57-58	-
um homem entre a multidão	-	-	12.13-15	-
um jovem rico	19. 16-21	10. 17-21	18. 18-22	-
um leproso	8. 2-4	1. 40-44	5. 12-14	-
um oficial do rei	-	-	-	4. 48-50
um paralítico	-	-	-	5. 6-8
uma mulher entre a multidão	-	-	11. 27-28	-
uma mulher flagrada em adultério	-	-	-	8. 10-11
uma pessoa entre a multidão	-	-	13. 23-30	-
Zaqueu, o publicano	-	-	19. 5-10	-

Quadro 50: Conversas de Jesus registradas nos evangelhos canônicos

O Jesus dos evangelhos sinóticos e o Jesus do evangelho joanino empregam níveis de linguagem bem distintos. O primeiro comunica-se com enunciados incisivos; o segundo, com discursos longos, desorganizados, repetitivos e frequentemente alegóricos. As respostas do Jesus dos sinóticos não são ensaiadas, são curtas e objetivas; as do Jesus joanino são exortações planejadas e estruturadas. O estilo senhorial do Jesus de João faz que seus interlocutores, na maioria das vezes, não o compreendam. É o que acontece com Nicodemos, com a mulher samaritana no

poço de Jacó e até mesmo com os doze apóstolos. Caracterizam também as conversas do Cristo joanino as impacientes e cortantes réplicas. Tome-se como exemplo a resposta atravessada que Jesus dá a Filipe, quando ele lhe pede que mostre o Pai: “Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido?” (João 14. 9).

Uma vez estudadas as características dos principais gêneros discursivos empregados pelo interlocutor Jesus, será examinado agora seu *éthos*, ou seja, os traços de caráter depreendidos de seus discursos.

2.2 A apreensão do *éthos* de Jesus

Considerações iniciais

O *éthos* é, grosso modo, a imagem do enunciador construída na enunciação. Em outras palavras, é a apreensão do caráter do enunciador por meio do discurso. Verifica-se, entretanto, que há diferentes níveis enunciativos num texto: enunciador, narrador e interlocutor. Para Fiorin (2008: 141),

Não há qualquer dificuldade para determinar o que se poderia chamar o *éthos* do interlocutor, já que este é uma personagem construída na obra, com todas as suas características físicas e psíquicas. O problema é distinguir o caráter do enunciador e do narrador. É Greimas quem nos dá a pista para fazer essa distinção. Diz ele que o enunciador tomado como ator da enunciação se define pela totalidade de sua obra. Quando analisamos uma obra singular, podemos definir os traços do narrador, quando estudamos a obra inteira de um autor é que podemos apreender o *éthos* do enunciador.

Como o objeto precípua da segunda parte deste trabalho são os discursos de Jesus registrados nos evangelhos canônicos, pretende-se apreender, por meio deles, o *éthos* do ator Jesus. Sabe-se, porém, que o Jesus de cada um dos evangelhos é uma personagem instaurada discursivamente pelos narradores evangelistas. Fiorin (1996: 72) explica que “o discurso direto é um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador”; dessa forma, o *éthos* que se apreende dos discursos do Jesus mateano, marcano, lucano ou joanino é, de certa forma, construído pelo próprio evangelista.

Barthes (1975: 203) define o *éthos* como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório para causar boa impressão [...]”, ou seja, pode-se afirmar – em termos greimasianos – que o orador deve estabelecer um *contrato fiduciário* com seus ouvintes.

Barros (2001: 37) ressalta que, no contrato fiduciário, o destinador, graças a um fazer persuasivo, busca a adesão do destinatário. Dessa forma, o discurso de Jesus

caracteriza-se tanto pelo *fazer-fazer* (os ouvintes devem assumir certos comportamentos para adquirirem o reino de Deus ou a vida eterna) quanto pelo *fazer-creer* (o público deve reconhecer como verdadeiro o fazer do pregador).

Na *Retórica* aristotélica, já se apontavam três características responsáveis pelo estabelecimento desse contrato de confiança :

Os oradores inspiram confiança: (a) se seus argumentos e conselhos são sábios, razoáveis e conscientes, (b) se são sinceros, honestos e equânimes e (c) se mostram solidariedade, obsequiedade e amabilidade com seus ouvintes (ARISTÓTELES, *Retórica II*, 1378a 6, apud AMOSSY, Ruth (org.), 2005: 37).

Aristóteles esclarece, assim, que *bem argumentar* implica conhecer o que move ou comove o auditório a que se destina. Dessa forma, dependendo do *lógos* (recursos discursivos) e do *páthos* (estado de espírito do auditório), o destinador expressa uma dimensão de *éthos* diferente. Fiorin (2008: 140) explica as três dimensões de *éthos* enumeradas por Aristóteles:

- a) a *phrónesis*, que significa o bom senso, a prudência, a ponderação, ou seja, que indica se o enunciador exprime opiniões competentes e razoáveis. O enunciador que se utiliza da *phrónesis* se apresenta como sensato, ponderado, construindo suas provas muito mais com os recursos do *lógos* do que com o do *páthos* ou do *éthos* (em outras palavras, com os recursos discursivos);
- b) a *areté*, que significa a virtude, mas virtude tomada em seu sentido primeiro de “qualidades distintivas do homem” (latim *uir, uiri*), portanto, a coragem, a justiça, a sinceridade; nesse caso, o enunciador apresenta-se como alguém simples e sincero, franco ao expor seus pontos de vista. O que se vale da *areté* se apresenta como franco, temerário e constrói suas provas muito mais com os recursos do *éthos*;
- c) a *eúnoia*, que significa a benevolência e a solidariedade; nesse caso, o enunciador passa uma imagem agradável de si, porque mostra simpatia pelo

auditório. O que usa a *eúnoia* se apresenta como alguém solidário com seu enunciatário, como um igual, cheio de benevolência e de benquerença e erige suas provas muito mais com base no *páthos*.

Serão analisados agora, dentro de cada um dos quatro evangelhos canônicos, alguns discursos empregados pelo interlocutor Jesus para que, dessa totalidade, seja apreendido seu *éthos*. Esse exame permitirá verificar os traços de caráter peculiares do Jesus mateano, do Jesus marcano, do Jesus lucano e do Jesus joanino.

2.2.1 O *éthos* do Jesus mateano

Desde o primeiro discurso público, o Jesus mateano declara o propósito de limitar seu ministério ao povo de Israel. No Sermão da Montanha, ele próprio recomenda a seus discípulos:

Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem. (Mateus 7. 6)

As expressões *cães* e *porcos* são judaicas e – segundo Mounce (1996: 74) – aplicadas aos gentios, baseando-se no fato de que esses animais não fazem nenhuma distinção entre alimentos limpos e alimentos imundos. Metaforicamente, é uma instrução que condena as missões dirigidas aos gentios. Essa interpretação pode ser corroborada, quando, ao dar instruções aos doze apóstolos, Jesus lhes diz:

Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel. (Mateus 10. 5-6)

Em outro relato de Mateus, uma mulher gentia, quando implora a Jesus que ele lhe cure a filha, recebe como resposta:

Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. (Mateus 15. 24)

Diante de tal indiferença, ela o adora, implorando que a socorra. Jesus, porém, retruca:

Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. (Mateus 15. 26)

Valendo-se mais uma vez da metáfora canina de valor pejorativo para referir-se aos gentios, Jesus só vai atender ao pedido da mulher após ela chegar ao ápice de sua fé:

Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos. Então, lhe disse Jesus: Ó mulher,

grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã. (Mateus 15. 28)

Segundo Mounce (1996: 163), muitos estudiosos dos textos bíblicos têm visto nessas palavras de Jesus um violento chauvinismo. Outros, porém, interpretam, por meio desses discursos, que o evangelho deveria ser pregado primeiramente ao povo eleito de Deus, ou seja, os judeus. Dessa forma, como os judeus rejeitaram o evangelho, ele foi prometido a outros povos, o que fica claro na última instrução do Jesus mateano aos seus apóstolos: “Ide, portanto, **fazei discípulos de todas as nações...**” (Mateus 28. 19).

À medida que o Jesus mateano vai sendo rejeitado pelos judeus, ele vai abrindo, de modo progressivo, o caminho do evangelho para os gentios. Assim, em *A parábola dos lavradores maus* – compartilhada com Marcos e Lucas – apenas Mateus inclui a predição de Jesus de que o reino de Deus “vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos”. Observe-se:

Atentai noutra parábola. Havia **um homem, dono de casa**, que **plantou uma vinha**. Cercou-a de uma sebe, construiu nela lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores. Depois, ausentou-se do país. Ao tempo da colheita, **enviou os seus servos aos lavradores para receber os frutos que lhe tocavam**. E **os lavradores, agarrando os servos, espancaram um a um, mataram a outro e a outro apedrejaram**. **Enviou ainda outros servos** em maior número; e **trataram-nos da mesma sorte**. E, por último, **enviou-lhes o seu próprio filho**, dizendo: A meu filho respeitarão. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança. E, **agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e mataram-no**. Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? Responderam-lhe: Fará perecer horrivelmente a esses malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos. Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isso procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos? **Portanto, digo-vos que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos**. Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele a quem ela cair ficará reduzido a pó. (Mateus 21. 33-44)

Uma das leituras possíveis dessa parábola permite estabelecer as seguintes relações: o homem, dono de casa, é Deus; a vinha, o reino de Deus; os servos são os profetas que foram assassinados por Israel; o filho é Jesus, que recebeu o mesmo mau tratamento por parte da nação. Assim, como punição, o reino de Deus será tirado dos judeus e entregue a um povo que há de produzir os seus frutos. Esse é o ponto central da parábola. Ao rejeitar a mensagem dos profetas e, por fim, ao rejeitar o próprio Filho, Israel demonstrou sua incapacidade para produzir o tipo de conduta e de vida apropriados ao reino de Deus. Dessa forma, o reino é tirado do povo israelita e dado aos gentios.

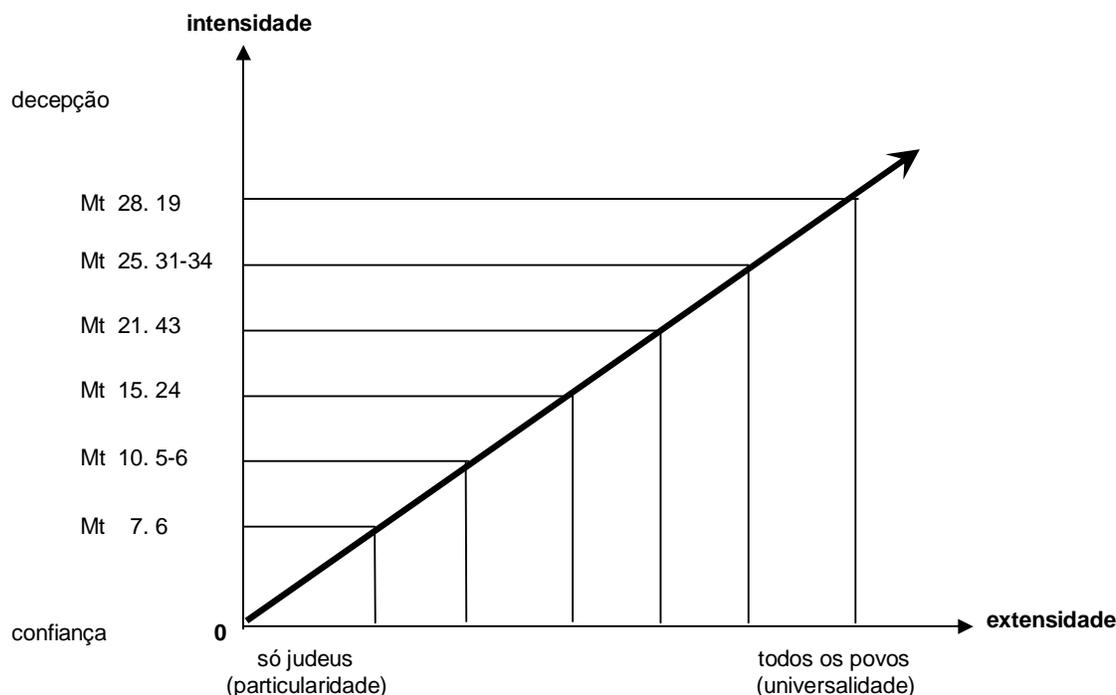
O Jesus mateano confirma a universalidade do reino dos céus, quando vaticina o julgamento de todos os povos do mundo, durante o qual separará as ovelhas dos cabritos:

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono de sua glória; e **todas as nações serão reunidas em sua presença**, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e **porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda**; então, **dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.** Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando forasteiro te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo e preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um desses meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me. E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então, lhe responderá: em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna. (Mateus 25. 31-46)

O contato ocasional de Jesus com alguns gentios que demonstram fé já sinaliza a missão mundial da divulgação do evangelho. Quando um centurião se apresenta a Jesus, implorando-lhe que cure seu criado paralítico, e Jesus se predispõe a ir à casa dele, o oficial diz-lhe: “Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado” (Mateus 8. 8). Essa atitude do centurião serve de mote para levar o Jesus mateano a dizer com exclusividade:

Em verdade vos afirmo que **nem mesmo em Israel achei fé como esta. Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes.** (Mateus 8. 10-12)

Depreende-se, assim, da totalidade dos discursos do Jesus mateano, um *éthos* de polaridade¹³⁹, marcado por uma particularidade judaica no início de seu ministério e por uma universalidade multiétnica à medida que é rejeitado pelo seu próprio povo. Observe-se o seguinte esquema:



Esquema 17: Particularidade judaica e universalidade multiétnica nos discursos do Jesus mateano

¹³⁹ A polaridade deve ser aqui entendida como a produção de discursos opostos.

Zilberberg (2006: 169) afirma haver uma permanente desigualdade criadora do sensível sobre o inteligível, uma prevalência ou predominância do sentimento (o sensível) sobre a compreensão (o inteligível), uma vez que os estados das coisas estão na dependência dos estados da alma. Assim, nesse gráfico, conhecido como *esquema tensivo*¹⁴⁰, é possível verificar que, à medida que o lado sensível de Cristo – representado pelo eixo da *intensidade*¹⁴¹ – é afetado pela rejeição dos judeus, o lado inteligível – representado pelo eixo da *extensidade* – estimula-o a divulgar o evangelho a todos os povos. Em outras palavras, quanto mais Jesus se decepciona com a rejeição do povo judeu, mais interesse mostra pelo povo gentio. Como o sensível e o inteligível crescem simultaneamente, dá-se a esse esquema tensivo-discursivo o nome de *esquema de amplificação*.

Essa polaridade de Cristo não se manifesta apenas na oposição /particularidade/ *versus* /universalidade/. A delegação de voz a Jesus o faz proferir não só bem-aventuranças, mas também maldições. Observe-se como Jesus abre o Sermão da Montanha:

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. **Bem-aventurados os mansos**, porque herdarão a terra. **Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça**, porque serão fartos. **Bem-aventurados os misericordiosos**, porque alcançarão misericórdia. **Bem-aventurados os limpos de coração**, porque verão a Deus. **Bem-aventurados os pacificadores**, porque serão chamados filhos de Deus. **Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça**, porque deles é o reino dos céus. **Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem**, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é **grande o vosso galardão nos céus**; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós. (Mateus 5. 3-12)

¹⁴⁰ Segundo Fontanille (2007: 109), os *esquemas tensivos* são esquemas discursivos elementares, que regulam a interação do sensível (os estados da alma) e do inteligível (os estados das coisas), as tensões e os relaxamentos que modulam essa interação. A semiótica tensiva categoriza-os em quatro grupos: *esquema de decadência*, *esquema de ascendência*, *esquema de amplificação* e *esquema de atenuação*.

¹⁴¹ A intensidade refere-se ao nível de percepção originada por um estímulo interno ao sujeito (os estados da alma, as paixões); a extensidade refere-se à percepção de um estímulo de origem externa (os estados das coisas).

A expressão *bem-aventurado* – com que se adjetivam os que apresentam os pré-requisitos para entrar no reino dos céus – imprime um tom fraternal ao discurso de Jesus. A palavra, em grego, é *makarios*, cujo radical *mak-* indica longa duração. É um termo que expressa felicidade superabundante ou bênção suprema. Manifesta-se, assim, a dimensão *eúnoia* do *éthos* de Jesus, uma vez que ele se mostra solidário com seu auditório. Tal solidariedade é inclusive reiterada no decorrer do evangelho com o emprego de *pequeninos*, termo característico do Jesus mateano para referir-se aos seus seguidores:

E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes **pequeninos**, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão. (Mateus 10. 42)

Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos **pequeninos**. (Mateus 11. 25)

Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes **pequeninos** que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar. (Mateus 18. 6)

Vede, não desprezeis a qualquer destes **pequeninos**; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus veem incessantemente a face de meu Pai celeste. (Mateus 18. 10)

Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes **pequeninos**. (Mateus 18. 14)

O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus **pequeninos** irmãos, a mim o fizestes. (Mateus 25. 40)

A fraternidade de Jesus, entretanto, transforma-se em voraz condenação aos que não produzem fruto de arrependimento ou aos que não seguem o que é prescrito por Deus. Como bem observa Rodrigues (1988: 47), diante de Deus, o homem só é livre para fazer o que Deus quer. Assim, dos lábios do Jesus mateano, saem três maldições. A primeira delas dirigida a três cidades impenitentes: Corazim, Betsaida e Cafarnaum; a segunda, a uma figueira infrutífera; a terceira, aos escribas e aos fariseus.

Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: **Ai¹⁴² de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida!** Porque, se em Tiro e Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: **no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras. Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até o inferno;** porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até o dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo. (Mateus 11. 20-24)

Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome; e, **viendo uma figueira** à beira do caminho, aproximou-se dela; e, **não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti!** E a figueira secou imediatamente. (Mateus 21. 18-19)

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque **fechais o reino dos céus diante dos homens;** pois **vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!** **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas,** porque devorais as casas das viúvas e, para o justificar, fazeis longas orações; por isso, **sofrereis juízo muito mais severo!** **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas,** porque **rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito;** e, **uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós!** **Ai de vós, guias cegos,** que dizeis: Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas, se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou! **Insensatos e cegos!** Pois qual é o maior: o ouro ou o santuário que santifica o ouro? E dizeis: Quem jurar pelo altar, isso é nada; quem, porém, jurar pela oferta que está sobre o altar fica obrigado pelo que jurou. Cegos! Pois qual é maior: a oferta ou o altar que santifica a oferta? Portanto, quem jurar pelo altar jura por ele e por tudo o que sobre ele está. Quem jurar pelo santuário jura por ele e por aquele que nele habita; e quem jurar pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que no trono está sentado. **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas,** porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e **tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé;** devíeis, porém, fazer essas coisas, sem omitir aquelas! **Guias cegos,** que coais o mosquito e engolis o camelo! **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas,** porque limpais o exterior do copo e do prato, mas esses, por dentro, estão cheios de rapina e de intemperança! **Fariseu cego,** limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo! **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas,** porque **sois semelhantes aos sepulcros caiados,** que, por fora, se mostram belos, mas **interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia!** Assim também vós exteriormente pareceis justos aos

¹⁴² A função do “ai” como introdução é deixar todos participar, emocional ou afetivamente, da certeza da desgraça que vem. (Berger: 1998, 184)

homens, mas, **por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas**, porque edificais os sepulcros dos profetas, adornais os túmulos dos justos e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas! Assim, contra vós mesmos, testificais que **sois filhos dos que mataram os profetas**. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais. **Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?** Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros, açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas não de vir sobre a presente geração. (Mateus 23. 1-36)

Berger (1998: 184) observa que as cidades de Corazim, de Cafarnaum e de Betsaida foram abençoadas, quando lá se realizaram milagres. O anúncio de maldição sobre elas, entretanto, veio logo em seguida:

[...] as localidades onde Jesus atuou são julgadas, numa comparação com Tiro, Sidom e Sodoma, e uma desgraça ainda maior lhes é anunciada. Repete-se a mesma estrutura das frases: nome da cidade/ diante das graças oferecidas, outros há muito teriam reagido positivamente/ eu, porém, vos digo/ nome dos que no Juízo receberão uma condenação mais pesada. Para a situação desses textos na história do cristianismo primitivo é decisiva aqui a relação entre as atividades carismáticas e o anúncio da desgraça: quem opera sinais e prodígios, como carismático, pode também anunciar desgraça.

Jesus mostra-se, assim, temerário, pois não só condena as cidades que permanecem indiferentes ante os milagres que nelas ele realizou, mas também dirige ácida crítica à hipocrisia dos fariseus e dos escribas, estabelecendo-os no evangelho como antifiadores¹⁴³. A maldição à figueira – símbolo de Israel – limita-se não apenas à árvore, mas estende-se também à nação israelita, que,

¹⁴³ *Antifiadores* são elementos desqualificados de maneira performativa pela enunciação que os apresenta. (MAINGUENEAU, 2005: 79)

embora professasse fé em Deus, rejeitou o próprio Cristo. Manifesta-se, assim, a dimensão *areté* do *éthos* de Jesus.



Ilustração 19: Jesus amaldiçoa a figueira

Vê-se a mesma postura de Jesus em relação a seus discípulos. Quando Pedro confessa que Jesus é o Cristo, ele recebe, por essa declaração, bênção e honraria:

Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e **sobre esta pedra edificarei a minha igreja**, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. **Dar-te-ei as chaves do reino dos céus**; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus. (Mateus 16. 16-19)

Essa honraria dirigida por Jesus ao apóstolo cai por terra, quando Pedro tenta dissuadir Jesus a seguir sua missão:

Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia. E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum acontecerá. Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: **Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço**, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens. (Mateus 16. 21-23)

Após a ressurreição, Jesus ordena aos onze apóstolos¹⁴⁴ que ensinem as pessoas de todas as nações a praticar tudo o que ele lhes havia ordenado. Grande parte desses ensinamentos foi transmitida no Sermão da Montanha. Como se examinou na primeira parte deste trabalho, a imagem característica do Jesus relatado por Mateus é a de mestre consumado. No Sermão da Montanha, o Jesus mateano aparece como um novo legislador ou, mais ainda, como um novo Moisés. Blomberg (2009: 171) sintetiza da seguinte maneira o paralelo entre Jesus e Moisés:

Assim como Moisés, Jesus tem uma infância cercada de milagres; causa confusão entre os governantes da terra; sobrevive, enquanto crianças de sua idade são massacradas e refaz a viagem do Êxodo, indo para o Egito e retornando. Ele permanece no deserto quarenta dias e quarenta noites em sua preparação para o ministério e, então, apresenta o seu ensino programático no alto do monte.

Jesus, entretanto, antes de apresentar sua lei, diz aos discípulos: “Não penseis que vim revogar **a Lei ou os Profetas**; não vim para revogar, vim para **cumprir**” (Mateus 5. 17). Driver (1995: 56) explica que a expressão *dar cumprimento à lei e aos profetas*¹⁴⁵ era usada para designar o cumprimento das palavras das Sagradas Escrituras. Assim, o próprio Jesus assume que ele veio para cumprir o que fora dito pelos profetas do Antigo Testamento¹⁴⁶.

Jesus apresenta-se como aquele que veio aperfeiçoar e completar a Lei de Deus, não, porém, da maneira como os fariseus faziam, acrescentando a ela obrigações cerimoniais que traziam fardo. Jesus, entretanto, radicaliza a lei, intensificando-a. Para referir-se à lei mosaica, Cristo emprega a fórmula *Ouvistes que foi dito aos antigos*. Para radicalizá-la, introduz a oração coordenada adversativa *Eu, porém, vos digo...* Observe-se o seguinte quadro:

¹⁴⁴ Judas Iscariotes, tocado de remorso por trair Cristo, tinha-se enforcado. (Mateus 27. 5)

¹⁴⁵ A Lei consistia dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento (o Pentateuco) e os Profetas incluíam não apenas os profetas maiores e menores (como são distinguidos hoje), mas também os livros históricos, Josué até 2 Reis. (Mounce, 1996: 54)

¹⁴⁶ Na primeira parte deste trabalho, examinou-se como o enunciador do evangelho de Mateus, valendo-se da polifonia, faz as vozes do Antigo Testamento se manifestarem no relato dos acontecimentos que envolvem a vida de Jesus.

Ouvistes que foi dito aos antigos:	Eu, porém, vos digo:
Não matarás. Quem matar estará sujeito a julgamento. (Mateus 5. 21)	Todo aquele que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. (Mateus 5. 22)
Não adulterarás. (Mateus 5. 27)	Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. (Mateus 5. 28)
Aquele que repudiar sua mulher dê-lhe carta de divórcio. (Mateus 5. 31)	Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério. (Mateus 5. 32)
Não jurarás falso, mas cumprirá rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos. (Mateus 5. 33)	De modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno. (Mateus 5. 34-37)
Olho por olho, dente por dente. (Mateus 5. 38)	Não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede e não volte as costas ao que deseja que lhe emprestes. (Mateus 5. 39-42)
Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. (Mateus 5. 43)	Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. (Mateus 5. 44)

Quadro 51: Radicalização da lei mosaica

Jesus, na verdade, esperava que seus discípulos ultrapassassem as expectativas normais de comportamento humano. Ao instruir a multidão sobre o amor, diz

Por que, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis **de mais**? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é vosso Pai celeste. (Mateus 5. 43-48, grifo nosso)

A pergunta **que fazeis de mais?** destaca o fato de que a doutrina de Jesus é uma doutrina de excesso, quando se refere a paixões benevolentes como o amor, a

generosidade, a misericórdia etc. Jesus prescreve aos discípulos que eles não devem limitar-se ao que os outros são capazes de fazer; devem, pelo contrário, exceder as possibilidades meramente humanas.

Assim, o Jesus construído por Mateus – ao instruir *Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes* (Mateus 5. 42) – vai incentivar não só o empréstimo, mas também o perdão das dívidas de quem não as pode pagar.

Percebe-se, na totalidade do discurso do Jesus mateano, a isotopia *dívida-perdão*. No Pai-Nosso mateano, por exemplo, emprega-se a expressão *perdoa-nos as nossas dívidas*; no Pai-Nosso lucano, emprega-se *perdoa-nos os nossos pecados*. Comparem-se as duas versões:

Mateus 6. 9-13	Lucas 11. 2-4
Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal, pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém!	Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, o pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia; perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve; e não nos deixe cair em tentação.

Quadro 52: Versões mateana e lucana do Pai-Nosso

Apenas o Jesus mateano conta uma parábola como ensinamento de que se deve perdoar a dívida do próximo:

A parábola do credor incompassivo

Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga. Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: **Sê paciente comigo, e tudo te pagarei.** E **o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves. Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei. Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida.** Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera. Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? E, **indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão.** (Mateus 18. 23-35)

Essa parábola ilustra o perdão, já explicitado na oração do pai-nosso: “perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mateus 6. 12-13). Além disso, ela reforça o ensino de Jesus sobre as consequências de perdoar ou não: *Por que, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.* (Mateus 6. 14-15)

O Jesus mateano exige, dessa forma, que se seja um perdoador incondicional.

Então, Pedro, aproximando-se, perguntou-lhe: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? **Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.** (Mateus 18. 21-22)

Segundo Mounce (1996: 187), a literatura rabínica ensinava que, se um homem pecasse uma, duas ou três vezes, deveria ser perdoado; se pecasse, porém, pela quarta vez, não deveria ser perdoado. Indo bem além desse limite, Pedro pergunta: *Será que sete vezes é suficiente?* A resposta de Jesus *Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete* é uma hipérbole, apontando para um modelo de perdão ilimitado.

O Jesus mateano vale-se de algumas parábolas tipo símile para falar do reino dos céus:

O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos. (Mateus 13. 31-32)

O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha até ficar tudo levedado. (Mateus 13. 33)

O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo. (Mateus 13. 44)

O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra. (Mateus 13. 45-46)

O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. E, quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cestos e os ruins deitam fora. Assim, será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. (Mateus 13. 47-50)

Nas duas primeiras, Jesus enfatiza que grandes resultados advêm de começos modestos. Assim, o reino dos céus, realizado por Jesus, parecia, na época, insignificante; mas, com o passar do tempo, foi tendo um extraordinário crescimento. As parábolas do tesouro oculto e da pérola de grande preço salientam o mesmo ponto básico: o reino dos céus tem tão grande importância e valor que tudo mais deve ser sacrificado a fim de se entrar nele. A parábola da rede deixa claro que

apenas os que seguem os ensinamentos de Cristo entrarão no reino dos céus, daí o Jesus mateano ser reiteradamente um instrutor.

No evangelho mateano, Pedro declara que Jesus é o Cristo e Jesus confirma tal enunciado como um dizer verdadeiro:

Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Bajornas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. (Mateus 16. 15-17)

Cabe aqui uma explicação sobre o título grego Cristo ou Messias, em hebraico. Segundo Vermes (2006a: 212), o hebreu-aramaico *Meshiah/Meshiha* e o grego *Christós* indicam alguém ungido com óleo. Na bíblia hebraica, o rito de unção ocorre em cerimônias de nomeação de um rei israelita como Saul, um profeta como Eliseu ou sacerdotes como Aarão e seus filhos:

Tomou Samuel um vaso de azeite, e derramou sobre a cabeça de Saul, e o beijou, e disse: Não te ungiu, porventura, o Senhor por príncipe sobre a sua herança, o povo de Israel? (1 Samuel 10. 1);

Disse o Senhor a Elias: Vai, volta ao teu caminho para o deserto de Damasco e, em chegando lá, unge a Hazael rei sobre a Síria. A Jeú, filho de Ninsi, ungarás rei sobre Israel e também Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, ungarás profeta em teu lugar. (1 Reis 15. 16);

E, com isso, vestirás Aarão, teu irmão, bem como seus filhos; e os ungarás, e consagrarás, e santificarás, para que me oficiem como sacerdotes (Êxodo 28. 41).

“O ungido do Senhor”, geralmente um título real, é aplicado regularmente a Davi e a sua descendência, mas uma vez excepcionalmente ao rei persa Ciro, que libertou os judeus do cativeiro babilônio:

Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater a nações ante a sua face, e para descingir os lombos dos reis, e para abrir diante dele as portas, que não se fecharão. (Isaías 45. 1)

Depois que o povo judeu foi subjugado pelo imperador babilônio Nabucodonosor em 586 a.C., a locução “o rei ungido” adquiriu o sentido específico de o Messias, ou seja, o monarca judeu final que derrotaria todas as nações estrangeiras e as submetteria a Israel e a Deus. Tal figura era ansiosamente esperada pelos judeus, especialmente após a Palestina ter sido anexada ao Império Romano em 63 a.C. pelo general Pompeu. Em outras palavras, os judeus esperavam um líder político que os libertasse do jugo romano.

Quando Jesus confirma o dizer de Pedro de ser ele o Cristo, não teve a intenção de assumir um messianismo régio, pois o próprio contexto do retrato de Jesus feito por Mateus não faz alusão alguma a ser ele um pretendente ao trono de Davi ou um suposto líder revoltoso contra Roma. Pelo contrário, Jesus mostra-se favorável ao pagamento de impostos ao governo romano, quando declara *Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus* (Mateus 22. 21). Segundo Mounce (1996: 218),

O imposto a que se referiam era uma taxa *per capita* obrigatória a cada cidadão a partir da puberdade até os sessenta e cinco anos. Devia ser pago em moeda romana ao tesouro imperial. O povo judeu se ressentia do pagamento de tal imposto, porque lembrava a todos que eram vassalos de uma potência estrangeira que lhes confiscara a terra e, agora, lhes extorquia uma soma de dinheiro que engordaria os cofres do imperador.

Ao aprovar o pagamento do imposto, Jesus mostrou que desaprovava a atitude extremada dos zelotes, grupo de revoltosos judeus que combatia a dominação romana, instigando rebeliões.

O Jesus mateano mostra-se inclusive um homem cumpridor de seus deveres fiscais. Em um outro episódio, paga a taxa anual para a manutenção do templo:

Tendo eles chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam o imposto das duas dracmas e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas? Sim, respondeu ele. Ao entrar Pedro em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos ou dos estranhos? Respondendo Pedro: Dos estranhos, Jesus lhe

disse: Logo, estão isentos os filhos. Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que fregar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por mim e por ti. (Mateus 17. 24-27)

O Jesus mateano demonstra um interesse na organização de uma igreja que não se percebe no Jesus construído pelos outros evangelistas. Apenas no evangelho mateano, Cristo emprega a palavra *igreja*. Após a ressurreição, Jesus diz aos discípulos que eles deveriam fazer discípulos de todas as nações, “batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mateus 28. 19). Essa fórmula batismal é uma doutrina que o próprio Jesus cria para sua igreja.

Jesus refere-se à casa de adoração judaica como as sinagogas “deles”, como se não fosse também judeu.

E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas **sinagogas deles** [...] (Mateus 10. 17)

Nessa profecia, parece que o Jesus mateano já previa a separação entre as sinagogas e a igreja cristã por ele fundada.

Em linhas gerais, é possível depreender dos discursos do Jesus mateano um *éthos* de polaridade, marcado pela oscilação entre a exclusividade judaica e a universalidade dos povos, entre a bênção e a maldição, entre a benevolência e a malevolência. Quando o pêndulo do seu caráter se direciona à exclusividade de seu povo, Cristo revela-se extremamente nacionalista e preconceituoso com os estrangeiros. Quando o pêndulo inclina para a universalidade, Cristo torna possível a todos a entrada no reino dos céus. O Jesus mateano possui uma personalidade que surpreende: dos mesmos lábios que saem palavras doces, como *bem-aventurados* e *pequeninos*, saem palavras ácidas de maldição: ele profere *ais* contra as cidades impenitentes e contra a liderança político-religiosa de Israel; ao mesmo Pedro que Jesus diz ser a *pedra de edificação* de sua igreja, chama-o de *pedra de tropeço*. O Jesus mateano possui, assim, uma personalidade firme, não poupando palavras desagradáveis quando tem de repreender alguém. Mostra-se também submisso às

leis: cumpre a lei mosaica, inclusive radicalizando-a, apoia o pagamento de impostos a Roma e paga o imposto do templo. Da mesma forma que ele se submete às leis do reino terrestre, exige também que seus seguidores se submetam às leis do reino dos céus. O Jesus mateano impõe uma ética de excesso para entrar em seu reino, exigindo que seus seguidores amem os inimigos, perdoem as dívidas, não se irem contra o irmão, não alimentem a concupiscência no coração. Dos discursos atribuídos a Jesus, depreende-se a figura de um mestre: ele dá longas instruções de como entrar no reino dos céus, de como ser missionário, de como agir como membro da igreja e de como será o fim dos tempos. Sua preocupação central é, sem dúvida alguma, o reino dos céus; daí Mateus, como se viu na primeira parte deste trabalho, criar a imagem de um Jesus rei, que é corroborada pela própria delegação de voz ao Jesus mateano, quando ele afirma aos discípulos que o Filho do Homem, no dia do grande julgamento, se assentará no trono de sua glória e submeterá todas as nações a juízo.

2.2.2 O *éthos* do Jesus marcano

Antes de proceder a uma análise dos discursos do Jesus marcano, é necessário fazer alguns comentários. Como já se abordou nas considerações iniciais da primeira parte deste trabalho, muitos estudiosos do texto bíblico acreditam que *Marcos* tenha sido o primeiro evangelho a ser escrito e que Mateus e Lucas o tenham usado como uma das fontes. Sendo verdadeira essa suposição, tem-se um Jesus criado discursivamente por Marcos, que foi moldado por Mateus e por Lucas nas respectivas fôrmas de seus evangelhos. Assim, pouquíssimo material de Marcos não é reproduzido em Mateus e/ou em Lucas. Diante dessa limitação de perícopes exclusivamente marcanas, serão analisados textos comuns aos outros evangelhos e, à medida do possível, apontadas as diferenças que eles apresentam em relação aos outros dois sinóticos. Isso não prejudica obviamente a apreensão do *éthos* do Jesus marcano, já que o *éthos* do Jesus mateano e o do Jesus lucano são apreendidos não só das adaptações que supostamente Mateus e Lucas fizeram de *Marcos*, mas também do vasto material exclusivo que cada um deles apresenta.

Marcos, como se examinou na primeira parte desta tese, valoriza mais o que Jesus fez do que o que Jesus disse. Assim, uma vez que o *dizer do evangelista* prevalece sobre o *dizer de Jesus*, a imagem de Jesus construída pelo evangelista conseqüentemente prevalece sobre o *éthos* que Jesus cria de si em seus discursos. Dessa forma, Marcos é o evangelista que mais sensorializa Jesus, descrevendo sua comunicação não verbal por meio de olhares, gestos, suspiros e grito.

Diferentemente do Jesus mateano, que apresenta a seus discípulos uma legislação a ser seguida para entrar no reino dos céus, o Jesus marcano coloca a autonegação como base para o discipulado.

Então, convocando a multidão e juntamente seus discípulos, disse-lhes: **Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.** Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua

alma? Porque **qualquer que**, nesta geração adúltera e pecadora, **envergonhar-se de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos.** (Marcos 8. 34-38)

Se o Jesus marcano, de certa forma, está enviando essa mensagem aos cristãos perseguidos em Roma, como se estudou anteriormente, trata-se, sem dúvida alguma, de uma estratégia de encorajamento. É uma forma de os enunciatários identificarem suas experiências com os acontecimentos do evangelho. Jesus indica que seu sofrimento é uma necessidade para cumprir o desígnio de Deus.

[Jesus] ensinava os seus discípulos e lhes dizia: **O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão**; mas, três dias depois da sua morte, ressuscitará. (Marcos 9. 31-32)

E Jesus, tornando a levar à parte os doze, passou a revelar-lhes as coisas que lhe deviam sobrevir, dizendo: Eis que subimos para Jerusalém, e **o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas; condená-lo-ão à morte** e o entregarão aos gentios; hão de escarnecê-lo, cuspir nele, açoitá-lo e matá-lo; mas, depois de três dias, ressuscitará. (Marcos 10. 33-34)

Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos. (Marcos 10. 45)

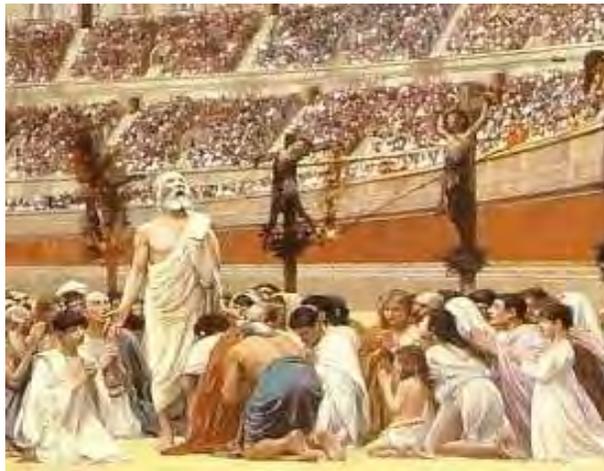


Ilustração 20: Martírio dos cristãos em Roma

Assim, embora os sofrimentos de Jesus se originem dos líderes religiosos, ele mostra que não é vítima das circunstâncias, mas que está no controle de seu próprio destino. Jesus mesmo afirma que pagará o preço para libertar as pessoas. O

resgate era o preço pago para libertar um prisioneiro de guerra, um escravo ou alguém sentenciado à morte. Jesus não diz do que está libertando as pessoas, mas, no contexto do evangelho, claramente se trata de liberdade do pecado e de uma vida pecaminosa. O discurso de Jesus sobre o cálice, na última ceia, aponta na mesma direção: “Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos” (Marcos 14. 24). Rodrigues (1988: 45) observa que

O cristianismo primitivo era movido por um intensíssimo fervor e um fluxo magnífico de júbilo espiritual, que produzia um mundo livre do mundo, onde, conseqüentemente, nada tem relações materiais e imediatas com nada e o homem, escravo do Senhor, não é mais escravo de ninguém.

As palavras de Jesus produzem, assim, efeito de sentido de que sua morte e sua ressurreição ocupam o centro de seu pensamento, e a estrutura de todo o evangelho – que enfatiza o caminho da cruz – revela que o mesmo ocorre com o evangelista Marcos.

O Jesus mateano, como se viu na seção anterior, é inflexível em relação ao caráter dos escribas e dos fariseus: *Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!* (Mateus 23. 13). O Jesus marcano – embora também censure os escribas – vê a possibilidade de algum deles entrar no reino de Deus.

[Um dos escribas] perguntou a Jesus: Qual é o principal de todos os mandamentos? Respondeu Jesus: O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. Disse-lhe o escriba: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele, e que amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo, excede a todos os holocaustos e sacrifícios. **Vendo Jesus que ele havia respondido sabiamente, declarou-lhe: Não estás longe do reino de Deus.** (Marcos 12. 28-34)

Em contrapartida, o Jesus marcano mostra-se mais radical em relação ao divórcio do que o Jesus mateano. Compare-se:

Mateus 19. 7-9	Marcos 10. 1-12
<p>Vieram a ele alguns fariseus e experimentavam-no, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo? Então, respondeu ele [Jesus]: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. Replicaram-lhe: Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar? Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza de vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio. Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério.</p>	<p>E, aproximando-se alguns fariseus, experimentaram-no, perguntando-lhe: É lícito ao marido repudiar sua mulher? Ele lhes respondeu: Que vos ordenou Moisés? Tornaram eles: Moisés permitiu lavrar carta de divórcio e repudiar. Mas Jesus lhes disse: Por causa da dureza do vosso coração, ele vos deixou escrito esse mandamento; porém, desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher. Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe, e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem. Em casa, voltaram os discípulos a interrogá-lo sobre esse assunto. E ele lhes disse: Quem repudiar sua mulher e casar com outra mulher comete adultério contra aquela. E, se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério.</p>

Quadro 53: A questão do divórcio para o Jesus mateano e para o Jesus marcano

Em *Marcos*, a proibição de Jesus contra o divórcio é absoluta; em *Mateus*, ele permite o divórcio no caso de adultério.

O Jesus marcano – tal qual o Jesus dos demais evangelhos – refere-se a si próprio como o *Filho do Homem*. Morris (2003: 122-123) distingue três grupos de declarações em que essa expressão é usada. No primeiro, Jesus fala da sua autoridade no ministério terreno; no segundo, Jesus fala da sua autoridade na parúsia; e, no terceiro grupo, que é o mais extenso e o mais enfatizado por Marcos, Jesus se refere à sua inferioridade e ao seu sofrimento. Examine-se o seguinte quadro comparativo:

autoridade na terra	autoridade na parúsia	inferioridade e sofrimento
<p>O Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados. (Marcos 2. 10)</p> <p>O Filho do Homem é senhor também do sábado. (Marcos 2. 28)</p>	<p>O Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos. (Marcos 8. 38)</p> <p>O Filho do Homem virá nas nuvens, com grande poder e glória. (Marcos 13. 26)</p> <p>Vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu. (Marcos 14. 62)</p>	<p>[...] está escrito sobre o Filho do Homem que sofrerá muito e será aviltado. (Marcos 9. 12)</p> <p>O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão [...] (Marcos 9. 31)</p> <p>O Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas; condená-lo-ão à morte [...] (Marcos 10. 33)</p> <p>O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate a muitos. (Marcos 10. 45)</p> <p>O Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito; mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! (Marcos 14. 21)</p> <p>Chegou a hora; o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores. (Marcos 14. 41)</p>

Quadro 54: Emprego da expressão *Filho do Homem* no evangelho marcano

No uso que Jesus faz da expressão *Filho do Homem*, manifesta-se a oposição semântica /majestade/ *versus* /inferioridade/. Tal majestade, porém, não consiste em poder terreno; ela é vista na própria da morte de Jesus, ato pelo qual ele resgata os pecadores. Essa é a ênfase do evangelho marcano.

O Jesus marcano mostra-se também um pregador que anuncia a inauguração de uma nova era de salvação em que o arrependimento e a fé no evangelho são pré-requisitos.

Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; **arrependei-vos e crede no evangelho.** (Marcos 1. 15)

[Jesus disse-lhes]: Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e **quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á.** (Marcos 8. 35)

Tornou Jesus: Em verdade vos digo que **ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo** de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; **e, no mundo por vir, a vida eterna.** (Marcos 10. 29-30)

[Jesus passou a dizer-lhes]: Mas **é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações.** (Marcos 13. 10)

[Jesus] disse-lhes: Ide por todo o mundo e **pregai o evangelho a toda criatura.** (Marcos 16. 15)

Uma característica marcante de Jesus que se depreende do evangelho de Marcos é sua humanidade. O Jesus marcano manifesta, por isso, um conhecimento relativizado.

Jesus, reconhecendo imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: **Quem me tocou nas vestes?** Responderam-lhe seus discípulos: Vês que a multidão te aperta e dizes: Quem me tocou? Ele, porém, olhava ao redor para ver quem fizera isto. (Marcos 5. 30-32)

Tendo eles partido para Cafarnaum, estando [Jesus] em casa, interrogou os discípulos: **De que é que discorriéis pelo caminho?** (Marcos 9. 33)

Além disso – embora assuma desconhecer quando ocorreria a parúsia (“Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai” – Marcos 13. 32) – Jesus parece crer que ela aconteceria durante o tempo de vida dos discípulos:

Dizia-lhes ainda [Jesus]: Em verdade vos afirmo que, **dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus.** (Marcos 9. 1)

Em verdade vos digo que **não passará esta geração sem que tudo isto aconteça [a volta do Filho do Homem]**. (Marcos 13. 30)

Para muitos estudiosos do texto bíblico, Marcos fornece a mais clara comprovação de que o próprio Jesus imaginava a vinda do reino em breve, no primeiro século da era cristã. Vermes (2006b: 323) cita a seguinte afirmação de Dennis Nineham, extraída do livro *Comentários do Evangelho*:

A dificuldade sentida a respeito dessa interpretação (a saber, que a manifestação do Reino de Deus em sua forma plena e final situa-se no futuro próximo) é que faz nosso Senhor resumir drasticamente a perspectiva e estabelece limites definidos para a extensão do seu conhecimento exato nos dias da sua carne.

Em outras palavras, o desconhecimento ou até mesmo erro da parte de Jesus é totalmente compatível com a crença de que, embora tivesse filiação divina, era homem enquanto cumpria sua missão na terra.

Na perícopre *A cura de um cego em Betsaida* – exclusiva do evangelho de Marcos – Jesus, além de não realizar o milagre instantaneamente, pergunta ao cego se ele estava enxergando:

Jesus, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia e, aplicando-lhe saliva aos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: **Vês alguma coisa?** (Marcos 8. 23)

Assim, o *status* divino de Jesus fica rebaixado, aproximando-o mais – no dizer de Vermes (2006a: 21) – de um curandeiro.

O próprio Jesus marcano, durante seu ministério, diferentemente do Jesus joanino, evita expor sua faceta divina. Na perícopre do jovem rico, Cristo esquiva-se de assumir sua divindade. Observe-se:

E, pondo-se Jesus a caminho, correu um homem ao seu encontro e, ajoelhando-se, perguntou-lhe: Bom mestre, que farei para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: **Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus.** (Marcos 10. 17-18)

Jesus – ao direcionar a atenção do homem a Deus como o único padrão de bondade – assume-se apenas homem.

Merece também destaque a maneira como o Jesus marcano se comporta a partir do momento em que ouve a sentença de morte. Na versão de Marcos, Cristo não diz uma palavra sequer durante o caminho para o Gólgota. Os soldados crucificam Jesus, e ele nada diz. Os líderes judaicos debocham dele: “Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se; desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos” (Marcos 15. 31-32a). As pessoas que passam procedem da mesma forma: “Ah! Tu que destróis o santuário e, em três dias, o reedifica! Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!” (Marcos 15. 29-30). “Também os que com ele foram crucificados o insultavam” (Marcos 15. 32b). Jesus ouve tudo isso e fica em silêncio até o fim, quando solta um grito: “Eloí, Eloí, lamá sabactâni?” (Marcos 15. 34), que Marcos traduz como: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Alguém oferece a Jesus uma esponja com vinagre para ele beber. Ele dá um grande brado e morre.

Jesus fica calado o tempo todo, como em choque, até soltar um grito de abandono. O Jesus marcano morre em agonia, sentindo-se esquecido até mesmo pelo próprio Deus. A pergunta que Cristo faz denuncia que ele quer saber por que foi abandonado daquele jeito. A paixão¹⁴⁷ do medo já o domina desde o Getsêmani, quando ele diz aos discípulos: “A minha alma está profundamente triste até a morte” (Marcos 14. 34).

Outro traço do Jesus marcano que merece ser examinado é o fato de ele ter uma inclinação para a universalidade multiétnica. Na perícopé da purificação do templo, apenas o Jesus construído por Marcos cita que a casa de Deus será chamada casa de oração *para todos os povos*. Compare-se:

¹⁴⁷ Do ponto de vista semiótico, as paixões restringem-se aos efeitos de sentido inscritos e codificados no discurso, afastando-se, assim, das abordagens filosófica e psicológica que se preocupam com a paixão naquilo que ela afeta o ser dos “sujeitos reais”.

Mateus 21. 13	Marcos 11. 17	Lucas 19. 46
E [Jesus] disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração ; vós, porém, a transformais em covil de salteadores.	[Jesus] também os ensinava e dizia: Não está escrito: A minha casa será chamada de casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores.	[Jesus] disse-lhes: Está escrito: A minha casa será casa de oração . Mas vós a transformastes em covil de salteadores.

Quadro 55: Enunciado do Jesus sinótico ao expulsar os vendedores do templo

Desse modo, o Jesus marcano não se mostra um nacionalista exacerbado como o de Mateus. Na história da mulher siro-fenícia, por exemplo, a fala de Jesus – *Não fui enviado senão às ovelhas da casa de Israel* – registrada por Mateus, no capítulo 15, versículo 24 – é suprimida por Marcos. Por fim, após a ressurreição, o Jesus do evangelho de Marcos ordena a seus discípulos: *Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura* (Marcos 16. 15).

Sumariamente, é possível depreender dos reiterados anúncios que o Jesus marcano faz de sua própria morte e da conotação de resgate que atribui a ela um *éthos* de acentuada filantropia. Mostra-se um homem preocupado com a salvação da humanidade, pregando a fé, o arrependimento e a autonegação. O Jesus marcano rejeita títulos honoríficos; além de manter em sigilo sua messianidade, chega a ponto de repreender um jovem que simplesmente o chama de *bom*, dizendo-lhe que *bom* é só Deus. Assume, assim, sua humanidade plena, mostrando-se inclusive cerceado por ela. É um mestre que tem suas limitações. Seu saber é relativo: não sabe quem o toca, não sabe sobre o que os apóstolos discutem entre si, não sabe quando o Pai o enviará ao mundo pela segunda vez, não sabe se executou com eficiência o milagre que tentou realizar. Tem-se, assim, o Jesus mais humano dos quatro evangelhos. Percebe-se também que o Jesus do evangelho de Marcos não prioriza a lei de Moisés, não manifestando, assim, o ufanismo ardente do Jesus mateano. Pelo contrário, é um Jesus que se mostra, desde o início de seu ministério, aberto à universalidade multiétnica.

2.2.3 O *éthos* do Jesus lucano

Um traço forte do discurso do Jesus lucano são as isotopias econômicas *riqueza-pobreza*, *propriedade-renúncia* e *comunhão de bens*, aliadas à obrigação social.

A pregação de que se devem vender os bens e dar o resultado aos pobres é iterativa nos apelos de Jesus.

Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome, porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. (Lucas 12. 33-34)

Certo homem de posição perguntou-lhe: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus. Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. Replicou ele: Tudo isso tenho observado desde a minha juventude. Ouvindo-o Jesus, disse-lhe: **Uma coisa ainda te falta: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro nos céus;** depois, vem e segue-me. Mas, ouvindo ele estas palavras, ficou muito triste, porque era riquíssimo. E Jesus, vendo-o assim triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas ! Por que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. (Lucas 18. 18-25)

Ainda, no livro *Atos dos apóstolos*, Lucas menciona um enunciado de Jesus que não aparece em nenhum dos quatro evangelhos: “Mais bem-aventurado é dar que receber” (Atos 20.35).

É interessante ainda observar que, enquanto o Jesus mateano exclama: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mateus 5. 3), o Jesus lucano apresenta uma dimensão material desta declaração: “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus” (Lucas 6. 20).

Apenas Lucas assinala esta inflexível afirmação de Jesus: “Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo” (Lucas 14. 33). É também exclusivamente lucano o seguinte enunciado de Jesus: “Mas ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação” (Lucas 6. 24).

Fontanille e Zilberberg (2001: 73) observam que

[...] o “pobre” do *Evangelho* não se contenta em desfazer-se de seus bens (negação), por causa da insensibilidade à palavra de Deus que estes provocam, mas ele deve, além disso, asseverar a “pobreza” – dentro da relação de implicação – em virtude da nova capacidade que dela decorre, o que lhe permitirá, então, acolher plenamente essa mesma palavra.

O Jesus lucano – mais do qualquer outro – enfatiza a necessidade de partilhar o que se tem para atingir a salvação. Para isso, vale-se, muitas vezes, do discurso parábólico. O Jesus do evangelho de Lucas é, por excelência, o mestre das parábolas. Muitas delas são exclusivamente lucanas. Diferentemente do Jesus mateano, que emprega a maioria das parábolas para explicar o que é o reino dos céus, o Jesus lucano vale-se delas para falar das paixões¹⁴⁸ a que os homens são suscetíveis. Serão retomadas, nessa parte, algumas análises de parábolas lucanas feitas por Postal (2007) na dissertação *Parábolas e paixões*.

Em alguns de seus discursos parabólicos, o Jesus lucano insiste em que Deus sanciona negativamente os que não cumprem a ordem de dar a quem necessita. Observe-se:

A parábola do rico insensato

E lhes proferiu ainda uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produziu com abundância. E arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher meus frutos? E disse: Farei isto: destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos;

¹⁴⁸ Fiorin (2007) ensina que “a paixão representada é aquela figurativizada pelas ações dos ‘seres humanos’ nos discursos que simulam o mundo ou pelos atos dos indivíduos numa situação tomada *sub specie significationis*, ou seja, como texto”.

descansa, come, bebe e regala-te. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus. (Lucas 12. 16-21)

O que levou o Jesus lucano a narrar essa parábola foi o fato de um certo homem pedir-lhe que ordenasse ao irmão que repartisse com ele a herança. Diante desse acontecimento, Jesus vê a oportunidade de fazer uma crítica à avareza. Não inicia a parábola sem antes recomendar à multidão: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lucas 12. 15).

O dicionário *Houaiss* (2001: 354) apresenta a avareza sob a forma de dois segmentos definicionais: (1) “qualidade ou característica de quem é avarento, de quem tem apego excessivo ao dinheiro, às riquezas”; (2) “falta de magnanimidade, de generosidade; mesquinaria, mesquinhez, sovinice”.

O primeiro segmento sugere um programa narrativo de conjunção; assim, uma vez em conjunção com a riqueza, o sujeito apega-se excessivamente a ela. Essa noção de excesso, que representa uma intensidade do apego, é resultado de um julgamento de um observador social. Dessa forma, a paixão é medida numa escala em que a moral institui os patamares de apreciação: a ligação ao dinheiro e às riquezas pode ser mais ou menos intensa; contudo, tendo atingido o patamar moral, torna-se avareza.

O segundo segmento, por sua vez, sugere um programa de não-disjunção, ou seja, além de acumular riqueza, o avaro não quer se separar de parte dela. Segundo Greimas e Fontanille (1993: 104), “a avareza comporta, ao mesmo tempo, uma forma dinâmica (de conjunção) e uma forma aparentemente estática (de não-disjunção)”. A diferença entre as duas formas de avareza pode ser interpretada como diferença estritamente discursiva, pois pode-se dar ênfase à conjunção – o que caracteriza a *avareza cumulativa* – ou à não-disjunção, o que caracteriza a *avareza retensiva*.

O aspecto iterativo da conjunção e o continuativo da não-disjunção reduzem ou estancam o fluxo de uma circulação, que, no caso da parábola em exame, é a riqueza. Assim, se o programa narrativo de conjunção ou de disjunção for gerado pela paixão, esta pode ser considerada como competência, pois é a própria paixão que dá ao sujeito o *querer-ser* ou o *querer-fazer*. Contrariamente à competência “normal”, que só pode captar-se por reconstrução a partir da *performance*, a competência passional não depende do desempenho; muito pelo contrário, é ela que o rege: de um lado, ela excede sempre o fazer que parece decorrer daí – com efeito, mesmo estando em conjunção com a riqueza, o avaro não para de acumular – e, de outro, ela parece *imagem-fim*¹⁴⁹ para o sujeito, instituindo assim a finalidade do objeto para si mesmo e neutralizando o sistema de valores em curso. Assim, poder-se-ia dizer que aquilo a que visa o avaro não são tanto as riquezas que ele acumula, mas essa *imagem-fim*, erigida em simulacro potencial em que ele “sonha” consigo mesmo cercado de riquezas (“Farei isto: destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te”). Essa desembreagem, na parábola, representa o “imaginário modal” do sujeito *homem rico*. Assim, o sujeito sintático é capaz de projetar, sob a forma de simulacros, uma trajetória imaginária. O homem rico põe-se a sonhar antecipadamente estar cercado de riquezas e desfralda em cadeia toda uma série de simulacros existenciais e de ações associadas: destruir os celeiros, reconstruí-los, recolher neles toda a riqueza, descansar, comer, beber e regalar-se, quando a realidade reassume seus direitos: a morte impedirá que o homem realize seu sonho. A parábola de Jesus é clara no que diz respeito à competência: o homem rico é um sujeito atualizado, inteiramente competente para realizar a transação que previu. Nem por isso ele é um sujeito realizado. No nível discursivo, a delegação de voz ao interlocutor de 3º grau, operada pela desembreagem, conduz o homem rico a um mundo de sonhos, que se apresenta como – para utilizar a expressão de Greimas e Fontanille (1995: 135) – “narrativa de pensamentos”, que

¹⁴⁹ A *imagem-fim* é o meio pelo qual o sujeito antecipa a realização de um programa e o advento de um estado, o que lhe permite, por pressuposição, estabelecer sua competência. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993: 106)

começa como discurso indireto (“E arrazoava consigo mesmo, dizendo:”) e prossegue como discurso direto (“Farei isto: destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te”).

Nessa parábola, o apego intenso à riqueza é sancionado negativamente pelo destinador-julgador *Deus*: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será ?”

Embora a avareza cumulativa pressuponha a avareza retensiva, a sanção – na parábola do rico insensato – incidiu sobre a conjunção excessiva; na parábola seguinte, a moralização incide sobre a não-disjunção.

A parábola do rico e Lázaro

Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava esplendidamente. Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lambe-lhe as úlceras. Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos. E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós. Então, replicou: Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento. Respondeu Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. Mas ele insistiu: Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepende-se-ão. Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos. (Lucas 16. 19-31)

Essa parábola traz uma interessante peculiaridade: as situações do rico e de Lázaro não só estão trocadas no além, como também suas novas condições se

intensificaram: a agonia que o rico sofre no inferno excede muito a miséria experimentada pelo pobre Lázaro na vida terrena; mas Lázaro desfruta prazeres que excedem muitíssimo os prazeres que o rico havia desfrutado na Terra. Assim, o ensino de Jesus vai direto ao cerne das falsas pressuposições teológicas mantidas por muitos de seus contemporâneos. Os religiosos da época acreditavam que o rico exemplificava um homem abençoado por Deus, enquanto o pobre colhia o que merecia. Jesus mostra mais uma vez que é a ética do excesso das paixões virtuosas que conduz o homem ao reino dos céus, ou seja, o rico desceu ao inferno por não praticar a generosidade.

Como se pode observar, a avareza do rico, nessa parábola, é configurada lexicalmente pelo segundo segmento definicional do *Dicionário Houaiss*: falta de magnanimidade, de generosidade. A avareza revela-se, assim, intersubjetiva, sobretudo no momento da moralização. Ao ser avaliado por Abraão, o rico percebe que suas riquezas acumuladas e retidas o foram em detrimento de outrem. O fato de esse homem não possuir generosidade vai fazê-lo ser sancionado negativamente pelo Destinador-julgador Deus, que o conduz ao inferno. O abismo que separa o rico de Abraão e Lázaro expressa a irrevocabilidade da decisão divina. É apenas na região de tormentos que o rico toma consciência de que foi o *querer-não-fazer* que lhe gerou uma sanção pragmática negativa; por isso, enquanto vivo, ele não tinha tido medo de uma futura punição, pois “se o sujeito não sabe que a conjunção com o objeto de valor disfórico é possível, o que ocorre é a inconsciência” (Fiorin, 1992: 57). O rico quer, por isso, que seus irmãos sejam visitados por Lázaro a fim de que ele lhes dê consciência, instalando, assim, neles um *saber* do iminente perigo que correm.

Abraão, porém, nega o pedido do rico, afirmando que todo *saber* é instalado por Moisés e pelos Profetas, que simbolizam as escrituras do Antigo Testamento. O livro de *Deuteronômio* – o último do *Pentateuco* – prescreve ajuda aos pobres:

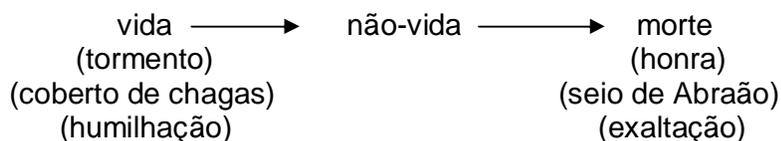
Quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos, em alguma das tuas cidades, na tua terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás as mãos a teu irmão

pobre; antes, lhe abrirás de todo a mão e lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a sua necessidade (Deuteronômio 15. 7-8).

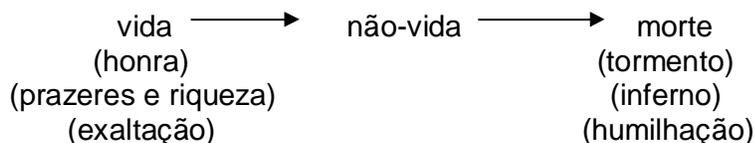
Percebe-se, então, na atitude do rico, uma incompatibilidade entre o *dever-fazer* – uma prescrição – e o *não-querer-fazer*, também chamado nolição ou má vontade.

Para um judeu, a expressão *seio de Abraão* sugere lugar de comunhão e de intimidade com Abraão, o pai do povo judeu. Assim, para Lázaro, a morte terrena foi eufórica, pois ela o conduziu à vida eterna. Para o rico, ao contrário, a morte foi disfórica, pois o conduziu ao inferno. Esses percursos podem ser representados da seguinte maneira:

S₁ (Lázaro)



S₂ (rico)



Esquema 18: Percurso da vida à morte em *A parábola do rico e Lázaro*

Nesse mesmo evangelho, o narrador Lucas afirma que “os fariseus, que eram avarentos, ouviam tudo isso e o ridicularizavam” (Lucas 16.14). Os fariseus, na verdade, consideravam a riqueza um sinal das bênçãos de Deus e a pobreza um sinal do julgamento negativo divino. Jesus ensina, por meio dessa parábola, que a atitude de uma pessoa em relação às possessões é o indício que evidencia se ela está vivendo egocêntrica ou desapeadamente. Assim, ao propor aos ricos que dividam sua riqueza com os pobres, Jesus está destituindo os valores estabelecidos pela sociedade da época e reconstruindo outros. A visão de mundo do discurso de Jesus constrói-se a partir da ótica dos oprimidos, e não da dos detentores do poder.

Essa inversão de valores proposta por Jesus se concretiza, na parábola, na inversão de destino que o rico e Lázaro têm após a morte. Lázaro, por ser mendigo e coberto por uma doença de pele, era – de acordo com a ideia de retribuição do antigo judaísmo – visto como pecador castigado por Deus. Após a morte, ele vivencia uma inversão das relações: na terra, ele via o rico assentado à mesa, agora lhe é dado assentar-se à mesa da festa; na terra, ele era desprezado, agora goza da mais alta honra. Experimenta, enfim, que Deus é o Deus dos mais pobres e abandonados.

Assim, nas parábolas do *rico insensato* e do *rico e Lázaro*, verifica-se que o primeiro rico foi julgado louco por querer acumular bens; o segundo foi condenado ao inferno por reter sua riqueza e não compartilhá-la com o mendigo Lázaro. Em Lucas 18. 18-25, ao homem de posição que se recusou a vender seus bens e reparti-los com os pobres, Jesus proferiu a sentença de que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

Jesus mostra, assim, uma especial simpatia pelos pobres, enfatizando que os cristãos não devem apegar-se às suas posses, mas repartir com os desfavorecidos o que possuem, pois a riqueza material se desfaz com a morte.

Outro aspecto do Jesus lucano que não se pode deixar de comentar é seu interesse pelos doentes. Embora a obra de cura de Jesus seja realçada por todos os evangelistas, Lucas dá a ela mais realce que os outros. Seus interesses profissionais como médico¹⁵⁰ podem refletir-se aqui. Além de registrar os milagres de cura que os outros evangelistas registram, são exclusividade de Lucas:

a) a cura de uma mulher encurvada

Ora, ensinava Jesus no sábado numa das sinagogas. E veio ali uma mulher possesa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se. Vendo-a Jesus, chamou-a e disse-lhe: **Mulher, estás livre da tua enfermidade**; E, impondo-lhe as mãos, ela imediatamente se endireitou e dava glória a Deus. (Lucas 13. 10-13)

¹⁵⁰ É o apóstolo Paulo que, em sua carta aos colossenses, menciona a profissão de Lucas: “Saúda-vos Lucas, o médico amado, e também Demas” (Colossenses 4. 14).

b) a cura de um homem hidrópico¹⁵¹

Aconteceu que, ao entrar ele [Jesus] num sábado na casa de um dos principais fariseus para comer pão, eis que o estavam observando. Ora, diante dele se achava um homem hidrópico. Então, Jesus, dirigindo-se aos doutores da Lei e aos fariseus, perguntou-lhes: **É ou não é lícito curar no sábado?** Eles, porém, nada disseram. E, tomando-o, o curou e o despediu. (Lucas 14. 1-4)

c) a cura de dez leprosos

De caminho para Jerusalém, passava Jesus pelo meio da Samaria e da Galileia. Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos, que ficaram de longe e lhe gritaram, dizendo: Jesus, Mestre, compadece-te de nós! **Ao vê-los, disse-lhes Jesus: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes.** Aconteceu que, indo eles, foram purificados. (Lucas 17. 11-14)

d) a restauração da orelha de Malco

Um deles [Pedro] feriu o servo [Malco] do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita. Mas Jesus acudiu, dizendo: Deixai, basta. E, tocando-lhe a orelha, o curou. (Lucas 22. 50-51)

O Jesus de Lucas demonstra também uma simpatia particular pelos considerados pecadores ou impuros. Apenas em Lucas, Jesus profere uma parábola em que um samaritano é exaltado. Observe-se o seguinte discurso parabólico:

A parábola do bom samaritano

E eis que certo homem, intérprete da Lei, se levantou com o intuito de pôr Jesus à prova e disse-lhe: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Então Jesus lhe perguntou: Que está escrito na Lei? Como interpretas? A isto ele respondeu: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Então, Jesus lhe disse: Respondeste corretamente; faze isto e viverás. Ele, porém,

¹⁵¹ Hidrópico é o que tem hidropisia, um inchaço do corpo causado pelo excesso de líquido nos tecidos (BÍBLIA Plenitude, 2002: 1054).

querendo justificar-se, perguntou a Jesus: Quem é o meu próximo? Jesus prosseguiu, dizendo: Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo. Semelhantemente, um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, também passou de largo. Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: Cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar. Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu-lhe o intérprete da Lei: O que usou de misericórdia para com ele. Então, lhe disse: Vai e procede tu de igual modo. (Lucas 10. 25-37)

Jesus – ao instalar os sujeitos nessa parábola – usa uma certa ironia: as pessoas que deveriam ter interesse em guardar todas as exigências da Lei – o sacerdote e o levita – não são capazes de ajudar um ser humano que passa por grande necessidade. No entanto, um samaritano – tido pelos judeus como imundo, alguém que não tem nenhuma preocupação legalista – demonstra amor ao próximo. Essa ironia é intensificada pelo conselho que Jesus dá ao doutor da Lei: que ele siga o exemplo do samaritano.

O narrador abre a parábola comentando que a pergunta do intérprete da lei é ardilosa (“... com o intuito de pôr Jesus à prova...”). Para Jesus, entretanto, conhecedor das intenções de seus oponentes, a questão dirigida a ele pelo escriba *não parece* ser sincera e realmente *não é*, o que faz Cristo julgá-la falsa. Na verdade, os oponentes de Cristo sempre confabulavam entre si uma maneira de tirar das próprias palavras de Jesus motivos para o acusar. Dessa maneira, o escriba sugere que deve haver alguém a quem a obrigação de amor não se aplica, procurando, assim, estabelecer um limite em seu *dever-amar*. Esperava o intérprete da lei que a resposta de Jesus expressasse alguma ideia contrária às tradições recebidas, que lhe oferecesse ocasião de objeções e, talvez, de alguma acusação. Jesus, porém, por meio dessa parábola, ensina que amar não é apenas um *querer-fazer*, mas também um *dever-fazer*, mostrando, assim, que o amor não é

assunto de discussão teórica, mas de demonstração prática. É uma paixão da qual se exige o excesso.

Apesar de ser desprezado pelos judeus como homem de raça mestiça e de religião profana, o samaritano é elogiado por Cristo por não teorizar, mas sim por agir; dessa forma, Jesus sugere que os samaritanos podem ser mais fiéis à Lei do que os próprios judeus religiosos, figurativizados pelo sacerdote e pelo levita.

O ódio que os judeus tinham por esse povo se dava pelo fato de os samaritanos serem

[...] descendentes dos judeus que permaneceram na Palestina depois que os assírios derrotaram Israel. Provinham de casamentos mistos entre judeus e colonizadores assírios, daí que sua própria existência era uma violação da Lei de Deus. Adoravam a Deus no monte Gerizim, onde construíram seu próprio templo e sacrificavam animais. Os samaritanos foram desprezados pelos judeus que voltaram do Exílio. Eram chamados “o povo estúpido que habita em Siquém”. Em 128 a.C., João Hircano destruiu o templo do monte Gerizim. Desse ponto em diante, judeus e samaritanos verdadeiramente não se davam (PACKER; TENNEY; WHITE JR, 2001: 98).

A atitude do sacerdote e a do levita configuram duas paixões: a indiferença e a impiedade. Barros (1990: 69) adverte que a *indiferença* é um *não-querer-fazer* nem bem nem mal, nem amor nem ódio.

A impiedade é definida pelo Houaiss (2001: 1581) como: (1) “desprezo pela própria religião ou pela religião oficial”; “irreligião”; (2) “ausência de compaixão”; “crueldade, desumanidade”.

Na parábola em exame, os dois segmentos definicionais são aplicáveis ao sacerdote e ao levita: eles não só desprezaram o estatuto da lei mosaica ao não socorrer o próximo, mas também não manifestaram compaixão ao homem semimorto.

A atitude do samaritano, em contrapartida, caracteriza duas paixões: a compaixão e a generosidade. A compaixão é definida pelo Houaiss (2001: 773) como “sentimento

piedoso de simpatia para com a tragédia pessoal de outrem, acompanhado do desejo de minorá-la”. Generosidade, segundo *Houaiss* (2001:1441), é “a virtude daquele que se dispõe a sacrificar os próprios interesses em benefício de outrem”. A generosidade define-se do ponto de vista da atribuição, isto é, de um eventual sujeito conjunto, num programa de transferência de objeto, sendo modalizado por um *querer-não-ser* conjunto com o objeto. Assim, nessa parábola, o samaritano, além de interromper sua viagem e socorrer um desconhecido em local ermo e perigoso, leva-o à hospedaria, assume todas as despesas e garante ao hospedeiro que o que ele gastar com o ferido lhe será reembolsado.

Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*, chama a generosidade de liberalidade.

Portanto, o homem liberal, tal quais as outras pessoas virtuosas, dá tendo em vista o que é nobre, e dá como deve, pois o faz às pessoas certas, as quantias que convêm e no momento devido, com todas as demais condições que acompanham o ato de dar acertadamente. E ele agirá assim com prazer e sem sofrimento, pois aquilo que é conforme a virtude é agradável e isento de sofrimento, e está muito longe de ser penoso. (livro IV, 1120a)

Os três atores da parábola – o sacerdote, o levita e o samaritano – adquirem um *saber* sobre o estado do homem semimorto. Sendo os dois primeiros religiosos, a Lei os impele a um *dever-fazer*, ou seja, devem dar assistência ao ferido; eles, porém, não *querem-fazer*¹⁵², tanto que ambos passam de largo, pois o homem é tido como um obstáculo que se deve evitar a fim de continuar viagem e não gastar tempo nem dinheiro. Essa modalidade virtualizante do *não-querer-fazer* (má vontade) não se harmoniza com o *dever-fazer*, caracterizando, em termos greimasianos, a *resistência passiva*, ou seja, resistência à lei que determina amar o próximo como a si mesmo, o que engatilhará a paixão da impiedade. Para o samaritano, porém, que passa de perto, o homem ferido é visto como um sujeito em disjunção com a vida, a quem é possível colocar novamente em conjunção. Dessa forma, ele é impulsionado

¹⁵² Segundo Harkot-de-La-Taille (1999: 191), a omissão de socorro é considerada da ordem da *performance*, pois não é uma simples “ausência de fazer”, mas sim uma recusa de fazer, isto é, o cumprimento da decisão de não fazer.

a um *querer-fazer*, ou seja, *querer-assistir* o homem surrado pelos ladrões. Assim, sua compaixão permitiu-lhe escolher a vida do homem semimorto em detrimento de sua própria viagem. Uma vez virtualizado pelo *querer-fazer*, o samaritano atualiza-se por um *poder-fazer*, que é representado pelo óleo e pelo vinho, que lhe permitem fazer um curativo nos ferimentos do homem; pelo cavalo, que lhe permite transportar o homem à hospedaria e pelo dinheiro, por meio do qual foi possível manter o homem por mais uns dias na hospedaria. Assim, configura-se a paixão da generosidade, uma vez que o samaritano sacrifica, em prol de um estrangeiro, os seguintes interesses pessoais: prosseguimento da viagem, tempo e dinheiro.

O escriba da narrativa principal – tal qual o sacerdote e o levita da parábola – demonstra a paixão do desprezo ao não pronunciar a palavra samaritano, preferindo usar uma construção perifrástica (“O que usou de misericórdia para com ele”). Há três segmentos definicionais para o desprezo (HOUAISS, 2001: 1013): (1) “falta de estima, apreço ou consideração; desdém”; (2) “sentimento pelo qual o espírito se transporta acima da cobiça, do medo etc; desprendimento”; (3) “sentimento de repulsa”. Nessa parábola, o desprezo é caracterizado pelo primeiro segmento definicional, contrariando, assim, a segunda lei para herdar a vida eterna (“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”). O desprezo ao samaritano manifestado pelo escriba pertence ao terceiro segmento definicional do dicionário: sentimento de repulsa.

Assim, Jesus, ao aconselhá-lo a agir como o desprezado samaritano, está, de certa forma, ironizando o título de doutor da lei que os escribas recebiam, pois todo conhecimento teológico de nada serve, se o amor a Deus ou ao próximo não determinar a direção da vida. Jeremias (2004: 202) explica que os judeus discutiam muito entre si o verdadeiro significado de *próximo*:

A contrapergunta sobre o que a Sagrada Escritura entende por “próximo” era justificada porque a resposta era discutida. De fato, reinava acordo que significava o membro do povo de Israel incluindo o prosélito pleno, mas não se estava de acordo com as exceções: os

fariseus se inclinavam a excluir os não-fariseus; os essênios¹⁵³ exigiam que se odiassem “todos os filhos das trevas”; uma expressão rabínica ensinava que se lançassem (numa fossa) os heréticos, os denunciadores e os apóstatas para sempre, e uma máxima popular muito espalhada excetuava o inimigo pessoal do mandamento do amor (Ouvistes que Deus disse: Amarás o teu próximo; só a teu inimigo é que não precisas amar, Mateus 5. 43).

Jesus, com essa parábola, afirma que o próximo não é apenas o concidadão, mas todo aquele que precisa de ajuda. Dá, assim, um novo conceito de próximo, associando-o ao conceito de humanidade, que, segundo o *Houaiss* (2001: 1555), é o “sentimento de bondade, benevolência, em relação aos semelhantes, ou de compaixão, piedade, em relação aos desfavorecidos”. Mais uma vez, valendo-se da ética do excesso, Jesus prega o caráter ilimitado do amor, indo na contramão da maneira de pensar da classe dominante, que considerava como próximo apenas o judeu, e, na maioria das vezes, o judeu que pertencesse ao mesmo estrato social.

Lucas é também o único evangelista que narra o episódio da prostituta que ungiu os pés de Jesus.

E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungia com o unguento. Ao ver isso, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora. [...] **E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei, não cessa de me beijar os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés. Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama.** (Lucas 7. 37-39; 44-47)

¹⁵³ O nome essênio procede de uma palavra hebraica que significa “pio”, “santo”. A maior parte dos essênios vivia em comunidades em áreas desertas. Praticavam ritos esmerados para purificar-se física e espiritualmente. (PACKER; TENNEY; WHITE JR, 2001: 92-93)

A tríade parabólica dos *perdidos* atinge o ápice da demonstração da misericórdia de Deus pelos pecadores. Ao narrar consecutivamente as parábolas *da ovelha perdida*, *da dracma perdida* e *do filho pródigo*, Jesus enfatiza a preocupação que Deus tem de recuperar todo aquele que se desvia do caminho da retidão. A mensagem dessa tríade parabólica pode ser resumida em três palavras: perdido, encontrado e alegria. Jesus usou essas parábolas para refutar as acusações de escribas e de fariseus escandalizados com o fato de ele receber de braços abertos os marginalizados, doutriná-los e comer com eles.

Assim, o capítulo 15 do evangelho de Lucas deixa claro que existe uma mensagem de salvação: Deus acolhe os pecadores e perdoa a eles; porém, essas parábolas também revelam que a salvação apresenta dois aspectos. Um diz respeito a *Deus*: o pastor procura a ovelha, a mulher procura a moeda. O outro aspecto, porém, diz respeito ao *ser humano*, pois o filho desobediente arrepende-se por sua própria vontade e volta. Assim, tanto a soberania divina quanto a responsabilidade humana devem ser levadas em conta para a salvação.

A parábola da ovelha perdida

Aproximaram-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe os pecadores e come com eles. Então, lhes propôs Jesus esta parábola: Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai à busca da que se perdeu, até encontrá-la? Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo. E, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida. Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento. (Lucas 15. 1-7)

A parábola da dracma perdida

Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la? E, tendo-a achado, reúne as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que eu tinha perdido. Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende. (Lucas 15. 8-10)

A parábola do filho pródigo

E (Jesus) disse: Um certo homem tinha dois filhos. E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda. E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua e ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. E foi e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada. E, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti e já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão e sandália nos pés, e trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado. E começaram a alegrar-se. E o seu filho mais velho estava no campo; e, quando veio e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. Mas ele se indignou e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado. E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas. Mas era justo alegrarmo-nos e regozijarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado. (Lucas 15. 11-32)

As parábolas da *ovelha perdida*, da *dracma perdida* e do *filho pródigo* apresentam, no nível narrativo, uma estrutura fixa: X entra em disjunção com a presença de Y, Y volta à conjunção com X, X se alegra com a conjunção. Porém, essa estrutura invariante é revestida por atores distintos (*pastor e ovelha, mulher e moeda, pai e filho*) colocados em espaços diferentes (*campo, casa e grande propriedade*).

Vladimir Propp, folclorista e etnólogo, em *A morfologia do conto*, foi o primeiro a conceber que, nos contos maravilhosos russos, existem unidades sintagmáticas constantes à variedade narrativa. Assim, Cristo, para exaltar as paixões da

misericórdia e da alegria, usa invariantes narrativas sob variações discursivas para mostrar que *Deus* (figurativizado em *pastor*, *mulher* e *pai*) se preocupa com o *pecador* (figurativizado em *ovelha*, *moeda* e *filho*) e sente *alegria* ao recuperá-lo (figurativizada em *festa*).

Convém, entretanto, destacar que, diferentemente da ovelha e da moeda – que não eram responsáveis por se terem perdido – o filho se perde por vontade própria. Em outras palavras, ele rompeu um contrato com o pai. Ao contrário do pastor e da mulher nas parábolas anteriores, o pai não saiu à procura do filho, mas foi a lembrança do pai que levou o rapaz ao arrependimento e ao perdão. Deus, porém, nos três casos, está preocupado com o perdido e alegra-se com sua recuperação. Assim, mesmo que uma pessoa rompa um compromisso com Deus – como foi o caso do pródigo – e depois o retome, Deus estará interessado em recebê-lo de volta.

Nas duas primeiras parábolas, pode-se questionar se o “apego intenso” à ovelha ou à moeda não configura a paixão da avareza, uma vez que ambos representam bens econômicos. Esse apego, porém, ao contrário da avareza, é moralizado positivamente. Segundo o *Houaiss* (2001: 2905), zelo é: (1) “grande cuidado e preocupação que se dedica a alguém ou algo”; (2) “forte disposição, diligência, empenho aplicado na realização de algo”; (3) “afeição intensa, amor por alguém ou algo”; (4) “sentimento penoso provocado em relação a uma pessoa de que se pretende o amor exclusivo”. Como se pode notar, a intensidade manifesta-se aqui, nas palavras de Greimas e Fontanille (1993: 184), como “calor”, e o sentimento torna-se disposição para fazer (procurar o objeto perdido): tanto o pastor como a mulher buscam o objeto de valor até entrarem em conjunção com ele. Assim, o apego é reformulado como “devotamento”, o que significa assinalar o investimento exclusivo do sujeito por seu objeto. A atitude do pastor, porém, é de puro zelo, pois ele não se incomoda de largar as noventa e nove ovelhas, que representam um grande valor econômico, para ir atrás da desgarrada. O carinho que ele demonstra ao encontrá-la (“Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo”) prova o afeto

depositado no objeto de valor. Se o pastor agisse apenas como proprietário, destituído de afetividade pelo rebanho, jamais abandonaria ao léu um número tão grande de ovelhas para sair à procura de apenas uma. Jeremias (2004: 136) afirma que

os conhecedores da Palestina testemunham unanimemente que é impossível um pastor abandonar simplesmente o seu rebanho à sua sorte. Se precisar procurar uma ovelha perdida, confia o rebanho aos pastores que com ele usam do mesmo curral ou toca seu rebanho para dentro duma caverna.

A mulher, da mesma forma, não demonstra mesquinhez ao querer procurar uma dracma; percebe-se, porém, que aquela moeda tem para ela um valor sentimental, o que a faz procurá-la *diligentemente*, forma adverbial esta que remete ao segmento definicional nº 2 de zelo. Calloud et al (1978: 135-136) observam que

É papel do proprietário – em seu aspecto puramente econômico – não negligenciar a menor parte de seus bens, cuidar dela e recuperá-la. Entretanto, não é papel do proprietário preferir uma unidade a uma grande quantidade (tradução nossa)¹⁵⁴.

Jeremias (2004: 137) explica por que uma simples dracma tem valor sentimental para a mulher.

[...] as dez dracmas lembram, a quem conhece a Palestina, o enfeite de cabeça, munido de moedas, das mulheres e que faz parte do dote de casamento e constitui sua posse mais preciosa e o seu dinheiro de emergência, e que nem sequer ao dormir se depõe; de fato nos escritos rabínicos se menciona que denários de ouro eram usados como enfeite. Então, a mulher era muito pobre, pois dez dracmas constituíam um enfeite muito modesto, comparadas com as centenas de moedas de ouro e prata, que hoje, no Oriente, muitas mulheres usam como enfeite na cabeça.

Ao contrário do que ocorre na parábola do *rico insensato* – em que o apego intenso à riqueza é sancionado negativamente pelo destinador-julgador *Deus*: “Louco, esta

¹⁵⁴ It belongs to the owner's role in its purely economic aspect not to neglect the smallest part of his goods, to care for and to recover it. However, it is not part of the owner's role to prefer a unity as over against a larger quantity.

noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” – nas parábolas da *ovelha perdida* e da *dracma perdida* – o apego à ovelha e à moeda é moralizado positivamente.

É possível, assim, a partir de um semema comum – o do *apego intenso* – obter, por um lado, uma paixão viciosa (moralizada negativamente), e, por outro, uma paixão virtuosa (moralizada positivamente).



Esquema 19: Moralização do *apego intenso* nos discursos parábólicos de Lucas

Em *A parábola do filho pródigo*, o filho mais novo, ao pedir antecipadamente a herança ao pai, manifesta a paixão da ambição, produzida pelo *querer-ser rico*. O pai, por sua vez, age com justiça, pois ele não só deu a parte pedida pelo filho mais novo, mas também a parte do filho mais velho, o que é assinalado no discurso pelo pronome anafórico *eles* (“E ele repartiu por eles a fazenda”). Partilhou, assim, a herança sobre o eixo sincrônico:

Haveria então duas maneiras de partilhar os objetos de valor numa comunidade: quer sobre o eixo diacrônico, cada um podendo esperar ter sua parte em determinado momento, com a condição de que a circulação dos bens não seja travada, quer sobre o eixo sincrônico, podendo cada um participar simultaneamente do gozo dos bens disponíveis. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993: 187)

Uma vez concretizado esse desejo, o *poder* e o *querer gastar* do filho produzem o efeito de sentido da prodigalidade. Segundo Greimas (1993: 115), “pródigo é quem

faz ‘despesas excessivas’, quem ‘dilapida seu bem’”. Dissipar é apagar, sem deixar vestígio, uma grandeza qualquer (“havendo ele gastado tudo...”). Cumpre frisar que a esse *querer gastar* deve acrescentar-se o advérbio “dissolutamente” (“ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente”), o que caracteriza a pejoração.

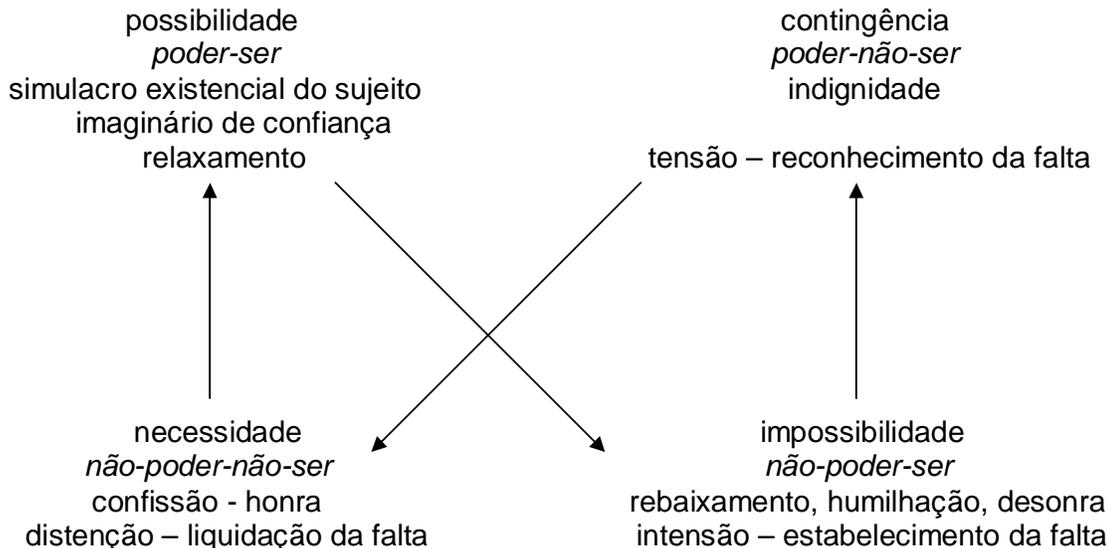
O filho mais novo, quando chega ao ápice da degradação, é virtualizado a *querer-voltar* para casa. Ao ensaiar um discurso (“Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores¹⁵⁵”), o filho perdido, movido por vergonha, tenta manipular o pai por sedução, ou seja, exercendo uma auto-sanção negativa (“...não sou digno...”), vai exaltar a figura do pai. Essa vergonha – causada pelo fracasso (*não-saber* administrar os bens) e por uma falta moral (*querer-gastar* com meretrizes) – é prospectiva, pois o filho já se envergonha antecipadamente apenas de pensar no encontro que terá com o pai. O jovem gastador, sem dúvida alguma, infringe uma norma de honra do costume judaico ao não seguir os conselhos do livro de Provérbios: “O homem que ama a sabedoria alegre a seu pai, mas o companheiro de prostitutas desperdiça os bens”¹⁵⁶. Fiorin (1992: 57) aponta que

A vergonha é, assim, um estado de alma da ordem do saber: o sujeito sabe que não possui a competência para um fazer exigido pelo simulacro de membro de um dado grupo ou que fez algo em desacordo com a deontologia grupal.

A trajetória dessa vergonha pode ser representada pelo seguinte quadrado semiótico:

¹⁵⁵ Esse solilóquio é um recurso discursivo que permite ao ouvinte ou ao leitor conhecer o estado de alma do rapaz (GRÜN, 2004: 67).

¹⁵⁶ Provérbios 29. 3



Esquema 20: Percurso da vergonha em *A parábola do filho pródigo*

Na posição 1, o sujeito *filho pródigo*, em seu simulacro existencial de partida, projeta uma “boa imagem”, ou seja, estabelece-se como *poder-ser* independente e administrador de sua herança. Na posição 2, surpreendido por um evento disfórico (“havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome”), verifica que a realização da “boa imagem” não é possível, estabelecendo-se um *não-poder-ser*. Experimenta, nessa posição, a desonra (não só passa a apascentar porcos, animal considerado impuro pela Lei mosaica, mas também deseja comer as bolotas que eles comiam), que o impele a querer voltar à casa do pai, sentindo, assim, uma vergonha prospectiva de ter que encará-lo. Consciente da falta cometida (“caindo em si”), o sujeito evolui da situação intensa para a situação tensa. Nessa posição de tensão, caracterizada pelo *poder-não-ser* mais rico nem independente, experimenta insegurança em relação a expor-se ao pai, ensaiando para isso um discurso, no qual se considera indigno: é a posição do envergonhado-inseguro. Confessando-se, o sujeito mune-se de regras de boa conduta, readquirindo a honra (o pai manda trazer-lhe sandálias, coloca-lhe um anel, prepara-lhe uma festa) a partir da qual *não-pode-não-ser* reconhecido como dotado de “boa imagem” por seu microuniverso social; assim, de posse novamente de uma “boa imagem”, o sujeito volta à posição 1, com um novo simulacro existencial.

Quando o filho pródigo retorna a casa, seu pai manifesta a paixão da alegria, graças à obtenção do objeto, que, no caso, é o filho (“...comamos e alegremo-nos...”). O irmão mais velho, pelo contrário, indigna-se ao saber que o pai está dando uma festa pela volta do filho mais moço. Configura-se, assim, a paixão do ciúme, que, segundo Greimas e Fontanille (1993: 193), pode resultar de uma das seguintes combinações:

- a) S_1 conjunto/ S_2 conjunto (ver um outro gozar uma vantagem que se desejava possuir com exclusividade);
- b) S_1 conjunto/ S_2 disjunto (temer partilhar ou perder);
- c) S_1 disjunto/ S_2 conjunto (ver um outro gozar uma vantagem que não se possui);
- d) S_1 disjunto/ S_2 disjunto (o medo de que um outro obtenha o que não se possui, mas se desejava possuir).

Na parábola em análise, o ciúme do irmão mais velho é caracterizado pela terceira combinação (S_1 – filho mais velho – disjunto / S_2 – filho mais novo – conjunto), ou seja, o valor desejado pelo irmão mais velho (reconhecimento) está em conjunção com outro sujeito (irmão mais novo). Entre o S_1 (filho mais velho) e o O_v (reconhecimento do pai), está S_2 (filho mais novo), o que faz o mais velho ver o irmão como rival, não podendo, desta forma, compartilhar a alegria do pai, pois “a rivalidade não será nunca, para o ciumento, alegre e conquistadora, mas se apresentará de preferência como dolorosa e amarga...” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993: 173).

Convém também destacar que o interlocutor *filho mais velho* – dirigindo-se ao interlocutário *pai* – nega ao que retornou o nome de irmão (“Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes...”); dessa forma, acrescenta-se ao ciúme outra paixão: o pronome *este* produz, no discurso do irmão primogênito, um efeito passional de desprezo, modalizado por um *não-querer-não-fazer* mal.

Ao mesmo tempo em que o primogênito sente ciúme do irmão, guarda ressentimento do pai. Fiorin (2007) afirma que “o ressentimento decorre de um profundo sentimento de uma injustiça sofrida”. O filho mais velho não esconde do pai que ele julga injusta a maneira como o perdulário foi recepcionado. O linguista completa observando que o ressentido “apresenta-se como vítima, como alguém ‘passado para trás’ ” (“...te sirvo há tantos anos... e nunca me deste um cabrito”).

Esse questionamento do filho mais velho em relação ao fazer do pai é, na verdade, um procedimento argumentativo utilizado por Jesus para antecipar-se às possíveis objeções dos ouvintes dessa parábola. Em outras palavras, a qualquer componente do auditório que considerasse injusta a atitude do pai, Jesus já havia adiantado que, para Deus, o importante é ter de volta aquele que dEle se afastou.

O pai tenta, assim, mostrar ao primogênito que o ciúme e o ressentimento são desnecessários (“Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas”), pois, ao repartir a herança, não privilegiou apenas um deles; antes, foi indiferente.

Jesus, na verdade, usa a parábola do *filho pródigo* para ilustrar e desmascarar a hipocrisia dos fariseus, pois o irmão mais velho é um espelho no qual eles podem se ver. As paixões malevolentes do primogênito da parábola – raiva, ressentimento, inveja, impenitência e ganância – são as mesmas do grupo farisaico que não aceita o fato de Cristo receber os pecadores.

Nas três parábolas examinadas, o pastor, a mulher e o pai manifestam a paixão da alegria. Sendo esses atores uma figurativização divina, o tema central da tríade parabólica é a alegria manifestada pelo próprio Deus ao recuperar um pecador. Os fariseus correspondem às 99 ovelhas, às 9 dracmas e ao irmão mais velho. Os publicanos e pecadores, por sua vez, correspondem à ovelha desgarrada, à dracma perdida e ao filho pródigo.

Apenas Lucas registra *A parábola do fariseu e o publicano*, concluindo que o publicano desceu justificado para casa. Mais uma vez, o Jesus lucano vale-se de um discurso parabólico para condenar a hipocrisia e a incredulidade dos fariseus.

A parábola do fariseu e o publicano

E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graça te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo quanto possuo. O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado. (Lucas 18. 9-14)

Jesus, ao colocar esse tipo de oração na boca do fariseu, não cometeu exagero algum; pelo contrário, baseou-se em fatos típicos da realidade da época. Jeremias (2004: 144) cita a seguinte oração do século I d.C., registrada no Talmude, muito aparentada com a oração do fariseu:

Eu, te agradeço, Senhor, meu Deus, porque me deste parte junto daqueles que se assentam na sinagoga, e não junto daqueles que se assentam pelas esquinas das ruas; pois eu me levanto cedo, eles também se levantam cedo; eu me levanto cedo para as palavras da Lei, e eles, para as coisas fúteis. Eu me esforço, eles se esforçam: eu me esforço e recebo a recompensa, eles se esforçam e não recebem recompensa. Eu corro e eles correm: eu corro para a vida do mundo futuro, e eles, para a fossa da perdição.

Jesus, por meio dessa parábola, faz contundente crítica à religião dos fariseus, baseada em um sistema de méritos que levava ao orgulho. Segundo o dicionário *Houaiss* (2001: 2080), o orgulho é definido como: (1) “sentimento de prazer, de grande satisfação sobre algo que é visto como alto, honrável, creditável de valor e honra”; (1.1) “atitude moral ou psíquica que afasta o indivíduo de práticas desonestas ou desonrosas”; (2) “sentimento egoísta, admiração pelo próprio mérito, excesso de amor-próprio; arrogância, soberba, imodéstia”; (2.1) “atitude prepotente ou de desprezo com relação aos outros; vaidade, insolência”.

No texto, o S₁ (fariseu), ao comparar as suas competências modais (*saber-fazer* e *poder-fazer*) com as do S₂ (publicano), configura-se como orgulhoso, pois, ao mesmo tempo em que se mostra prepotente, despreza S₂. Segundo Greimas e Fontanille (1993: 219),

O “orgulho” repousa numa superavaliação de sua própria competência, que, se não formula diretamente um *dever-ser*, prepara, entretanto sua atualização. Com efeito, trata-se aqui de um saber que recai sobre o “valor” do sujeito, adquirido por ele, atribuindo-se o papel de destinador encarregado de medir os méritos.

Os publicanos, como já se abordou, eram tachados de ladrões, pois arrecadavam mais do que o imposto legal, guardando o excedente para si próprios e para seus empregadores.

Assim, o fariseu, ao dar graças por não ser como o publicano, estabelece-o como o antítipo, ultrapassando-o nas competências modais, pois ele julga *saber-fazer* o que agrada a Deus (não roubar, não adular, jejuar, dar dízimos), o que o leva a *poder-fazer* (autojustificar-se merecedor da graça divina). Estabelece-se, assim, uma incompatibilidade entre o *dito* – homem perfeito, justo, bom – e o *mostrado* – homem presunçoso e desprezador.

O publicano, porém, consciente da imagem negativa que ele passa ao universo social a que pertence – a sociedade judaica – mantém-se, no templo, de longe, evitando, assim, a exposição. Segundo Harkot-de-La-Taille (1999: 30),

[...] um aumento de exposição, isto é, um maior número de espectadores, ou espectadores com ‘mais direito’ ao juízo, causa um sentimento de inferioridade mais contundente, ou um novo sentimento de inferioridade: o da impossibilidade de – ou incompetência para – defender-se do olhar alheio.

Dessa maneira, o cobrador de impostos, ficando a distância, evita expor-se aos olhos do fariseu; mas, como é impossível refugiar-se do olhar de Deus, dada a Sua onipresença, o publicano não levanta os olhos ao céu. Produz-se, então, um efeito de sentido de vergonha, cuja causa é, sem dúvida, o reconhecimento de uma falta moral. Segundo Fiorin (1992: 56), “cada grupo tem suas normas de honra cuja

violação constitui motivo de vergonha”, e o publicano, ao roubar, viola o oitavo mandamento das Tábuas da Lei entregues por Deus a Moisés no Monte Sinai: “Não furtarás” (Êxodo 20. 15). Assim, a vergonha estabelece-se como um estado de alma da ordem do saber: o sujeito sabe que fez algo em desacordo com a deontologia grupal. O publicano tenta, então, superar a vergonha por meio da confissão. Ao confessar-se pecador, quer ser perdoado ou reconfortado, ou seja, quer ser aceito por Deus, que, na religião judaica, era o único modalizado pelo *poder-perdoar* pecados.

É apenas exigido que o confessor eleito seja alguém legítimo para perdoar, ou, ao menos, ponderar com o sujeito e oferecer-lhe algum tipo de conforto psíquico – complacência, por exemplo, uma vez que o objetivo do envergonhado é tentar, por meio de sua confissão, ser aceito. (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999:100)

É interessante notar que não é apenas o fariseu que sanciona negativamente o publicano (“Ó Deus, graça te dou, porque não sou ... como este publicano”), mas o próprio publicano se reprova (“Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!”), tornando-se, assim, ao mesmo tempo, o sujeito do fazer e o sujeito-julgador.

Torna-se, assim, inevitável estabelecer um paralelismo entre *A parábola do filho pródigo* e *A parábola do fariseu e o publicano*. Considerando que os fariseus faziam parte do auditório que ouvia a primeira parábola e murmuravam pelo fato de Jesus envolver-se com publicanos e pecadores, pode-se, então, afirmar – dentro desse contexto – que o filho mais novo figurativiza o pecador e o filho mais velho, o fariseu. Relacionando-a com a segunda parábola, observa-se que o fariseu – tal qual o filho mais velho – critica o publicano; e o publicano – tal qual o filho mais novo – assume-se pecador. Ambos, publicano e filho pródigo, tentam liquidar a vergonha pela confissão. E é exatamente por se confessarem indignos que o pródigo e o publicano são justificados¹⁵⁷; já o irmão do pródigo e o fariseu são censurados por tentarem autojustificar-se.

¹⁵⁷ Deve-se entender aqui como *justificado* “aquele que teve provada ou reconhecida a inocência, reabilitado; isento de responsabilidade, desculpado”. (HOUAISS, 2001: 1696)

Mais uma vez, Jesus apresenta um discurso revolucionário. O fariseu, tido como “separado” e seguidor da lei mosaica, faz uma oração longa do ponto de vista puramente material, não olhando para Deus, mas exclusivamente para a sua própria pessoa. Grün (2004: 83) destaca, inclusive, que o texto grego diz literalmente “Ele orava a si mesmo”. O publicano, tido como pecador, faz uma oração curta, mas apelando à misericórdia divina. Invertem-se, assim, aos olhos de Deus, os valores atribuídos a esses dois homens pela sociedade da época.

A próxima parábola é uma história que usa contraste em vez de comparação.

A parábola do juiz iníquo

Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer: Havia em uma cidade um certo juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum. Havia também, naquela mesma cidade, uma viúva que vinha ter com ele, dizendo: Julga a minha causa contra o meu adversário. Ele, por algum tempo, não a quis atender; mas, depois, disse consigo: Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum; todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me. Então, disse o Senhor: Considerai no que diz este juiz iníquo. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra? (Lucas 18. 1-8)

A prontidão de Deus para efetuar a justiça está em desacordo com a relutância do juiz que apenas aplica justiça por ira causada pelo aborrecimento da persistência da viúva.

Nessa parábola, no ator *viúva*, configura-se a obstinação. Definida na língua como “apego forte e excessivo às próprias ideias, resoluções e empreendimentos” (Houaiss: 2001: 2045), é exatamente o “excedente modal” que a estabelece como paixão. Segundo Bertrand (2003: 371),

A obstinação caracteriza o sujeito que não somente *quer fazer*, mas *quer ser* aquele que faz, embora saiba que a conjunção a que ele visa pode não se realizar, ou mesmo pode não ser: ele quer apesar dos obstáculos, e a própria resistência alimenta sua vontade.

A viúva, para entrar em conjunção com a vitória, tinha que enfrentar quatro obstáculos, que podem ser pressupostos se levar-se em conta o contexto situacional judaico. Em primeiro lugar, pelo fato de ser mulher, praticamente não existia perante a lei. Na sociedade palestina do tempo de Jesus, as mulheres não pleiteavam suas causas. Em segundo lugar, uma vez que era viúva, não tinha um marido para representá-la no tribunal. Em terceiro, era pobre e, mesmo que quisesse, não poderia pagar suborno, considerando essa hipótese por tratar-se de um juiz iníquo. Por fim, o juiz era intransigente, estando paradoxalmente em disjunção com o senso de justiça. Assim, embora se oriente por um *querer-fazer* (querer reivindicar excessivamente), o dispositivo modal característico da paixão *obstinação* constitui-se por modalizações do *querer-ser* (querer ser ela mesma a reivindicadora, querer ser vitoriosa). Um simples *querer-fazer* não leva à liquidação de um programa, pois um sujeito pode renunciar a ele diante de um obstáculo. Quando Bertrand afirma que “ele quer apesar dos obstáculos, e a própria resistência alimenta sua vontade”, ficam claros os paradoxos que a obstinação acumula: um *querer-fazer* que sobrevive a um *não-poder-fazer*, que lhe serve até de reforço; um *fazer* que não cessa, enquanto tudo se decide em certa organização modal do ser. Em outras palavras, manifesta-se aí uma forma aspectual durativa e iterativa – continuar, resistir – mesmo que o sucesso do empreendimento esteja comprometido.

O juiz, por sua vez, apresenta um comportamento impávido (“Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum”), pois, contrariando o *crer* do povo judeu, é destituído do medo da sanção divina. Segundo Fiorin (1992: 58), “para que haja esse medo dissuasório¹⁵⁸, é preciso que quem teme tenha do outro o simulacro de destinador da sanção, ser hierarquicamente superior dotado de competência para castigar”. Em outras palavras, ao afirmar que não teme a Deus, o sujeito juiz não crê numa autoridade divina capaz de exercer o papel de destinador-julgador; existe, portanto, a ausência do elemento modal “*não querer estar* em conjunção com o estado disfórico”. O juiz também não respeitava os homens, pois, como representante da lei, julgava não estar sujeito a ela.

¹⁵⁸ Medo dissuasório, segundo Fiorin (1992: 57), é o derivado da possibilidade de uma sanção pragmática negativa.

Assim, o sujeito juiz é, inicialmente, virtualizado por um *não-querer-fazer* (nolição). A viúva, porém, por aborrecê-lo em demasia, acaba manipulando-o por intimidação, pois a insistência da mulher é, para ele, algo negativo; assim, acaba socorrendo-a unicamente para se ver livre da contínua amolação da requerente.

Essa parábola é introduzida pelo narrador Lucas com o seguinte tema: “o dever de orar sempre e nunca esmorecer”. Assim, a perseverança leva Deus a atender os pedidos. Se esse juiz, que era iníquo, atendeu a viúva, que dirá Deus, o juiz perfeito!

Para finalizar, convém mostrar como o Jesus lucano procede de maneira diversa do Jesus marcano nas últimas horas de sua vida. Em Lucas, Jesus é levado para ser executado, e Simão Cireneu é obrigado a carregar sua cruz. Diferentemente do Jesus de Marcos, o Jesus de Lucas não fica em silêncio enquanto segue a *Via Crucis*. No caminho, ele vê mulheres chorando, e diz-lhes: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos!” (Lucas 23. 28). Ele continua, profetizando a breve destruição de Jerusalém. Jesus demonstra assim não estar impressionado com o que lhe vai acontecer. Está mais preocupado com aqueles ao seu redor do que com o seu próprio destino.

Além disso, enquanto é crucificado, não fica em silêncio como o Jesus marcano. Ele faz uma oração: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Marcos 23. 34). O Jesus lucano demonstra serenidade, mantendo sempre uma ligação direta com Deus. A prece por ele feita demonstra que está mais preocupado com as pessoas que estão fazendo aquilo com ele do que consigo mesmo. Jesus é escarneado pelos líderes judeus e pelos soldados romanos, mas, ao contrário do relato de Marcos, apenas um dos dois homens crucificados com ele o insulta: “Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também” (Lucas 23. 39). O outro, pelo contrário, critica o primeiro por isso: “Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença? Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez” (Lucas 23. 41). Assim, o evangelista – constantemente preocupado em figurativizar o perdão de Deus aos pecadores – acrescenta a conversação que se estabelece entre o malfeitor arrependido e Cristo:

“Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu reino. Jesus respondeu-lhe: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23. 39-43).

Neste relato, Jesus não está, de modo algum, confuso com o que está acontecendo a ele. Está completamente calmo e no controle da situação; sabe o que está prestes a acontecer e sabe que acordará no paraíso. Esse quadro é bem diferente do Jesus de Marcos, que se sentiu absolutamente esquecido.

Antes de morrer, em vez de exprimir o grito de abandono como fez o Jesus marciano (“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”), o Jesus lucano ora em voz alta: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lucas 23. 46).

Depreende-se, assim, da totalidade discursiva do Jesus lucano, um *éthos* de forte consciência social, de preocupação com os pobres e com os proscritos da sociedade. Para ele, não é a propriedade e o dinheiro que condenam o homem, mas sim o mau uso das riquezas. Jesus exorta reiteradamente a um procedimento social: quem possui riqueza deve vender seus haveres e dar o resultado aos pobres. Não se prega, assim, simplesmente a pobreza, mas a comunhão de bens.

Jesus deixa claro que quem busca segurança na propriedade, nos bens materiais e no dinheiro – como o rico insensato – age como louco, não estando apto para entrar no reino de Deus (“Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus” – Lucas 12.21).

A alta posição social – consequente da riqueza – é também condenada por Jesus, uma vez que ela pode despertar no homem a paixão do orgulho. O fariseu julga-se superior ao publicano; o juiz – que não respeitava a Deus nem a homem algum – despreza a viúva, demorando a julgar sua causa. Ambos, portanto, são moralizados negativamente por Cristo: o primeiro é tachado de injusto; o segundo, de iníquo.

O contexto em que estão colocados os ensinamentos de Jesus sobre a riqueza e a propriedade indica que elas não são apenas um assunto de dimensões econômicas,

jurídicas ou sociais, mas que têm dimensões espirituais que afetam as relações do homem com Deus.

A verdadeira riqueza, para Cristo, é o amor a Deus e ao próximo, que só fluirá, quando o dinheiro também fluir, pois o homem corre o risco de fazer da riqueza um ídolo, esquecendo-se de Deus (“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” – Lucas 16. 13).

Lucas apresenta, então, um Jesus misericordioso com os pobres, com os pecadores e com os doentes, o que fez Dante Alighieri atribuir-lhe o epíteto de *scriba mansuetudinis Christi*¹⁵⁹; não deixa, porém, de mostrar o lado reverso: um Jesus que sanciona negativamente qualquer um que humilhe um desses marginalizados.

¹⁵⁹ O escriba da mansidão de Cristo.

2.2.4 O éthos do Jesus joanino

O evangelho de João é diferente dos chamados evangelhos sinóticos. O Jesus retratado por João é espiritualmente superior ao Jesus retratado por Mateus, por Marcos e por Lucas. João cria, por meio de seu discurso, um Jesus deificado, diferente do Jesus profeta-mestre dos evangelhos sinóticos, cuja função era transmitir os ensinamentos e os preceitos divinos.

O Jesus dos evangelhos sinóticos estabelece requisitos morais e/ou religiosos para entrar no Reino de Deus, ou seja, enfoca seus ensinamentos não em si mesmo, mas em Deus. Em João, pelo contrário, os discursos de Jesus são autocentrados, ou seja, giram em torno da sua pessoa e do seu ensinamento. O Jesus joanino embrenha-se, assim, em uma teologia altamente evoluída.

É importante fazer aqui distinção entre o discurso religioso e o discurso teológico, principalmente para examinar melhor o quarto evangelho. De acordo com Orlandi (2006: 247), “distingue-se o discurso teológico do religioso por ser aquele mais formal e este mais informal”. O Jesus joanino – diferentemente do Jesus apresentado pelos evangelistas sinóticos – emprega discursos muito mais longos, formais e carregados de figuras de linguagem, beirando muitas vezes o filosófico. A essência de tais discursos – que visavam a um ensino teológico – serviu de base para muitas das doutrinas¹⁶⁰ da incipiente igreja cristã.

Segundo González (2009: 97), doutrina, em um nível mais estrito, refere-se àqueles ensinamentos que consciente e consideradamente caracterizam um grupo qualquer dentro da igreja. Idealmente, a doutrina é uma teoria formulada com o intuito de ser fiel às Escrituras e, ao mesmo tempo, dar atenção às tradições da igreja. Tome-se, como exemplo, a doutrina da *trindade*. Segundo ela, Deus – ao mesmo tempo em

¹⁶⁰ Muitas vezes, doutrina e dogma são empregados como sinônimos, porém eles tem conotações distintas. Nos círculos católicos romanos, dogmas são ensinamentos oficialmente aceitos pela igreja e não meras teorias desse ou daquele teórico. Por isso, o termo *dogma* tem conotações autoritárias de que muitos protestantes modernos não gostam. (Grenz: 2002, 42; González 2009: 97-98)

que é uno – existe eternamente em três pessoas, que recebem o nome de Pai, de Filho e de Espírito Santo. Embora a própria palavra *trindade* não apareça nas Escrituras, os ingredientes fundamentais da doutrina encontram-se no evangelho joanino. Logo, pode-se dizer que o desenvolvimento da doutrina trinitária é simplesmente esclarecimento do que já está implícito nas Escrituras.

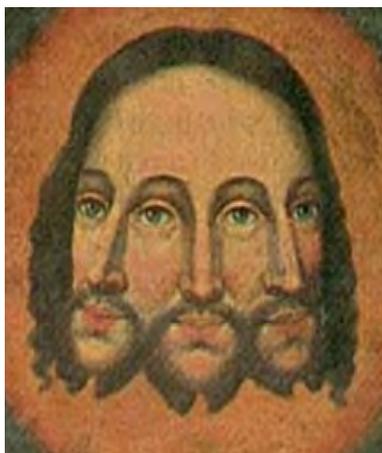


Ilustração 21: A Trindade

No discurso de despedida, o Jesus joanino – como em nenhum outro lugar dos evangelhos – chega tão perto da doutrina da trindade, que mais tarde se consolidaria nos primeiros credos e concílios cristãos:

Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês que **eu estou no Pai** e que **o Pai está em mim**? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras. Crede-me que **estou no Pai, e o Pai em mim**; crede ao menos por causa das mesmas obras. Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei. Se me amais, guardareis os meus mandamentos. E **eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade**, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. (João 14. 9-17)

Jesus insiste em que ele está no Pai e o Pai está nele. Afirma ainda que, quando partir, o Espírito o substituirá como um outro Consolador¹⁶¹, cumprindo muitos papéis idênticos aos dele.

Observa-se aqui que o Jesus joanino promete aos discípulos que o *Consolador*, ou seja, o Espírito Santo, estará sempre com eles. O Jesus mateano, como já se examinou, promete que ele próprio estará eternamente com os discípulos. No jogo intertextual dos evangelhos, a Igreja mais uma vez vale-se dos dois ditos (“E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século” – Mateus 28. 20; “e ele vos dará outro Consolador a fim de que esteja sempre convosco” – João 14. 16) para confirmar que Jesus e o Espírito Santo são também uma única pessoa. Assim, Cristo, na verdade, está referindo-se à sua vinda na pessoa do Espírito Santo.

Diferentemente do Jesus marcano, que oculta sua messianidade, o Jesus joanino fala abertamente em primeira pessoa sobre ela:

Eu sei, respondeu a mulher, **que há de vir o Messias**, chamado Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas. Disse-lhe Jesus: **Eu o sou, eu que falo contigo**. (João 4. 26)

Rodearam-no, pois, os judeus e o interpelaram: Até quando nos deixarás a mente em suspenso? **Se tu és o Cristo, dize-o francamente**. Respondeu-lhes Jesus: **Já vo-lo disse**, e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito. (João 10. 24)

O Jesus de João deixa bem claro a todos que veio de Deus e a Ele retornará. Observem-se os seguintes fragmentos:

Vós sois cá de baixo, **eu sou lá de cima**; vós sois deste mundo, eu **deste mundo não sou**. (João 8. 23)

Replicou-lhes Jesus: Se Deus fosse, de fato, vosso pai, certamente me havíeis de amar; porque eu **vim de Deus e aqui estou**; pois não vim de mim mesmo, mas ele me enviou. (João 8. 42)

¹⁶¹ Consolador, no grego, é *parakletos* (de *para*, ao lado de, e *kaleo*, chamar; portanto, chamado para o lado de alguém. A palavra significa um mediador, confortador, advogado, conselheiro. (Bíblia Plenitude, 2002: 1098)

Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque **eu vou para junto do Pai**. (João 14. 12)

Vermes (2006a: 210) bem observa que “o ‘Filho do Homem’ de João é transformado num ser celestial exilado na terra, mas ansioso por retornar ao seu verdadeiro lar”.

Assim, tendo descido do céu à terra, ele prepara-se para ascender outra vez. Deixa claro, entretanto, que um dia descerá novamente:

Na casa do meu Pai, há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, **quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo**, para que, onde eu estou, estejais vós também. (João 14. 2-3)

Essa segunda vinda não possui, no evangelho de João, a alta dosagem escatológica que é apresentada nos evangelhos sinóticos, ou seja, o Jesus joanino não profetiza as catástrofes que sinalizam o final dos tempos, como guerra, terremotos, fome etc. O Jesus joanino tem, assim, um contorno espiritual mais sereno. Isso é ratificado quando Jesus se autodenomina juiz vicário de Deus: “E o Pai a ninguém julga, mas ao filho confiou todo julgamento” (João 5. 22). Tal julgamento, entretanto, não possui os traços sombrios do julgamento feito pelo Jesus dos sinóticos: “Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (João 3. 17). Em outras palavras, Jesus quer dizer que sua função primeira não é julgar, mas salvar o mundo por meio de seu evangelho. Assim, os que o ouvirem e nele crerem escaparão do juízo: “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (João 5. 24).

A liderança judaica, entretanto, não era aberta para ouvir as palavras de Jesus. Cristo diz-lhes: “Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem? É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra” (João 8. 43). Dessa forma, o Jesus joanino vai dirigir-lhes o mais ácido enunciado do quarto evangelho: “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos” (João 8. 44). Manifesta-se, assim, a dimensão *areté* do *éthos* do Jesus joanino.

Ao contrário do Jesus marcano, que tem o conhecimento relativizado, o Jesus joanino é caracterizado pela onisciência. Verifiquem-se os seguintes excertos:

Jesus viu Natanael aproximar-se e disse a seu respeito: Eis um verdadeiro israelita, em que não há dolo! Perguntou-lhe Natanael: Donde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: **Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira.** Então, exclamou Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel! (João 1. 47-49)

Disse Jesus [à samaritana]: Vai, chama teu marido e vem cá; ao que respondeu a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Bem disseste, não tenho marido; porque **cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido;** isso disseste com verdade. Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que tu és profeta. (João 4. 16-19)

Outro traço do Jesus joanino é que ele, com frequência, reforça a negação do saber do seu interlocutário. Observem-se algumas situações:

a) com Nicodemos: Tu és mestre em Israel e **não compreendes estas coisas?** (João 3. 10);

b) com a mulher samaritana: **Se conheceras o dom de Deus** e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. (João 4. 10);

c) com Pedro: **O que eu faço não o sabes agora;** compreendê-lo-ás depois (João 13. 7);

d) com Filipe: Filipe, há quanto tempo estou convosco, e **não me tens conhecido?** Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos Pai? (João 14. 9)

Ao negar o saber do ensinado, afirma-se o saber do que ensina. Ora, segundo Greimas e Fontanille (1993: 88), essa negação de competência é portadora, ao menos em seu princípio modal, de uma “humilhação”, isto é, de uma manipulação patêmica que visa a instalar, no discípulo, certo segmento modal estereotipado em que a *consciência (saber)* da incompetência deve levar a uma *aceitação (querer)* das aprendizagens propostas: o *saber-não-ser* transforma-se em *não-querer-não-ser*.

Examine-se agora acuradamente o famoso diálogo de Jesus com Nicodemos, um dos membros influentes e respeitados do Sinédrio:

Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus. Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito. Então, lhe perguntou Nicodemos: Como pode suceder isto? Acudiu Jesus: Tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas? Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto; contudo, não aceitais o nosso testemunho. Se, tratando de coisas terrenas, não me credes, como creeis, se vos falar das celestiais? Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem [que está no céu]. E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna. Por que Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus. O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras. Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus. (João 3. 1-21)

Nicodemos, um mestre em Israel – portanto instruído de acordo com a lei e a teologia judaicas – vem a Jesus para louvá-lo como um mestre enviado do céu, por causa de seus sinais. No decorrer da conversa, entretanto, a ignorância de Nicodemos se evidencia, pois há uma dissimetria entre os planos em que se alojam os interlocutores. Nicodemos, conhecedor da lei, é porta-voz do dizer do homem. Jesus, encarnação divina, é porta-voz do dizer de Deus. Assim, segundo Orlandi (2006: 245),

[...] mantém-se a distância entre o *dito de Deus* e o *dizer do homem*, ou seja, há uma separação (diferença?) entre a significação divina e a linguagem humana, separação essa que deriva da dissimetria entre os planos. E assim se mostra e se mantém a *obscuridade* dessa significação, inacessível e desejada.

Jesus – em uma conversa altamente teológica com Nicodemos – vale-se de um jogo de palavras ao dizer que é necessário nascer de novo para poder ver o reino de Deus. Explica a Bíblia Plenitude (2002: 1078) que

A palavra grega traduzida por “de novo” também pode ser traduzida por “de cima”. Nicodemos a entendeu, claramente, no primeiro sentido, enquanto Jesus tinha ambos os significados em mente. Para entrar no reino de Deus, a pessoa tem de nascer de novo, não por meio de um segundo nascimento biológico, mas sim por um nascimento espiritual de cima.

Assim, Cristo – ao explicar a Nicodemos que o nascer de novo consiste em nascer da água e do espírito – está, na verdade, frisando não só a necessidade de o homem batizar-se na água, mas também de ser renovado e transformado pelo poder do Espírito Santo. Cristo demonstrou, dessa forma, que ser judeu, fariseu, mestre ou religioso não habilita ninguém a ter acesso ao reino de Deus. É necessário arrepender-se, ser batizado com água e, depois, passar para o batismo com o Espírito Santo, que Jesus traz.

Observe-se agora o discurso de Jesus com uma mulher samaritana, que levou a Igreja a instituir a doutrina da verdadeira adoração. Como samaritanos e judeus eram inimigos, os samaritanos construíram, no monte Gerizim, um templo como um lugar de adoração, pois eles não eram bem vindos no templo de Jerusalém. Esse contexto dá lugar ao seguinte diálogo:

Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai

procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade. (João 4. 20-24)

Em outras palavras, Jesus explica à mulher que o importante não é o lugar em que alguém adora, mas a atitude do coração e da mente. A verdadeira adoração não é apenas forma e cerimônia, mas especialmente realidade espiritual que está em harmonia com a natureza de Deus, que é espírito. A adoração também deve ser em verdade, isto é, transparente e sincera.

É importante frisar que os primeiros cristãos não dispunham de formas de expressão arquitetônicas próprias para realizar seus cultos. As comunidades reuniam-se em casas particulares; assim, consideravam a própria comunidade um “templo vivo”, lembrando as palavras de Jesus à mulher samaritana: “Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade”. A igreja primitiva valia-se de materiais narrativos e de rituais, como por exemplo o batismo e a eucaristia, construindo, assim, no dizer de Theissen (2009: 385), uma *catedral semiótica*.

Merece destaque também a reiteração que o Jesus joanino faz do sintagma *eu sou*. Por sete vezes, Jesus se vale dessa expressão seguida de um predicativo. Há uma intertextualidade com o nome da aliança de Deus, pelo qual ele se revelou a Moisés. Observe-se a seguinte passagem extraída de Êxodo 3. 13-14:

Disse Moisés a Deus: Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: **Qual é o seu nome?** Que lhe direi? Disse Deus a Moisés: **EU SOU O QUE SOU**. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros.

O nome EU SOU O QUE SOU – como Deus identifica a si mesmo – está ligado ao verbo hebraico que significa *ser* e, assim, implica a absoluta existência de Deus. O hebraico aqui é a fonte da palavra portuguesa Jeová ou Javé.

a) Declarou-lhes, pois, Jesus: **Eu sou o pão da vida**; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede. (João 6. 35)

O pão da vida aqui é uma alusão ao maná do Antigo Testamento, o alimento milagroso que sustentou os israelitas durante sua longa travessia do deserto após a saída do cativeiro egípcio.

Então, disse o Senhor a Moisés: Eis que vos farei chover do céu pão, e o povo sairá e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu ponha à prova se anda na minha lei ou não. (Êxodo 16. 4)

Deu-lhe a casa de Israel o nome de maná; era como semente de coentro, branco e de sabor como bolos de mel. (Êxodo 16.31)

E comeram os filhos de Israel maná quarenta anos, até que entraram em terra habitada; comeram maná até que chegaram aos limites da terra de Canaã. (Êxodo 16. 35)

A mensagem de João é que os israelitas que saíram do Egito – embora tivessem se alimentado do maná – morreram um dia. Aqueles, porém, que digerirem simbolicamente Jesus, ou seja, seus ensinamentos, serão saciados espiritualmente. Jesus faz também uma relação metafórica de seu ensino com a água. É mais uma referência intertextual ao povo de Israel que, liderado por Moisés, rumava em direção a Canaã.

Tendo aí o povo sede de água, murmurou contra Moisés e disse: Por que nos fizeste subir do Egito para nos matares de sede, a nós, a nossos filhos e aos nossos rebanhos? Então, clamou Moisés ao Senhor: Que farei a este povo? Só lhe resta apedrejar-me. Respondeu o Senhor a Moisés: Passa adiante do povo e toma contigo alguns dos anciãos de Israel, leva contigo em mão o bordão com que feriste o rio e vai. Eis que estarei ali diante de ti sobre a rocha em Horebe; ferirás a rocha, e dela sairá água, e o povo beberá. Moisés assim o fez na presença dos anciãos de Israel. (Êxodo 17. 3-7)

Faz-se aqui a mesma relação que se fez com o pão. Todo aquele que bebe água volta um dia a ter sede. Mas quem bebe da doutrina de Cristo cria dentro de si uma fonte de água viva. Essa metáfora é novamente empregada por Jesus em seu diálogo com a mulher samaritana, à beira de um poço:

Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta. Nisto, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. Pois seus discípulos tinham ido à cidade para comprar alimentos. Então, lhe

disse a mulher samaritana. Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se dão com os samaritanos)? Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. Respondeu-lhe ela: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És tu, porventura, maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, e, bem assim, seus filhos, e seu gado? **Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna.** Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la. (João 4. 6-15)

b) De novo, falava-lhes Jesus, dizendo: **Eu sou a luz do mundo;** quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida. (João 8. 12)

Ser a luz do mundo tem um significado profundo. A luz ilumina o caminho. Muitos veem nessa metáfora uma referência à coluna de fogo na peregrinação dos israelitas pelo deserto.

O Senhor ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite. (Êxodo 13. 21)

c) Jesus, pois, lhes afirmou de novo: Em verdade, em verdade vos digo: **eu sou a porta das ovelhas.** (João 10. 7)

Literalmente, a porta é a entrada para o aprisco. Metaforicamente, é o caminho para a presença de Deus. Ele é o único meio para chegar à presença de Deus.

d) **Eu sou o bom pastor.** O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. (João 10. 11)

A metáfora do pastor e da ovelha denota primeiramente o relacionamento entre Deus e Israel; secundariamente, entre o Messias davídico e o povo judeu.

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. (Salmo 23. 1)

Dá ouvidos, ó pastor de Israel, tu que conduzes a José como um rebanho; tu que estás entronizado acima dos querubins, mostra o teu esplendor. (Salmo 80. 1)

[...] eu livrarei as minhas ovelhas, para que já não sirvam de rapina, e julgarei entre ovelhas e ovelhas. Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi¹⁶² é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor. (Ezequiel 34. 22-23)

O Jesus joanino – diferentemente do Jesus mateano – preocupa-se não só com os judeus, mas também com os gentios. Isso fica claro, quando Jesus diz aos fariseus:

Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor. (João 10. 16)

e) Disse-lhe Jesus: **Eu sou a ressurreição e a vida.** Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. (João 11. 25)

A vida de quem crê em Jesus não é efêmera. Quem só pensa em desfrutar a vida presente teme a morte, pois ela sinaliza o fim de tudo. Os que morrem crendo em Cristo vão viver.

f) Respondeu-lhe Jesus: **Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida;** ninguém vem ao Pai senão por mim. (João 14. 6)

Jesus afirma aqui ser o único elo entre Deus e os homens. A verdade é a do evangelho pregado pelo próprio Cristo.

g) **Eu sou a videira verdadeira,** e meu Pai é o agricultor. (João 15. 1)

O pano de fundo dessa metáfora está no livro de Isaías, capítulo 5, versículo 7: “Porque a vinha de Senhor dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são a planta diletta do Senhor...”.

¹⁶² O meu servo Davi é um governante messiânico da linhagem de Davi. Isso é cumprido na figura de Jesus Cristo. (Bíblia Plenitude 2002: 822)

Jesus relaciona também os crentes como ramos que não podem ser cortados da planta:

Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. (João 15. 4-5)

Enfatiza-se aqui a importância da ligação vital com Cristo. Se o ramo da videira é separado do tronco, ele morre. Reitera-se que a vida verdadeira depende da ligação com Cristo.

Além dessas sete expressões formadas por *eu + sou + predicativo*, Jesus utiliza para si a expressão EU SOU sem predicativo algum. É o que Fiorin (1996: 150-151) chama de presente omnitemporal ou gnômico. Segundo o linguista,

É o presente utilizado para enunciar verdades eternas ou que se pretendem como tais. Por isso, é a forma verbal mais utilizada pela ciência, pela religião, pela sabedoria popular (máximas e provérbios). O momento de referência é um *sempre* implícito.

Dessa forma, Jesus está reivindicando sua eternidade:

a) Por isso, eu vos disse que morrereis nos vossos pecados; porque, se não crederdes que EU SOU, morrereis nos vossos pecados. (João 8. 24);

b) Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU. (João 8. 58);

Mais uma vez, percebe-se, nesse versículo, uma referência à existência supratemporal de Jesus, que, segundo o prólogo de João, remonta a antes da criação do mundo. Dessa forma, Jesus transcende as fronteiras normais do tempo e do espaço.

c) Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU. (João 13.19)

Segundo o próprio evangelista, a teologia de Jesus não era, muitas vezes, compreendida pelos seus interlocutores.

Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne. Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a comer sua própria carne? Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo; **se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois minha carne é a verdadeira comida, e o meu sangue é a verdadeira bebida.** Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele. Assim como o Pai, que vive, em enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá. Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente. Estas coisas disse Jesus, quando ensinava na sinagoga de Cafarnaum. Muitos dos seus discípulos, tendo ouvido tais palavras, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir? (João 6. 51-60)

Segundo Fiorin (2007: 72-73),

[...] para entender um texto figurativo, é preciso alcançar seu nível temático. Se um leitor ingênuo permanecer apenas no nível figurativo, poderá dizer que o texto não passa de uma grosseira mentira. Um leitor mais avisado, porém, procurará logo um significado mais amplo para o texto, que vá além desses fatos concretos e mentirosos. Um texto figurativo sempre joga com dados concretos para, por meio deles, revelar significados mais abstratos.

Assim, *comer a carne de Jesus e beber o seu sangue* devem ser compreendidos espiritualmente¹⁶³. As expressões apontam para a morte sacrificial e violenta que ele sofreria e a necessidade de os crentes participarem dos benefícios de sua morte. Assim, tal discurso, sendo interpretado figurativamente pelos discípulos, tornou-se duro para eles.

¹⁶³ A transubstanciação é um dogma da Igreja Católica, segundo o qual, na consagração da missa, o pão e o vinho usados na eucaristia mudam de substância, tornando-se verdadeiramente o corpo e o sangue de Jesus, apesar de aparentemente conservarem suas características naturais. Desde o século XVI, tal doutrina é atacada pelos protestantes. (Grenz 2002:136)

Examine-se agora mais um traço de caráter específico do Jesus joanino. O Jesus descrito por João demonstra uma relação de proximidade e de afeto pela mãe, muito diferente da atitude fria e inamistosa apresentada pelos demais evangelistas. No episódio das bodas de Caná da Galileia, o pedido de Maria acaba desencadeando o primeiro milagre do Jesus joanino:

Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galileia, achando-se ali a mãe de Jesus. Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento. Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. Mas Jesus lhe disse: Mulher¹⁶⁴, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Então, ela falou aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser. Estavam ali seis talhas de pedra, que os judeus usavam para as purificações, e cada uma levava duas ou três metretas¹⁶⁵. Jesus lhes disse: Enchei de água as talhas. E eles as encheram totalmente. Então, lhes determinou: Tirai agora e levai ao mestre-sala. Eles o fizeram. Tendo o mestre-sala provado a água transformada em vinho (não sabendo donde viera, se bem que o sabiam os serventes que haviam tirado a água), chamou o noivo e lhe disse: Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora. Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Cana da Galileia; manifestou sua glória e seus discípulos creram nele. Depois disto, desceu ele para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos; e ficaram ali não muitos dias. (João 2. 1-12)

Embora Jesus lhe tenha dado uma resposta evasiva, Maria parece estar convicta de que o filho atenderá ao seu pedido, pois instrui os criados a fazerem tudo o que Jesus lhes ordenar. É desse episódio que se criou o dogma católico de Maria como intercessora.

Brown (1966: 107) – comentando a resposta de Jesus a Maria (“Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora” – João 2. 4) – afirma que

Talvez em nenhum trecho de João, a diferença da predisposição teológica entre católicos e protestantes seja tão dolorosamente óbvia como na exegese de João 2.4. Há uma vasta literatura católica sobre esse versículo, a maioria não ultrapassando o nível de uma

¹⁶⁴ O título *mulher* não transmite falta de respeito ou de afeição. Era usado para se dirigir a pessoas de posição social. (BÍBLIA PLENITUDE: 2002, 1077)

¹⁶⁵ Segundo Bruce (2006: 71), duas ou três metretas equivalem de 50 a 75 litros.

eisegese¹⁶⁶ hipócrita. Contudo, a maioria dos comentaristas protestantes não se atém ao versículo como se fosse impensável que Maria tivesse desempenhado um papel na teologia joanina (tradução nossa)¹⁶⁷.

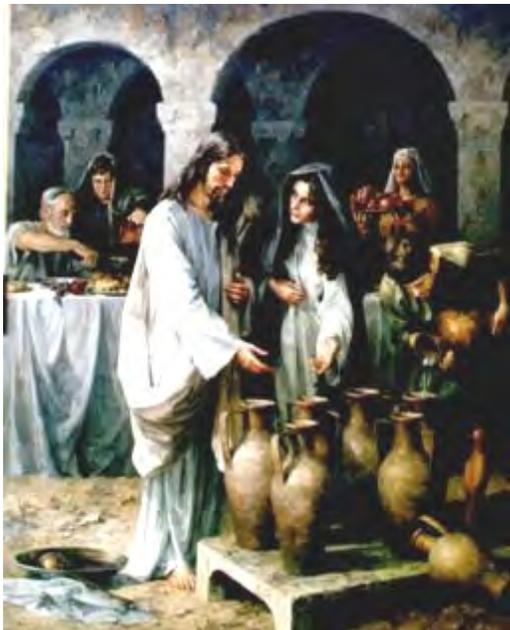


Ilustração 22: Maria informa a Jesus que o vinho da festa acabara

Na cena da crucificação, mais uma vez, Jesus demonstra atenção especial a Maria:

Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí teu filho. Depois, **disse ao discípulo: Eis aí tua mãe**. Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa. (João 19. 26-27)

Visto que João é o único evangelista a registrar esse episódio, alguns estudiosos tentaram interpretar simbolicamente essa perícopé. Para Rudolf Bultman (apud BRUCE: 2006, 317), teólogo luterano alemão, “a mãe de Jesus, que se demora junto à cruz, representa o cristianismo judaico que suporta a ofensa da crucificação; o

¹⁶⁶ *Exegese* é literalmente “extrair significado de”. Refere-se ao processo de buscar entender o que um texto quer dizer. *Eisegese* é termo geralmente depreciativo e significa “achar o significado em”. É usado para designar a prática de impor um significado preconcebido ou estranho a um texto, mesmo que tal significado não tenha sido a intenção original do autor (Grenz; Guretzki; Nordling: 2002, 54)

¹⁶⁷ Perhaps nowhere in John is the difference of theological predisposition between Catholic and Protestant more painfully evident than in the exegesis of John 2.4. There is an enormous amount of Catholic literature on this verse, much of it not rising above the level of pious eisegesis; yet most Protestant commentators pass over the verse as if it were unthinkable that Mary played a role in Johannine theology.

discípulo amado representa o cristianismo gentílico, que é encarregado de honrar o outro como mãe de onde veio, assim como o cristianismo judaico é encarregado de sentir-se em casa dentro do cristianismo gentílico, sendo todos membros de uma só grande comunidade da Igreja”. Muitos biblistas, entretanto, não acham nada convincente o simbolismo que se atribui ao fato de Jesus entregar Maria aos cuidados do discípulo amado.

A Igreja Católica inclusive vale-se dessa passagem para defender a doutrina da virgindade de Maria pós-parto. Assim, os irmãos de Cristo aos quais os evangelhos se referem seriam meios-irmãos de Jesus – por parte de José – ou simplesmente primos, termo que, em hebraico ou em aramaico, é o mesmo empregado para irmão.

Convém ainda destacar que o Jesus joanino não é, como nos demais evangelhos, um profeta, mas um ser celestial. Não é também o Filho de Deus metafórico, mas o Filho de Deus metafísico. Assim, sua autoridade doutrinal – diferentemente da dos rabinos – não era proveniente de estudos, mas oriunda dos céus.

Corria já em meio à festa, e Jesus subiu ao templo e ensinava. Então, os judeus se maravilhavam e diziam: Como sabe este letras, sem ter estudado? Respondeu-lhe Jesus: **O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou.** (João 7. 14-16)

Em outras palavras, a mensagem era revelada pelo próprio Deus.

Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça. (João 7. 18)

O Jesus joanino é, portanto, o profeta, ou seja, o verdadeiro porta-voz do Deus de Israel com o qual ele forma uma unidade.

Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente **o profeta** que devia vir ao mundo. (João 6. 14)

Outra doutrina que algumas ramificações cristãs elaboraram em cima dos discursos de Jesus é a predestinação. Percebe-se, desde o início do evangelho joanino, que Jesus cumpre planos que a ele foram incumbidos: “Porque eu desci do céu, **não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou**” (João 6.38).

Jesus, quando julgado por Pilatos, disse-lhe: “Nenhuma autoridade terias sobre mim, **se de cima não te fosse dada**” (João 19. 11).

O quarto evangelho insinua também que não apenas a vida de Jesus era predestinada, mas também a dos homens:

Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais **não nasceram do sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus.** (João 12-14)

O evangelista afirma que os que receberam Jesus não o fizeram da própria vontade, mas da vontade de Deus. No capítulo 6 do evangelho joanino, há três falas delegadas ao interlocutor Jesus que corroboram essa doutrina:

Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora. (João 6. 37)

Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia. (João 6. 44)

O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida. Contudo, há descrentes entre vós. Pois Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair. E prosseguiu: Por causa disto, é que vos tenho dito: **ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido.** (João 6. 63-65)

O discurso que melhor ampara tal doutrina é aquele em que Cristo afirma aos seus discípulos que não foram eles que o escolheram, mas o próprio Jesus que os escolheu:

Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda. (João 15. 16)

Assim, como bem destaca Grenz (2002: 106), alguns teólogos associam a predestinação divina aos acontecimentos centrais da história da Salvação, em especial à morte de Cristo, como se tivessem sido preordenados por Deus. Na teologia calvinista, mais especificamente, a doutrina da predestinação afirma que desde a eternidade Deus escolheu certas pessoas para trazê-las à comunhão com Ele.

Dessa maneira, os que crerem em Jesus terão a vida eterna. Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês nisto?" (João 11. 25-26). Na véspera da sua crucificação, Jesus disse aos seus discípulos: "Na casa de meu Pai, há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também" (João 14. 2-3). O lugar de que Jesus falou é o céu. Ele é a esperança de todo aquele que nEle crê.

Assim, se o Jesus dos sinóticos veio pregar o reino de Deus, o Jesus joanino veio pregar a *vida eterna*. Tal expressão aparece três vezes em Mateus, duas em Marcos, três em Lucas, mas dezessete em João:

[...] assim importa que o Filho do Homem seja levantado para que todo o que nele crê tenha a **vida eterna**. (João 3. 14-15)

Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a **vida eterna**. (João 3. 16)

Por isso, quem crê no Filho tem a **vida eterna**; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus. (João 3. 36)

Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá

sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a **vida eterna**. (João 4. 13-14)

O ceifeiro recebe desde já a recompensa e entesoura o seu fruto para a **vida eterna**; e, destarte, alegram-se tanto o semeador como o ceifeiro. (João 4. 36)

Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a **vida eterna**, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida. (João 5. 24)

Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a **vida eterna**, e são elas mesmas que testificam de mim. (João 5. 39)

Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a **vida eterna**, a qual o Filho do Homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo. (João 6. 27)

De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a **vida eterna**; e eu o ressuscitarei no último dia. (João 6 .40)

Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim tem a **vida eterna**. (João 6. 47)

Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a **vida eterna**, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. (João 6. 53-54)

Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da **vida eterna**; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus. (João 6. 68-69)

As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a **vida eterna**; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. (João 10. 27-28)

Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a **vida eterna**. (João 12. 25)

E sei que o seu mandamento é a **vida eterna**. As coisas, pois, que eu falo, como o Pai mo tem dito, assim falo. (João 12. 50)

Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti, assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que conceda a **vida eterna** a todos os que lhe deste. (João 17. 1-2)

E a **vida eterna** é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. (João 17. 3)

Essas passagens mostram que a *vida eterna* não equivale simplesmente a uma existência sem fim, a um mero prolongamento perpétuo da vida. A qualidade distintiva dessa vida é um *relacionamento constante com Deus e com seu filho Jesus* em um plano superior. A ideia disseminada pelo Jesus marcano de que haverá um futuro reino na Terra no qual Deus terá o governo supremo e todas as forças do mal serão destruídas não faz parte da proclamação do Jesus joanino.

É perceptível também que o evangelho joanino é recoberto pela isotopia temática do amor. Observem-se as seguintes passagens:

a) O Pai ama o Filho

O Pai ama ao Filho, e todas as coisas tem confiado às suas mãos. (João 3. 35)

Como **o Pai me amou**, também **eu vos amei**; permaneci no meu amor. (João 15. 9)

Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer a fim de que **o amor com que me amaste** esteja neles, e eu neles esteja. (João 17. 26)

b) O Filho ama o Pai

[...] contudo, assim procedo para que o mundo saiba que **eu amo o Pai** e que faço como o Pai me ordenou. (João 14. 31)

c) O Pai e o Filho amam os que lhes obedecem

Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e **aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei** e me manifestarei a ele. (João 14. 21)

Porque **o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado** e tendes crido que eu vim da parte de Deus. (João 16. 27)

[...] eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que **tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim**. (João 17. 23)

d) Os discípulos devem amar uns aos outros

Novo mandamento vos dou: **que vos ameis uns aos outros**; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros. (João 13. 34-35)

O meu mandamento é este: **que vos ameis uns aos outros**, assim como eu vos amei. (João 15. 12)

Além da *vida eterna* e do *amor*, a *glorificação* é o terceiro elemento a vincular o Pai, o Filho e os que neles creem. No plano superior, a glória é um atributo divino infinito compartilhado entre Pai e Filho desde antes da criação do mundo, marca inclusive da preexistência de Jesus:

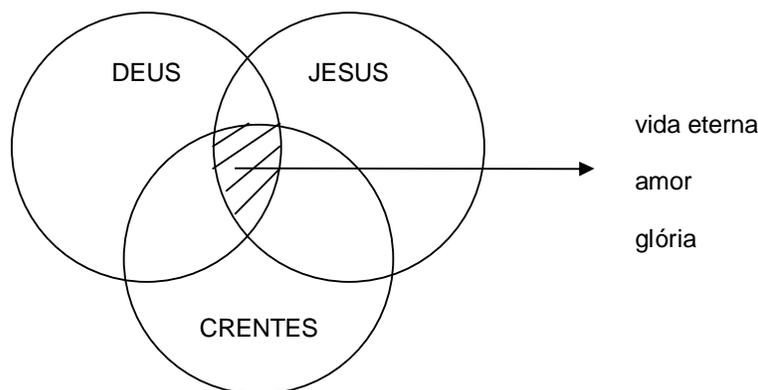
Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo. (João 17. 4-5)

Essa glorificação permite aos crentes que também participem da glória divina, unificando o Pai, o Filho e os crentes:

Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim. (João 17. 22-23).

Segundo Grenz (2002: 62), a glorificação é o último estágio no processo da salvação, ou seja, a ressurreição do corpo na segunda vinda de Cristo e a entrada no reino de Deus. Na glorificação, os crentes se ajustarão plenamente à imagem e à semelhança do Cristo glorificado e serão libertos das imperfeições espirituais e físicas. A glorificação assegura que os crentes nunca mais experimentarão a decadência física, a morte ou as enfermidades e nunca mais terão de lutar contra o pecado.

O ponto de intersecção do Pai, do Filho e dos crentes pode ser representado por meio do seguinte esquema:



Esquema 21: Ponto de intersecção do Pai, do Filho e dos crentes

Vermes (2006a: 61) bem observa que

[...] o nível de comunhão parece ser muito mais alto e a união, em vez de ser moral e realizada por um propósito comum, é metafísica e penetra toda a profundidade do ser dos envolvidos.

Está-se aqui diante de um mundo panenteísta¹⁶⁸ em que Pai, Filho e crentes de todas as eras residem um no outro.

Para finalizar essa seção, é importante comentar a postura do Jesus joanino diante da morte. Ao contrário do Jesus dos sinóticos, o Jesus joanino não pede a Deus que afaste dele o cálice de sofrimento que deveria tomar. Pelo contrário, deixa claro que não está sendo preso, mas está deixando-se prender; além disso, mostra-se convicto de que deve tomar o cálice que lhe foi preparado pelo Pai. Observe-se a seguinte passagem:

[Jesus] saiu juntamente com seus discípulos para o outro lado do ribeiro Cedrom, onde havia um jardim; e aí entrou com eles. E Judas, o traidor, também conhecia aquele lugar, porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos. Tendo, pois, Judas recebido a escolta e, dos principais sacerdotes e dos fariseus, alguns guardas, chegou a este lugar com lanternas, tochas e armas. Sabendo, pois,

¹⁶⁸ O panenteísmo é a crença de que o ser de Deus inclui e permeia todo o universo, de forma que tudo existe em Deus. (Grenz: 2002, 100)

Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e **perguntou-lhes: A quem buscais? Responderam-lhe: A Jesus, o nazareno. Então, Jesus disse-lhes: Sou eu.** Ora, Judas, o traidor, estava também com eles. **Quando, pois, Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra. Jesus, de novo, perguntou-lhes: A quem buscais? Responderam: A Jesus, o nazareno. Então, disse-lhes Jesus: Já vos declarei que sou eu;** se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes; para se cumprir a palavra que dissera: Não perdi nenhum dos que me deste. Então, Simão Pedro puxou da espada que trazia e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita; e o nome do servo era Malco. **Mas Jesus disse a Pedro: Mete a espada na bainha; não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?** Assim, a escolta, o comandante e os guardas dos judeus prenderam Jesus, manietaram-no e conduziram-no primeiramente a Anás; pois era sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano. (João 18. 1-13)

O Jesus joanino é – dentre os quatro Jesus canônicos – o que morre de forma mais serena: simplesmente inclina a cabeça e entrega o espírito (“Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” – João 19. 30).

Ele é também o único que, na cruz, não dirige palavra alguma ao Pai. Fica claro aqui que o Jesus joanino está consciente de sua missão como o cordeiro de Deus.

Resumidamente, pode-se dizer que, da totalidade dos discursos do Jesus joanino, é possível depreender um *éthos* de sabedoria. O Jesus do quarto evangelho emprega longos discursos, com jogos de palavras e frases de duplo sentido, imprimindo, muitas vezes, um tom místico em suas mensagens. Tal estilo não permite, muitas vezes, que os interlocutores de Cristo compreendam sua mensagem. É o que acontece, por exemplo, com Nicodemos, com a mulher samaritana, com grupos dos seus próprios seguidores que acham sua palavra “dura” e impossível de entender, e até mesmo com o círculo íntimo dos doze apóstolos. Percebe-se também um Jesus que assume uma postura de superioridade em relação aos seus destinatários. Ele não hesita em assumir seu caráter messiânico e divino. Quando a mulher samaritana lhe diz saber que um dia há de vir o Messias, Jesus afirma seguramente: “Eu o sou, eu que falo contigo”. No templo de Jerusalém, durante a Festa da Dedicção, Jesus diz publicamente aos judeus: “Eu e o Pai somos um”. O Jesus

joanino não poupa o emprego de sinais para mostrar tal divindade: “Se, porventura, não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis”, diz ele a um oficial do rei que lhe roga que seu filho seja curado. O Jesus construído por João é também o único que revela um *éthos* de solidariedade com a mãe. No início de seu ministério, atende, a contragosto, a um pedido de Maria: transforma a água em vinho durante uma festa de casamento. A mesma atmosfera amorosa também circunda a cena da crucificação: ao ver a mãe ao pé da cruz, recomenda ao discípulo amado que cuide dela: “Eis aí tua mãe”. O Jesus joanino – ao contrário do Jesus dos sinóticos – não faz uma abordagem apocalíptica sobre o final dos tempos. Diferentemente do Jesus mateano, que vaticina que, na sua segunda vinda, julgará todas as nações, separando os cabritos (ímpios) das ovelhas (justos), o Jesus joanino afirma que sua missão é salvar o mundo: “Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele”. À liderança judaica, entretanto, o Jesus joanino desfere violentas críticas, chegando a chamá-los de filhos do diabo: “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos”. Manifesta, assim, a dimensão *areté* de seu *éthos*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se, neste trabalho, que a imagem de Cristo que percorreu os dois últimos milênios foi, na verdade, construída discursivamente por quatro narradores, que ficaram conhecidos como Mateus, Marcos, Lucas e João. Cada um deles, entretanto, fez uma triagem das características de Jesus a fim de atender às necessidades de seus leitores originais. Dessa forma, em cada evangelho, foram empregadas diferentes estratégias de enunciação de acordo com o enunciatário a que se destinava o texto. Segundo a tradição da igreja primitiva, Mateus escreveu para os judeus; Marcos, para os romanos; Lucas, para os gregos; e João, para a comunidade cristã em geral. Esses quatro evangelhos, porém, são obras anônimas; em nenhum deles, há um capítulo ou versículo sequer que traga o nome do autor. A indicação de autoria foi acrescentada pelos patriarcas da igreja cristã, por volta do século II, a fim de distinguir um documento do outro e, ao mesmo tempo, investir de autoridade as escrituras. Acredita-se que os pais da igreja intitularam os evangelhos, seguindo os testemunhos de pessoas que supostamente conheceram os legítimos autores. Assim, a alegação de que os evangelhos tinham sido escritos por apóstolos de Jesus ou por discípulos dos apóstolos acabou tornando-se uma estratégia da igreja para produzir efeito de sentido de que os relatos que fariam parte do cânone do Novo Testamento tinham autenticidade.

Independentemente de a tradição estar certa ou não, a semiótica – ao descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz – possibilita rastrear os perfis dos enunciadores e dos enunciatários. Assim, ao examinar as astúcias discursivas empregadas em cada evangelho canônico, foi possível, nesta tese, não só depreender as características do enunciador evangelista, mas também o *éthos* de cada Jesus criado discursivamente por eles. Do ponto de vista semiótico, o enunciador produz seu discurso de acordo com o enunciatário a que ele visa; assim, cada evangelista, ao construir seu discurso, sinalizou as características do enunciatário. Pôde-se, dessa forma, traçar também um perfil dos destinatários de cada evangelho.

Mateus manifesta traços de profundo conhecedor das Escrituras e da cultura judaicas, pois, dos quatro evangelistas, ele é o que mais cita as profecias do Antigo Testamento sendo cumpridas na pessoa de Jesus. Assim, os relatos sobre o nascimento, o ministério e a morte de Cristo estão em constante diálogo com os textos dos profetas Isaías, Miqueias, Oseias, Jeremias e Zacarias. Essa é a principal estratégia de que Mateus se vale para conferir credibilidade ao seu relato, pois, dessa forma, seu evangelho fica ancorado nas escrituras judaicas.



Ilustração 23: Ancoragem do evangelho mateano nas profecias do Antigo Testamento

Mateus é o evangelista que mais discute sobre a Lei mosaica em boa parte de seu texto. Chega a ponto de destacar sutilezas dos costumes judaicos, como os filactérios – caixinhas de couro que os judeus usam ao redor dos braços e na testa, contendo alguns textos das Escrituras – e as franjas, bordas que os judeus usam nas barras de seus trajes externos. Frisa também detalhes de fórmula que podem invalidar um juramento e regras relativas à limpeza de copos e de pratos. Esse pró-judaísmo exacerbado o faz construir um Jesus preocupado primeiramente apenas com os judeus (“Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” – Mateus 15.24), proibindo seus discípulos de pregarem o evangelho aos gentios (“Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel” – Mateus 10. 5-6). Porém, à medida que relata a rejeição de Jesus pelo seu próprio povo, Mateus arrefece essa atitude de extremo nacionalismo judaico e de xenofobia manifestada aos gentios, revelando uma acentuada polaridade, pois não só passa a enfatizar, mais do que os outros evangelistas, a missão cristã em todas as nações, mas também deixa marcas de antissemitismo em seu discurso. Assim, Mateus faz seu

Jesus proclamar: “Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 8. 11). E, em outra passagem exclusiva do evangelho mateano, o narrador faz o povo judeu amaldiçoar-se, quando, ao ouvir de Pilatos a alegação de inocência de Jesus, diz: “Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!” (Mateus 27. 25). Ao atribuir essa maldição a todos os judeus, Mateus condenou-os, na História, por deicídio.

Depreende-se, da totalidade discursiva do Jesus mateano, um *éthos* de contrários. O Jesus que profere as beatitudes aos oprimidos e abençoa as crianças é o que também amaldiçoa as cidades que o rejeitam e a figueira que não lhe fornece fruto. O mesmo Jesus que entrega as chaves do reino dos céus a Pedro, chamando-o de pedra da igreja, chama-o, mais tarde, de pedra de tropeço e de Satanás.

O evangelista Mateus apresenta um extremo didatismo ao expor os ensinamentos de Jesus. Diferentemente de Lucas, não se preocupa com a cronologia, mas com a divisão por assuntos em cinco grandes blocos. O Sermão da Montanha é o primeiro deles. Esse sermão não deve, entretanto, ser imaginado como um discurso único, pronunciado num dia particular, pois, conhecendo seu auditório, é pouco provável que Jesus esperasse que seus ouvintes fossem capazes de absorver tanta ética de uma única vez. Foram, na verdade, instruções acopladas discursivamente pelo evangelista para causar efeito de instituição de uma nova lei. Os outros blocos são: instruções aos doze, parábolas do reino, a vida na comunidade cristã e o julgamento escatológico.

Mateus manifesta também um interesse particular por assuntos referentes a dinheiro, impostos e dívidas. O evangelho mateano relata, com exclusividade, o pagamento do imposto feito por Jesus para a manutenção do templo, a parábola do credor incompassivo, o pedido de perdão das dívidas na oração do pai-nosso, o modo correto de dar esmolas e o valor pelo qual Judas traiu Jesus. Essa isotopia monetária levou muitos estudiosos a concordar com que o autor do primeiro

evangelho do Novo Testamento fosse realmente Mateus, o publicano, o que estava sentado na coletoria no momento em que foi chamado por Jesus.

O Jesus mateano revela-se um mestre que fala com autoridade. Ao proferir o Sermão da Montanha, ele torna-se o novo legislador, o segundo Moisés, pois institui códigos de ética que viriam a ser doutrinas basilares do cristianismo. Assim, ao nomear de bem-aventurados os humildes de espírito, os que choram, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os limpos de coração, os pacificadores e os perseguidos, Cristo manifesta sua ternura ao auditório.

Exclusivamente no evangelho de Mateus, Jesus manifesta que vai fundar uma igreja, prescrevendo inclusive como tratar um irmão considerado culpado pelos membros eclesiásticos.

Jesus é hostil em seus debates com os escribas, com os fariseus e com os saduceus. O Jesus de Mateus particularmente pronuncia um cáustico discurso contra a liderança religiosa, emitindo uma série de oito contundentes aís com exemplos específicos de hipocrisia. São algumas das mais severas palavras pronunciadas por Jesus, de onde se depreende a dimensão *areté* de seu *éthos*. A acusação mais grave de Jesus encontra-se no versículo 33 do capítulo 23 de Mateus: “Serpente, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?”

O evangelho de Marcos é o mais compacto do Novo Testamento. É o único dos evangelistas que nomeia sua narrativa de evangelho, palavra que significa “boas-novas”, estratégia discursiva para revestir seu texto de autoridade, uma vez que ele afirma que o evangelho pregado por Jesus era de Deus (“Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus” – Marcos 1. 14). Subjaz, assim, ao evangelho marcano o seguinte silogismo: Jesus recebe o evangelho de Deus, um apóstolo recebe o evangelho de Jesus, Marcos recebe o evangelho desse apóstolo (Pedro, segundo a tradição), os leitores recebem o evangelho de Marcos; logo, os leitores recebem o evangelho do próprio Deus. Deve-se frisar também que a palavra grega *euangelion* era empregada, na antiga

Roma, para designar o nascimento ou a subida ao trono de um imperador. Assim, ao fazer uso desse termo, Marcos produz efeito de sentido de que a personagem de seu relato não é um homem qualquer, mas alguém de suma importância cuja mensagem será de grande repercussão.



Ilustração 24: Ancoragem do evangelho marciano na expressão *euangelion*

Marcos dedica boa parte de sua obra à paixão e à morte de Cristo, o que o caracteriza um evangelista encorajador, pois visava a mostrar à perseguida comunidade cristã que as intempéries por que ela estava passando a levariam à glorificação. Os relatos do sofrimento de Jesus, por exemplo, proveem a base para a autonegação como parte do discipulado: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Marcos 8. 34). Como o evangelho marciano é endereçado aos gentios, Marcos não só traduz várias expressões do aramaico, mas também explica a esse público alguns costumes judaicos. Marcos é também um perspicaz escritor de detalhes, pois retrata com precisão os gestos e os sentimentos dos interlocutores. Preocupa-se, assim, mais com os ensinamentos de Jesus por meio de ações, por isso os milagres e os exorcismos abundam nesse evangelho. Os efeitos de sentido de ação são ampliados com os quarenta e dois usos que Marcos faz da palavra grega *eutheos*, geralmente traduzida para o português como *imediatamente*. Marcos é bem realista ao descrever os discípulos, pois não raramente destaca seus fracassos e mal-entendidos: eles têm dificuldade de compreender as parábolas de Jesus (“Então, Jesus lhes perguntou: Não entendeis esta parábola e como compreendereis todas as parábolas” – Marcos 4. 13), têm pouca fé (“Então, Jesus lhes disse: Por que sois assim tímidos?! Como é que não

tendes fé?” – Marcos 4. 40), possuem o coração endurecido (“porque não haviam compreendido o milagre dos pães; antes, o seu coração estava endurecido” – Marcos 6. 52) e não conseguem exorcizar (“Roguei a teus discípulos que o expelisses, e eles não puderam” – Marcos 9. 18).

O Jesus marcano é o mais humano dos quatro evangelhos. Com frequência, Cristo ordena a seus discípulos que não falem a ninguém sobre sua messianidade. Quando Pedro declara ser Jesus o Cristo, ele é abruptamente advertido a não dizer às pessoas tal coisa a seu respeito, e não lhe é dirigido nenhum louvor e nenhuma promessa conforme a versão que Mateus apresenta. Depreende-se daqui um *éthos* de um homem prudente, que corresponde à *phrónesis* aristotélica, pois um entusiasmo popular poderia subjugar sua missão.

O conhecimento do Jesus marcano é relativizado: pergunta o nome de um demônio (“E perguntou-lhe Jesus: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião é o meu nome, porque somos muitos” – Marcos 5. 9), pergunta quem o tocou (“Jesus, reconhecendo imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou?” – Marcos 5. 30), não sabe quando será sua segunda vinda (“Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai” – Marcos 13. 32).

O Jesus marcano tem também seu poder relativizado. Em Nazaré, não consegue realizar todos os milagres (“Não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos” – Marcos 6. 5). Apenas o Jesus de Marcos realiza uma cura consumada em estágios: ao aplicar saliva aos olhos de um cego, ele recobra parte da visão (“Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando” – Marcos 8. 24). Depois, Jesus põe-lhe as mãos nos olhos e o homem passa a ver claramente.

Lucas, por sua vez, oculta em sua narrativa todas as orientações exclusivamente judaicas da missão de Jesus. Ao narrar as instruções que Jesus dá aos doze apóstolos, o evangelho lucano suprime também a orientação de não tomar rumo aos

gentios. Lucas diz tão somente: “Também os enviou a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos” (Lucas 9. 2). Lucas silencia sobre a história da mulher cananeia, ocultando conseqüentemente o dizer de Jesus de que fora enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel. Ao ser apresentado no templo, quando tinha apenas quarenta dias de vida, Jesus foi tomado no colo por um homem chamado Simeão, que profetizou: “... os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos: *luz para revelação aos gentios*, e para glória do teu povo de Israel” (Lucas 2. 30-32). As palavras do profeta Simeão já sinalizam o caráter da universalidade da mensagem cristã.

Percebe-se, logo no início do evangelho, uma preocupação de Lucas por adquirir de seu narratário confiança da historicidade do que vai ser narrado. De acordo com o versículo 3 do capítulo 1, a “exposição em ordem” dos fatos que serão relatados é fruto de uma pesquisa meticulosa: “... depois de acurada investigação de tudo desde sua origem...”. Segundo Grün (2004: 140), “Lucas entende a História como sendo o lugar onde Deus se manifesta aos homens”. Assim, o relato lucano é vinculado à história secular, como se pode verificar pelas numerosas referências a vários líderes e acontecimentos, muitos dos quais podem ser datados com precisão.



HISTÓRIA DO IMPÉRIO ROMANO

Ilustração 25: Ancoragem do evangelho lucano na história do Império Romano

Um outro traço forte da obra de Lucas são as isotopias econômicas *riqueza e pobreza, propriedade e renúncia e comunhão de bens*, aliadas à obrigação social. A pregação de que se devem vender os bens e dar o resultado aos pobres é iterativa

em sua obra. Lucas é também o único evangelista a registrar o apoio financeiro que algumas mulheres davam ao ministério de Jesus.

É interessante ainda observar que, enquanto no evangelho de Mateus Jesus exclama: “Bem-aventurados os humildes de espírito” (Mateus 5. 3), Lucas apresenta uma dimensão terrena desta declaração: “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus” (Lucas 6. 20).

Apenas Lucas assinala esta inflexível afirmação de Jesus: “Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo” (Lucas 14. 33).

Em contrapartida, Lucas dissemina em seu evangelho que os orgulhosos e os ricos serão julgados severamente por Deus. É também exclusivamente lucano o seguinte enunciado de Jesus: “Mas ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação” (Lucas 6. 24).

O evangelista insiste ainda que Deus sanciona negativamente os que não cumprem a ordem de dar a quem necessita. Nas parábolas do *rico insensato* e do *rico e Lázaro*, verificou-se que o primeiro rico foi julgado louco por querer acumular bens; o segundo foi condenado ao inferno por reter sua riqueza e não compartilhá-la com o mendigo Lázaro. Em Lucas 18.18-25, ao homem de posição que se recusou a vender seus bens e reparti-los com os pobres, Jesus proferiu a sentença de que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

Lucas mostra, assim, especial simpatia pelos pobres, enfatizando que os cristãos não devem apegar-se às suas posses, mas repartir com os desfavorecidos o que possuem, pois a riqueza material desfaz-se com a morte.

Outro aspecto de Lucas que não se pode deixar de comentar é seu interesse pelos doentes. Embora a obra de cura de Jesus seja realçada por todos os evangelistas,

Lucas dá a ela mais realce que os outros. Além de registrar os milagres de cura que os outros evangelistas registram, são exclusividade de Lucas a cura de uma mulher encurvada, a cura de um homem hidrópico, a cura de dez leprosos, a restauração da orelha de Malco.

Apenas Lucas registra *A parábola do fariseu e o publicano*, concluindo que o publicano – elemento social desprezado pela sociedade judaica da época – desceu justificado para casa.

Finalmente, mais uma história – ocorrida no fim da vida de Jesus – mostra a constante preocupação do evangelista de figurativizar o perdão de Deus aos contraventores. Lucas – ao contrário de Mateus, de Marcos e de João – acrescenta a conversação que se estabelece entre Cristo e um dos criminosos que com ele foram crucificados. O malfeitor pede a Jesus que se lembre dele no reino de Deus. Jesus promete-lhe o paraíso.

Percebe-se, assim, da totalidade discursiva do Jesus de Lucas, características de forte consciência social, de preocupação com os pobres e com os proscritos da sociedade. Para ele, não é a propriedade e o dinheiro que condenam o homem, mas sim o mau uso das riquezas. O Jesus lucano exorta reiteradamente a um procedimento social: quem possui riqueza deve vender seus haveres e dar o resultado aos pobres. Não se prega, assim, simplesmente a pobreza, mas a comunhão de bens. A verdadeira riqueza, para Cristo, é o amor a Deus e ao próximo, que só fluirá, quando o dinheiro também fluir, pois o homem corre o risco de fazer da riqueza um ídolo, esquecendo-se de Deus (“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” – Lucas 16. 13).

O Jesus lucano manifesta compaixão pelos párias sociais: os gentios; os samaritanos, que eram odiados pelos judeus; os pecadores, grupo do qual faziam parte os publicanos; as mulheres e os pobres. Os pobres do Jesus de Lucas formam um grande leque: são os que sofrem sede e fome, os nus, os doentes, os trabalhadores sujeitos a trabalho pesado, os que carregam fardos, os mendigos. A

carga deles, na terra, é duplamente dura: têm de suportar o desprezo público e, ainda por cima, a falta de perspectiva de um dia alcançar a salvação de Deus. Estabelece-se, então, uma inversão de valores, uma vez que os samaritanos eram odiados; os publicanos eram tachados de ladrões; as mulheres eram julgadas inferiores, e os mendigos eram vistos como homens amaldiçoados por Deus. O próprio Jesus intitula-se salvador das pessoas perdidas: "...o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido" (Lucas 19. 10). A palavra grega *soter*, traduzida como *salvador*, ocorre oito vezes no evangelho lucano e nenhuma nos demais evangelhos.

João, por sua vez, é considerado o estranho entre os evangelistas. Para credenciar seu evangelho, vale-se da estratégia do testemunho. Ele não só diz ser testemunha ocular do que escreve, mas também instala em seu evangelho vários interlocutores que assumem o papel de testemunha: João Batista, a mulher samaritana, o cego curado e a própria multidão.

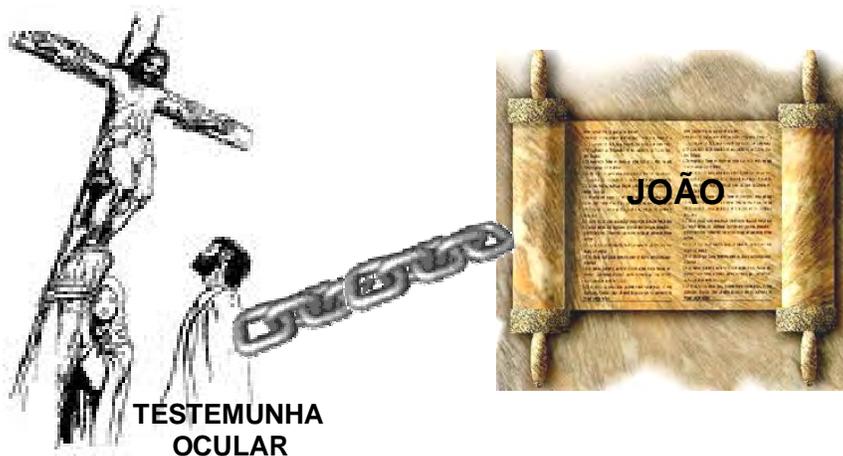


Ilustração 26: Ancoragem do evangelho joanino no testemunho

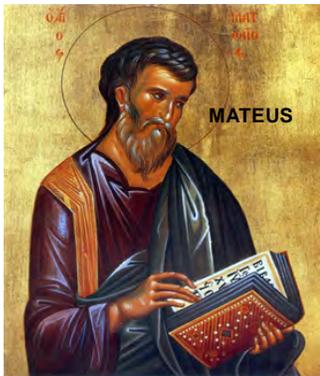
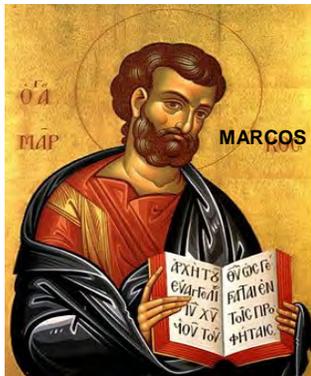
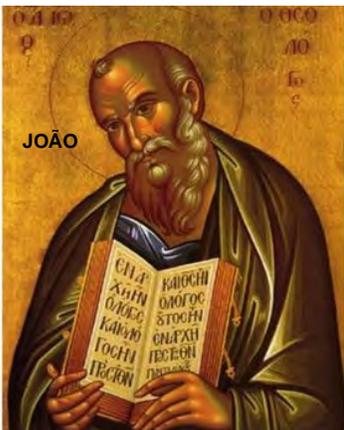
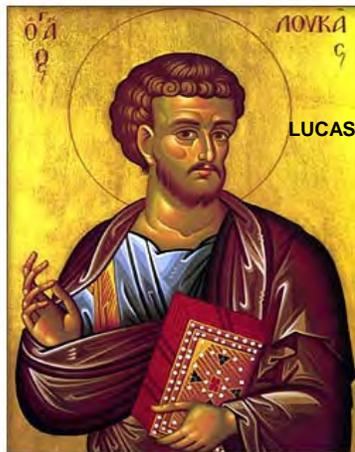
Grande parte do que é central nos evangelhos sinóticos está completamente ausente no quarto evangelho. João apresenta um estilo uniforme tanto para o discurso do narrador como para o do interlocutor Jesus. Dessa forma, a voz do Jesus joanino embrenha-se em uma teologia altamente evoluída, diferenciando-se consideravelmente da voz do Jesus caracterizada por Mateus, Marcos e Lucas. Do

último evangelho canônico, é possível depreender características de um evangelista criativo, plenamente familiarizado com a especulação mística e filosófica helenística, detentor de uma grande habilidade para trabalhar com jogos de palavras. João tacha todos os judeus de opositores a Jesus, e não apenas a liderança religiosa como fazem os demais evangelistas, sendo, por isso, considerado mais antissemita do que Mateus.

O Jesus joanino possui um *éthos* completamente diferente do Jesus dos evangelhos sinóticos. O Cristo de João assume sua deidade, vale-se de um discurso altamente filosófico, fala de cima para baixo não só com seus discípulos, mas principalmente com seus oponentes. Além disso, não faz um exorcismo sequer. O Jesus joanino não pratica religião popular nem adequa seu nível de linguagem ao dos interlocutários. As parábolas de narrativa complexa – recurso didático utilizado pelo Jesus dos sinóticos, principalmente pelo Jesus lucano – inexistem nos discursos do Cristo do último evangelho. As parábolas usadas por esse Jesus são as metafóricas, que exigem um maior grau de abstração para serem interpretadas. Mesmo a realização de curas – aspecto dominante da imagem de Jesus nos evangelhos anteriores – perde a centralidade no evangelho joanino. O quarto evangelista descreve apenas três curas: a cura do filho de um funcionário herodiano, a cura de um paralítico no tanque de Betesda e a restauração da visão de um cego de nascença. João evita criar a imagem de um Jesus taumaturgo. Prefere, assim, chamar os milagres de sinais, pois eles visam a provar a diferença, a origem divina e a natureza sobrenatural de Jesus. O Jesus joanino – em oposição ao Jesus marcano, que procurava isolar-se da multidão – mostra-se bem sociável: participa de uma festa de casamento em Caná da Galileia, vai à Festa dos Tabernáculos, participa da Páscoa e da Festa da Dedicção.

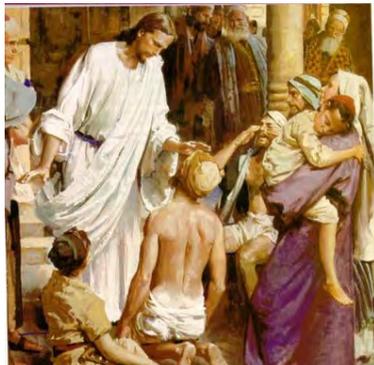
O Jesus do último evangelho – diferentemente do Jesus dos sinóticos que mantinha um relacionamento conflituoso com a família – mostra-se atencioso com a mãe em dois momentos: na festa de casamento em que atende a um pedido dela, transformando a água em vinho, e, na cruz, quando incumbe o discípulo amado de tomá-la como mãe.

O quadro abaixo sintetiza as estratégias discursivas empregadas nos quatro evangelhos, bem como algumas características dos evangelistas. Compare-se:

		MATEUS	MARCOS			
			<p>ancoragem no <i>euaggélion</i> (boa notícia de grande repercussão) mensagem de encorajamento isotopia de sofrimento e de morte escritor (contador de história) pouca ênfase nos costumes judaicos poucas citações proféticas do Antigo Testamento nenhuma citação da palavra <i>Lei</i> certo desconhecimento da história e da geografia de Israel emprego de vários termos latinos tradução de algumas expressões aramaicas usadas por Jesus</p>			
MATEUS	<p>ancoragem no Antigo Testamento genealogia de Abraão a Jesus Jesus: filho de Abraão (pai dos judeus) e filho de Davi (linhagem real) bom conhecedor das escrituras e da cultura judaicas uso extensivo de citações proféticas do Antigo Testamento alusões à vida de Moisés isotopia de realeza-divindade didatismo (texto organizado em cinco blocos temáticos) interesse pelo reino dos céus principal título atribuído a Jesus: <i>Filho de Davi</i> isotopia monetária</p>			LUCAS	<p>ancoragem na história do Império Romano postura de historiador relato feito a partir de pesquisa meticulosa narratário figurativizado: Teófilo prefácio à maneira dos historiadores e biógrafos da Antiguidade genealogia de Jesus a Adão (pai da humanidade) alusões à vida de Elias isotopia da pobreza ênfase na renúncia de tudo para seguir Cristo ênfase no discípulo feminino adaptação dos discursos figurativos de Cristo às circunstâncias agrícolas e arquitetônicas gregas principais títulos atribuídos a Jesus: <i>Filho do Homem / Salvador</i></p>	
			<p>ancoragem no testemunho isotopia divina bom conhecedor da geografia e da história de Israel inserção de notas explicativas sobre os costumes e a geografia de Israel explicação de palavras hebraicas linguagem poética e filosófica habilidade com jogos de palavras ênfase na vida eterna alta teologia único a atribuir a Jesus o título <i>Cordeiro de Deus</i> características antissemitas</p>			
				JOÃO		
						

Quadro 56: Estratégias discursivas empregadas nos evangelhos canônicos e características dos evangelistas

O seguinte quadro especifica a imagem e o *éthos* depreendidos do Jesus construído discursivamente em cada evangelho:

		JESUS MARCANO		
		<p>mais humano conhecimento e poder relativos muitos milagres, poucos discursos proclamação do reino de Deus muitos exorcismos relação inamistosa com a mãe reservado messianismo secreto várias predições sobre a paixão recusa de manifestação de sinais morte agonizante</p>		
JESUS MATEANO	<p>rei visitado por magos orientais primazia judaica mestre dos sermões legislador novo Moisés interesses eclesiásticos ênfase no reino dos céus</p>		<p>servo visitado por pastores primazia gentia mestre das parábolas profeta novo Elias interesses assistenciais ênfase na comunhão de bens</p>	
				
			<p>mais divino conhecimento e poder absolutos poucos milagres, muitos discursos proclamação da vida eterna nenhum exorcismo relação amistosa com a mãe sociável messianismo declarado nenhuma predição sobre a paixão manifestação de sinais morte serena</p>	
				JESUS JOANINO

Quadro 57: A imagem e o *éthos* de Jesus depreendidos dos evangelhos canônicos

Dessa forma, cada evangelista, ao narrar os feitos de Jesus, esboçou-o de uma forma peculiar, enfatizando determinadas características e discursos dos quais é possível depreender um *éthos* específico. Quando os quatro evangelhos, porém, foram reunidos no Novo Testamento, a comunidade cristã passou a ter acesso a quatro visões diferentes de Cristo, que, com o passar do tempo, acabaram sendo amalgamadas, formando uma imagem caleidoscópica de Jesus.

Levando em conta que poucos membros da igreja primitiva liam os evangelhos, a concepção que se teve de Cristo foi adquirida por meio da língua oral. Assim, as histórias ouvidas sobre o Jesus dos evangelhos eram assimiladas no *totus*. Hoje, dois mil anos depois, não é tão diferente. O conhecimento que a maioria dos cristãos tem de Cristo é resultante da totalidade dos quatro evangelhos, que é pregada na igreja, representada nas pinturas ou encenada no cinema. Isso faz que o Jesus homem de Marcos se misture com o Jesus Deus de João, que o Jesus rei de Mateus se acople ao Jesus servo de Lucas. Tem-se, assim, um retrato confuso e muitas vezes – por que não dizer – contraditório de Cristo. Enquanto circula pelo território dos sinóticos, por exemplo, Jesus se recusa explicitamente a dar sinais para provar sua messianidade (“Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas **nenhum sinal lhe será dado**” – Mateus 12. 39; “Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que **a esta geração não se lhe dará sinal algum**” – Marcos 8. 12; “Esta é geração perversa! Pede sinal; mas **nenhum sinal lhe será dado**” – Lucas 11. 29). Quando entra, porém, em território joanino, faz isso deliberadamente. Antes de curar o filho de um oficial do rei, diz: “Se, porventura, não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis” (João 4. 48).

Nos filmes sobre a vida de Cristo, é comum a cena de um Jesus que lava os pés de seus apóstolos após instituir, durante a última ceia, a eucaristia¹⁶⁹: o pão simbolizando seu corpo e o vinho, seu sangue. Entretanto, o Jesus joanino não institui eucaristia alguma nem o Jesus dos sinóticos realiza cerimonial algum de

¹⁶⁹ O termo *eucaristia* (do grego *eucharisto*, dou graças) é geralmente usado nas tradições católica romana e anglicana, enquanto as tradições protestantes, em geral, preferem referir-se a uma celebração da *ceia do senhor*, da *comunhão* ou do *partir do pão*. (Grenz; Guretzki; Nordling: 2002, 52)

lava-pés. Na verdade, são duas últimas ceias ritualmente distintas e, diga-se de passagem, em dias diferentes: nos sinóticos, Jesus faz sua última refeição no dia da preparação do *Pessach*; em *João*, ela é feita um dia antes.

Tome-se ainda mais um exemplo: a representação icônica que a própria Igreja e as artes em geral fazem do nascimento de Jesus. Nos presépios, mesclam-se figuras mateanas e lucanas. Os marginalizados pastores de Lucas ficam ao lado dos ricos magos orientais de Mateus. Os anjos lucanos e a estrela-guia mateana sinalizam a manjedoura em que o Jesus de Lucas fora colocado.

A crucificação e a morte de Jesus também ocorrem de maneiras diferentes em cada evangelho. O Jesus mateano e o marcano não carregam a cruz; para isso, os soldados romanos designam um tal de Simão (“Ao saírem, **encontraram** um cireneu, chamado **Simão, a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz**” – Mateus 27. 32; “E **obrigaram a Simão Cireneu**, que passava, vindo do campo, pai de Alexandre e Rufo, **a carregar-lhe a cruz**” – Marcos 15. 21). O Jesus lucano carrega um pouco a cruz e, depois, Simão continua a carregá-la (“E, como conduzissem Jesus, constringendo um cireneu, chamado Simão, que vinha do campo, **puseram-lhe a cruz sobre os ombros, para que a levasse após Jesus**” – Lucas 23. 26). O Jesus joanino, por sua vez, carrega a cruz sozinho até o Calvário (“Tomaram eles, pois, a Jesus; e **ele próprio, carregando a sua cruz**, saiu para o lugar chamado Calvário” – João 19. 17a). Os malfeitores crucificados com o Jesus mateano e com o Jesus joanino ficam calados o tempo todo. Os dois malfeitores crucificados com o Jesus marcano zombam dele (“Também os que com ele foram crucificados o insultavam” – Marcos 15. 32b). No caso do Jesus lucano, apenas um dos malfeitores o escarnece; o outro o defende (“Um dos malfeitores crucificados blasfemava contra ele, dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também. Respondendo-lhe, porém, o outro, repreendeu-o, dizendo: Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença?” – Lucas 23. 39-40). O Jesus marcano é crucificado às nove horas da manhã (“Era a hora terceira quando o crucificaram” – Marcos 15. 25). O Jesus joanino é crucificado perto do meio-dia (“... cerca da hora sexta, Pilatos disse aos judeus: Eis aqui o vosso rei. [...] Então, Pilatos o entregou

para ser crucificado” – João 19. 14; 16). O Jesus mateano e o Jesus marcano exprimem apenas uma frase na cruz: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”. O Jesus lucano, pelo contrário, exprime três frases: duas orações (“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”; “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!”) e uma promessa ao malfeitor convertido (“Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso”). O Jesus joanino emite também três enunciados, porém completamente diferentes dos do Jesus lucano: recomenda ao discípulo amado que tome conta de sua mãe (“Mulher, eis aí teu filho”; “Eis aí tua mãe”); diz ter sede (“Tenho sede!”) e entrega o espírito serenamente (“Está consumado!”). Foi assim que, ao longo dos anos, chegou-se às famosas sete últimas frases do Jesus moribundo: coletando os enunciados que ele emite no momento da morte nos quatro evangelhos, juntando-os e imaginando que, ao combiná-los, tem-se a história completa.

Em nenhum outro ponto, entretanto, as diferenças entre os evangelhos são mais perceptíveis do que nos relatos da ressurreição de Jesus. Os quatro evangelhos concordam que, no terceiro dia após a crucificação, Maria Madalena foi ao túmulo e encontrou-o vazio. Mas eles discordam em praticamente todos os outros detalhes. Em João, Maria Madalena vai sozinha ao túmulo; em Mateus, Maria Madalena vai acompanhada da outra Maria; em Marcos, Maria Madalena é acompanhada por Maria, mãe de Tiago, e por Salomé; em Lucas, Maria Madalena está com outras mulheres que tinham acompanhado Jesus da Galileia a Jerusalém, dentre as quais, Joana e Maria, mãe de Tiago. Em Mateus, elas veem, no túmulo de Jesus, um anjo; em Marcos, veem um homem jovem; em Lucas, dois homens, e, em João, não há ninguém. Em Mateus e em Lucas, as mulheres contam aos discípulos o que viram e, em Marcos, não contam nada a ninguém. Em João, Maria Madalena conta apenas a Pedro e ao discípulo amado que o túmulo estava vazio.

Muitos equivocadamente acreditam que, misturando as narrativas dos quatro evangelhos, chega-se à história completa de Jesus, o que não é verdade. Em primeiro lugar, muitas dessas narrativas são inconciliáveis; em segundo, lidar dessa forma com os quatro relatos é tirar de cada evangelista sua própria integridade,

privando-o da mensagem que ele transmite em sua história. Do ponto de vista semiótico, transformar os evangelhos num *quatro em um* significa produzir um quinto evangelho, pois eles são distintos, e não devem ser lidos como se dissessem a mesma coisa. A análise individual dos evangelhos permite que a voz do autor seja ouvida, pois cada evangelista criou discursivamente um Jesus à sua imagem e à sua semelhança.

A imagem multifacetada de Cristo, entretanto, contribuiu para que as lideranças eclesiais criassem doutrinas específicas para as igrejas. A doutrina ortodoxa sobre a vinda de Cristo ao mundo aceita há séculos é a de que ele era um ser divino preexistente, que encarnou e se tornou humano por intermédio da Virgem Maria. Tal doutrina, entretanto, não é apresentada em nenhum dos evangelhos canônicos. A noção de que Jesus já existia antes do seu nascimento e de que era um ser divino em forma humana só é encontrada no evangelho joanino. João, em momento algum, afirma que a mãe de Jesus se chamava Maria e, muito menos, que ela era virgem ao conceber Jesus. A afirmação de que Jesus nasceu de uma virgem só é encontrada nos evangelhos mateano e lucano. Nem Mateus nem Lucas, entretanto, relatam que esse filho da virgem já existia antes de nascer. Quando se combinam as duas visões, a mensagem de cada enunciador é diluída.

Examinem-se mais alguns casos. Ao entregar as chaves do reino dos céus a Pedro e dizer-lhe que sobre aquela pedra edificaria sua igreja, o Jesus mateano inspirou a Igreja Católica Romana a erigir o papado e o vaticano, que, segundo a tradição, foi construído exatamente no local em que Pedro foi sepultado. O Jesus marciano, ao dedicar seu ministério à cura e ao exorcismo, levou as igrejas neopentecostais a centralizarem seus cultos na realização de milagres e na expulsão de demônios. O Jesus lucano, ao defender com veemência os pobres e os oprimidos, estimulou uma facção do catolicismo – considerada inclusive uma espécie de esquerda eclesial – a pregar a teologia da libertação. O Jesus joanino, ao transformar água em vinho, atendendo ao pedido da mãe, levou alguns a verem Maria como intercessora. Ao declarar “eu e o Pai somos um”, o Jesus de João estabeleceu a doutrina de sua divindade para a maioria das igrejas cristãs.

Ao girar o caleidoscópio dos evangelhos, veem-se várias imagens de Jesus; cada um, entretanto, se fixa naquela que mais lhe convém.



Ilustração 27: Uma imagem caleidoscópica de Jesus

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do éthos*. Tradução Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

AQUINO, Rubim Santos Leão de; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. *História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução Pietro Nassati. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: INCM, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas: Unicamp, n.19, p.25-42, jul.-dez.1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12.ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 187-219.

_____. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Teoria do Discurso: fundamentos semióticos*. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

_____. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro semiótico*. Porto: Associação Portuguesa de Semiótica, v. 11-12, p.60-73, 1990.

_____; FIORIN José Luiz. (Org.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

BART, Ehrman D., *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia*. Tradução Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, J. et al. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-221.

BAYLEY, Kenneth E. *As parábolas de Lucas: a poesia e o camponês: uma análise literário-cultural*. Tradução Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. Tradução Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 1998.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução Grupo CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada. Bauru: EDUSC, 2003.

BESSIÈRE, Gérard. *Jesus, o Deus surpreendente*. Tradução Lídia da Mota Amaral. São Paulo: Objetiva, 1993.

BÍBLIA de estudo Plenitude. Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1980.

BLACK, David Alan. *Por que quatro evangelhos?: razões históricas e científicas da escolha de Mateus, Marcos, Lucas e João*. Tradução Lena Aranha. São Paulo: Vida, 2004.

BLOMBERG, Craig.L. *Jesus e os evangelhos: uma introdução ao estudo dos quatro evangelhos*. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

BOYER, Orlando. *Pequena enciclopédia bíblica*. 2.ed. São Paulo: Vida, 2006.

BROWN, Raymond. E. *The gospel according to John: introduction, translations and notes*. New York: Doubleday, 1966.

BRUCE, F. F. *João: introdução e comentário*. Tradução Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2006.

BUCKLAND, A. R. *Dicionário bíblico universal*. Tradução Joaquim dos Santos Figueiredo. 17.ed. São Paulo: Vida, 2001.

- CABRAL, J. *Introdução bíblica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Universal, 1986.
- CALLOUD, Jean et al. *Signs and parables: semiotics and gospel texts*. Translated by Gary Phillips. Pittsburgh: The Pickwick, 1978.
- CARTER, Warren. *O evangelho de São Mateus: comentário sócio-político e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHARADEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de literatura: literatura brasileira, literatura portuguesa, literatura galega, estilística literária*. 3.ed. Porto: Figueirinhas, 1976. 3 v.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*. São Paulo: Quiron; Brasília: INL, 1981.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Tradução Eduardo Brandão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DeBARROS, Aramis C. *Doze homens, uma missão: um perfil bíblico-histórico dos doze discípulos de Cristo*. Curitiba: Luz e Vida, 1999.
- DISCINI, Norma. *Comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- DRIVER, John. *Ouçã Jesus: um comentário sobre o Sermão da Montanha*. Tradução Rubens Castilho. São Paulo: Cristã Unida, 1995.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- EVANS, Craig A. *Novo comentário bíblico contemporâneo: Lucas*. Tradução Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1996.
- FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lê: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- FERREIRA, João Cesário Leonel. *Evangelho de Mateus e gênero literário*. São Paulo, 2010. Digitado. Não paginado.
- _____. E ele será chamado pelo nome de Emanuel: o narrador e Jesus Cristo no evangelho de Mateus. *Sínteses*. vol. 12, 9. 109-128, Unicamp, 2007.
- _____. Jesus, Herodes e os magos: uma interpretação histórico-literária de Mateus 2. 1-12. *Fides reformatia IX*, n.1, p. 31-50, nov. 2004.

FILLION, Louis-Claude. *Enciclopédia da vida de Jesus*. Tradução Jefferson Magno Costa, João Lira e Reginaldo de Souza. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2004. 2 v.

FIORIN, José Luiz. *Em busca dos sentidos: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Semiótica das paixões: o ressentimento*. São Paulo, 2007. Digitado. Não paginado.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

_____. *Elementos de análise do discurso*. 13. ed. rev. ampl. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Modalização: da língua ao discurso*. *Alfa*. São Paulo, v.44, p. 171-192, 2000.

_____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Algumas considerações sobre o medo e a vergonha*. *Cruzeiro Semiótico*. Porto: Associação Portuguesa de Semiótica. p.55-63, jan. 1992.

_____. *Linguagem e Ideologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1990.

FITZMYER, Joseph Augustine. *The gospel according to Luke: introduction, translation and notes*. New York: Doubleday, 1981, 2v.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Tradução Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

_____; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Humanitas; FFLCH; USP, 2001.

FORWARD, Martin. *Jesus: uma pequena biografia*. São Paulo: Cultrix, 2001.

FREEDMAN, David Noel. *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. 6v.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. *O turno conversacional*. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 5.ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. p. 55-79.

GAROFALO et al. *Vida de Cristo: contada para os homens do nosso tempo*. São Paulo: Paulinas, 1977.

GOFFMAN, Erving. A elaboração da face - uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

GONZÁLEZ, Justo L. *Breve dicionário de teologia*. Tradução Silvana Perrella Brito. São Paulo: Hagnos, 2009.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1985.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Tradução Alceu Dias Lima et al. São Paulo, Cultrix, 2008.

_____; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. Tradução Maria José Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. *Dicionário de teologia*. Tradução Josué Ribeiro. 3.ed. São Paulo: Vida, 2002.

GRÜN, Anselm. *Jesus, modelo do ser humano: o evangelho de Lucas*. Tradução Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2004.

GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *A articulação do texto*. 9.ed. rev. atual. São Paulo: Ática, 2006.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. *Ensaio semiótico sobre a vergonha*. São Paulo: Humanitas; FFLCH; USP, 1999.

HILGERT, José Gaston. O falante como observador de suas próprias palavras: retomando aspectos metadiscursivos na construção do texto falado. In: PRETI, Dino (org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006, p.161-184.

HÖRSTER, Gerhard. *Introdução e síntese do Novo Testamento*. Tradução Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 1996.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JADON, José Carlos. *Sucesso e salvação: estudo semiótico comparativo entre os discursos televisivos das Igrejas Universal do Reino de Deus e Católica Apostólica Romana no Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade de São Paulo, São Paulo, dez..2009.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 20.ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

_____. *As parábolas de Jesus*. Tradução João Rezende Costa. 9.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

KARWOSKI, Acir; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

LEON, Morris. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003.

LOPES, Mariú Moreira Madureira. *A sensibilidade na tradução bíblica: aspectos linguísticos e socioculturais*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

LUZ, Ulrich. *El evangelio según San Mateo*. 2.ed. Salamanca: Sígueme, 2001, 4v.

MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos II*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *éthos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Éthos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

_____. *Éthos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do éthos*. Tradução Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p.69-92.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Sebastião Pinheiro. *História da formação do Novo Testamento: uma síntese*. Rio de Janeiro: CELD, 1993.

MARTINS, Sylvio Frederico Dias. *Estratégias persuasivas em alguns sermões do padre Antônio Vieira: uma abordagem semiótica*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MOISÉS, MASSAUD. *Dicionário de termos literários*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

MORRIS, Leon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MOUNCE, Robert H. *Novo comentário bíblico contemporâneo: Mateus*. Tradução Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1996.

MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. Tradução Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MUSSET, Jacques. *A Bíblia em cores*. Tradução Rena Signer. São Paulo: Rideel, 1993. 2 v.

MYERS, Ched. *O evangelho de São Marcos*. Tradução I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PACKER, James I.; TENNEY, Merrill C.; WHITE JR, William. *O mundo do novo testamento*. 7.ed. São Paulo: Vida, 2001.

PAGLIARIN, Juanribe. *O evangelho reunido: Mateus, Marcos, Lucas e João reunidos em um só evangelho e com os fatos organizados em ordem cronológica*. São Paulo: Landscape, 2005.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

PIÑEIRO, Antônio. *O outro Jesus segundo os evangelhos apócrifos*. Tradução Sílvia Rojo Santamaria. São Paulo: Mercuryo, 2002.

PINTO, José Milton. *Texto e intertexto no discurso da parábola*. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2001.

POSTAL, Jairo. *Parábolas e paixões*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, dez.2007.

RICHARD, Pablo. *O homem Jesus*. Tradução Antônio José Romera Valverde. São Paulo: Moderna, 1992.

RODRIGUES, Antônio Medina. *As utopias gregas*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROPS, Henri Daniel. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1986.

SENIOR, Donald; STUHLMUELER, Carroll. *Fundamentos bíblicos da missão*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2010.

SOBRAL, Adail Ubirajara. Discurso político. In: LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton (Org.). *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005, p.125-139.

STOTT, John. *Homens com uma mensagem: uma introdução ao Novo Testamento e seus escritores*. Tradução Rubens Castilho. São Paulo: Cristã Unida, 1996.

TATIT, Luiz. Abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.187-209.

_____. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê, 2001.

THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009.

THOMAS, Robert L.; GUNDRY, Stanley N. *Harmonia dos evangelhos*. Tradução Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2004.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. 6.ed. Porto: Gráficos Reunidos, 1993.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira. *Apócrifos II: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 2005.

_____. *Apócrifos III: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 2003.

_____. *Apócrifos I: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1995.

_____; BÁRÁNY, Júlia. *Apócrifos IV: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 2004.

VENETZ, Hermann-Josef. *Foi assim que a Igreja começou: um olhar sobre o Novo Testamento*. Tradução Ivo Theiss. Aparecida: Santuário, 1995.

VERMES, Geza. *As várias faces de Jesus*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *O autêntico evangelho de Jesus*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento*. Tradução Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 2 v.

ZILBERBERG, Claude. Síntese da gramática tensiva. Tradução Luiz Tatit e Ivã Carlos Lopes. Significação. Revista *brasileira de Semiótica*, p. 165-203, São Paulo: ECA; USP, jun. 2006.

REFERÊNCIAS DAS ILUSTRAÇÕES

A CURA da mulher hemorroíssa. Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/_d9qrclahXIQ/SCOuXKpx4ul/AAAAAAAAAHQ/ajFB6u6v_k/s1600/tocouasvestes.jpg. Acesso em 09 jan. 2010.

A RESSURREIÇÃO da filha de Jairo. Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/_6DhSSnhl/TJrFaSaoXRI/AAAAAAAAACdo/EgztmcHcnnl/s1600/filha_de_jairo%5B1%5D.jpg. Acesso em 09 jan. 2010.

A RIDICULARIZAÇÃO do rei dos judeus – desfile macabro pelas ruas de Jerusalém. Disponível em: <http://www.apostolodoriel.com.br/blog/wp-content/uploads/2010/01/paixao-de-cristo02.jpg>. Acesso em 24 out. 2010.

A TRINDADE. Disponível em: http://www.adventistas.com/trindade/trindade_siamesa.jpg. Acesso em 13 jun. 2010.

ANCORAGEM do evangelho joanino no testemunho. Disponível em: <http://www.aciprensa.com/Banco/images/mariapiecruz.gif>. Acesso 28 out. 2010.

ANCORAGEM do evangelho lucano na história do Império Romano. Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/_5NaAdO2PNK4/R02T9o0kz1I/AAAAAAAAAVQ/fl5DLmi7vk/s400/imperadorromano.jpeg. Acesso 28 out. 2010.

ANCORAGEM do evangelho marcano na expressão *euangelion*. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/_ULn_1Eae78/THPCkqghEHI/AAAAAAAAAxM/rZDqD0oNYUQ/s1600/trombeta.jpg. Acesso em 28 out. 2010.

ANCORAGEM do evangelho mateano nas profecias do Antigo Testamento. Disponível em: <http://www.lapiccolasion.it/img/PROFETA.jpg>. Acesso em 28 out. 2010.

APROXIMAÇÃO e interação do plano espiritual com o plano temporal no gênero oração. Disponível em: <http://diocesedeuruacu.com.br/blogparoquiasaojoamariavianeyformoso/wp-content/uploads/2010/03/Ora%C3%A7%C3%A3o-no-Horto-das-Oliveiras6.JPG>. Acesso em 21 ago. 2010.

COROAÇÃO do rei dos judeus. Disponível em: <http://escreverporescrever.blogs.sapo.pt/arquivo/paixao-de-cristo05.jpg>. Acesso em 24 out. 2010.

DESPOJAMENTO das vestes e crucificação do rei dos judeus. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/_gwHI48STRVQ/S7Z515QJuYI/AAAAAAAAAnU/WrUPqPfNL4E/s1600/paixao_cristo.jpg. Acesso em 24 out. 2010.

ESTILO professoral empregado nas parábolas. Disponível em: <http://www.mensagensdemaria.org/images/jesus_ensina.jpg>. Acesso em 12 set. 2010.

HIERARQUIA dos planos espiritual e temporal no gênero sermão. Disponível em: <<http://www.areajesus.com/jesus/sermaodamontanha.jpg>>. Acesso em 04 set. 2010.

INSCRIÇÃO em hebraico, latim e grego colocada sobre a cruz de Jesus. Disponível em: <<http://www.thenazareneway.com/01-INRI.jpg>>. Acesso em 24 out. 2010.

JESUS e Nicodemos. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/_JS-kp2R1y_c/ScOyHXSk5DI/AAAAAAAAALU/B4Xq6zytFTg/s200/jesus_e_nicodemos.jpg>. Acesso em 07 ago. 2010.

JESUS amaldiçoa a figueira. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/_BpIYSIVVWXQ/SI_aJZaM64I/AAAAAAAAAMk/_qiH1ySBucU/s320/Jesus_e_a_figueira_sem_frutos.JPG>. Acesso em 07 nov. 2010.

MARIA informa a Jesus que o vinho da festa acabara. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_5IIEziELdo/SyUSLgd6VEI/AAAAAAAAAoI/ht4YLWk7rN8/s400/bodas_cana.jpg>. Acesso em 01 jun. 2010.

MARTÍRIO dos cristãos em Roma. Disponível em: <<http://www.biblere searcher.com/martyrdom.jpg>>. Acesso em 17 jul. 2010.

O SURRAMENTO do rei dos judeus. Disponível em: <<http://f2.flogs.com.br/2004/09/21/1584061.jpg>>. Acesso em 24 out. 2010.

RELAÇÃO acusador-acusado nos debates de Jesus com as autoridades político-religiosas. Disponível em: <<http://evangelhodehoje.files.wordpress.com/2010/02/fariseus1.jpg>> Acesso em 03 abr. 2010.

REVEZAMENTO nos papéis de *falante* e *ouvinte* entre os participantes do gênero conversa. Disponível em: <<http://portodoceu.terra.com.br/estudo/imagens/samaritana.jpg>>. Acesso em 08 maio 2010.

VISITA dos magos a Jesus. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_H_QQWfUIxFY/SzFU9F3J_0I/AAAAAAAAAAtI/WzJyOL2fY2M/s400/reis_magos.jpg> . Acesso em 13 mar. 2010.

VISITA dos pastores a Jesus. Disponível em: <<http://hinos.blog.terra.com.br/files/2008/12/jesus-christmas1041.jpg>>. Acesso em 13 mar. 2010.

